

LISA KLEYPAS

BEST SELLER INTERNACIONAL

Somente o teu Amor





Copyright 1992© Lisa Kleypas

Copyright 2019© MR

Lisa Kleypas

ONLY WITH YOUR LOVE

Edição Digital

Romance de Época

Somente o teu Amor © Copyright 2019 — MR

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

Tradução: Tânia Mazan

Revisão: Dee Silva

Capa: MR

Epub: Dee Silva

Para Pamela Bergeron com amor...
Carpe Diem!

Celia Vallerand, recém-casada com um aristocrata, reza para que a libertem das garras dos sangrentos piratas que a raptaram quando ia em um barco a caminho de Nova Orleans. Apesar da escassa estima que sente pela vida, e dando por certa a morte de seu amado esposo, a bela e reservada mocinha francesa teme acima de tudo o elegante corsário que arriscou sua vida para possuí-la: o mais famoso pirata do Caribe, a quem todos chamam de Griffin. Embora não queira reconhecer, Celia sente que o rude renegado desperta nela desejos tão perigosos como irresistíveis. Porém ele é, na realidade, um homem aprisionado em uma trama de mentiras, que esconde um segredo que poderia privá-lo do amor da jovem que acendeu sua paixão e escravizou seu coração...

Prólogo

Golfo do México
Abril de 1817

Jaziam juntos no desconjuntado leito, escutando o ranger das madeiras do barco. Apoiada no peito de seu marido, Celia observava com leve melancolia a decoração do elegante camarote. Nos longos dias de travessia transcorridos desde sua partida da França, o camarote havia se convertido em uma espécie de refúgio para ela, um lugar do qual não lhe apetecia sair. Em Nova Orleans a esperava um mundo totalmente diferente, e não estava convencida de estar preparada para enfrentá-lo.

– Chegamos ao Golfo – disse Philippe, e afastou-a de seu peito para levantar-se. Os músculos de suas costas se tensionaram quando esticou os braços. – A viagem chega ao fim, querida. Suponho que esta mesma noite estejamos em nosso lar.

– Nosso lar – repetiu ela forçando um sorriso.

Philippe percebeu sua falta de entusiasmo e se voltou para olhá-la nos olhos, colocando as mãos em ambos os lados de seu pequeno corpo. Com um vestígio de timidez, ela arrumou a gola do camisolão e puxou o lençol para cobrir o peito.

– Celia, – disse ele com ternura – não tem nada a temer. Nova Orleans a encantarà. E não demorará nada a gostar de minha família.

– Quisera poder estar igualmente segura de que eles também vão gostar de mim!

A família de Philippe era uma das mais renomadas de Nova Orleans. Seu pai, Maximilien Vallerand, era um homem poderoso, um rico aristocrata crioulo muito influente no âmbito político. Além de sua propriedade, possuía um pequeno, mas rentável negócio de navegação. De fato, o navio em que viajavam, o *Golden Star*, era um dos navios mercantes de Vallerand.

– Já gostam de você – disse Philippe com um sorriso. – Sabem tudo sobre você. Quando acabei os estudos na França e regressei a Nova Orleans, não fiz outra coisa que falar de você. E li suas cartas para eles...

– Philippe! – Exclamou ela enquanto se ruborizava. Sempre lhe havia

sido difícil expressar suas emoções. O mero fato de pensar que Philippe havia espalhado seus sentimentos íntimos ante sua família...

– É claro, uma versão cuidadosamente adaptada de suas cartas – corrigiu ele com um sorriso carinhoso. – Certas passagens as reservei só para mim.

Celia elevou o olhar. O persuasivo sorriso de seu marido sempre a cativava. Ele havia sido o único homem em sua vida capaz de ver além de sua timidez. Amável e paciente, lhe havia feito concessões como a ninguém antes. Outros homens haviam se sentido atraídos por sua beleza, mas depois topavam com o muro de seu retraimento. Ninguém havia sabido ver que se tratava de medo, não de indiferença, o que a levava a mostrar-se tão desajeitada e reservada. Mas para Philippe havia importado bem pouco que não fosse charmosa ou sedutora.

– Explicou a sua família que sou... uma velha solteirona? – Perguntou.

Philippe deixou escapar uma gargalhada.

– Ter vinte e quatro anos não converte ninguém em velho, *chérie*.

– A uma mulher sim!

– Poderia ter casado faz anos se tivesse desejado. – Inclinou-se para alcançar a suave curva de seu pescoço. – É uma bela mulher, Celia. Não tem desculpa alguma para ser tão envergonhada.

– Não sou bela – respondeu ela com brusquidão.

– Sim, é. Extraordinariamente bela. – Acariciou-lhe o cabelo, que cintilava à luz prateada da lua, e cravou o olhar em seus olhos castanhos. Deu-lhe um leve beijo, apenas um roçar de lábios. – E ainda que não fosse, eu a adoraria igualmente.

Celia sentiu uma profunda alegria ao fitar seu esposo. Às vezes lhe custava acreditar que fosse seu. Era tão charmoso, com aquela espessa cabeleira e seus olhos azuis. Jamais havia sonhado que pudesse existir um homem tão forte e ao mesmo tempo tão terno como ele.

– *Je t'aime* – disse com amorosa ternura.

– Não, não – ele corrigiu com um sorriso. – A partir de agora, em inglês. Na casa dos Vallerand se usa ao menos na mesma medida que o francês.

Celia franziu o cenho com fingida indignação e lhe respondeu com um defeituoso inglês: – Mas... em francês soa melhor.

– Sim, tem razão – concordou Philippe com outro sorriso. Com cuidado, tomou-lhe o lençol das mãos e o deslizou até seu quadril. Ela ficou tensa e ele riu para si antes de acariciar seu corpo mal coberto. – Continua sentindo vergonha comigo?.. Não vou permiti-lo, *chérie*. Agora já me conhece o

suficiente para saber que nunca a machucarei.

– O... o conheço só por suas cartas e visitas de cortesia – disse ela quase sem fôlego, sentindo a exploração daquela mão cálida. – Mas não passamos muito tempo a sós, Philippe, e... – Interrompeu-se quando ele lhe acariciou um seio por cima das pregas do camisolão.

– E? – Sussurrou ele fitando-a nos olhos.

Trêmula, ela lhe rodeou o pescoço com os braços, esquecendo imediatamente o que pensava dizer.

Os lábios de Philippe se curvaram ligeiramente.

– Fui tão paciente com você porque a amo com todo meu coração. Mas, além disso, a desejo, Celia. Foi uma tortura dormir com você na mesma cama sem chegar a convertê-la realmente em minha esposa. Fizemos os votos e me pertence até que a morte nos separe. Mas você me pediu que esperasse, e eu aceitei porque não queria que tivesse medo de mim... ou das intimidades que íamos compartilhar. – Beijou-a na testa. – Já esperamos mais que o suficiente, *ma chère*.

– Eu... eu sinto o mesmo, mas...

– Sente o mesmo? Não acredito. Terá que me demonstrar. – Inclinou a cabeça e a beijou.

Ela protestou sem muita convicção, consciente de que finalmente a paciência de seu marido havia se esgotado.

– Philippe, foi tão atencioso...

– Já não quero ser, querida. Agora quero minha esposa. – Suas mãos deslizaram por aquele corpo desejável, envolvendo os seios, puxando o enrugado camisolão. – Demonstre-me, Celia – sussurrou contra seu pescoço. Ela estremeceu ante o roçar daquele queixo não barbeado e voltou a boca para ele.

De repente, bateram com urgência à porta do camarote.

– *Monsieur Vallerand! Monsieur!* – Gritou um jovem aspirante a oficial enquanto esmurrava o painel de mogno. Sua voz emitia pavor.

Quando seu marido se levantou apressado, um calafrio de medo percorreu Celia.

Philippe, sem as calças ou sequer um roupão, entreabriu a porta alguns centímetros.

– O que ocorre? – Perguntou lacônico.

– Senhor, o capitão Tierney me envia para que lhe avise... – Disse o rapaz quase sem fôlego. – Vimos uma escuna americana que parecia em apuros e

nos aproximamos para dar-lhes uma mão..., mas então içaram a bandeira de Cartagena.

Antes que Philippe pudesse responder, o rapaz se afastou gritando. No corredor se ouvia ruído e movimento.

– Abordagem! – Gritou alguém. – Estão abordando-nos pela proa, a estibordo!

Celia ouviu o fragor de disparos e o chocar de espadas que vinha do convés. Estavam atacando o navio! Assustada, levou a mão à garganta e sentiu o bater do coração.

– Piratas – conseguiu dizer com aturdimento.

Philippe não a contradisse.

Os pensamentos se sucediam na mente de Celia. Havia ouvido falar dos navios sob a bandeira de Cartagena que assaltavam os navios espanhóis. Sulcavam as águas do Golfo, no canal das Bahamas e do Caribe. Havia ouvido histórias referentes a suas estripulias e sua crueldade, sobre como torturavam suas vítimas e as coisas horríveis que faziam às mulheres. O medo cresceu em seu interior e foi difícil engolir a saliva. Não, não podia ser verdade, pensou. Tratava-se de um pesadelo... Tinha que ser um pesadelo!

Philippe pôs com toda pressa as calças, as botas e uma camisa branca.

– Vista-se – limitou-se a dizer para sua esposa, e lançou-se para o armário de pau rosa onde guardava as pistolas.

Os dentes de Celia batiam quando se levantou, esquecendo-se de suas maneiras retraídas e levada pela pressa. Remexeu na arca onde guardava parte de sua roupa e tirou um vestido azul simples. Quase rasgou o camisolão ao retirá-lo, e pôs o vestido de qualquer maneira, sem importar-lhe que não usava roupa íntima. Seu pálido e sedoso cabelo se emaranhou, caindo-lhe em longos cachos até a cintura, sobre o pescoço e rosto. Enquanto procurava uma fita para prender o cabelo, ouviu os fortes gritos que chegavam de cima, e seus tremores aumentaram.

– Como é possível que aconteça algo assim? – Ouviu-se dizer. – Como é possível que o capitão não se desse conta de que eram piratas? Por que não disparamos nossos canhões?

– Muito tarde para os canhões. Pelo visto, já nos terão abordado.

Philippe lhe pôs algo na mão. Celia baixou a vista ao notar o peso do frio metal na palma. Seu marido acabava de entregar-lhe uma pistola para duelos, uma arma de fogo! Lentamente, elevou a vista para olhá-lo nos olhos.

Ele havia adotado uma expressão estranha: estava alerta, assustado e em

guarda. Celia supôs que ela parecia aturdida, porque ele a sacudiu com suavidade, como se pretendesse despertá-la.

– Celia, escute-me. A pistola é de um só disparo. Se entrarem aqui... entende o que terá que fazer?

Ela assentiu suavemente; mal lhe chegava ar aos pulmões.

– Boa garota – murmurou ele, e lhe segurou a cara entre as mãos para beijá-la com força.

Ela aceitou com docilidade a pressão de seus lábios, ainda atordoada ante a constatação de que tudo aquilo era real. Tudo acontecia muito depressa... não havia tempo para pensar.

– Di... diga-me que tudo terminará bem – gaguejou agarrando seu marido pela camisa. – Philippe...

Ele a apertou entre seus braços.

– É claro que sim – disse com a boca colada a seu cabelo. – Não se preocupe, Celia. Eu... – Deteve-se abruptamente e a abraçou mais uma vez antes de soltá-la. Deu um passo para trás e se voltou para sair do camarote.

Em silêncio, os lábios de Celia formaram seu nome: “Philippe”.

Ao afastar-se, as sombras da escada o envolveram. E não olhou para trás. Ela teve um horrível pressentimento.

– *Mon Dieu*, jamais voltarei a vê-lo – murmurou, e caiu de joelhos tremendo.

Fechou a porta a duras penas e depois retrocedeu até um canto do camarote segurando a pistola contra o peito.

Capítulo 1

Menos de dez minutos depois cessou todo o fragor de combate, embora centenas de passos tamborilassem no convés. Celia permaneceu no camarote, apesar do muito que desejasse sair e saber o que havia acontecido. Só o que podia fazer era esperar com aterrorizada expectativa.

Estremeceu ao ouvir que desciam pela escada. Alguém tentou abrir a porta.

– Está fechada com chave! – Bramou uma voz.

Celia deu um salto quando um objeto contundente golpeou a porta quebrando o fino painel de madeira. Com decisão, engatilhou a pistola. Outro golpe e as dobradiças rangeram.

A jovem secou o suor frio que cobria seu rosto. Levou o cano da pistola até a têmpora. Ao notar o contato do metal, sua cabeça se converteu em um fervedouro de pensamentos. Se Philippe havia morrido não queria seguir vivendo. E se não usasse a arma para acabar com sua própria vida nesse momento, teria que enfrentar um horrível destino nas mãos daqueles cruéis bandidos do mar. Mas algo em seu interior se rebelou ante a ideia de apertar o gatilho. Respirou fundo e relaxou a mão.

A porta acabou cedendo. Paralisada, Celia observou os homens que irromperam no camarote, ambos morenos e desalinhados. Usavam o cabelo preso para trás com lenços, tinham barba de vários dias e suas caras estavam bronzeadas pelo sol. O mais baixo empunhava uma espada curta curva e o outro, um gancho manchado de sangue.

O homem de menor altura, embora de aspecto duro, baixou a espada, lambeu os lábios e lhe dedicou um penetrante olhar.

– Baixe a arma – ordenou com forte sotaque americano, fazendo um gesto para a pistola.

Celia não pôde responder. “Faça-o agora – insistiu sua mente. – Acabe com tudo...” Mas o que fez foi baixar o braço. Sentiu uma pontada de ódio contra si mesma por ser muito covarde para acabar com sua vida.

– Vou pegar minha parte do botim agora mesmo – disse um pirata ao outro. Entreabriu a boca, mostrando uma dentadura amarelada, e começou a andar até ela.

Como guiada por uma força alheia a ela, Celia elevou a pistola e apertou o gatilho. A bala que teria que ter posto fim a seus dias afundou no peito daquele homem. Uma mancha carmesim foi estendendo-se por sua suja camisa. O sangue salpicou em todas as direções e Celia se ouviu gritar quando o homem caiu a seus pés.

– Maldita cadela! – Furioso, o outro pirata a agarrou pelo braço e a lançou contra um biombo.

A pistola caiu de sua mão e sua cabeça golpeou contra a dura madeira. Quase perdeu os sentidos, afundando em uma névoa cinza. Choraminguou enquanto a puxavam escada acima até o convés, onde a jogaram sobre o deck. Por todo o barco se ouvia ruído de vozes e caixas transportadas de um lugar a outro. Um estranho odor se misturava com o da água salgada e a brisa marinha.

Celia piscou com força várias vezes e conseguiu sentar-se. Viu como um pirata deixava cair um caixote com galinhas, parte dos animais vivos que o *Golden Star* levava para que a tripulação dispusesse de carne fresca. O caixote se rompeu e as aves assustadas fugiram em todas as direções, provocando gargalhadas e furor. Ao observar a dantesca cena que a rodeava, Celia levou a mão à boca para conter a náusea. Havia cadáveres por todas as partes, com horripilantes feridas, membros amputados e olhos vidrados e inertes... O sangue escorria pelo convés. Reconheceu alguns dos rostos sem vida: o tanoeiro da embarcação, sempre tão alegremente ocupado com seus aros de metal e suas tábuas; o encarregado das velas; o cozinheiro; o rapaz que atuava às vezes como alfaiate e sapateiro; alguns dos oficiais com que Philippe havia se sentado à mesa. “Philippe”... Lançou-se freneticamente para os corpos, desesperada por encontrar a seu marido.

Um pé calçado em uma bota a devolveu ao chão do convés. Chorou de dor quando a mão a agarrou pelo cabelo e puxou-a para trás. Imóvel, cravou o olhar nos olhos mais cruéis que já havia visto. O homem, bem barbeado e de pele morena, tinha a mandíbula angulosa e seu nariz era uma marca de resolução em seu rosto bem desenhado. Tinha o cabelo castanho avermelhado preso em um esticado rabo-de cavalo. Ao contrário dos demais piratas, vestia roupas de qualidade, sem dúvida confeccionadas sob medida para sua enxuta compleição.

– Custou-me um dos meus melhores homens – disse com secura. – Pagará por isso. – Avaliou seu corpo de quadril estreito e peito escasso com um olhar frio. Ela tentou baixar as dobras do vestido, que deixava à vista seus pés nus e

suas panturrilhas. Ele sorriu revelando uma dentadura irregular. – Sim, servirá de entretenimento para meu irmão André. – Puxou-a outra vez pelo cabelo fazendo-a gemer de dor. – André necessita de uma provisão constante de mulheres. Por desgraça, nunca duram muito.

Um pirata aproximou-se. Era um jovem baixinho com os braços e o peito volumosos.

– Capitão Legare, ainda levaremos uma hora para transferir o melhor do carregamento. Não há muito ouro, senhor, mas há boas mercadorias; canela, conhaque, vasilhames de óleo...

– Bem. Prenda o resto da tripulação na bodega. Colocaremos fogo no barco quando estivermos afastados. Prenda esta moça e guarde-a com o resto do botim. A levaremos para a ilha. E diga aos homens que não a toquem. É para André.

Ao ouvir falar da tripulação do *Star*, Celia tentou libertar-se.

– Há alguém vivo? – Perguntou entre ofegos.

O jovem puxou-a e a levou como se não a tivesse ouvido.

– *S'il vous plaît, aidez-moi* – suplicou ela. Ao compreender que o jovem não podia entendê-la, passou ao inglês. – Ajude-me, por favor. Meu marido talvez esteja vivo... Ele... ele o fará rico se ajudar. É um Vallerand, Philippe Valerand...

– Se está vivo não será por muito tempo – replicou o pirata friamente. – Legare não deixa ninguém vivo por onde passa. Não ouviu falar dos irmãos Legare? São os senhores do Golfo. Só um idiota tentaria cruzar...

O jovem foi interrompido por um grito de horror.

– Philippe! – Celia se retorceu freneticamente, mordendo e batendo, e o pirata teve que soltá-la com uma maldição. Ela se lançou sobre um corpo estendido sobre o convés. – Oh, meu Deus, Philippe!

A camisa de seu marido estava empapada de sangue que emanava de uma ferida causada por um arpão. Tombado de costas, tinha os olhos fechados e a boca retorcida em uma careta de dor. Sem deixar de chorar procurou-lhe a pulsação na garganta. Não detectou sinal algum de vida. Quando tentou voltar ao corpo, o capitão a alcançou novamente.

– Este é seu marido? – Perguntou com desdém. – Grande resgate conseguirei por um homem morto. – E com um decidido movimento pegou o corpo de Philippe e o lançou pela borda. Caiu na água e ficou flutuando entre os outros cadáveres.

Celia ficou sem ar. Uma onda negra parecia engoli-la. Sem poder evitar,

desmaiou nos braços do pirata.

Presa nas entranhas do barco junto ao botim roubado do *Golden Star*, Celia foi despertando pouco a pouco. Tinha os pés e as mãos amarrados. Com um leve gemido, sentou-se e observou a escuridão. Não podia ver nada. Explorou cautelosamente com o pé e descobriu que se encontrava entre a pilha de caixas, barris e tonéis. O balanço da *galera* pirata evidenciava que avançavam a considerável velocidade. O capitão Legare havia dito algo sobre uma ilha. Perguntou-se quanto tempo passaria até que largassem a âncora ali para onde se dirigiam.

Virou a cabeça ao ouvir um leve ruído, como se arranhassem a madeira. Deixou de respirar. Levantou os joelhos e esperou tensa, perguntando-se se havia imaginado aquele ruído. De repente notou uma tentativa de mordiscada no dedo do pé. Lançou um agudo grito e deu um pontapé ao que fosse... Um rato? Uma ratazana? Oh, Deus, quanto tempo teria que passar trancada naquele lugar imundo? Ouviu mais ruídos na escuridão, pisadas sigilosas no tablado, uma breve escaramuça, um guincho de roedor.

Celia começou a chorar ao perceber que havia algum outro animal naquele porão além dos roedores. Devia gritar pedindo ajuda? Ninguém se incomodaria em prestar atenção nela. Seus pensamentos foram interrompidos subitamente por um suave ronronado a escassa distância. Sacudiu-se surpreendida ao notar o roçar de algo cálido e peludo no braço. Um gato. Seus longos bigodes lhe fizeram cócegas ao esfregar a cabeça contra seu braço. Celia se moveu com cuidado e com o pé notou o rato morto. Com um calafrio de desagrado o afastou com o pé.

Passando uma pata após a outra, o gato se escarranchou sobre seu colo. Celia não se moveu para não o perturbar. Sempre havia odiado os gatos, acreditava serem criaturas astutas e traiçoeiras, mas com este esperava travar amizade.

– *Mon ami*, protegeu-me como ninguém no dia de hoje – disse com voz chorosa e a cabeça inclinada para o animal, que brincava enterrando as garras em seu vestido. O gato não demorou em dar um salto para ir investigar um ruído desconhecido, mas em pouco tempo regressou ao seu colo.

Celia inclinou a cabeça e a apoiou em um barril. Não deixou de murmurar orações até que, exausta, desistiu. As imagens flutuavam ante seus olhos, recordações de sua infância e sua família; embora a maioria tivesse a ver com

Philippe. Recordou a primeira vez que se viram. Seu pai, o Doutor Robert Verité, o havia convidado para uma refeição.

– Aqui está Philippe Vallerand – disse-lhe seu pai, dando-lhe as boas-vindas à sua pequena, mas acolhedora casa. – É um de meus alunos de Medicina. É americano, mais ainda assim é bem educado.

Haviam colocado um talher para ele na longa mesa. Perplexo e divertido, Philippe observou os membros daquela numerosa família.

– Oito filhos – disse Verité após soltar uma risada. – Uma prole saudável e numerosa. Não há homem que pudesse desejar algo melhor. Claudette, mude de lugar com sua irmã para que possa sentar-se junto a nosso convidado. Você já está noiva de um jovem. Deixe que Celia tenha a oportunidade de agarrar um!

Celia teve que esforçar-se para não escapar da sala de jantar. Envergonhada e tímida, sentou-se na cadeira que havia ficado vazia ao lado daquele estranho.

A família começou a comer com seus habituais modos ruidosos. Todos os membros da família Verité mostravam sua personalidade dominante. Portanto, para Celia, a filha mais velha, não havia sido difícil manter-se em segundo plano e deixar que fossem os outros os que chamassem a atenção. Desde a morte de sua mãe, dez anos atrás, ela havia se ocupado de todos, adotando o papel de dona de casa. Ainda que aos homens sempre agradasse sua companhia, distanciava-se muito de parecer uma mulher atraente. Fazia tempo que havia se resignado a ser a devota solteirona a serviço da família.

Celia viu como Philippe Vallerand formulava numerosas perguntas sem sentir-se intimidado com o barulho que o rodeava. Seu sorriso era agradável e natural; seus traços, elegantes e bem delineados; seu cabelo, cheio e bem cortado, era de um tom castanho tão escuro que parecia quase negro.

Por sorte, não dirigiu a palavra a Celia. Ela se aterrorizava com a ideia de ter que responder mesmo à mais mínima pergunta. Mas de vez em quando lhe dedicava olhadelas com seus brilhantes olhos azuis, e parecia a ela que lhe podia ler os pensamentos. Enquanto a família ria com algazarra do divertido relato do pai sobre um paciente mal-educado, Celia sentiu que algo deslizava do bolso de seu avental e caía ao chão. Era um pequeno livro que estava lendo em seu tempo livre. Ao agachar-se para recolhê-lo, esteve a ponto de dar uma cabeçada com Philippe.

Pegou o livro e seu coração quase parou ao notar a mão de Philippe segurando-a suavemente pelo pulso.

– Já... já o peguei – conseguiu murmurar. A conversa da família prosseguiu sem levá-la em conta, mas ele não lhe soltou o pulso enquanto com a outra mão se apossava do livro.

– *Rousseau* – leu em voz baixa. – Gosta de filosofia, *madeimoselle*?

– A... às vezes.

– Eu também. Poderia emprestar-me o livro? – Aquele exemplar parecia absurdamente pequeno em sua mão.

Pensou em negar seu pedido, pois dar-lhe o livro significava passar pelo incômodo de que o devolvesse a ela. Mas seu temor em parecer grossa era maior que o medo que sentia daquele charmoso estranho.

– É claro, *monsieur* – disse com timidez.

Ainda assim, ele não lhe soltou o pulso.

– Philippe, por favor – ele a corrigiu com um lampejo divertido no olhar.

Ela o fitou assombrada. Sem dúvida ele sabia muito bem como pareceria inadequado que ela o chamasse por seu nome de batismo.

Nesse momento ressoou a voz de seu pai.

– Jovem Vallerand, posso perguntar o que trama com minha filha sob a mesa?

Ruborizada e desconcertada, Celia puxou o seu braço, mas ele não a soltou.

– De acordo, Philippe – disse num frenético sussurro, e foi recompensada com um malicioso sorriso e o pulso liberado.

Ele regressou com o livro em poucos dias e, com a tranquilidade que o caracterizava, pediu que Celia lhe mostrasse o jardim da casa. Enquanto conversavam, ela se apercebeu de que sua habitual timidez parecia ter-se evaporado. De repente confiava nele mais que em seus próprios irmãos e irmãs. Não lhe tinha medo... ao menos não até que a colocou contra uma parede coberta de roseiras e inclinou a cabeça para beijá-la.

– Não... – disse ela, afastando o rosto com o coração descontrolado.

– Intocada – murmurou ele contra sua bochecha enquanto a estreitava entre seus braços. – Isso é o que todo mundo pensa de você, certo? Não necessita de ninguém. Não necessita mais do que seus livros e sua solidão. – Ela sentiu o calor de seus lábios queimando-lhe a pele.

– Sim – ouviu-se murmurar. – Isso é o que pensam de mim.

– Mas não é verdade. – Tinha a boca junto ao canto de seus lábios. – Entendo-a, Celia. Necessita ser amada, e vai ser minha...

Agora, no escuro porão daquele fétido barco, Celia notou como caíam as lágrimas sobre seu ombro. Havia-lhe custado muito tempo compreender que o amor que Philippe sentia por ela era autêntico e duradouro. Ele havia voltado a Nova Orleans para ficar ali por três anos, até o final da guerra entre americanos e ingleses, quando as águas internacionais voltaram a ser seguras. Três anos de espera e de cartas, três anos de esperança, frustração e dúvidas.

Mas Philippe havia voltado à França para fazê-la sua esposa e levá-la consigo a Nova Orleans. Finalmente, Celia se permitiu pensar que teriam uma vida juntos, mas tudo acabou em questão de minutos. Agora Philippe havia morrido e ela se envergonhava de si mesma, porque não só a consumia a dor, também estava aborrecida com ele. Era um absurdo culpá-lo, – nada do ocorrido havia sido culpa sua – mas ainda assim sentia raiva pelo fato de que não tivesse sabido prever o perigo. Cravou o olhar na escuridão enquanto o gato se acomodava em seu colo. Agora que Philippe já não estava, não sentia desejo algum de seguir vivendo. A única coisa que podia esperar era que a morte lhe chegasse logo, e que dispusesse de coragem suficiente para recebê-la com dignidade.

Tinha vários apelidos, mas sua tripulação o conhecia como capitão Griffin. Assim como o mítico monstro com corpo de leão e asas de águia, ele era veloz, astuto e letal. Sob seu comando, uma *galera* podia alcançar qualquer navio que sulcasse os mares. Navegava do mesmo modo que praticava todos os atos de sua vida: por instinto. E só por ele seus homens trabalhavam sem mostrar a habitual indolência das tripulações piratas, porque os havia feito entender que a disciplina e a eficiência eram o método mais rápido para alcançar tudo o que desejassem.

Griffin esticou suas longas pernas sobre a areia da praia, apoiou suas largas costas contra uma maltratada canoa e acendeu um grosso charuto. Depois passou a mão pela barba desgrenhada e colocou em seu lugar uma rebelde mecha que lhe caía na cara. Seus escuros olhos azuis procuraram e encontraram a figura de seu barco, o *Vagabond*, ancorado na baía.

A *galera* estava há uns dias ancorada a salvo no porto da ilha dos Cuervos.

Mais de uma dezena de navios haviam jogado a âncora ali: veleiros, fragatas e galeotas de diferentes tamanhos, todos fortemente armados. Quase trinta armazéns – além do povoado de choças com tetos de palha, um bordel e

alguns currais de tamanho considerável – haviam sido construídos no meio de enormes moitas e árvores retorcidas.

Enquanto o *Vagabond* esteve ancorado, sua tripulação desfrutou das prostitutas e do álcool; ambas as coisas abundavam a um bom preço ali. Entretanto, seguindo ordens de Griffin, o carregamento foi avaliado, descarregado e guardado em um dos armazéns. Como era habitual, o botim de sua mais recente captura foi repartido de forma igualitária entre centenas de homens que formavam sua tripulação.

Griffin deu uma tragada no charuto e soltou uma baforada de fumo. Estava relaxado, mas igualmente alerta. Agora que havia sido declarado um fora-da-lei pelo governo americano, não poderia permitir-se nunca mais ter a guarda baixa.

Fazia coisa de um ano, suas pilhagens haviam sido mais ou menos legais. Sob bandeira de Cartagena, um posto marítimo na costa caribenha da América do Sul, havia acochado barcos comerciais espanhóis e acumulado uma fortuna considerável. Mas não havia podido resistir a capturar um ou outro abarrotado navio mercante sob a única bandeira que não tinha permissão para atacar... o que significava que tinha subido na escala de crimes, passando de ser um corsário a um completo pirata. A única regra que Griffin havia recebido de forma expressa havia sido não incomodar a barco algum com bandeira americana. Todos os demais lhe estavam permitidos.

Griffin precisava de um trago. Apagou o charuto e se pôs de pé com um ágil movimento. Caminhou para o destruído forte, onde se encontrava o mais parecido a uma taberna em toda ilha. No passado havia sido um presídio, mas agora o haviam transformado em taberna e pensão.

Bem iluminada graças às tochas e lampiões, a taberna que todos conheciam pelo nome de *Cabeça de Gato*, estava abarrotada de frequentadores de duvidosa reputação. Muitos eram homens de Legare, recém-chegados de uma exitosa excursão pelo Golfo. Inclusive bêbados como gambás, aqueles homens tinham muito cuidado ao cruzarem com Griffin uma vez que este entrava no local.

– Capitão – chamou uma voz vinda de uma mesa num canto.

Griffin deu uma olhada por cima do ombro. Era John Risk, um irlandês de cabelo negro com a espada sempre a mão e um malicioso sorriso nos lábios. Risk era o segundo em comando e o melhor canhoneiro de Griffin. Usava um tapa-olho ali onde antes havia um de seus olhos. Perdeu-o um ano atrás, no dia em que salvou a vida de Griffin durante uma batalha corpo a

corpo em um barco que haviam abordado.

Risk tinha sentada no colo uma prostituta de rosto magro e segurava uma garrafa de rum meio vazia.

– Capitão, planejamos zarpar logo? – Perguntou sem elevar a voz.

Griffin estendeu o braço e tomou a garrafa, deu um bom trago e secou a boca com as costas da mão.

– Acaso está ansioso para ir embora, Jack?

– Sim, estou saturado da arrogância dos homens de Legare. Abordaram seis barcos em sua última excursão... Bom, e não fizemos o mesmo faz três meses? Da próxima vez vamos mostrar-lhes como se faz! Abordaremos dez barcos! Vamos...

– Vamos tomá-los com calma a partir de agora – o interrompeu Griffin secamente. – Depois de tudo o que aconteceu, o Golfo está infestado de fragatas procedentes de Nova Orleans.

Risk franziu o cenho.

– Sim, capitão. Se isso é o que lhe dizem suas entranhas...

– Assim é.

– Temos provisões de sobra – disse Risk, pensativo. – Talvez possamos dedicar-nos a levar passag...

Os olhos azuis escuros de Griffin adquiriram um tom sinistro.

– Eu não transporto escravos, Jack.

– Eu sei, mas seria um bom dinheiro...

– Ganhamos o suficiente fazendo as coisas à minha maneira.

Risk encolheu os ombros com um sorriso.

– Não serei eu quem o contrariarei, capitão. Mas bem sabe o diabo que Dominic Legare não tem escrúpulos para essas coisas. – Bebeu um bom trago de rum e sacudiu a cabeça. – Seis abordagens – respondeu. – Só tem que ver André Legare se gabar, esse gordo bastardo com seu gordurento sorriso. Olhe como o grande sovina aproveita. Sabe muito bem que seu irmão Nicky vai lhe passar uma boa parte do botim, e somente por ter ancorado seu cu nesta taberna enquanto o resto de nós...

– Já chega, Jack – Griffin disse com secura e Risk fechou a boca.

Griffin olhou na direção que seu imediato apontava. Era certo que André Legare exibia um largo sorriso. Como de costume, estava rodeado de bandejas de comida e garrafas de vinho, com sua enorme barriga crescendo sobre seu colo. Tinha a cara suada meio coberta por uma barba ruiva manchada com restos de comida e gordura.

As diferenças entre os irmãos Legare eram alucinantes. Dominic era um frio e eficiente tubarão, e dava a impressão de que a única coisa que gostava no mundo era saquear para proporcionar a seu irmão mais novo tudo o que desejasse. Era um homem curiosamente contido a quem jamais se via em companhia de mulheres e meninos, que jamais bebia, que nunca se queixava nem pedia nada para sua própria comodidade. E era extremamente meticuloso em sua forma de vestir e sua aparência. André, por sua parte, era um bufão, um homem despreocupado com um insaciável apetite, tanto de comida como de bebida e mulheres; por essa ordem, precisamente.

– Dominic trouxe uma nova mulher para André – comentou Risk. – Criou um grande alvoroço quando a desceram do *Vulture*. A pobrezinha lançou um grito que perfurou os tímpanos de todos os presentes. Ouviu o que aconteceu à última mulher que seu irmão lhe trouxe? A des...

– Sim, ouvi – Griffin o cortou. Aquele assunto o desagradava. Por desgraça, em uma ocasião havia visto o cadáver de uma das vítimas de André Legare. A haviam torturado e mutilado durante os perversos jogos sexuais de André. Todos os que conheciam o modo com que André tratava as mulheres censuravam suas maneiras, mas ninguém interferia. Na ilha cada um se ocupava de seus assuntos, a menos que esses assuntos interferissem nos negócios do outro.

Risk deu um leve empurrão na prostituta que tinha em seu colo.

– Diga-me uma coisa, princesa, por que André Legare nunca lhe põe as patas encima, ou a suas desencaminhadas irmãs?

– Dominic o proibiu – respondeu com uma careta maliciosa. – Somos muito lucrativas para os Legare.

Com fingida consternação, Risk disse: – Então... coloquei dinheiro em seus bolsos? Por isso estão podres de ricos. – Levantou-a bruscamente de seus joelhos, quase derrubando-a. – Saia, princesa. Deixei-me levar pelo amor esta noite, mas não voltará a ocorrer. – Ao ver que a prostituta franzira o cenho, ele sorriu e lhe entregou uma moeda de ouro. – E fale bem de mim para suas irmãs. Voltarei.

Ela pegou a moeda e lhe dedicou um sorriso antes de afastar-se balançando o quadril. Griffin havia recuado uns passos e já não prestava atenção às brincadeiras de Risk. Sua atenção estava centrada em Dominic Legare e seu séquito, que estavam na taberna e haviam se sentado no canto oposto do local. Passavam as garrafas entre eles, derramando conhaque e rum sobre as mesas e o chão. Cantando e gritando ébrios, rodearam André

enquanto Dominic os observava. Ia acontecer a apresentação. Quando as canções dos marinheiros chegaram ao fim, Dominic estalou os dedos e fez um gesto a alguém que permanecia a suas costas.

Um rugido de aprovação ressoou na taberna quando apareceu a mulher e a colocaram diante de André. Usava um vestido em farrapos e manchado de sangue, com as panturrilhas e os pés nus e as mãos presas às costas. Deveria parecer dominada pelo pânico, mas estava em silêncio e parecia tranquila. Dedicou-se a dar uma olhada ao local. Griffin percebeu, com um indesejado sobressalto de admiração, que estava calculando as possibilidades de fugir.

– Adorável – murmurou Risk. – Uma escolha das boas, eh?

Griffin assentiu em silêncio. Obviamente se tratava de uma mulher com classe, de pele imaculada, pálida e prateada. Griffin não pôde afastar o olhar dela, enquanto uma incongruente onda de desejo crescia em seu interior. Era muito magra, dava a impressão de que iria quebrar. Ele, no entanto, sempre havia gostado das mulheres robustas que não se sentissem intimidadas pela corpulência de um homem como ele. Ainda assim não pôde evitar perguntar-se como seria encaixar-se entre suas pernas e beijar aquela doce boca. O mero pensamento lhe provocou um calafrio na virilha.

Griffin cruzou os braços e se reclinou para trás até tocar a parede, pensando que esse era o primeiro ato imprudente que havia visto Dominic Legare cometer. Semelhante mulher não tinha que cair nas mãos de André.

– Por que demônios nunca encontramos mulheres como essa nos barcos que abordamos? – Resmungou Risk.

Após soltar uma aguda exclamação de júbilo e limpar a barba engordurada na manga, André agarrou a mulher por sua estreita cintura e sentou-a bruscamente em seu colo.

– Pela Grande Perna de Pau, Dominic, esta é a melhor cadela que me trouxe! – Apalpou-a com suas mãos gordinhas. – Ummm, doce, suave... Farei com que gema por mim esta mesma noite!

– Sim, *mon frère*, faça com ela o que lhe dê vontade – disse Dominic com tom seco, mas seus lábios formaram um sorriso benevolente.

André acariciou desastradamente o cabelo e a esticada pele do rosto da infeliz.

– Nunca tive uma mulher com esta cor de cabelo. Terei que fazê-la durar.

Celia fechou os olhos. O hálito de André era tão pestilento que lhe dava náuseas. Notar sua asquerosa boca na pele ia ser mais do que poderia suportar. Quando ele tentou beijá-la, Celia virou a cabeça e lhe mordeu a

orelha com força suficiente para fazê-lo sangrar. Com um grito de surpresa e raiva, André a soltou. Então ela começou a correr como uma possessa.

Não lhe importaram as pontadas que sentiu nos pés descalços, caminhou para a porta aberta com o coração descontrolado. Os homens gritaram e riram a suas costas. Bateu dolorosamente o quadril contra uma cadeira. Era ridículo tentar escapar, mas ela não tinha nada a perder. O desejo de viver irrompia em suas veias e cada nervo de seu corpo desejava escapar dali.

Justo antes de alcançar a porta, um pé enfiado em uma bota a impediu de passar, e sua fuga finalizou subitamente. Tropeçou e se precipitou no duro piso. Não tinha modo de proteger-se, pois tinha as mãos atadas às costas, mas de repente um poderoso braço deteve sua queda e a levantou puxando-a. Não compreendia como era possível que alguém tivesse se movido com tanta rapidez. Seu invisível salvador a pôs em pé de costas para ele e agarrando-a pelos ombros, evitando que lhe visse a cara.

O dono da bota que a havia feito tropeçar se pôs em pé.

– John Risk. – Um pirata caolho apresentou a si mesmo esboçando um diabólico sorriso. – Aonde ia com tanta pressa, princesa? Ali fora não é lugar adequado para uma dama. Os vagabundos da praia não teriam tardado em alcançá-la e violá-la.

– Ajude-me – disse com nervosismo enquanto os homens de Legare os rodeavam. Pela primeira vez, seu inglês foi perfeito. – Sou uma Vallerand. Leve-me a Nova Orleans. Maximilien Valerrand os recompensará se me devolverem sã e salva.

A expressão de insolente surpresa típica de Risk desapareceu de seu rosto, elevou a vista e deu uma olhada nos homens que estavam atrás de Celia com gesto de expectativa.

Celia tremeu quando seu salvador, que continuava a suas costas, se inclinou e lhe sussurrou ao ouvido: – Pode demonstrar que é uma Vallerand? – Sua voz era profunda e grave, e lhe provocou um calafrio nas costas. Celia tentou voltar-se para ver-lhe a cara, mas ele não o permitiu.

– Sou a es... esposa do doutor Philippe Vallerand – falou rapidamente. – Nosso barco, o *Golden Star*... Mataram meu marido. Foi ontem, creio... Talvez anteontem.

Os dedos que lhe apertavam os ombros se apertaram mais e mais, até que Celia deixou escapar um grito de dor. Aquelas mãos abandonaram finalmente sua presa.

– Meu Deus – Celia ouviu-o dizer debilmente.

– Já... já ouviu falar dos Vallerand? – Perguntou.

Dominic Legare se plantou diante dela abruptamente, empurrando Risk para o lado. Fitou por cima da cabeça da mulher ao homem que estava as suas costas, ao que parecia, um homem muito alto.

– Agradeço-lhe, capitão Griffin – disse Legare. –Agora permita que devolva a André o seu presente.

Celia se sobressaltou quando o desconhecido a rodeou com o braço, apertando seu corpo justamente por debaixo dos peitos. Era um gesto de possessividade. O calor de suas mãos atravessou o vestido e lhe queimou a pele. Baixou a vista e viu um antebraço musculoso coberto de pelo negro, com a camisa arregaçada. A voz suave voltou a falar.

– Capitão Legare, primeiro teremos que conversar.

Dominic elevou suas finas sobrancelhas.

A taberna ficou em silêncio, todos os olhos voltados para eles. Todos sabiam que Griffin era o único homem na ilha que não temia os Legare. Até esse momento, os dois homens haviam evitado qualquer tipo de discussão ou confrontação. Só haviam falado em uma ocasião por uma questão relativa a uma disputa entre dois de suas respectivas tripulações. Apesar da organização de Legare ser maior e mais poderosa, devia pensar duas vezes sobre a possibilidade de criar inimizade com Griffin.

– Estou interessado na jovem – Griffin disse com aparente indiferença. – Estaria disposto a escutar uma oferta?

Legare negou com a cabeça.

– Agora que André a viu, temo que já não será possível. Nunca desapontei meu irmão.

– Cinquenta mil... em prata.

Risk ficou boquiaberto. Sentou-se muito devagar, como se as pernas não pudessem sustentá-lo.

– Uma soma irrisória – respondeu Legare com desprezo. – Suponho que tenha ouvido falar do êxito que teve o *Vulture* em sua incursão.

– Cem mil – replicou Griffin com calma.

Um murmúrio de perplexidade se estendeu pelo local, pontuado por assobios e exclamações.

Celia tremia de medo. Por que o tal capitão Griffin estaria interessado nela? Aquela soma era uma fortuna. E se Legare aceitasse, que faria Griffin com ela? Talvez fosse pior estar nas mãos daquele homem que do bruto André...

Legare, surpreendido, guardou silêncio por alguns segundos. Enrugou a testa.

– O que tem a garota que tanto o interessa?

– Cento e cinquenta mil.

Legare respirou fundo e expirou muito devagar. Seus olhos cintilaram ante a perspectiva de negar a Griffin algo que desejava com tanto afinho. Dedicou-lhe um sorriso zombeteiro.

– O dinheiro não me interessa.

André abriu caminho entre a multidão, com o ventre balançando. Tinha a cara ruborizada de emoção.

– Bem falado! – Exclamou muito vaidoso. – Que lute por ela, Dominic! Estive ouvindo durante anos as fanfarrônicas de seus homens sobre seu invencível capitão... Pois bem, que o vejamos lutar agora! Que enfrente nosso melhor homem.

Risk estendeu o braço para pegar a garrafa de rum e bebeu um bom gole.

– Maldição – resmungou.

Dominic fitou Griffin pensando na possibilidade. Dirigiu-se a André sem afastar a vista do imperturbável Griffin.

– Isso o agradaria, *mon frère*? O suficiente para arriscar a perda desta mulher?

– Claro que sim – respondeu o outro sem vacilar. – Deixemos que nos mostre de que madeira é feito, Dom!

– Muito bem. Esta é minha proposta, Griffin: lutará contra o homem que eu escolher. A morte, *naturellement*. Se ganhar, fica com a garota por cento e cinquenta mil, em dinheiro imediato e sonante. Se perder, seu barco e todo o botim que tem armazenado em terra passarão para minhas mãos.

Risk lançou um grito: – Que diabos...!

– De acordo – respondeu Griffin com postura de um comerciante.

A taberna completa soltou uma exclamação de surpresa. O dinheiro começou a passar de uma mão a outra à medida que se estabeleciam as apostas. Quando a notícia correu, mais e mais homens entraram na taberna com toda pressa. Griffin enrugou o cenho ao ver que alguns de seus homens discutiam com os membros da tripulação de Legare.

– Jack, – disse a Risk – diga aos nossos que mantenham a calma. A última coisa que precisamos...

– Pelos fogos do inferno, acredita que vão fazer caso do que digo? – Respondeu Risk com incredulidade. – Capitão, tem ideia de onde se meteu?

As coisas nunca voltarão a ser iguais na ilha. Sempre disse que evitássemos qualquer disputa com os homens de Legare...

– Sim, eu sei – Griffin interrompeu-o com expressão austera.

– Não é mais do que uma mulher! Ademais, o botim que temos armazenado... Parte de tudo isso é meu!

– Por infelicidade, – Griffin disse – não tenho outro remédio que fazer isso.

– Então será melhor que ganhe – resmungou Risk.

Celia mantinha a cabeça inclinada, aturdida e indefesa. Uma parte de seu cérebro entendia o que estava ocorrendo, mas seus pensamentos eram caóticos.

De repente, André Legare se aproximou e enredou os dedos em seu cabelo. Ela observou seus olhos escuros, quase duas linhas devido a suas pálpebras pesadas e bochechas inchadas. Tinha o canto dos lábios manchados.

– Ficarei com ela até que acabe a luta – disse a Griffin puxando com impaciência as douradas mechas de cabelo.

Celia retrocedeu instintivamente e se encontrou apertada contra o firme peito de Griffin. Sentiu uma sensação familiar no modo como seus braços a rodearam, no calor de sua pele. Apesar de ser mais alta do que o habitual para uma mulher, sua cabeça só alcançava o ombro dele.

– Nada disso – ouviu Griffin dizer por cima de sua cabeça. – Não quero que me entregue material em mal estado depois de ter que lutar por ela. – André olhou para seu irmão mais velho com um ar de petulância, mas Dominic estava ocupado escolhendo o homem que teria que enfrentar Griffin.

– Não vou machucá-la – resmungou soltando a cabeça de Celia. – Como sei que você tampouco o fará?

John Risk deu um passo à frente.

– Suponho que as ideias do capitão Griffin a respeito de como entreter uma mulher são ligeiramente diferentes das suas, Legare. Mas se isso o satisfaz, eu cuidarei desta princesa. Bem sabe Deus que não sou suficientemente idiota para tentar me aproveitar.

André se afastou reclamando.

Griffin apoiou o pé em uma cadeira e tirou uma faca da bota para cortar a corda que amarrava Celia. Então ela pôde ver finalmente o rosto dele, e um

súbito calafrio a percorreu.

Capítulo 2

Para uma mulher, o rosto de Griffin parecia ameaçador em todos os sentidos. Era como uma besta feroz, com uma selvagem cabeleira de ar leonino que caía até abaixo dos ombros. Tinha o queixo coberto por uma espessa barba. A abertura da camisa negra mostrava uma pele bronzeada e peitorais musculosos e peludos. Seu nariz era reto e comprido, suas bochechas salientes, e possuía um olhar audaz e incisivo. Seus olhos tinham um toque feroz, de um azul forte que fez Celia estremecer. Nunca havia conhecido ninguém com aquela cor de olhos, exceto...

Griffin cortou a corda e todos os seus pensamentos ficaram enterrados sob a aguda dor que sobreveio quando o sangue voltou a correr pelos seus braços. Os contraídos músculos de seus ombros aumentaram seu sofrimento. Celia custou a manter o equilíbrio e seus ouvidos zumbiam.

Lançando impropérios, Griffin lhe rodeou a cintura com um braço.

– Maldita mulher esquelética – resmungou voltando a afundar a faca na bota. – Se importaria de desmaiar em uma ocasião mais apropriada?

– Eu ten...tentarei dominar-me, capitão – balbuciou com voz fraca, mas com um tom de sarcasmo.

Griffin enrugou a testa e a deixou aos cuidados de Risk.

– Encarregue-se dela, Jack. Não tire os olhos dela ou arrancarei sua pele em tiras.

– Sim, senhor – respondeu Risk, sentando Celia na cadeira ao lado. Cruzou os braços sobre a mesa e lhe dedicou um sorriso angelical.

Griffin tirou a jaqueta negra e a deixou sobre a mesa. Extraiu do bolso uma fita de couro para prender o cabelo. Celia o observou com os olhos arregalados. Jamais havia visto alguém como ele. Seu corpo parecia desenhado para a batalha, alto e largo, forte e musculoso. Suas mãos eram enormes e curtidas. Seu pai teria dito que era “pura energia”. Seus chamativos olhos azuis evidenciavam um estado de alerta permanente.

– O quê... quê quer de mim? – Sussurrou tremendo de medo em seu inglês vacilante.

– Digamos que se trata de pagar uma dívida de honra – respondeu Griffin.

– Sempre me ocupo de minhas dívidas – murmurou fitando-a nos olhos. Ela

se inclinou para trás, sentindo que poderia partir-se em pedaços se ele se aproximasse um pouco mais.

– Se... se me levar a Nova Orleans sã e salva, – disse tremendo – Vallerand o recompensará...

Os olhos de Griffin cintilaram de regozijo.

– Se a levar ali, a receberão do mesmo modo tanto se chegar sã e salva como se não o estiver.

– Mas Vallerand não quererá...

– Acaso acredita que me importa o que querem os Vallerand? – Interrompeu-a, dando-lhe uma boa revisada com o olhar. Ela estremeceu ao notar a ponta de seu dedo na orelha, contornando a delicada curva. Beliscou suavemente o lóbulo, como se acariciasse um gato travesso. – Em qualquer caso, não tem que temer nada de mim, pequeno saco de ossos. Quando me deito com uma mulher, gosto que tenha alguma carne onde segurar.

Risk riu dissimuladamente quando Celia afastou a cabeça para livrar-se dos dedos de Griffin. Apesar de temer a Griffin tanto como aos demais, algo nele lhe provocava um temor mais profundo. Nem sequer Dominic Legare parecia tão capaz de ser cruel como ele.

Griffin olhou para a mulher com renovado interesse. Tinha a pele translúcida própria de uma criança, bochechas suaves e redondas e um narizinho curto. Sua boca tinha a forma de um botão de rosa, muito na moda naquela época, apesar do pouco que isso atraísse a Griffin. Longas e sedosas pestanas contornavam seus luminosos olhos castanhos. O que chamou sua atenção, entretanto, foi algo incomum em um rosto de beleza tão convencional: uma mescla de inteligência e dignidade que lhe aportava distinção.

Griffin olhou para seu imediato.

– Legare já escolheu seu homem, Jack?

Risk espiou o outro extremo do local com seu único olho.

– Parece difícil dizer com o monte de gente que há ali, todos formam um círculo... Ah, espera, parece que o escolhido é Pounce, esse barbudo. – Griffin soltou um grunhido, tirando a faca da bota. A lâmina cintilou à luz. Lançando-a ao ar, segurou-a com perícia pela empunhadura.

– Lástima que não há espaço para lutar com espadas – disse. – Desse modo seria mais rápido.

– Ensine a ele o que é bom – disse-lhe Risk, nervoso. – Mostre a esses imbecis porque o seguiríamos até o maldito inferno, capitão.

– Não. O farei sem alardes.

Griffin se voltou e foi até o centro do local, onde a multidão formava um círculo. Pounce, um sujeito alto, corpulento e com uma cicatriz na bochecha, deu um passo à frente.

Explodiram os gritos, as expressões de ânimos e os assobios em um barulho frenético. Aterrorizada pelo ruído e pela tensão que inundava o local, Celia se pôs de pé em um salto batendo contra a mesa. Tentou afastar-se da multidão, mas sentiu um puxão em seu braço e sem mais caiu sobre o colo de Risk.

– Uma gatinha sempre pronta, eh? – Disse respondendo a seu olhar com um sorriso zombeteiro. – Sempre pensando no mesmo.

Ela tentou escapar, mas ele a rodeou com um braço pela cintura. Apesar de que fosse um homem magro, suas extremidades pareciam de ferro.

– Ordenaram-me que a retenha aqui – disse-lhe amavelmente. – Não tema, não vou machucá-la com essas mãos calosas. É uma doce tentação, não há dúvida, mas se tentasse algo com você, Griffin me esfolaria quando acabasse com Pounce.

E, de verdade, segurava-a de um modo mais impessoal que os outros que a haviam tocado. Celia se remexeu nervosa.

– Pobrezinha – disse Risk ao apreciar seus ressecados lábios. – Quanto tempo faz que não bebe água?

– Não... não lembro – disse com seu inglês vacilante.

– Beberá e comerá quando acabe a briga. *El Vagabond* dispõe de um cozinheiro de primeira, serve uma comida que não causa dano ao estômago.

Ela nem sequer tentou entender o que havia dito.

– Seu capitão... pode ser derrotado?

– Oh, não. Griffin é pior que o diabo nas brigas corpo a corpo.

Ela olhou para Risk com curiosidade. Parecia uma pessoa quase civilizada em comparação com os demais. Tinha o cabelo muito curto, o contrário dos cachos exuberantes de Griffin. Contrariamente ao que poderia fazer pensar o tapa-olho, seus traços estavam longe de serem desagradáveis. Era um homem jovem, mais ou menos de sua idade.

– Por que faz isso? – Perguntou. – O que quer de mim?

– Isso o capitão lhe dirá. Mas saiba uma coisa: estará melhor com Griffin do que com Legare.

Ela o fitou com amargura. Como não encontrou as palavras adequadas em inglês, teve que compor uma curiosa resposta: – Não pode estar seguro disso.

– Estou – disse Risk e começou a rir. Levantou-se e a pôs em pé. – Vamos, princesa, assistamos ao espetáculo.

Celia não entendeu como iam poder ver algo com a confusão que havia na taberna.

Todos os presentes pareciam animais, berrando com maus modos com seus ameaçadores punhos no alto e a ânsia de sangue refletida em seus rostos. De vez em quando, se produzia um espaço entre a massa de corpos e podia entrever o cintilar das facas no centro do círculo. Risk não pôde evitar lançar também um par de alaridos. Ela puxou o seu braço para afastar-se, mas a tinha muito bem agarrada; seu guardião não iria deixá-la ir.

Pounce era pouco menor que um gigante, com uma desgrenhada cabeleira castanho escuro.

Griffin esquivou-se várias vezes das investidas da faca de Pounce, se agachou e lhe deferiu um soco no flanco. Quando seu adversário caiu ao chão, Griffin se lançou sobre ele. A bota de Pounce o deteve batendo contra seu peito, e o capitão deixou escapar o ar enquanto caía para trás. Rodando quando tocou o chão, Griffin se pôs em pé de um salto. Se colocaram cara a cara, respirando com dificuldade, com a roupa úmida de suor.

– O grande capitão Griffin – disse Pounce. – Quando acabar com você, não será mais que uma mancha no chão.

Griffin não se incomodou em replicar, seus olhos azuis fitavam com intensidade a cara malfeita de seu oponente.

Pounce lançou alguns ataques e Griffin se jogou para trás várias vezes para evitar suas arremetidas. Mudando de posição a grande velocidade, os oponentes avançavam e retrocediam em uma luta que, por todos os ângulos, parecia equilibrada. Griffin deteve um forte golpe com o braço esquerdo, se voltou com um rápido movimento e cravou a faca com surpreendente precisão nas costas de Pounce, que morreu no ato, caindo ao chão de toda sua altura.

Um inesperado silêncio se apossou da taberna durante alguns segundos. Aos poucos, os presentes começaram a lançar exclamações e gritos.

Rindo exultante, Risk deu a Celia um amistoso empurrão.

– Agora, princesa, pode estar segura de que não passará a noite com André Legare.

Celia respirou fundo e afastou a vista. Tinha a cara entorpecida e pálida. Abraçou a si mesma. Que Griffin tivesse vencido não era motivo de júbilo. Não havia diferença entre ele e o homem que havia matado Philippe. Eram

assassinos sem escrúpulos que destruíam tudo o que se interpusesse em seu caminho. Talvez suas torturas fossem mais refinadas que as do capitão Legare, mas nem por isso era um monstro de menor calibre.

Do outro lado do local, André Legare estava tendo um ataque de raiva. Tinha a cara avermelhada e lhe apareciam as marcas das veias no pescoço.

– Será minha. Dominic, tem que ser minha... minha.

Sem elevar a voz, seu irmão lhe respondeu: – É claro, *mon frère*. Sabe sem dúvida que não deixarei que leve seu presente.

André não disse mais nada. Dominic passou por cima do ensanguentado Pounce e se aproximou de Griffin, que acabava de extrair sua faca do cadáver e estava limpando-a.

– Demonstrou ter boa mão com a faca – apontou Dominic quase em um sussurro, apesar da barulhenta excitação que reinava na taberna.

Griffin o fitou com ar sardônico.

– Não tinha nenhuma intenção de demonstrar nada.

– De qualquer modo, assim foi. E tal como combinamos, a mulher é sua. Mas amanhã pela manhã, esta noite não.

Griffin não se alterou.

– A mulher é minha agora – disse.

– Por desgracia, André não terá consolo se não passar uma noite com ela.

Griffin esboçou uma careta de desgosto.

– Ela não sobreviveria a uma noite com ele. As práticas de seu irmão com as mulheres não são um segredo, Legare. E ela está fraca.

– Me ocuparei de que não seja muito rude com ela.

– Não me entendeu – respondeu Griffin com voz calma. – Não estou disposto a negociar.

Risk os interrompeu, arrastando Celia pelo braço.

– Aqui a tem, capitão. Ganhou-a! – Lançou a mulher aos braços de Griffin.

Este observou a exausta dama, sua delicada cabeleira esparramada sobre os ombros e o peito do capitão. O difícil momento pelo qual havia passado fez com que sua pele tivesse adquirido uma pálida tonalidade. Seus olhos castanhos pareciam ausentes, como se seu ser tivesse se retirado a um mundo interior em que nada podia alcançá-la.

Obviamente, a delicada força que ele havia admirado fazia poucos minutos havia se evaporado por completo. Tentou calcular quanto mais poderia suportar antes que a situação acabasse com ela.

Dominic Legare dedicou a Griffin um malicioso sorriso.

– Disporá dela ao alvorecer, Griffin. Mas esta noite estará a serviço de André. Se quer que comecemos uma disputa... adiante.

Griffin praguejou entredentes. Ambas as tripulações estavam desejosas de qualquer desculpa para lançar-se em uma briga; suas mútuas invejas e rivalidade vinham de longe. Uma disputa entre os dois capitães daria início a uma autêntica guerra.

– Recorde que meus homens superam em número aos seus – Indicou Legare. – Não creio que tenha intenção de arriscar a vida de boa parte de sua tripulação unicamente para satisfazer o desejo de se deitar com esta mulher, ou sim? Seus homens não o perdoariam. Em poucas palavras, capitão Griffin, sabe tão bem como eu que não pode permitir-se o prêmio que ganhou.

Risk enrugou a testa.

– Que demônios significa isto? – Perguntou.

– E a respeito do dinheiro... – prosseguiu Legare.

– Nem um centavo até que ela esteja em minhas mãos e em perfeito estado – disse Griffin muito devagar.

– *Bien sûr*, acertaremos pela manhã.

Risk observava boquiaberto.

– Capitão, não pode permitir que esse bêbado gordo passe uma noite com ela! Sabe muito bem o que fará...

– Silêncio – Griffin ordenou laconicamente.

– Mas... – Risk percebeu a mensagem que seu olhar continha e calou-se.

Griffin empurrou Celia para Legare com rudeza. Dominic segurou-a pelos ombros.

– Diga a seu irmão que se contenha com ela – advertiu Griffin friamente – ou lhe cortarei a cabeça.

O sorriso de satisfação de Dominic se esfumou.

– Ninguém ameaça André.

A cara barbuda se mostrou impassível.

– Estou fazendo um favor a André.

Celia olhou para Griffin com autêntico desprezo. Mas, pelos santos, por qual razão sentia-se traída por aquele homem? Em nenhum momento havia acreditado que fosse levá-la a Nova Orleans, mas uma parte de si mesma havia querido crer que existia a mínima possibilidade. Aqueles olhos azuis haviam perdido sua dura intensidade, pareciam vazios e frios.

– *A demain* – disse ele com um impecável sotaque francês. – Até amanhã – mas lhe pareceu que ela não o escutava.

“Até amanhã”, pensou ela com amargura, convencida de que para ela não haveria um amanhã. Griffin lhe sustentou o olhar durante um surpreendente instante, e depois olhou para outra parte; pelo visto, havia perdido o interesse.

– Jack – disse fazendo um gesto para Risk, e os dois saíram da taberna.

– Cadela irritante – disse-lhe Legare quase em um sussurro enquanto se dirigiam para onde se encontrava André. – Espero que me meu irmão lhe dê um bom açoite.

Celia entrou no cômodo aos tropeções devido ao forte empurrão que lhe proporcionou André. Caiu ao chão, levantou-se com os antebraços e observou surpreendida o surrado tapete Aubusson que se estendia sob seu corpo. Não era o que se esperaria encontrar em um forte destruído. O local estava cheio de refinados objetos de ouro, móveis esculpidos que não combinavam um com o outro, luminárias barrocas e luxuosos detalhes. Havia pó, restos de comida e manchas de licor por todas as partes. Um odor enjoativo encheu-lhe o nariz provocando-lhe náuseas.

André se inclinou sobre ela fitando-a com lascívia.

– Tudo o que vê são presentes de Dominic. Como você.

– El...ele cuida de você – gaguejou, pondo-se em pé.

– Dominic? *Oui, toujours*, desde sempre. Desde que éramos meninos em Guadalupe. Órfãos.

Ela observou com o canto do olho em busca de algo que pudesse utilizar como arma contra ele.

– E... e lhe proporciona todas as mulheres? – Perguntou afastando-se de André. – Não fica nenhuma para ele?

André vigiou seus movimentos.

– Me dá todas e não fica com nenhuma – respondeu com voz pastosa, estendendo o braço para agarrá-la.

Celia mexeu-se e deu um passo atrás, evitando aquela mãozona gorducha.

Rindo perversamente, ele a segurou pelo cabelo e puxou-a para a desfeita cama de mogno. Celia gritou quando a lançou no meio do colchão. Apesar de ser gordo e balofo, André tinha força mais que suficiente para forçá-la a fazer o que quisesse. Os lençóis estavam sujos e cheiravam mal. Antes que pudesse mover-se, ele já havia agarrado seu pulso e o havia atado à cabeceira da cama

com uma tira de couro que estava pendurada na mesma. André respirava agitado devido à excitação e o esforço. Agarrou-lhe o outro braço. Celia começou a gritar sem parar enquanto ele tentava alcançar a outra tira de couro do outro lado da cama. Lutou com todas as suas forças, mas estava muito fraca. Deixando-a completamente indefesa, André lhe arrancou a parte superior do vestido, deixando à vista seu formoso e pálido corpo. Colocou sua pesada barriga em cima do ventre de Celia ao inclinar-se. Mostrando os dentes, baixou a boca até seu peito. Celia viu a si mesma descendo a um incompreensível inferno de horror, e sua mente começou a perder-se em seus próprios refúgios, rechaçando a evidência do que estava ocorrendo. De repente, deixou de sentir o asfixiante peso de seu corpo. Os gritos cessaram e se impôs um surpreendente silêncio ao ver como uma faca abria a garganta de André, deixando sair um borbotão de sangue vermelho escuro. Caiu sobre o tapete Aubusson, levando as mãos à garganta, grunhindo de um modo muito peculiar. Seu corpo preso em convulsões.

Griffin estava atrás dele, limpando nesse momento a faca na camisa de André.

– Mudei de opinião – disse sorrindo com frieza e sem afastar o olhar dos desorbitados olhos de André. – Não posso esperar para tê-la amanhã pela manhã.

André apertou sua garganta com mais força. Piscou um par de vezes e depois fechou os olhos. Pouco a pouco, as mãos relaxaram.

Griffin guardou sua faca na bota e se voltou para o leito, ignorando o cadáver de André Legare. Tirou a jaqueta e começou a desabotoar a camisa negra, enquanto seus impassíveis olhos azuis repassavam sobre a atônita mulher. Seu corpo mostrava alguns chamativos hematomas escuros. Precisava engordar um pouco. Estava tão magra que os ossos do quadril apareciam.

Mas algo nela despertou um impulso primitivo que mal pôde controlar. Griffin tinha já bastantes problemas para perder o controle e desperdiçar alguns valiosíssimos segundos em olhá-la. Seus seios eram pequenos, mas perfeitamente curvados, coroados com diminutos mamilos rosados. Ele desejou lambê-los e chupá-los. Desceu com o olhar devagar por seu plano ventre até chegar ao triângulo de delicados cachos dourados. Teria sido fácil subir em cima dela e aliviar a dolorosa e crescente pressão em sua virilha. Lançou a camisa sobre a cama e voltou a colocar a jaqueta. Ela o observou enquanto desatava seus pulsos. Griffin sentiu o contato de sua pele fria.

– Como se chama? – Perguntou-lhe em francês, sentando-se sobre a cama. Ela permaneceu imóvel e em silêncio. Repetiu a pergunta com maior rudeza, temendo que a mente dela tivesse perdido o contato com a realidade.

– Celia – sussurrou ela.

Que fosse capaz de responder aliviou Griffin.

– Não dispomos de muito tempo, Celia. – Com habilidade, rasgou os restos do vestido e meteu-lhe os braços pelas mangas da camisa negra. Ela não moveu um músculo enquanto ele lhe cobria o corpo nu. – Faça tudo o que lhe disser. Entendeu?

O olhar de Celia parecia ausente. Amaldiçoando, Griffin procurou pelo cômodo, encontrou uma garrafa de rum meio vazia junto a Celia. Quando lhe colocou a garrafa nos lábios, ela se recuperou o suficiente para protestar e afastar o rosto. Griffin a segurou pela nuca e aproximou a garrafa novamente.

– Beba, maldição, ou lhe taparei o nariz e derramarei o rum diretamente em sua garganta.

Trêmula, ela deu um trago do áspero líquido e ofegou como se lhe queimasse a garganta.

– Oh...

– Outra vez.

Celia obedeceu e permitiu que lhe aproximasse novamente a garrafa aos lábios. Dois goles mais e sentiu como se lhe tivessem acendido um fogo por dentro e por fora. Suas bochechas recobriram alguma cor. Observou a barba de Griffin e depois olhou para si mesma, como se só agora compreendesse o que havia ocorrido.

– Melhor assim – disse ele em voz baixa, comprovando que o olhar de Celia evidenciava que se encontrava presente.

Deixou a garrafa de lado e a ajudou a descer da cama. Quando seus pés tocaram o chão, ela tentou soltar-se, mas ele a atraiu para si e a obrigou a jogar a cabeça para trás para fitá-la nos olhos.

– Escute-me, pequena louca. Sou sua única oportunidade de sair desta ilha. E depois do que acabo de fazer por você, o preço que colocarão pela minha cabeça parecerá tentador inclusive para meus próprios homens. Irá aonde eu diga, e fará exatamente o que eu diga, se não quer que lhe torçam o pescoço.

Não havia a menor delicadeza no modo como a apertava contra si. Poderia matá-la com um simples giro de seus pulsos. Tremendo, Celia olhou para o chão, para a retorcida e sangrenta massa de carne que antes havia sido

André Legare.

– Sim – Griffin disse com suavidade. – Já sabe do que sou capaz.

– Não me machuque – sussurrou ela sem fôlego. – Farei tudo o que disser.

– Bom. – Soltou-a e tirou a fita que mantinha sua longa e negra cabeleira recolhida. Celia não se mexeu. Ele fechou a camisa e lhe atou a corda ao redor da cintura. Aquela roupa ficou pendurada nela como se fosse uma tenda de campana, chegando-lhe até os joelhos.

– Por... por quê fez isto por mim? – Perguntou.

– Porque lutei por você e ganhei. E ninguém me tira o que é meu.

– O que quer de mim?

Griffin ignorou a pergunta.

– Vamos – Tomou-a pela cintura e a levou para a porta, detendo-se de forma abrupta ao notar que ela coxeava. – Maldição, o que acontece?

– Nada... é só que...

Ele se ajoelhou e pegou um dos doloridos pés de Celia. As suaves solas estavam acostumadas a calçar sapatos. Caminhar descalça sobre superfícies ásperas havia lhe provocado alguns lancinantes e dolorosos cortes. Cada passo que dava era como caminhar sobre cacos de vidro.

– Bom, isto nos atrasará.

– Não é culpa minha – replicou ela.

Com um rápido movimento, Griffin pegou sua longa faca e ela cobriu a cabeça com os braços e retrocedeu para a porta. Griffin murmurou algo sobre a idiotice das mulheres, levantou-a do chão e a colocou sobre o ombro. Com uma mão segurou-a com força e com a outra apertou a faca. Saiu pela porta esquivando-se do corpo sem vida de um dos homens de Legare.

Carregou-a por um escuro corredor da antiga fortaleza, deslocando-se com a graciosidade de um leão, sigiloso e seguro. Celia pendia indefesa em seu ombro, tonta e meio bêbada. Aflita, perguntou-se o que a esperaria ao final dessa viagem infernal. Griffin parecia conhecer perfeitamente a disposição dos corredores, pois ignorava as falsas entradas e os corredores que não levavam a nenhuma parte, tomando atalhos pelos cômodos vazios a caminho da saída.

O som de vozes alertou-o, obrigando-o a esconder-se em um escuro corredor. Baixou Celia até que seus pés tocassem o chão. As vozes foram se aproximando até que Celia discerniu que se tratava de dois homens acompanhados por uma mulher. Obviamente a levavam a algum lugar onde

entreteria a ambos. A conversa que mantinham era vulgar e obscena. Apesar do risco que representava que pudessem descobri-los, Griffin sorriu brincalhão ante a expressão de desagrado de Celia. Guardou a faca no cinturão para que nenhum brilho pudesse traí-los.

– Por aqui, rapazes – disse a prostituta com um ronronar sensual, e os marinheiros a seguiram com alegre despreocupação.

– Indique-nos o caminho, milady, e depois não se detenha – acrescentou um dos homens, e o outro riu.

Aterrorizada, Celia se apertou contra Griffin quando as três figuras passaram diante da entrada do corredor. O corpo de Griffin era forte e musculoso. Apesar de que ele não se moveu nem fez nada para protegê-la, ela se sentiu um pouco reconfortada.

– Espere...! – Exclamou um dos homens, detendo-se e dando uma olhada ao corredor escondido na penumbra. – Ora, ora!

Griffin ficou tenso e sua mão procurou instintivamente a faca.

– O que viu, bonitão? – Perguntou a prostituta.

Celia sabia que o marinheiro os havia visto. O pânico invadiu-a e se perguntou o quê Griffin ia fazer. Seria capaz de matar os três diante de seu nariz?

Griffin fez um inesperado movimento: fez com que Celia se voltasse e que apoiasse as costas contra a parede. Confusa, ela o olhou nos olhos enquanto ele passava os longos dedos em seu cabelo. Inclinou sua cabeça escura para ela, que notou o roçar da barba. Suas bocas se tocaram e ele a beijou rudemente. Ela deixou escapar um gemido de temor e agarrou-lhe os pulsos. Quando tentou tomar ar, seu nariz se encheu do aroma masculino de Griffin. No princípio, aquele beijo não foi nada mais do que brutal dominação, mas ao notar a boca da mulher, ele torceu ligeiramente a cabeça e afrouxou a pressão. Deslizou a língua entre seus lábios e se dispôs a explorar com ânsia.

Ela puxou debilmente seus pulsos, mas ele a obrigou a colocar as mãos por cima da cabeça apertando-as contra a parede. Tremendo, Celia respirou fundo procurando esquecer onde estava. Tudo desapareceu exceto o assalto sobre seus sentidos. Seus pulmões pareciam cheios de fogo, e ela se retorceu em vão tentando libertar-se da onda de calor que a invadia.

Griffin colocou o joelho entre os dela e os separou. Puxou-a até colocá-la ao redor de suas robustas coxas. Celia gemeu ao notar o terrível prazer que percorria seu corpo. Acabava de trair tudo o quanto ela era, tudo aquilo que

havia mantido com zelo, e o pior era que não podia voltar atrás. Griffin lhe cobriu um seio com a mão, esfregando suavemente o mamilo com o polegar até provocar sua ereção. Ela arqueou as costas com um calafrio, seu corpo respondia às carícias sem ter em conta sua vontade. De algum modo, seus braços lhe rodearam o pescoço e os dedos se entrelaçaram na cheia cabeleira de Griffin... De algum modo, as mãos daquele homem acalmavam o furor que seus seios transmitiam, brincando com as pontas eretas, e seu quadril pressionou contra suas coxas respondendo ao fluído vai e vem que ele havia começado a fazer.

A prostituta virou os olhos e viu a silhueta de duas figuras entrelaçadas na sombra; não pôde evitar sorrir.

– O que é? Não é nada mais que uma das garotas e um grandalhão aproveitando. – Deu um passo para ele e apoiou uma mão em seu amplo quadril. – Eh, amiguinho, se importa que nos unamos à festa?

Griffin elevou a cabeça tendo cuidado em manter o rosto fora do alcance da luz.

– Vão embora – instou com rudeza, uma nota de perigosa advertência ressoando em sua voz.

Com sensatez, a mulher se afastou para evitar problemas. Fez com que seus dois amigos a seguissem.

– Deixemos esses dois sozinhos e nos ocupemos de nosso assunto – disse. – Eh, estiveram alguma vez com a mesma mulher ao mesmo tempo?

Os marinheiros foram atrás dela ansiosos.

Celia os observou afastar-se e desaparecer. Sua respiração era irregular, e com seu hálito acariciava os cachos negros do pelo do peito de Griffin. Não podia elevar o olhar, sentia que ele a havia humilhado. Não se considerava melhor que aquela prostituta. Como era possível que tivesse se comportado desse modo? As sensações que haviam brotado de seu interior não lhe pareciam familiares, mas sim dolorosamente confusas.

Sabia que existia a luxúria, um desejo que não tinha nada a ver com o amor, mas até esse momento nunca havia experimentado algo assim. Amava tanto Philippe que não suportava a ideia de viver sem ele, entretanto acabava de ser infiel ao amor e aos ideais que haviam compartilhado. Os olhos lhe ardiam. Custou-lhe um tremendo esforço manter as lágrimas afastadas.

Pouco a pouco, Griffin foi retirando os joelhos de entre os dela, mas continuava segurando-lhe os pulsos. Nenhum dos dois se moveu até que Celia se obrigou a elevar o queixo.

– Solte-me – sussurrou com um tom que destilava ódio.

O rosto de Griffin estava na penumbra. Mal podia ver o leve brilho de seus olhos. O silêncio se fez mais profundo. Ele voltou a inclinar a cabeça.

– Não – gemeu antes que suas bocas se tocassem.

Ele lhe rodeou a cintura com seus musculosos braços e atraiu seu quadril contra a considerável protuberância que havia se formado sob sua braguilha. Obrigou-a a separar os lábios com um beijo devastador. Celia sentiu crescer a raiva em seu peito. Remexeu-se com todas as suas forças, usando unhas, cotovelos e joelhos. Mas ele sufocou seus gritos com os lábios e deslizou as mãos até suas nádegas, acariciando-a com insolência. Celia gemeu e estremeceu, sua resistência pouco tinha que fazer contra a força de Griffin, e ao final seus sentidos se renderam.

Estava beijando-a de um modo que Philippe jamais o havia feito, sua boca tinha algo de bárbaro, voluptuoso e primitivo. A ponta de sua língua deslizou por debaixo do lábio superior, encontrando um ponto de sensibilidade insuportável, e o esfregou até que ela gemeu. Fez com que ela respirasse dentro de sua boca, umedeceu o interior de suas bochechas com a língua e traçou a linha de seus dentes.

Quando pôs fim ao beijo e permitiu que se afastasse de seu corpo em plena excitação, Celia estava demasiado abobalhada para mover-se. Ofegando, apoiou-se contra a parede e fechou os olhos.

A voz de Griffin tinha um tom irônico: – Estou intrigado, madame Vallerand. Tem o aspecto e fala como uma dama, mas não beija como tal.

Após cruzar uma porta do forte em desuso, mais um buraco na parede que uma autêntica porta, Griffin a deixou no chão. Depois a levou até um canto da fortificação. Chegava até ali o murmúrio das conversas dos bêbados, as brigas e os gritos das prostitutas entretendo seus clientes na praia. Havia pontos de luz produzidos pelas tochas, e um mar de sombras. Griffin lhe afastou uma mecha da cara e disse-lhe ao ouvido: – Vê esses três armazéns alinhados que há ali? Um bote nos espera do outro lado. Se lhe disser que corra, mova-se rápido e não olhe para trás. Entendido?

– Entendido – repetiu ela com a vista cravada naquelas três edificações.

Ele a agarrou com firmeza pelo cotovelo.

– Vamos.

Celia estava muito ansiosa para notar o quanto lhe doíam os pés. Griffin a levou ao longo do muro do forte coberto de musgo e cruzaram um curto pedaço de terra até um montículo de rochas. Celia sufocou um grito ao ver

uma magra figura apoiada contra uma rocha. O homem se moveu, deixando cair a garrafa que tinha sobre o colo, e pôde ouvir um sonoro ronco. Griffin se ajoelhou sobre o bêbado. Celia conteve a respiração enquanto Griffin tirava uma caneca das mãos do homem.

Griffin estudou o terreno. Ao comprovar que estava livre, agarrou Celia pela mão livre e a arrastou para os armazéns. Ela tentou seguir o ritmo de suas largas passadas. Ao rodear uma das edificações, uma voz áspera surgiu na escuridão. *Qui est-ce?* A silhueta de um homem saiu a seu encontro. Era um dos homens de Legare encarregado de vigiar o armazém. Após um primeiro olhar, gritou pedindo ajuda e se lançou para eles com a espada em riste.

Celia ficou paralisada como um coelho assustado.

– Vamos! – Nem sequer a voz cortante de Griffin foi capaz de tirá-la da paralisia. Começou a andar ao notar a palmada que lhe deu na nádega. Sem pensar, correu para a margem.

Griffin se atirou ao chão e rolou para um lado. A espada se cravou na areia. Antes que o atacante pudesse extraí-la, Griffin saltou sobre o atacante, e o matou em um abrir e fechar de olhos. Justo quando o homem estremecia com um espasmo de morte, Griffin ouviu passos na areia. Olhou ao redor e viu outro homem de Legare, alertado pelo grito de socorro.

Neste momento Griffin não teve oportunidade de evitar a investida da lâmina. Retorceu-se, sentindo o golpe da espada em um lado do ombro. Ignorou a dor intensa, pôs-se em pé e agarrou o pirata pelo braço, derrubando-o com violência. Rodaram pela areia, brigando como cães e grunhindo, até que Griffin lhe acertou um golpe brutal e rompeu-lhe o pescoço.

Respirando pesadamente, pôs-se em pé.

Celia percorreu a praia aos tropeções, com os pulmões doloridos devido ao muito que lhe custava respirar. Distinguiu uma forma obscura, uma pequena embarcação na água, mas se deteve ao ver o grupo de homens que rodeavam o bote. Devia aproximar-se deles ou não? Era esse o bote que Griffin lhe havia dito que tinha que alcançar, e se sim, aqueles homens lhe ajudariam ou poderiam ser outro grupo de cruéis raptos?

Um homem negro se encaminhou até ela. Usava um lenço colorido na cabeça e roupas folgadas cobriam seu corpo musculoso. Seus traços eram parecidos com os de uma ave de rapina e sua expressão não demonstrava pensamento nem emoção alguma. Celia piscou ao perceber que duas pistolas

estavam penduradas em seu cinturão. Pegou a garrafa de whisky, deu a volta e começou a correr empurrada pelo pânico.

Só tinha uma coisa em mente: encontrar um lugar onde se esconder. O perigo e a escuridão a rodeavam, já não se sentia humana, mas um animal acossado pelos lobos.

Capítulo 3

Celia ouviu alguns passos rápidos às suas costas. De repente, viu-se levantada do chão por um par de braços brutais. Gritou e tentou arranhar a cara de seu captor.

– Calada, pequena idiota – disse-lhe ao ouvido uma voz conhecida.

Passou os braços ao redor do pescoço e com os dedos tocou uma mecha de espesso cabelo negro. Era Griffin. Sem trocar palavras, ela afundou a cara no espaço entre seu pescoço e seu ombro. Já não pensava em escapar dele. Era a única possibilidade de sobreviver.

Griffin a levou até a margem, afastando a garrafa com o pé ao passar junto a ela. O negro de quem Celia havia fugido momentos antes uniu-se a eles.

– Vamos sulcar águas encrespadas, Aug – murmurou Griffin.

– Como sempre, os substimou, capitão. – Aug fitou-o com gravidade. – Feriram-no.

– Não é nada. Como está Risk e o resto da tripulação?

– Tanto eles como o *Vagabond* já estão preparados.

– Bom. Nenhum de nós estará a salvo até que tenhamos nos afastados desta ilha sanguinária.

Na cara de Aug se desenhou algo parecido a um sorriso.

– Creio que matou o Legare errado, capitão.

– Sim – respondeu Griffin com pesar. – Tenho que levar uma coisa de contrabando a Nova Orleans. – A viagem dura, no mínimo, vinte e quatro horas. – Saíamos daqui.

Meteu os pés na água e depositou Celia no barco, onde meia dezena de homens estavam sentados nos remos. Ao largá-la, lhe pareceu difícil livrar-se de seu abraço.

–Solte-me – disse, mas ela se negou a abrir os braços. – Disse para me soltar – repetiu com tom mais ameaçador. Ao ver que não lhe fazia caso compreendeu o quanto estava assustada. Suavizou então a voz para dizer contra sua bochecha. – Está a salvo, *ma pouvre petite*. Ninguém vai machucá-la. Mas agora se comporte como uma boa garota. Faça o que digo.

Ela afrouxou os braços e a contragosto enroscou-se sobre o piso de

madeira do barco.

Griffin e Aug empurraram o barco para o mar e saltaram a ambos os lados do mesmo. Apesar dos protestos de Aug, Griffin pegou um remo e contribuiu com o frenético remar que os afastava cada vez mais da orla. A ilha acabou desaparecendo de vista e se aventuraram em um mar tranquilo como um lago. Tratava-se de uma rota de contrabando que usavam com regularidade, e que exigia grande habilidade para navegar por ali sem perder-se irremediavelmente. Doía-lhe o ombro ferido, então deixou de remar e sentou-se junto a Celia na proa. Os remadores adotaram um ritmo mais lento, que poderiam manter por horas. Remavam em silêncio, sem descanso, como se todos formassem parte de uma engrenagem.

–Tome –Griffin deixou sobre o colo de Celia um cantil de água. –Beba devagar.

Ela observou aquele objeto sem compreender o que era, até que se deu conta de que era água e tirou a tampa com um ímpeto de energia. Jogou a tampa e bebeu com ânsia para aliviar a secura de sua garganta. Arrancaram-lhe o cantil das mãos no ato. Ela tentou recuperá-lo, desejosa de beber um pouco mais daquela água preciosa.

Griffin manteve o cantil fora de seu alcance e sentou Celia sobre seu colo para acalmá-la.

–Devagar – disse, aborrecido e surpreendido. –Lentamente. Entendeu-me?

–Oh, por favor – suplicou ela com voz rouca. –Tenho tanta sede... Só mais um gole...

–Espere um momento.

–Mas preciso...

–Shh. Não deseja que sua barriga doa, não é?

Celia deixou de dar golpes para recuperar o cantil e fitou aquele rosto barbudo com desconfiança, dando por certo que estava comportando-se de modo cruel. Mas a pequena quantidade de água bebida a reanimou o suficiente.

–Ca... capitão Griffin, por que fez isto? Por que me leva a Nova Orleans?

–Talvez deseje congarçar-me com sua família. Não é frequente acontecer que Maximilian Vallerand lhe deva um favor.

Celia cravou o olhar em seus olhos azul escuro.

–Por favor – sussurrou. –Por favor. Eu... eu perdi tudo. Não me resta nada... nem esperança, nem marido, nem futuro. Diga-me ao menos a

verdade. Que valor tenho para você? Por que arriscou sua vida e a da tripulação? Por que está disposto a matar... por mim? –Poderia ter continuado, mas algo naqueles intensos olhos azuis lhe cortou a respiração. Teve que afastar o olhar para poder respirar.

–Talvez eu tenha decidido que valia a pena – disse ele em voz muito baixa para que os demais não o ouvissem. –Que seria bom sacrificar uma dezena de vidas por você, ou enfrentar qualquer risco. Fazia anos que não tocava em uma mulher como você... Uma mulher com suaves mãos brancas e olhos de menina. Sim, creio que essa seria razão suficiente.

De repente, ela ficou consciente do modo como seus seios se apertavam contra ele. Não usava outra coisa além do camisão, e sem dúvida ele estava notando a forma de seu corpo, o calor de sua pele através do fino tecido. Incômoda, tentou mover-se, mas ele não permitiu.

–Te...Tem que haver outra razão –gaguejou ela.

–Ainda que não a tivesse, ainda assim a livre de Legare.

"*Mon Dieu*", pensou. Sua pulsação se acelerou ao compreender que não ia libertá-la sem exigir que pagasse por isso com seu corpo. Começou a tremer ao recordar a insistência de sua boca, a força de seu corpo apertando-se contra o seu, a firme coxa que a havia obrigado a separar as pernas. Apesar de tentar ser amável com ela, poderia matá-la até sem nada dizer.

–Treme –assinalou Griffin. –Porque sabe que a desejo. Mas quando a tive entre meus braços, *ma petite*, respondeu com o mesmo desejo.

Ela ficou tensa. Desejava escapar daquele sussurro que lhe arrepiava a pele. Queria livrar-se de seus braços e afastar-se de seu hipnotizante olhar e do alcance daquelas mãos que podiam ser carinhosas e letais ao mesmo tempo. Mas estava presa ao seu lado naquele barco. E sem ele, não tinha chance de chegar a Nova Orleans.

–Porco egoísta – respondeu trêmula. –Não o desejo, mas você quer acreditar que sim. Pouco lhe importa que tenha acabado de perder meu marido.

–Importa-me mais do que supõe. Mas já que está morto, madame Vallerand, tentar manter sua virtude matrimonial não tem sentido. –Entregou-lhe o cantil. Ela bebeu com avidez, sua sede estava acima de qualquer coisa. Novamente, ele arrebatou-o de suas mãos após alguns goles ansiosos. –Não tem nenhum cuidado –disse com um leve sorriso. –Por hora, é suficiente.

Pronunciou estas últimas palavras em inglês, e Celia respondeu: –Não creio que tenha sido o suficiente ainda. –Tinha os olhos cravados no cantil.

Ele não respondeu. Não tinha intenção de permitir-lhe beber mais, e ela ficou em silêncio. Pouco a pouco, o ritmo das remadas foi provocando-lhe sono. Em duas ocasiões bateu com a cabeça no ombro de Griffin, levantando-a imediatamente piscando com insistência. Na terceira vez apoiou a cabeça, pois estava exausta. Griffin não se queixou.

–O outro ombro está ferido, –sussurrou ela – *non?*

–Não, não está ferido.

Com um murmúrio incoerente se acomodou ao corpo do capitão, e o esgotamento a impediu de permanecer acordada por mais tempo.

A luz da manhã despertou Celia de um profundo sono sem sonhos. Um sol vacilante aparecia entre os ramos das árvores que tinha acima de sua cabeça, iluminando um mundo verde acinzentado, cercado por longos cipós e musgos. A água estava coberta por uma delicada camada de vegetação sobre a qual zumbiam e espalhavam-se centenas de insetos. Samambaias com formas de flor e grupos de hastes se alinhavam em todas as margens. Um pesado odor de mato, fresco e antigo, marcava o ambiente úmido.

Havia ciprestes de tronco incrivelmente grosso que deviam estar ali desde que o mundo foi criado. Grossas lampreias nadavam entre suas raízes meio submersas. Escondidos nessa mescla de árvores e água ficava difícil crer que em algum outro lugar existissem ruas pavimentadas e casas brancas, salões de sonhos com pianos, estantes cheias de livros e poltronas com abas. A civilização parecia pertencer a outro mundo.

Aos poucos reparou que estava confortavelmente encaixada entre as coxas de Griffin, com uma orelha apertada contra seu peito, ouvindo as batidas de seu coração. Imediatamente tentou afastar-se. As costas lhe doíam horivelmente, como o pescoço, os ombros e as pernas; de fato, todo o corpo lhe doía. Não pôde evitar um gemido de angústia. Griffin colocou suas mãos na nuca dela e massageou-a suavemente com seus longos dedos.

–Não – disse ela meio adormecida, rebelando-se ante a perspectiva de ser tratada com semelhante familiaridade por parte de um desconhecido. Quatro remadores olhavam em direção oposta àquela onde ela se encontrava, mas Aug e mais dois homens estavam sentados na popa. Não perdiam nenhum detalhe.

Ignorando seu protesto, Griffin desceu as mãos até seus ombros e continuou massageando os músculos tensos. Celia fechou os olhos resignada.

Não tinha sentido em opor-se. E aquelas mãos eram tranquilizadoras, capazes de fazer desaparecer as dores e deixar os músculos relaxados. O polegar e a ponta dos dedos trabalharam nas reentrâncias de sua coluna vertebral, costas e pescoço, depois passaram aos ombros e aos braços. De forma involuntária, Celia empurrou-se para aquelas mãos, que pareciam saber perfeitamente onde tocar.

Griffin olhou para o outro extremo do barco, a um Aug de rosto impassível.

–O quê há de importante para seguirmos? –Perguntou relaxando os suaves músculos sob as proeminentes omoplatas.

Aug respondeu em um dialeto do qual Celia não entendeu nada. Parecia derivado do francês, mas estava cheio de palavras arrastadas que não pôde decifrar.

–Isso é bom – disse Griffin, afastando Celia de seu colo. –Hoje temos que percorrer a máxima distância possível. Se não, Legare poderá apanhar-nos ao cair da noite.

Um tanto decepcionada que a massagem tivesse acabado, Celia olhou para o capitão.

–Quanto demora chegar a Nova Orleans? –Perguntou.

–Espero que estejamos ali antes da alvorada de amanhã.

–Como sabe que Legare...? –Começou, mas se deteve ao observar o rosto de Griffin pela primeira vez à luz do dia. Aqueles intensos olhos cor de safira haviam adquirido um tom violeta; e suas pestanas eram negras e muito marcantes. Viu a si mesma excessivamente pálida.

–O que ocorre? –Perguntou Griffin com aspereza.

–Seus olhos... São iguais aos de meu esposo e...

A expressão de Griffin ficou ameaçadora e ela soube que seu comentário não havia lhe agradado.

–Muita gente tem os olhos azuis –replicou.

–Mas não assim...

–Não quero saber de conversa fiada feminina – falou grosseiramente, deslocando-se até uma das fileiras de remos. Com uma careta de dor devido à ferida no ombro, pôs-se a remar. Os músculos de seu peito e seus braços incharam. Celia não afastou o olhar, perguntando-se que aspecto teria sem aquela cabeleira comprida e desgrenhada e aquela barba cheia.

–*Monsieur* – disse ao fim com timidez, e insistiu até que ele a fitou: –*Monsieur*, tenho muita fome.

Um ar de diversão brilhou nos olhos do capitão ao ouvir seu inglês vacilante. Apontou com o queixo para uma bolsa a pouca distância dela.

–Dê uma olhada aí dentro.

Celia deu uma olhada ao cantil que havia junto à bolsa e também o agarrou. Lançou um cauteloso olhar a Griffin sem soltar o cantil.

–E tenho muita sede –disse.

–Então beba –respondeu ele.

Rebuscou no interior da bolsa com impaciência e encontrou um punhado de biscoitos e fatias de carne seca. O primeiro bocado de biscoitos pareceu-lhe sem gosto. Molhou o bolo seco na garganta com um gole de água morna. Depois pegou um pedaço de carne seca, que requereu alguns minutos de concentrada mastigação.

Uma vez que a urgência ficou para trás e seu estômago estava confortavelmente cheio, deixou a bolsa e o cantil onde os havia encontrado. Depois se inclinou para olhar as dolorosas plantas dos seus pés.

–Dentro de um tempo darei uma olhada nisso – disse Griffin com voz cortante. –Enquanto isso, faça todo o possível para cobrir-se.

Celia enrubesceu enquanto puxava para baixo as saias do camisão negro.

Vendo Griffin remar, se perguntou quem seria realmente e de onde teria saído. Tinha o aspecto de um bruto fora da lei, mas falava francês com um tom perfeito, como se fosse um aristocrata. Tinha o torso musculoso de um lobo do mar, mas seus olhos evidenciavam uma aguda inteligência, e dava a impressão a Celia de que em seu passado devia ter conhecido melhores circunstâncias que as atuais. Era poderoso, –uma tripulação de piratas não o teria seguido se não fosse um homem temível e digno de respeito –e, no entanto, havia arriscado sua vida por uma mulher indefesa. Por quê? O sol chegou a seu zênite, e o barco seguiu seu caminho através das tranquilas águas do pântano até um ponto em que uma diminuta ilha dividia as águas em pequenos canais. O tronco de uma velha árvore fazia as vezes de ponte sobre um deles. Celia observou os homens do barco e notou algo parecido à expectativa. Todos permaneceram em silêncio enquanto o barco se deslocava para a margem da direita.

O agudo assobio de um pássaro rompeu o silêncio. Celia franziu o cenho com curiosidade quando Griffin imitou o assobio. Então viu movimento entre as árvores. Ao cabo de alguns segundos apareceram alguns rostos morenos entre a vegetação, empunhando mosquetes e machados. Os homens do barco os reconheceram.

–Nossa próxima tripulação – disse Griffin a Celia.

–São nossos amigos? –Perguntou sem afastar os olhos daquele variado bando.

–Não exatamente – respondeu ele com secura. –Os ribeirinhos não são leais a ninguém. Mas os pago para que levem objetos luxuosos de contrabando dos lagos ao rio.

–Por que esta tripulação não nos leva?

–É possível que estejam cansados, *enfant*.

Um dos remeiros fitou-a e sorriu.

–Cansados, claro que sim, mas eu navegaria por isso até a China se me pedisse, senhora!

Ela não entendeu completamente, mas supôs que se tratasse de um comentário amistoso, então sorriu como resposta.

Aug saltou do barco e atou a corda a um tronco meio enterrado na margem. Resmungando aliviados, os homens deixaram os remos e desembarcaram também. Celia ficou sentada, observando Griffin nervosamente. Este prendeu uma pequena bolsa de couro a um lado de sua cintura e um facão ao outro.

–Pegue esta garrafa de whisky –disse.

Ela o fez. Ele lhe passou os braços pelas pernas e as costas e levantou-a com facilidade. Quando perceberam sua cabeleira loira, os ribeirinhos lançaram uivos lupinos e gritos lascivos. Celia abraçou com força o pescoço de Griffin, assustada enquanto ele a descia da barca e caminhava para o tronco que servia de ponte. Os homens a rodearam. Estremeceu ao notar que suas mãos rudes lhe roçavam as panturrilhas nuas.

–Esta é toda a mercadoria que traz, capitão? –Perguntou-lhe um dos ribeirinhos.

–É a mercadoria mais delicada que já vi! –Exclamou outro com deleite.

Alguém lhe puxou o cabelo e ela lançou um grito. Griffin se deteve repentinamente e fitou de forma admoestadora aqueles homens com seus frios olhos azuis. Um esboço de sorriso se desenhcou, mal oculto atrás de sua barba.

–Essa mulher me pertence. Se algum homem voltar a tocá-la, cortarei seus membros.

Todos riram e nenhum pareceu sentir-se ofendido. As lascivas mãos se retiraram. Celia escondeu o rosto contra o peito de Griffin.

–Creio que se não estivesse aqui, –disse com um fio de voz –estes

homens me...

–Exato – disse Griffin com um tom sarcástico. Colocou um pé na ponte, que rangiu. –E agora, minha pequena isca para crocodilos, não baixe a vista. E, pelo amor de Deus, não me faça perder o equilíbrio ou ambos partiremos o pescoço ao bater no lodo.

Crocodilos? Philippe a havia distraído explicando-lhe aterradoras histórias sobre essas criaturas, havia lhe contado que eram parte dragões e parte lagartos. Tinham longas caudas, grande mandíbulas e dentes afiados. Fechou os olhos com força.

–Não me deixe cair –sussurrou.

–Depois dos problemas em que você me meteu? –Respondeu ele com um sorriso malicioso. –E você não deixe cair o *whisky*.

Celia não se atreveu a respirar enquanto avançavam pelo tronco.

Os ribeirinhos os seguiram com perícia, lançando uma e outra exclamação ante a visão de suas pernas pálidas contrastando com a água verdosa do pântano.

Griffin saltou da ponte para terra firme e se encaminhou para umas cabanas decrépitas situadas numa clareira.

–Um velho acampamento índio – disse quando Celia elevou a cabeça e olhou ao redor.

–O que aconteceu com eles? –Perguntou.

–Foram embora faz muito tempo. Havia muitos comerciantes e contrabandistas no rio. –Deixou-a no chão junto à entrada de uma cabana. – Aug! –Gritou. –Apressem-se. Dispomos somente de alguns minutos.

–Alguns minutos? –Repetiu Celia. –O que vai fazer?

–Entre. –Assinalou a porta. –E beba um pouco de *whisky*.

O coração de Celia disparou.

–Por quê? Por que chamou Aug? Por que...?

–Tenho que voltar a repetir? –Replicou ele com um tom levemente ameaçador.

Pálida como a lua, Celia entrou na cabana. Em um canto havia um catre de palha. Uns grandes buracos no teto e em uma parede deixavam entrar alguma luz e ar. Com mãos trêmulas, Celia destampou a garrafa e a levou aos lábios. O sabor daquele licor era pavoroso, áspero e forte, e desceu até o estômago queimando-o. Sentou-se em uma ponta do catre e esperou. Uma grande aranha de patas peludas percorria o chão e ela observou seu progresso em silêncio.

–Vejo que tem visita – disse Griffin da porta,agachou a cabeça e voltou a entrar. Deu um pontapé na aranha. –Estranho que não tenha gritado.

Celia esteve a ponto de dizer-lhe que assustavam-na mais os bichos de duas pernas.

–O porão do barco do capitão Legare está infestado de ratazanas – disse-lhe.

–Sério? –ajoelhou-se diante dela e rasgou um pedaço de tecido para partir em dois. –Bem, as ratazanas são melhores companhias que a tripulação de Legare.

–Sim, isso é certo – concordou ela, mas se jogou para trás quando ele agarrou-lhe o tornozelo.

–Quieta. –Griffin deu uma olhada na inchada sola do pé; sem dúvida tinha que estar muito dolorida. Entretanto, ela não havia se queixado nem uma só vez. Fitou-lhe o rosto com um início de admiração. Dados os abusos, a dor e o medo que havia sofrido durante os dois últimos dias, acrescidos da morte de seu marido, parecia bastante capaz de manter o controle. Muitas mulheres teriam perdido o controle sob tanta tensão. Mas, pelo visto, atrás daquela aparente vulnerabilidade se escondia uma mulher forjada em ferro.

Celia mordeu o lábio quando Griffin passou o polegar pelo seu tornozelo cheio de bolhas.

–Pobre garotinha – disse umedecendo o tecido no *whisky*. Sua voz soou amável, até carinhosa. Ela franziu a testa, confusa, pois durante alguns segundo aquele pirata recordou-lhe Philippe.

–O que vai f...? –Gritou de dor quando ele esfregou um corte que tinha areia incrustada. –Ah, *mon Dieu* – ofegou e cobriu a boca com a mão para sufocar outro grito.

–Grite se desejar – disse ele. –Não incomodará ninguém.

Ela soltou o pé de suas mãos quando ele voltou a roçar-lhe o tecido. Sentiu como se a dor se estendesse por todo seu corpo.

–Por favor, não é necessário... – gemeu.

–Seria um autêntico tormento se seus pés se infectassem. Fique quieta.

–Não posso! –Tentou resistir quando ele voltou a segurar-lhe o tornozelo e, em vez de esfregar com o tecido, com o polegar e o indicador, procurou seu tendão de Aquiles. –O... quê está fazendo? –Perguntou com dor.

Ele apertou com força sobre o nervo e o pé começou a adormecer. Pouco a pouco, Celia relaxou.

–Melhor? –Perguntou Griffin.

–Sim, melhor – respondeu com um suspiro de alívio. Apesar de que continuasse machucando-a, era muito menos que minutos antes.

Com grande destreza, Griffin seguiu limpando-lhe a areia e os diminutos pedriscos que haviam se encravado na macia planta do pé.

–Onde aprendeu a fazer isso? –Perguntou-lhe ela, adiantando-lhe o outro pé quando ele lhe fez um gesto. Aplicou a mesma pressão no tornozelo.

–Viajei muito e aprendi alguns truques aqui e ali – respondeu Griffin com um sorriso. –Mais adiante lhe ensinarei mais alguns.

– *Non, merci*, preferiria que não... – Interrompeu-se subitamente quando Aug entrou na cabana com vários sacos de tecido dobrados sobre o braço.

Impassível, Aug se acorou diante deles e se apoiou sobre os tornozelos. Começou a extrair um exótico sortimento de plumas, pequenas pedras, torrões de barro seco e bolsinhas com substâncias em pó.

Griffin levantou a mão para que se detivesse.

–Não temos tempo para encantamentos e amuletos, Aug. Vamos prescindir da cerimônia vodu. Só o que necessito é de um pouco de pó verde.

–O que é vodu? –Perguntou Celia.

–Vodu? É magia, medicina e superstição. Pratica-se no Haiti, de onde Aug é originário.

–E os pós verdes?

–Algo que vamos pôr em seus pés, desde que Aug não insista em realizar algum ritual queimando pó, plumas e unhas cortadas. Ou que lhe dê por sacrificar uma galinha.

Celia olhou para Aug, que tinha o cenho franzido devido às ironias de Griffin.

–*Monsieur* Aug é um adorador do diabo? –Perguntou ela. Se a resposta era sim, não permitiria que lhe pusesse nem uma pitada daquele pó verde no pé.

Aug replicou no mesmo dialeto que já havia usado antes, e Celia tentou em vão decifrar o que dizia.

–Não exatamente –traduziu Griffin. –Mas crê que os espíritos dos mortos às vezes regressam para atormentar os vivos.

–Você também acredita nisso? –Perguntou Celia.

Griffin sorriu.

–Os vivos sempre me deram mais problemas que os mortos.

Aug estendeu a mão para lhe tocar o pé e Celia retirou-o alarmada. Pela primeira vez, percebeu em seus olhos negros um lampejo de sorriso.

Murmurou algo em direção a Griffin, que riu.

–Aug quer que saiba que não gosta de mulheres magras. Agora deixe que olhe esse pé.

Celia permaneceu imóvel enquanto Aug a agarrava pelo tornozelo e untava a planta do pé com uma substância verde oliva. Sussurrou uma suave ladainha enquanto ia colocando retalhos de tecido ao redor da pele. Enquanto isso, Griffin curou seu ombro ferido com whisky, xingando quando o álcool lhe queimava a ferida.

–Obrigada – murmurou Celia quando Aug acabou de enfaixar os dois pés. Voltou as palmas das mãos para cima e encolheu os ombros. –Gostaria... gostaria que pudesse recompensá-lo de algum modo.

Aug apontou sua cabeleira e disse algo. Celia olhou para Griffin.

–Disse que poderia realizar poderosos feitiços se pudesse dispor de uma mecha de seu cabelo – explicou Griffin, e negou com a cabeça. –Não, aug, isso não é possível.

Vacilante, Celia inclinou-se para a comprida perna de Griffin e lhe tocou a bota onde recordava que ele guardava a faca. O capitão arqueou uma de suas negras sobrancelhas, mas não tentou detê-la. Com a ponta dos dedos, Celia retirou a faca com cuidado. Tentou pegar uma mecha de cabelo e sentiu-se consternada ao notar a quantidade de nós que se haviam formado em sua cabeleira loira. Encontrou uma mecha mais ou menos limpa sobre a nuca e cortou-a com um rápido movimento –Aqui está – disse entregando a loira madeixa a Aug, que agradeceu assentindo. Seus fortes dedos deslizaram com surpreendente delicadeza enquanto envolvia o cabelo em um pedaço de tecido.

–Não era necessário – disse Griffin.

–Era – replicou Celia observando como Aug saía da cabana. Tocou um pé enfaixado. –Estava em dívida com ele por haver me ajudado.

–E sente-se obrigada a pagar suas dívidas?

–É claro.

–Pois a mim deve a vida.

–Sim, é certo. –Olhou-o fixamente, sem piscar.

–Algum dia me ocuparei de que me recompense –acrescentou ele com tom brincalhão.

Então algo estremeceu no interior de Celia, uma espécie de nó de repulsão e angústia. Seu amado esposo havia morrido e era prisioneira de um sujo e barbudo estranho. Não era mais que um andarilho, um chacal que

ganhava a vida roubando a outros. Durante um momento seu ódio contra ele superou qualquer temor. Odio sua barba cheia, seus palavrões e sua insolência.

–Estou segura – disse com toda a dignidade de que foi capaz – de que seu orgulho o impediria de forçar uma mulher que não deseja estar com você.

Griffin não custou em entender o que sentia por ele, assim, com um toque sarcástico, disse: –Há coisas que valorizo mais que o orgulho, *petite*. E seu corpo é uma delas.

Como uma tempestade que cai de surpresa sobre um mar encrespado, o humor de Griffin passou de desagradável a cruel. Quando ela lhe perguntou com timidez onde podia fazer suas necessidades, levou-a entre as árvores, onde os demais não podiam vê-la, e caçoou de seus melindres. Apesar de virar de costas, Celia sentiu-se humilhada até começar a chorar. O som de seus silenciosos gemidos quando voltou a seu lado pareceu incomodar Griffin muito além do razoável.

–Deixe de choramingar, pequena estúpida – ele desabafou. –Só Deus sabe por que o fato de se aliviar implica para você tanta delicadeza.

Ao ver que caminhava muito devagar, Griffin puxou-a para que fosse ao seu ritmo. Quando as saias do camisão lhe subiram até a metade das coxas, perguntou-lhe sarcástico se desejava ser violada por todos os membros da tripulação, começando por ele mesmo. Após esse oferecimento, Celia sentou-se no barco o mais longe possível dele. O capitão trocou algumas palavras de despedida com Aug, deu-lhe tapas nas costas e subiu no barco.

Usando remos e longos paus, a nova tripulação levou o barco pelo indolente pântano. Os homens, apesar das insolências que lhe haviam dedicado pouco antes, se acostumaram logo à sua presença e não voltaram a importuná-la. Sua atenção foi profundamente atraída pelo exótico entorno: a densa vegetação e as folhas de tons ametista, a água lodosa repleta de tartarugas, assim como as robustas ratazanas correndo entre os juncos. Os insetos a agoniaram mais do que haviam feito os homens, e não deixou de espantar moscas e mosquitos com irritação. Ao final do dia, pensou que jamais havia se sentido tão incomodada e suja.

A noite trouxe um pouco de frescor e Celia começou a piscar sonolenta, perguntando-se se aquela viagem acabaria algum dia. O barco percorreu um último trecho úmido do pântano e alcançaram um lago amplo e frio. A luz da lua cheia refletia sobre a água escura.

A expressão de Griffin adquiriu traços de férrea determinação quando o

barco começou a sulcar a plana superfície do lago. Se fizessem um último esforço durante a noite, poderia deixar Celia na propriedade dos Vallerand em questão de horas. Poderiam atravessar o lago, rodear a cavalo o Mississippi, encontrar alguém que os passasse à outra margem e realizar uma curta viagem através do pântano St. John. Legare devia estar já lhes pisando nos calcanhares. Melhor seria entregá-la aos Vallerands o mais breve possível e depois desaparecer no meio da noite.

Olhou para Celia. Estava a um par de metros de distância, encolhida devido ao sofrimento, com a cabeça e os braços sobre o colo. Uma mecha rebelde lhe cobria o rosto. Tinha o pescoço coberto de suor e sujeira. O camisão negro havia se colado ao corpo, mas ele sabia que sob o tecido se escondiam os joelhos e os quadris próprios de uma criança. Com certa amargura, perguntou-se como havia sido possível que despertasse nele semelhante ataque de luxúria horas antes.

Ela se ajeitou e olhou para a frente, apertando as mãos sobre o colo como uma menina recatada. Griffin sentiu-se perplexo. Não podia tratar-se da mesma criatura que havia se abraçado a ele como se fosse uma segunda pele quando a beijou. Acaso ele havia imaginado a sedosa calidez de sua boca, a sedutora ondulação de seu corpo contra o dele...? Estava tão fora de si devido ao sangramento e o perigo que havia imaginado uma resposta física inexistente?

Celia apoiou o queixo nas mãos e fechou os olhos. Estava a ponto de desmaiar devido ao esgotamento. Griffin franziu a testa e decidiu que descansariam toda a noite. O sono seria bom para ambos, e essas poucas horas representariam uma insignificante diferença com respeito ao planejado. E a respeito da dívida que Celia devia pagar, havia dito isso unicamente para atormentá-la. Ela havia acertado ao dizer que ele jamais forçaria uma mulher que não quisesse estar com ele. Assim sendo, aquela dama francesa não corria nenhum perigo ao seu lado.

A uma ordem de Griffin, a tripulação se aproximou da margem, seguindo uma rota que conheciam perfeitamente. Dedicavam-se ao contrabando, e não havia ninguém tão familiarizado com os lagos e as lagoas próximas a Nova Orleans como eles. O barco tocou a terra. Dois homens saltaram para amarrá-lo com presteza enquanto seus passageiros desciam. Celia abriu os olhos e olhou para Griffin. Pelo visto, não entendeu bem a ordem de descer à terra. Ele voltou a repetir com aspereza e a segurou pelo braço para levá-la até a margem macia. Após indicar a direção aos ribeirinhos, adentrou entre as

árvores.

–Aonde vamos? –Perguntou ela seguindo-o aos tropeções.

–Não recomece –disse, sem acrescentar nada mais.

Celia tentou morder a língua, mas após um minuto de caminhada as palavras surgiram de sua boca sem que pudesse evitá-lo.

–Vamos muito longe? Oito quilômetros? Dezesseis? Não uso sapato! Você tem botas e pernas longas, e eu tenho os pés... – Calou-se quando, para sua surpresa, alcançaram uma pequena clareira onde se elevavam uma palhoça, um curral e um estábulo.

Griffin caminhou para a casa e bateu na porta desgastada.

–Nettle! –Chamou. –Nettle, saia daí e encilhe um cavalo.

Do interior saiu uma voz cheia de apreensão.

–Capitão? Capitão Griffin?

–Sim, irei a Lebrun esta noite. Ensilhe-o, e faça-o depressa.

Apareceu um homem magro com aspecto de roedor e a cabeça sem um só pêlo.

Primeiro olhou para Griffin e depois para Celia. Não havia dúvida de que a presença de uma mulher coberta unicamente com um camisão o surpreendeu.

–Nettle, –disse Griffin com aspereza –tem outras calças?

–Cal... calc...? Sim, capitão.

–Minha amiga precisa de um pouco de roupa. E dê-nos algo para comer se tiver por aí.

–Sim, senhor.

Nettle meteu-se na casa e após um momento saiu com um pequeno saco que entregou a Griffin sem sequer olhar para Celia. Depois se apressou até o estábulo. Griffin entregou a Celia umas calças gastas, mas limpas.

–Trabalha para você? –Perguntou Celia, pegando as calças agradecida.

–Em certo sentido.

–É um cavalo que vai nos levar?

–É meu cavalo –respondeu com um tom que fechava a porta a mais perguntas.

Em um período de tempo surpreendentemente breve, Nettie saiu do estábulo com um magnífico cavalo de cor avelã com a frente branca. O enorme cavalo parecia uma pilha de pura energia.

–Regressarei amanhã –disse Griffin a Nettie.

–Sim, senhor.

Griffin pegou as rédeas do animal, meteu um pé no estribo e montou na sela com agilidade. Estendeu o braço para Celia e disse-lhe: –Agarre-o.

Ela o fez a contragosto com ambas as mãos e ele a pegou pelos pulsos e puxou com força para sentá-la diante dele. O cavalo empinou, incomodado pelo peso acrescentado. Celia apalpou em busca de algo ao que segurar-se, e suas mãos tocaram as coxas, a cintura e os braços de Griffin, que lhe rodeou a cintura com o braço.

–Não se mova –disse com voz estranhamente cansada. –Não toque nada.

–Acontece algo?

Griffin descartou a possibilidade de responder que sim, que acontecia algo, que estava a um triz de descê-la do cavalo e cair sobre ela arrastado por um arrebatamento de luxúria. Senti-la tão próxima provocava-lhe uma crescente dor na virilha. Desejava acariciar seus peitos, descendo por sua cintura e chegar até o interior de suas coxas. Enquanto sua mente buscava um assunto para se distrair e deixar a obsessão, seu olhar se cravou em Nettie, que o observava perplexo.

–Adeus, Nettie –disse Griffin dedicando-lhe um olhar intimidatório.

Nettie recuou até entrar na casa novamente.

Celia sentiu um calafrio quando Griffin apoiou a mão em seu joelho. Enrubesceu subitamente quando ele passava sua perna sobre a sela até deixá-la montada como faria um homem. Percebendo seu tremor, ele perguntou-lhe com brusquidão se os cavalos lhe davam medo.

–Sim – mentiu. –Um... um pouco, sim. –Não poderia lhe dizer que os tremores que sacudiam seu corpo nada tinham a ver com o cavalo e sim com o roçar de sua mão. Não tinha ideia de por que aquele homem a perturbava tanto.

A investida para a frente do cavalo empurrou-a contra o peito de Griffin, e ali ficou, sustentada imóvel por seu braço. Cavalgavam com tal fluidez que parecia que voavam. Parecia a Celia que Griffin conhecia muito bem os caminhos de rato daquele bosque, pois, apesar da escuridão, não teve dificuldade em encontrar o caminho. Os pássaros noturnos começaram a voar, alarmados ao ver passar o cavalo. A vegetação ficou densa e Griffin teve que reduzir a marcha.

–Vamos viajar toda a noite? –Murmurou Celia.

–Vamos a um lugar onde descansaremos algumas horas.

–Mais cabanas indígenas?

Griffin esboçou um sorriso.

–A casa deserta de um lenhador. Utilizo-a de vez em quando se tenho que ir a Nova Orleans por esta rota.

–O que aconteceu ao lenhador?

–Mudou-se para outra casa quando comprei a sua. –Riu com suavidade. – Suponho que acredite que o expulsei dali.

–Acaso não deveria acreditar?

–Que motivo teria para isso? –Replicou ele secamente.

–Capitão Griffin, me dirá de uma vez por que quer entregar-me aos Vallerands?

–Agora não.

–Mas porquê...?

–Agora não me encontro com humor para fazê-lo.

Pela centésima vez Celia se perguntou quem seria realmente aquele homem enigmático.

–Todo mundo o chama de capitão Griffin?

–Uso outros nomes, dependendo da situação.

–Seu verdadeiro sobrenome é francês, *oui*?

–O que a faz supor isso?

–Pelo modo como fala. Seus pais deveriam ser franceses.

–Crioulos. Gostaria de saber meu nome?

Ela assentiu com a cabeça apoiada em seu ombro.

–Justin –disse ele.

–Justin –repetiu Celia em voz baixa.

–Significa algo para você?

–Não.

–Já o supunha –respondeu ele com um tom irônico.

As árvores se abriram ante eles, possibilitando a visão de um brilhante lago. Havia uma pequena casa muito próxima, meio oculta entre os pinheiros. Griffin deteve o cavalo, desmontou e esticou os braços para Celia. Ela colocou as mãos sobre seus largos ombros e sentiu seus músculos flexíveis em movimento quando a desmontou da sela e a pousou no chão. Solto-a de imediato e se encaminhou para a casa. A porta de madeira estava inchada devido à umidade e custou-lhe abri-la.

–Já chegamos. –Passou o saco para Celia. –Entre. Procure velas. Eu vou desencilhar o cavalo.

Entrecerrou os olhos para espiar na escuridão e o chão rangeu sob seus pés. Viu a silhueta de uma janela fechada com venezianas de madeira e se dirigiu até ela. Até seus ouvidos chegavam sons de roedores e outras criaturas que possivelmente haviam se instalado ali. As venezianas se abriram com um rangido, deixando entrar a luz da lua. Celia abriu a grosseira cortina de tricô e deu uma olhada. A casa tinha poucos móveis, somente um baú baixo, uma cama pequena em um canto, um fogão e uma mesa com duas cadeiras.

Aproximou-se devagar do baú e levantou a tampa, rebuscando entre o que continha. Havia uma manta surrada, um machado, uma marreta, umas canecas de latão e pouco mais. A brisa que entrava pela janela lhe emaranhou o cabelo, e ela levantou a cabeça agradecendo seu frescor. Tudo estava tranquilo... muito tranquilo.

Imediatamente sentiu um forte calafrio e abraçou tremulamente a si mesma. Não havia razão alguma para ter medo, pensou. Só crianças têm medo da escuridão. Mas o local destilava uma sensação de ameaça que envolveu-a completamente. Estava sozinha pela primeira vez desde que havia saído do porão daquele barco. E estar só na escuridão se converteu de repente no pior de seus medos. Ficou paralisada e o saco escorregou-lhe entre as mãos.

Respirando com dificuldade, obrigou-se a caminhar para a porta. As sombras pareciam empurrá-la. "Griffin!", tentou gritar, mas sua voz não foi mais que um sussurro abafado. Percebeu movimento do outro lado da porta. De repente, saiu correndo da casa aterrorizada, notando que uma mão a agarrava pelo cotovelo.

–Celia...

Libertou-se da mão e retrocedeu um par de passos com os olhos arregalados. Griffin estava diante dela.

–O que aconteceu? –Perguntou. –Machucou-se? Viu algo?

Não, nada fora do normal. Só tratava-se de um medo infantil que não havia podido controlar.

–Es... estou bem –disse com dificuldade, perguntando-se se finalmente havia perdido a cabeça.

Griffin avançou para ela, que seguiu retrocedendo. Se a tocasse, pensou Celia deixando-se levar pelo pânico, perderia o controle. Nesse momento só queria que tudo acabasse. Estava muito cansada de ter medo, de se sentir perdida. Desejava estar em sua casa, em Paris, em seu confortável leito com seus lençóis recém passados, ouvindo as vozes de sua família do outro lado

da porta. Desejava ir dormir e não despertar jamais.

–Celia – repetiu Griffin fitando-a nos olhos. –Celia, venha aqui.

–Não, não...

–Está retrocedendo até a água.

–Não...

–Está bem, faça o que quiser. –E afastou-se dela a passo lento.

Após alguns segundos de indecisão, Celia o seguiu.

Ele ouviu os passos a suas costas e sacudiu a cabeça. A pobrezinha estava muito cansada para saber o que fazia, mas ainda assim era uma chatice. Por isso se alegrava em pensar que se livraria dela na manhã seguinte. As mulheres não eram nada mais que uma conveniência momentânea, algo de que se livrar quando satisfazia seus desejos. E esta por sinal era a primeira que dependia inteiramente dele, e isso não o desagradava. Tampouco gostava do que sentia quando ela o fitava daquele modo. E gostava menos da crescente insistência com que ela exigia atenção. A suavidade era algo que ele não permitia a si mesmo... nunca.

Chegou à margem da água e escrutinou os arredores com olho experiente.

–Tire as ataduras dos pés –ordenou-lhe. –Tem que limpar a poeira. As estas alturas já terão feito todo o bem que podiam fazer.

Celia sentou-se sobre uma pedra e esticou suas delgadas pernas. Seria um alívio lavar os pés, porque durante todo o dia haviam estado quentes e ardido de forma suspeita. Inclinando-se sobre o pé direito, puxou a atadura e a soltou. O odor de ervas, amargo e embolorado, chegou a seu nariz. Com muita dor, começou a desenrolar a tira de tecido e comprovou que lhe custava mexer os dedos.

Amaldiçoando para si, Griffin se ajoelhou a seu lado, com as coxas abertas. Ela fitou-o perguntando-se o que lhe havia irritado tanto. Ele tirou o tecido com mãos eficientes e meteu-lhe o pé na água. Celia fechou os olhos ao sentir o frio e aquelas mãos fortes esfregando para limpar a pasta verde. Com cuidado, Griffin deslizou os dedos entre os dedos dos pés de Celia e pressionou a sola do pé. Ela respondeu com um suspiro involuntário de alívio. Ele flexionou-lhe o pé pelo tornozelo, tirou-o da água e estendeu a mão para pegar o outro. Celia se envergonhava pelo prazer que recebia daquelas mãos, mas isso não evitou que relaxasse e aproveitasse a massagem.

No entanto, tudo acabou muito rápido e ela abriu os olhos justo no momento em que Griffin tirava as botas.

–Também vai lavar os pés? –Perguntou-lhe.

Griffin lançou a jaqueta ao chão.

–Vou tomar um banho.

–Mas... mas pode haver crocodilos...

–Não neste lado do lago. –Sorriu. –Habitualmente não, ao menos.

–Mas que farei se um deles decide atacá-lo?

–Direi a ele que levo uma Vallerand comigo. Isso deverá atemorizá-lo.

Quando ele tirou a última peça de roupa, Celia virou o rosto sufocando um grito e cobrindo a cara com as mãos.

–Muitos melindres para uma mulher casada. –A voz brincalhona de Griffin chegou até seus ruborizados ouvidos. –Ou seu marido só se metia na cama quando era noite fechada? Não, não se incomode em responder. Não parece difícil imaginá-lo.

Ela fitou-o por entre os dedos. Com uma gargalhada, ele se lançou na água. Viu-o desaparecer sob a superfície para reaparecer logo adiante. Enquanto nadava, Celia examinou a planta de seus pés à luz da lua, e surpreendeu-se pela rapidez com que haviam se curado. Havia aparecido crostas onde antes havia bolhas e o inchaço havia regredido por completo. Uma linha marcava a separação entre a brancura de seu pé e o tom cinza da pele de seu tornozelo. Franziu a testa e olhou para a água, pensando em como seria maravilhoso poder banhar-se. Griffin se voltou para ela. Como se lhe lesse o pensamento, disse com brusquidão: –Poderia tê-la violado em várias ocasiões. Não confia em mim nem sequer um pouquinho?

Celia brincou indecisa com o botão superior do odioso camisão negro, mas acabou desabotoando-o.

–No entanto, –acrescentou ele como se nada tivesse acontecido –não lhe posso prometer que não olharei.

De imediato, Celia abraçou os joelhos e desfez-se da ideia de banhar-se.

–Por todos os santos –disse Griffin desgostoso. –Não vou olhá-la. – E se voltou para mergulhar novamente.

Celia decidiu fazê-lo a toda pressa. Desabotoou o camisão apressada e tirou as calças. Meteu-se na água até o quadril, salpicando com as mãos. Mergulhou finalmente a cabeça e esfregou-se com força o couro cabeludo; depois jogou o cabelo para trás e o escorreu com a mão. Não se apercebeu se Griffin a olhava ou não, mas pouco lhe importava nesse momento. O lago lhe parecia o paraíso e agora sentia-se limpa e restabelecida.

Regressou à margem e envolveu o corpo com o camisão negro, metendo as mãos pelas mangas. Usou um punho para secar a cara e penteou o cabelo

com os dedos.

Quando Griffin saiu da água, Celia não se virou. Era plenamente consciente da presença de seu corpo nu a suas costas, e ouvia o roçar da roupa ao vestir-se. Depois cessaram os movimentos.

–Estou cansada – disse ela para romper o silêncio.

–*Allons* – respondeu Griffin e apontou a casa. –Vamos. Será uma noite muito curta.

Capítulo 4

Celia sentou-se em um lado da cama, mordiscando um pedaço de queijo e uma fatia de pão. O áspero cobertor de algodão e a manta que tinha debaixo do corpo cheiravam a umidade, mas, depois do vivido nos dias anteriores, aquela cama lhe pareceu um luxo. Olhou para Griffin, cuja silhueta escura se fundia com as sombras do outro lado do cômodo. Estava sentado no chão com as costas apoiadas no baú. A ponta de seu charuto cintilava avermelhada cada vez que dava uma tragada. O aroma do tabaco lhe parecia estranhamente reconfortante, porque recordou-lhe os charutos que seu pai fumava durante a sobremesa.

–Alguém mais utiliza essa casa? –Perguntou.

–Alguns membros de minha tripulação, de vez em quando.

Celia sentiu-se impelida a fazer mais perguntas, apesar de notar que sua curiosidade não agradava a ele; –Tem um lar em alguma parte?

Ele demorou um tempo para responder, levou o charuto aos lábios e deu uma tragada.

–Tenho meu barco.

–Há alguém que o espere em algum lugar? Uma esposa, uma família?

–Jamais quis ter e jamais terei uma família.

Celia acreditou nele. Não o imaginava como marido e pai. Fitou-o pensativa enquanto roía o queijo. Não pôde ver nada mais que a brasa do charuto. Quando deixou de fumar, Griffin permaneceu imóvel.

Celia desejava deitar-se na cama e fechar os olhos, mas dava-lhe medo fazê-lo. Temia dormir e depois despertar abruptamente notando suas mãos e seu corpo em cima do dela. Se tinha pensado em possuí-la, tinha que fazê-lo nesse momento, esta noite, pois estava completamente indefesa. Estava tensa, e teve um sobressalto ao ouvir sua voz.

–Se o que espera é que a viole, temo que vá decepcioná-la. Durma tranquila.

Um pouco mais relaxada, Celia deitou-se sobre o fino colchão e dobrou as pernas levando os joelhos até o peito. Estava muito cansada e não custou-lhe nada cair em um sono profundo.

Mas isso não significou que se sentisse confortável ou em paz. Não

deixou de mover-se, passando de um sonho a outro, tomando parte em conversas que não tinham nenhum sentido. Uma força invisível a desestabilizava, impedindo-a de se mover quando queria correr, fazendo-a perder o equilíbrio. Aterrorizada, cobriu a cabeça com as mãos e chamou por Philippe... Necessitava-o tanto... Desejava seus abraços, que a protegesse, que a amasse. E de repente ele estava ali, com seus radiantes olhos azul e sorrindo-lhe.

"Precisa de mim? – Perguntou-lhe com ternura. – Virei sempre que precisar de mim."

"Oh, Philippe, acreditei que havia morrido. Acreditei que havia me deixado..."

"Não. Estou aqui – murmurou. – Aqui, com você. Não tenha medo."

"Mas estou assustada... Eu... Não me deixe."

Celia tentou perguntar-lhe o que lhe havia acontecido, mas as palavras que saíam de sua boca eram incoerentes. Quando começou a balbuciar de forma incompreensível, ele afastou-se dela.

"Não!", gritou estendendo os braços para ele, tentando mantê-lo ao seu lado.

Longos dedos em forma de garras lhe apertaram os ombros e ela se voltou para ver Dominic Legare.

"Será o presente de André", disse com um sorriso torto. E começou a empurrá-la para um cadáver, obrigando-a a baixar a vista para ver o rosto sanguinolento de André. Seus olhos estavam abertos e sua expressão era de estupefação.

Celia tentou soltar-se das garras de Legare. Remexeu-se e lançou um grito ao ver corpos sem vida por todas as partes.

"Philippe, volte para mim –suplicou. –Volte!"

Vagou pelo convés do barco, olhou para a água e viu todos os corpos que flutuavam emborcados ao redor do navio. Entre eles estava seu marido. A água se escurecia com seu sangue.

"Oh, Deus, Philippe, não!"

Esticou os braços para ele e, como se pudesse ouvi-la, ele começou a sacudir-se na água, afundando sob a superfície. Estava afogando-se ante seus olhos. Celia gritou uma e outra vez pedindo ajuda, mas tinha Dominic Legare a suas costas, tapando-lhe a boca para sufocar seus gritos...

Celia despertou sobressaltada, lutando contra aqueles braços que a imobilizavam.

–Não! Não...

–Acalme-se – disse uma voz suave por cima de sua cabeça. –Já passou. Ela tremeu convulsivamente, cobrindo a cara úmida com as mãos.

–Philippe? Philippe...

–Não. Já sabe quem sou. –Acariciou-lhe a nuca e as costas com suas grandes mãos. Ela se dobrou e ofegou durante um tempo, apoiada em seu duro peito.

–Justin – disse debilmente, sem saber por que pronunciava seu nome verdadeiro apesar de estar acostumada a ouvi-lo nomear-se como Griffin.

–Teve um pesadelo, *petite*. Não era mais que um sonho.

–Vi Philippe... Acreditei que estava vivo.

Griffin continuou acariciando-lhe as costas.

–Se estivesse vivo, eu voltaria para procurá-lo e o encontraria. Mas Legare não deixa sobreviventes à sua passagem.

Ela engoliu a saliva com dificuldade, começando a recuperar o bom senso.

–Por quê?

–É algo que começou a pôr em prática faz anos, quando...

–Não – interrompeu-o. –Por que se importaria que Philippe estivesse vivo?

Fez-se um longo e tenso silêncio.

–Explicarei quando chegarmos a Nova Orleans.

–E por que não agora? Por que é um mistério? Que importa que chegue sã e salva ou não? –Começou a soluçar. –Não é menos culpado que os homens que o mataram – ofegou. –Não é melhor do que eles! Matou anteriormente, muitas vezes. Seu sangue está em suas mãos tanto como nas deles!

Apesar da tormenta de sentimentos a que estava entregue, soube que de algum modo havia ofendido Griffin. Afastou as mãos de suas costas, levantou-se e se afastou. A comoção de ver-se sozinha e a inquietante penumbra a fizeram tremer. Tinha que escapar dos demônios que gritavam a seu redor, encontrar um lugar onde se esconder. Desceu da cama e dirigiu-se para a porta, e abriu-a de um puxão. Mas Griffin a rodeou com o braço pela cintura antes que pudesse sair. Ela deixou escapar um grito de pânico e cravou-lhe as unhas no braço.

–Pare, maldição! –Exclamou ele sacudindo-a. –Já basta!

–Não... Solte-me... Philippe!

Griffin levantou a mão para esbofeteá-la, pois não lhe ocorria outra

maneira de cortar aquele ataque de histeria.

–Não... – soluçou ela caindo contra ele.

Griffin baixou a mão. Ficou quieto, respirando fundo, com a vista cravada na cabeça daquela mulher. Sentia o calor de seu rosto contra o peito, os punhos fechados pressionando sobre seus ombros. Teve que reconhecer para seu pesar que haveria preferido enfrentar uma batalha naval antes que a aquela frágil mulher... Poderia fazer frente ao perigo e à morte com maior facilidade que às lágrimas. Ela precisava ser cuidada, que a tratassem com amabilidade, algo que ele era incapaz de fazer.

O medo lhe havia tensionado as costas e os seus dentes rangiam. Estava suando. Apertou-a contra seu cálido corpo, sustentando seu peso sem dificuldade. Ela sentiu-se como uma menina entre seus braços, pequena e leve. Mas não era uma menina, e ele era muito consciente de seu contato e seu aroma de mulher. A imagem dela nua sobre o leito de André Legare ainda estava fresca em sua mente. Seu pulso acelerou. Havia lutado por Celia Vallerand e tinha todo direito de possuí-la. Mas ainda havia um resto de cavalheirismo em seu interior que o impedia de aproveitar-se de uma mulher indefesa.

Celia enxugou o nariz com a manga.

– Tinha uma pistola qua...quando abordaram o barco. Ia suicidar-me antes que... Mas não... não o fiz. Fui uma covarde. Se tivesse disposto de outra oportunidade, o teria feito. Queria ter morrido com Philippe.

–Não– disse Griffin, enxugando-lhe as lágrimas com o polegar.

–Deveria ter morrido – sussurrou ela com convicção, os olhos encharcados de lágrimas.

Ele se inclinou e a levantou nos braços para levá-la à cama. Ela deixou que o fizesse, chorando desconsoladamente, enquanto em seu interior transbordava toda a dor e o medo armazenados desde a morte de Philippe. Em silêncio, Griffin depositou-a sobre o leito e inclinou-se sobre ela. Passou a mão pelo cabelo, os ombros, as costas e pescoço, percebendo seu corpo leve e delicado. O pranto de Celia acabou transformando-se em uma série de convulsivos soluços. Limpou a cara com o lençol, sentindo-se vazia.

–Minha cabeça dói – disse com um fio de voz.

–Agora não fale.

Surpreendida pela amabilidade que transmitia sua voz, Celia fitou-o nos olhos. Estava tão tranquilo, tão controlado, que parecia impossível que se tratasse do mesmo homem que havia matado selvagememente André Legare

ante seus olhos.

– Não penso realmente o que lhe disse – sussurrou. –Tudo isso sobre as mãos manchadas de sangue...

–Sim, pensa. Não seja covarde.

Celia hesitou, mas acabou concordando. Tinha razão, e era melhor ser sincera. Não podia negar que o que ele era a repugnava: um ladrão, um fora da lei, um assassino.

– E, no entanto, você me ajudou – disse confusa. –Não entendo por quê. Deve querer algo dos Vallerand, ou... talvez deva-lhes algo. Do que se trata?

A mão parecia arder. Havia colocado-a sem dar-se conta sobre o peito dele. Celia sentiu a firme batida de seu coração, o calor que sua pele irradiava. Afastou a mão e fechou-a para formar um punho, ainda notando o pulso de Griffin.

Griffin deu um sobressalto, como se o tivessem tocado com um ferro ardente. Senti-la entre seus braços era mais do que podia suportar. Tentou apelar para toda a compaixão e a honra que ainda conservava, mas não conseguiu obrigar-se a deixá-la ir. Nunca em sua vida havia desejado algo com tanta intensidade.

–Eu não lhes devo nada – disse secamente. –É você que me deve algo.

Não havia dúvida de a quem se referia. O coração de Celia se descontrolou.

–Quando che... chegemos a Nova Orleans..., – gaguejou – *monsieur* Vallerand o recompensará por haver salvado minha vida.

–Quero-o agora. –Sua voz soou áspera e tensa.

–Não tenho dinheiro...

–Não é dinheiro o que quero.

Tentou afastar-se de seu colo e descer da cama, mas os braços de Griffin a retiveram pelo peito e os quadris.

–Não – disse ela sem fôlego.

A barba roçou a nuca dela e o quente hálito de Griffin acariciou seu pescoço, seu cabelo e se introduziu no interior do camisão.

–Por favor, –rogou ela –não o faça...

Ele a virou e sem mais beijou-a. Ela jogou a cabeça para trás e debateu-se com fúria. As mãos de Griffin se enroscaram em seu cabelo, deitando-a na cama. Uma poderosa coxa passou por cima dela e Griffin se posicionou montado sobre seu quadril, agachando-se sobre ela com toda intenção. Ela se lamuriou atemorizada, arranhando-lhe a cara e o peito, mas nada podia deter aquela boca ávida que deslizava por seu pescoço, suas bochechas, seu queixo

e seus cílios úmidos. Seu pranto foi sufocado por lábios que a obrigaram a separá-los, e ele introduziu a língua em sua boca.

À princípio, Griffin tentou possuí-la sem demora. Não lhe importava se o desejo era mútuo ou não; tinha que penetrá-la e satisfazer sua avidez. Arrancou a roupa que lhe cobria o corpo com rudeza.

De repente, Celia ficou imóvel. Afastou a cara, fechou os olhos e enrijeceu o corpo para suportar o que se avizinhava. Griffin observou seu corpo nu. Era magra e frágil, suave como a seda, com a pele translúcida à luz da lua. Pôde apreciar o delicado traçado de suas veias nos seios, os pálidos círculos de seda que eram seus mamilos. Inclinou-se lentamente sobre ela, provou o sabor daqueles suaves lábios com uma doçura imprópria dele. Celia apertou os dentes e permaneceu imóvel enquanto suas bocas se esfregavam. Ele acariciou-lhe o lado de um seio, contornando sua curvatura. Emanava um doce aroma, uma fragrância natural que só a ela pertencia. Griffin pressionou a boca sobre um dos rosáceos mamilos até que endureceu, roçou com sua barba a ponta para depois aliviá-lo com a língua.

Celia tremeu de raiva. O modo como a tocava parecia uma zombaria do que ela e Philippe haviam compartilhado.

—Não — disse com voz rouca. —Faça-o de uma vez! Mas não espere que goste... nem pense nisso...

Ele pareceu ouvi-la. Sua boca traçou uma linha de fogo até alcançar o outro peito. Após deixar escapar um gemido, Celia se virou bruscamente com a intenção de apagar o calor abrasador que havia se instalado na boca de seu estômago e entre suas coxas. Griffin dedicou-se então a sua nuca, atormentando aquele vulnerável ponto a base de mordiscadas e beijos. Seus cálidos dedos se adaptaram às cavidades de sua coluna vertebral, pressionando e amassando, descendo para o exato lugar onde se iniciavam as nádegas. Celia apertou os punhos e voltou seu rosto suado contra o cobertor.

—Odeio-o — disse com voz apagada. —Nada mudará isso. Deixe-me ir!

—Não posso.

—Pouco im... importa o que tenha feito por mim, não lhe pertença e não tem o direito...

—É minha até que a entregue aos Vallerands. —Inclinou-se sobre sua boca uma vez mais, pensando que jamais havia tido que seduzir uma mulher, entre outras razões porque o mundo estava cheio delas. Para ele, o ato sexual havia sido sempre rápido e intenso. Mas agora queria algo diferente, desejava-o bastante para esperar com uma paciência antinatural.

Deslizou a mão até o seio, cobrindo-o por completo. Notou o frenético ritmo de seu coração na palma da mão.

–Não tema – disse acariciando-lhe o seio com suaves movimentos. –Não vou machucá-la.

Ela soltou uma amarga gargalhada ante a incongruência daquelas palavras, já que tinha seu ameaçador e musculoso corpo em cima. Sentiu a violência da paixão contida naquele corpo masculino, supondo que em seguida retiraria as calças e cairia sobre ela como um animal. Suas bocas se uniram e a cínica risadinha se afogou sob o calor daqueles lábios. O palpitar de seu coração parecia levar-lhe o pouco ar que lhe chegava aos pulmões. Pouco a pouco, ele conseguiu chegar ao interior de suas bochechas e aos sensíveis pontos sob a língua.

Celia sentiu-se cair em um estado similar ao transe. Deixou de importar-lhe quem era ou o que estava fazendo. Agora só lhe importava que a sensação não acabasse. Doíam-lhe os seios e gemeu quando ele os rodeou com os dedos. Os braços de Griffin se tensionaram e puxou-a até que seus mamilos se afundaram em sua penugem peitoral. Percorreu-lhe as costas com as mãos, agarrando uma mecha de cabelo presa sob a nuca.

–Diga meu nome – ouviu-o sussurrar contra sua garganta. Sentir a áspera barba contra sua pele provocou-lhe uma onda de excitação.

–Não...

–Diga-o.

Celia soluçou angustiada, tentando invocar a imagem de Philippe, tentando manter a sanidade. Mas a cara de Philippe havia se esfumado, e não deixava atrás de si mais que obscuridade e as atormentadoras carícias de um estranho. As lágrimas começaram a correr-lhe pelas bochechas.

–Justin – disse com voz quebrada.

–Sim – sussurrou ele.

–Justin... – repetiu com um estremecimento enquanto ele beijava-lhe a cara, enxugando as lágrimas de suas bochechas e seu queixo. A língua se aventurou pelos cantos de seus lábios, acessando a entrada da úmida suavidade que se escondia mais além de seus lábios. Nunca a haviam beijado desse modo, com uma lenta minuciosidade que desintegrava sua mente.

Sutilmente conseguiu intuir o terrível sentimento de culpa que experimentaria se permitisse que ele a possuísse. Se resistisse com força suficiente, teria uma mínima oportunidade de que Griffin desistisse. Mas, para sua própria vergonha, descobriu que não tinha vontade suficiente para

lutar... Seu corpo aceitava de bom grado as carícias embriagadoras que aquietavam suas dores e também sua consciência.

Sem pressa, Griffin se pôs de pé e tirou a roupa sem afastar a vista dela. O estreito leito protestou com um rangido quando voltou a descer. Celia deixou escapar um gemido quando uma das peludas pernas de Griffin se encaixou entre as suas. Cobriu-lhe a boca com a sua enquanto seus dedos se aproximavam do dourado e pálido triângulo púbico.

Encontrou a terna linha em que se fechavam seus grandes lábios e abriu-os com um suave roçar. Ela tentou negar-se debilmente, mas ele manteve-lhe as pernas separadas com os joelhos e a apaziguou com um suave murmúrio.

Deslizou a mão entre suas coxas, notando a umidade nos cachos de seu triângulo.

Incômoda e assustada, ela virou-lhe as costas. Ele voltou a colocá-la de costas na cama, com as mãos entre suas pernas uma vez mais. Seus músculos internos se contraíram ao sentir os dedos de Griffin na entrada da vagina.

Celia tentou controlar seus ofegos, ignorar a louca necessidade de pressionar com os quadris contra aquela cálida e experiente mão. Um dedo entrou na inchada passagem, roçando seu interior.

–Não está nada aberta – murmurou tocando com a ponta do dedo um sensível ponto que a fez sacudir-se bruscamente contra ele, abafando um grito. –Acalme-se, *ma petite*... relaxe. Não vou machucá-la.

Enquanto a tranquilizava, Griffin perdeu seu permanente alerta a respeito do mundo exterior, algo que jamais havia acontecido. Estava dando prazer com absoluta concentração, como o sedento bebe de um jato de água. Celia tocou-lhe a barba, o cabelo e as costas com suas pequenas mãos. Cada vez mais próximos um do outro, moveu as pernas para ele, pressionando-se contra a desconhecida dureza e a áspera textura do corpo varonil. Ele a apertou contra si, fazendo com que a dura e quente ereção lhe queimasse o ventre.

Griffin começou a penetrá-la, mas se deteve ao notar sua estreiteza. Celia retorceu-se sob a exploração de sua boca e suas mãos, implorando satisfação. Seus dedos se fincaram nas costas de Griffin e apertou a cara contra seu ombro, ofegando de medo e de necessidade. Esse gesto de rendição foi o sinal definitivo para ele, que a penetrou com uma única investida. Mas de imediato Griffin ficou desconcertado, ao escutar um grito de dor e ver como ela se retorcia para acomodar-se a ele. A carne vibrante que rodeava suas partes íntimas jamais havia sido tocada.

Griffin sempre havia tido muito cuidado de evitar as virgens. Não traziam mais que problemas e tampouco o atraíam. A contrariedade que significou ter relações com sua primeira virgem não havia sido uma experiência que se diria desagradável. Deveria ter reconhecido os sinais em Celia, mas estava muito ansioso. Afinal de contas, tratava-se de uma mulher casada. Ou não? Colocou as mãos em ambos os lados de sua cara e a fitou com o cenho franzido.

—Quem diabos é? — rosnou. — Não é a esposa de Philippe, não é esposa de ninguém. Diga-me quem diabos é!

Ela se encolheu envergonhada, incapaz de dizer algo. Doía-lhe o corpo... Griffin era muito grande, a tinha machucado... Sentia-se humilhada. Ele se moveu rapidamente e ela gritou de dor. As lágrimas se amontoaram em suas pálpebras.

Respirando com dificuldade, Griffin apertou-lhe um pouco mais a cara.

—Maldição, responda-me!

Ela gemeu e virou a cabeça para um lado, tentando reprimir sua frustração.

Griffin perguntou-se que demônios fazer. Não tinha quase nenhuma experiência em deflorar mulheres inocentes. Não queria machucá-la mais. Ela o empurrou apoiando as mãos em seu peito e removendo-se.

—Não — disse ele ficando quieto. —Não se mova. —E apoiou a boca entre suas sobrancelhas. A calidez daquela boca parecia estranhamente hipnótica, por isso Celia começou a relaxar.

—Teria que ter-me dito — reprovou ele. —Poderia tê-lo feito de um modo mais agradável para você. —Colocou-lhe os pulsos por cima da cabeça. — Deixe-as aqui, *petite*. E fiquemos quietos.

Separou a boca de sua pele e deixou que seu hálito lhe umedecesse a testa. Celia inspirou com força ao sentir como a penetrava um pouco mais. Ele passou os dedos pelos lábios de Celia, alternando leveza e intensidade, até que sua boca ficou quente e úmida e todo seu corpo formigava.

Acariciou-a lentamente, preparando o terreno para sua intrépida língua. Centímetro a centímetro foi afastando-se dela; Celia choramingou como forma de protesto. Sentia-se vazia, impaciente, seu corpo queria mais daquela dura pressão masculina. Deslocou os lábios do centro de seus seios para o ventre e o umbigo. Com delicadeza, baixou mais e com a língua rodeou a cavidade íntima antes de adentrar nela. Incapaz de resistir à umidade de sua boca naquele ponto, ela gemeu suplicante.

Griffin jogou o corpo para trás, roçando-lhe o púbis com seu membro ereto. Ele deslizou a mão pelas costas e ela se arqueou desejosa, permitindo que os dedos exploradores chegassem à base de sua coluna. Ficou sem ar ao sentir como o prazer se estendia de seus ombros até sua curva. Entrou um par de centímetros mais em sua cavidade, estendendo-se até que ela lhe apertou os ombros em um reflexo de dor.

–Olhe para mim, Celia – disse com voz rouca.

Ela fitou-o nos olhos, enfeitiçada pela profundidade daquele azul escuro. A dor que sentia nas pernas desapareceu, e não protestou quando ele entrou um pouco mais, enchendo-a completamente. Expiraram ao mesmo tempo, ambos conscientes de que o tempo havia se detido, deixando-os sozinhos em um mundo sem limites. Griffin começou a entrar e sair muito devagar, desfrutando daquele suave corpo.

Celia abraçou-o com desespero, sabendo que teria que ter lutado contra ele até seu último suspiro. Era uma loucura sentir desejo por aquele vilão. Mas ele exigia seu prazer, a obrigava a senti-lo mediante mãos e lábios experientes. Enredou os dedos em seu cabelo enquanto se beijavam arrastados pela paixão. Apertou os quadris contra Griffin, e com um leve grunhido ele agarrou-a pelas nádegas, obrigando-a a um movimento circular que intensificou o fogo que compartilhavam.

O êxtase, em parte doce e em parte doloroso, explodiu no interior de Celia com força descomunal. Indefesa, arqueou as costas e ofegou contra o peito de Griffin, com a mente em branco, a não ser por uma única certeza: sabia que estava morrendo. Griffin investiu uma última vez, com todo seu corpo tenso como o ferro. Com a barba roçou-lhe o pescoço, enquanto o calor de seu hálito queimava todas as terminações nervosas.

As brasas do prazer continuaram ardendo por um bom tempo, sem que ele deixasse de abraçar aquele corpo trêmulo com a cabeça apoiada em seu ombro. Celia sentiu-se muito fraca para mover-se. Pouco a pouco foi deixando-se levar pelo sono. Então, durante alguns segundos, sentiu a paz mais profunda que já havia experimentado, embora não tardasse em ver essa paz eclipsada pela vergonha. Agora, no entanto, não podia lidar com semelhantes sentimentos, estava muito cansada. Não se afastou do cálido círculo que os braços de Griffin formavam, acomodou-se melhor entre eles e rendeu-se ao sono.

Mais tarde ficou consciente do rio escuro que a embalava e arrastava com sua lenta correnteza. Incapaz de decidir se estava desperta ou perdida entre

sonhos, abandonou-se à sensação. Mãos furtivas percorreram seu corpo com uma devastadora ternura. Uma boca experiente percorreu sua pele. Algo fez com que separasse os joelhos, e ela abandonou-se, relaxada e sonolenta, enquanto aquela força masculina investia uma e outra vez.

Sussurrou seu nome, e não resistiu quando ele lhe levantou as pernas para colocá-las ao redor de sua cintura. Parecia entender seus desejos com uma assustadora precisão, daí ajustou seu ritmo ao corpo de Celia, avivando o fogo até que alcançaram o mesmo ponto. Mais tarde se reprovava por haver permitido que voltasse a ocorrer, mas neste momento só havia sensações e doce esquecimento... E ansiou por tudo aquilo como jamais havia ansiado por nada na vida.

Era cedo, mas a aurora e a quietude já estavam presentes. Celia saiu de casa com cautela, abotoando aquele horroroso camisão negro. Tentou não fazer nenhum ruído para não despertar Griffin, que continuava dormindo. Não dispunha ainda nem de força nem do aprumo suficiente para enfrentá-lo. À medida que se aproximava da margem do lago, sentia uma desconhecida irritação entre as pernas. A recordação do ocorrido na noite anterior fez com que se ruborizasse.

Nada do que ela havia lido ou lhe haviam contado, nem a doutrina religiosa, nem os conhecimentos médicos que seu pai compartilhava, nada a havia preparado para o experimentado na noite anterior. Eram muitos os que opinavam que uma mulher decente não devia sentir prazer nem sequer quando mantinha relações com seu marido. Para dizer a verdade, seu modo de reagir ante um estranho havia sido indesculpável. E não era só por Griffin ser um estranho, um pirata, um carnicheiro que matava e roubava alegremente. O sentimento de culpa revolia-lhe o estômago. Era inconcebível que tivesse descido tão baixo; não fazia nem três dias que Philippe havia sido assassinado. Jamais teria imaginado que sua natureza ocultasse um lado tão desprezível, e se odiou por isso; inclusive mais do que odiava Griffin.

Celia teve que esforçar-se para não chorar quando deixou o camisão negro na margem do lago e lavou as manchas de sangue que tinha nas coxas. Porque já não tinha direito de chorar, não poderia permitir-se aquele luxo nunca mais. Era responsável pelo que havia feito na noite anterior, e duvidava que em toda sua vida de orações cheias de remorsos pudesse livrar-se do pecado e da vergonha.

"Philippe, –pensou com dor –alegro-me que não pudesse descobrir o tipo de mulher que sou na realidade."

Lavou-se oscilando, vendo crescer seu remorso ao descobrir um novo arranhão sobre sua pele pálida. Griffin havia deixado suas marcas. Mordeu o lábio superior ao recordar como ela havia se apertado e retorcido contra seu corpo.

OuvIU um rangido a suas costas. Voltou-se e o viu a um par de metros. Só usava suas calças gastas, o cabeludo peito descoberto e a longa cabeleira recolhida em um rabo-de-cavalo. Parecia sentir-se em casa naquele lugar; mais à vontade, Celia supôs, do que estaria em um meio civilizado.

Griffin percorreu seu brilhante corpo nu com o olhar, e seu interesse não diminuiu depois que ela recolheu o camisã para cobrir-se.

–Não volte a afastar-se de mim –disse-lhe ele.

Ela lhe dedicou um olhar de desprezo.

–Farei o que me der vontade –atreveu-se a responder.

–Fará o eu lhe ordene se tem estima por seu pescoço. Ainda não estamos em Nova Orleans.

A ameaçadora suavidade de sua voz provocou-lhe um calafrio.

–*D'accord* – cedeu, embora a palavra saísse engasgada. Afastou-se um pouco da margem do lago com o camisã apertado contra o corpo.

Griffin agachou-se e lavou a cara e o peito com energia. Algumas gotas cintilaram como diamantes sobre sua pele bronzeada. Voltou-se e a fitou com olhos entrecerrados.

–Como é que ainda era virgem? –Ter tato era uma qualidade que ele havia esquecido fazia muito tempo.

Celia ruborizou-se. Apesar de ter compartilhado com aquele homem uma intimidade maior que a compartilhada com qualquer outra pessoa, não sabia nada dele. Era quase impossível confessar-lhe algo tão pessoal. Ainda assim, se não respondesse por vontade própria ele a obrigaria a fazê-lo.

–Philippe era um cavalheiro. Ele... ele disse que esperaria até que eu me sentisse confortável com ele para... para cumprir com meu dever de esposa.

–Cumprir com seu dever de esposa – debochou aquele patife desalmado.
–Não há dúvida de que não a pressionou, se vamos direto ao assunto. Mas a sua idade... Quantos anos tem, vinte e três, vinte e quatro...?

–Vinte e quatro – admitiu a contragosto.

–Em Nova Orleans teriam-na considerado uma autêntica solteirona. Na sua idade teria que haver recebido Philippe em sua cama com lágrimas de

gratidão. Mas você lhe pediu que esperasse.

–Quisera que não o tivesse feito – sussurrou ela, embora ele a ouvisse perfeitamente.

– Também digo o mesmo. Deus sabe que não me havia passado pela cabeça que fosse virgem.

–Sabendo-o, teria me deixado em paz? –Perguntou com amargura.

Ele fitou-a nos olhos.

–Não.

Nada de desculpas, nem sequer um mínimo de preocupação por como ela se sentisse essa manhã. Celia debatia-se entre a repulsa e a auto-compaixão. Não era mais que um bruto insensível!

–Não perdeu nada – disse ele, captando a raiva em seu olhar. –Ninguém nunca suspeitará que não foi Philippe que a deflorou.

–Não me preocupa o que perdi – respondeu sarcástica.

Griffin arqueou as sobancelhas.

Celia enrugou a testa.

–Estou falando das consequências, algo que sem dúvida nunca parou para pensar. O que ocorrerá se concebo um menino como resultado dessa noite?

Apesar de Griffin não demonstrar emoção alguma, em seu interior assustou-se. Ela estava certa, nunca antes havia se detido para considerar essa possibilidade. Afinal de contas, as mulheres com quem ele costumava relacionar-se possuíam remédios para prevenir ou evitar gravidez indesejada. Mas uma garota francesa católica de boa família não estava versada em semelhantes assuntos.

–É uma possibilidade – disse. –Não a mais provável. Mas se ocorrer, teríamos que enfrentá-la.

–Jamais o saberá – respondeu Celia com autêntico ódio. –Não estará ali para saber.

–Saberei.

–Como? Conhece alguém em Nova Orleans que possa contar-lhe esse tipo de coisa? –ao ver que não respondia, Celia sentiu um lampejo de ira. – Por que tudo tem que ser um mistério? O que sou para você e o que quer da família Vallerand? Vai levar-me até eles ou pensa em pedir um resgate? –Não respondeu, e ela lhe virou as costas. –*Vraiment*, agora já me importa bem pouco. Não me preocupo para onde vou nem o que vai acontecer comigo. Só quero que isto acabe! –Pousou-lhe um mosquito no braço e ela o esmagou aborrecida. – Odeio os insetos e odeio os pântanos! Quero sair daqui! Quero

comida de verdade, e banhar-me, e ter roupa limpa. Quero uma cama macia e... –sua voz soou lastimosa –quero pentear-me!

Griffin enrugou o nariz, atordoado. Sua demonstração de caráter dessa manhã parecia tranquilizadora, uma mostra de que ela não havia perdido a razão. Colocou-se a suas costas e ela respirou fundo. Pegou uma mecha de cabelo que descansava sobre seu ombro e examinou-o.

–Necessita de uma boa escovada – concordou com ela.

Ela não se voltou.

–Não ria de mim!

–Vou comprar-lhe um carregamento de escovas.

–Para compensar essa noite?

Ele riu suavemente.

–Isso a satisfaria?

–Não há nada que possa dar-me que compense o que me fez.

–Pelo visto, não tem nem ideia do que posso oferecer-lhe.

– Um carregamento de coisas roubadas? –Respondeu ela com sarcasmo.

–*Merci, non.*

Afastou-se dele, mas Griffin seguiu-a e a fez voltar-se, agarrando-a pelos ombros.

–Isso e muito mais – murmurou. –Não tenho por que levá-la aos Vallerands. Poderia fazer outro arranjo. –Segurou-a com mais força quando ela tentou safar-se. –Calma. Nunca tive uma mulher com classe entre meus braços. Vou aproveitar isso enquanto possa. É uma mulher intrigante, Celia. Não vou deixá-la ir de boa vontade. E ao contrário do que pensa, não fui o único que obteve satisfação à noite.

–O que quer dizer? – Respondeu ela, remexendo-se.

–Refiro-me a que as coisas poderiam ser muito prazerosas entre nós. Em vez de levá-la para a família Vallerand, poderia cuidar de você.

Ela ficou rígida.

–Para quê?

Ele estudou-a com seus intensos olhos azuis enquanto um meio sorriso se desenhava em seus lábios.

–Estou dando-lhe a possibilidade de escolher. Podemos ir a qualquer parte do mundo. Há lugares mais exóticos e formosos do que jamais poderia imaginar. Se cansar-se de viajar, montaria seu próprio lar, inclusive dois ou três se o desejar. Teria dinheiro para gastar no que quisesse. A única coisa que lhe pediria em troca é que não se negasse a estar comigo na cama.

–E suportar mais noites como a de ontem? –Replicou ela, sentindo-se ultrajada.

–Posso prometer-lhe experiências mais agradáveis no futuro.

–Está pedindo-me que seja sua concubina – disse ela com voz embargada.

–Sim – respondeu ele secamente.

Ela fitou-o com olhos arregalados.

–Como pode pensar que algo assim pudesse interessar-me? Como pode considerar sequer essa possibilidade? Só o que desejei em minha vida é o que toda mulher quer, ter um marido e filhos, e um lar tranquilo...

–Sério? Pois essa noite era outra coisa o que queria.

Horrorizada, Celia reconheceu a verdade daquelas palavras. Havia outra parte de sua personalidade, algo que manteria oculto para o resto de seus dias. Ele a havia obrigado a descobri-lo.

–Desagrada-me – disse hesitante.

Ele sorriu.

–Aproveitou-se de mim – prosseguiu ela. –Jamais teria me comportado desse modo e nunca havia me sentido assim a respeito de meu marido. Não pode comprar-me como se fosse uma prostituta, você... monstro insolente! É sujo, descuidado, bárbaro... Sem dúvida é repugnante! Sei exatamente quem é e de onde vem. É um rato da sarjeta!

–Isso significa que não?

Estava tão irada que nem sequer pôde responder.

Ele continuou sorrindo por alguns segundos, e depois sua expressão ficou séria.

–Olhe para mim.

Celia sentiu que seu coração parava: era o mesmo que lhe havia dito fazia algumas horas no calor da paixão.

–Disse que olhe para mim, Celia.

A contragosto, elevou a vista e obedeceu.

– A dor que sentia por seu marido talvez sirva como desculpa na primeira vez. Mas não na segunda.

Quando Celia perguntou a Griffin quanto mais teriam que continuar viajando, surpreendeu-se ao saber que estavam mais próximos de Crescent City do que havia acreditado.

–Umas três horas – disse, amenizando a marcha do cavalo. Estavam

percorrendo um caminho que cruzava um bosque, quase invisível a um simples olhar. –Depois de cruzar o rio, resta um trecho curto até a plantação do pântano St. John.

–Como é que sabe onde vivem os Vallerands?

–Somos... conhecidos.

O caminho se estreitou e os ramos baixos obrigaram Griffin a diminuir a velocidade do cavalo para não bater a cabeça.

–Isso não pode ser verdade – disse Celia com arrogância. –Os Vallerands não tem relação com piratas e ladrões.

Griffin riu.

–Os Vallerands foram piratas e ladrões há duas gerações. Assim como outras famílias de Nova Orleans.

–Não teme a *monsieur* Vallerand?

–Não temo a ninguém.

Irritada por sua arrogância, Celia tentou incomodá-lo. –*Monsieur* Vallerand é poderoso e perigoso. Philippe me disse que seu pai dispunha do melhor exército da Luisiana. Quando souber o que ocorreu a seu filho...

–Já sabe – respondeu Griffin com calma. – Seu barco foi levado ao porto faz dois dias. Foi um dos muitos que sofreram ataques no Golfo. Não teve mais remédio que presumir o pior.

Um dos muitos? Quantos barcos mais haviam sido abordados? Celia estremeceu ao recordar todos os homens assassinados no navio mercante de Vallerand, os corpos mutilados, o convés banhado em sangue. Não era a única mulher a quem haviam deixado viúva. Muitas famílias deviam estar chorando a perda de filhos, maridos, pais e irmãos.

–Ouvi Legare dar a ordem –conseguiu dizer apesar do nó na garganta –de que prendessem os homens no porão... e incendiassem o barco. Como é possível ser tão desumano...

–Nisso estou de acordo – disse lacônico.

–Sério? Legare e você não foram moldados na mesma forma? Após capturar um barco, é possível que faça exatamente o mesmo que ele...

–Não, não se ganha nada assassinando inocentes. Abordo os barcos para obter um benefício, não para fazer uma carnificina.

–Mas já matou. Vi com meus próprios olhos. Matou ao menos três homens para tirar-me da ilha.

–Se não o tivesse feito, estaria morta. Depois de algumas horas de tortura por parte de André Legare.

–Você e os outros homens da ilha... É diferente dos homens que conheci. Philippe era como meu pai. Era tão amável, tão respeitoso com a vida, e nunca havia feito mal a ninguém. Preferia sofrer a que sofresse outro...

–Pois sua bondade não lhe foi de grande ajuda – disse Griffin com frieza.

–Morreu sem lamentar-se.

–Assim morrerei eu também, quando chegue o momento.

Celia compreendeu com uma pontada de inconformidade que possivelmente estava certo. Griffin era um animal selvagem, jamais pensava no passado ou no futuro, somente em como satisfazer suas necessidades do presente. Lamentos, culpa, vergonha, arrependimento... todas essas qualidades humanas eram algo pelo que não se interessava, algo que talvez nem sequer entendesse.

–Quando se tornou pirata? –Perguntou.

–Comecei sendo um corsário. Tudo estritamente legal. Capturava barcos de países inimigos pelos quais me pagavam uma comissão e me recompensavam muito bem por levar o butim ao porto. Mas em uma ou duas ocasiões sentime tentado e não pude evitar atacar barcos errados. Isso converteu-me em um pirata.

–Isso é o que é.

–Certo.

–Se o prendessem...

–Me enforcariam.

–Mas já não poderá ser pirata, porque o capitão Legare estará procurando-o e deseja acabar com você, *non*?

–Ficarei um tempo fora de circulação. –Podia-se notar o tom de satisfação em sua voz.

– Queria ter podido ver sua cara quando encontrou seu irmão morto. Oh, gostei de ter mandado André ao inferno. –Notou o tremor de Celia e franziu o cenho. – Não há nada a temer. Eu a mantereí a salvo de Legare. – Chegaram a uma margem solitária do Mississipi, onde dois homens mal vestidos os atravessaram até a outra margem em uma barça. Sem dúvida, formavam parte de uma rede estabelecida de contrabandistas, porque trataram Griffin de forma muito respeitosa e pareciam compartilhar com ele certo grau de camaradagem. A pedido de Griffin, um deles entregou a Celia seu chapéu. Ela recolheu o emaranhado de cabelos para baixo da ampla aba e o enterrou quase até as sobrancelhas. Devido às largas e excêntricas roupas e sendo uma mulher pequena, dava a impressão de ser um rapaz magrelo.

Enquanto os homens falavam em voz baixa tentando que ela não ouvisse nada, Celia apoiou as mãos na grade e cravou o olhar nas águas serenas. Em uma de suas cartas, Philippe lhe havia descrito aquele rio argiloso. Havia dito algo sobre como era mais saudável beber a água turva que a clara. Ao ver as ambarinas profundidades, se disse, com um tom de ceticismo, que isso não podia ser verdade.

Grupos de árvores robustas cresciam até um céu turquesa pontilhado de nuvens difusas. As tartarugas nadavam perto das margens, reunindo-se junto às raízes que saíam da água. Rio abaixo apareceu um borrão no horizonte, que bem podia ser a distante Nova Orleans.

Navios de todo mundo deviam ancorar nos cais da cidade, de forma que aqueles estariam cheios de cor e da bagunçada mistura de gente que Philippe descrevia em suas cartas. Custava crer que, finalmente, havia chegado ao lugar com que tanto havia sonhado. Mas não sentia nenhuma esperança nem nervosismo; somente sentia um vazio interior. Havia rompido com seu passado e perdido a possibilidade de um futuro.

—É diferente da França — ouviu uma voz às suas costas.

Como era possível? Griffin parecia ler seus pensamentos.

—Sim, eu sei — respondeu.

—As pessoas daqui são mais rudes que as de seu país. Mesmo o crioulo mais refinado tem um toque grosseiro, às vezes muito vulgar. Talvez seja difícil você se acostumar.

—*Cela ne fait rien* — disse. —Não importa. Ficarei aqui enquanto os Vallerands me permitam. Não tenho nenhum desejo de voltar à França. —Não tinha dúvida de que sua própria família a receberia de braços abertos, mas, depois de todo o ocorrido não poderia retornar à vida que havia levado antes.

Griffin colocou-se a seu lado, consciente de como estremecia quando estava perto dela.

—Superará tudo aqui — disse sem rodeios.

—Por que diz isso?

—Quando passar o período correspondente ao luto, será a peça mais cobiçada de toda Nova Orleans. Uma atraente viúva francesa, relativamente jovem, herdeira de uma considerável fortuna... Ora, será o objetivo de todos os homens disponíveis de Vieux Carré até o American District.

—Nunca voltarei a me casar.

—Por que não?

—Não quero ser esposa de ninguém.

Ele encolheu os ombros.

–Quem sabe. Eu nunca quis ser marido de ninguém. Sempre acreditei que o casamento fosse um arranjo antinatural.

–Antinatural?

–Ninguém pode ser fiel a outra pessoa por toda a vida. Não há mulher no mundo com quem fosse casar-me, cedo ou tarde.

–Nem todos os homens pensam o mesmo.

–Mesmo nos melhores casamentos, um dos cônjuges sente-se tentado a desviar-se.

–Equivoca-se – disse ela friamente. –Nada no mundo teria tentado Philippe o suficiente para afastar-se de mim. E eu nunca... – Deteve-se em seco. O coração começou a palpitar e apertou os punhos como se a verdade a tivesse golpeado. Havia traído Philippe. Na noite anterior havia esquecido por completo seus princípios de honra e fidelidade. Uma dolorosa vergonha surgiu em seu interior. Apesar de Philippe estar morto, nem por isso deixou de sentir-se uma adúltera.

Griffin sabia o que ela estava pensando, e o preocupou o repentino desejo que sentiu de estreitá-la entre seus braços e reconfortá-la. O melhor seria livrar-se dela o quanto antes; não gostava nada desse aspecto de si mesmo que estava descobrindo.

–Não se culpe pelo ocorrido à noite – disse com fingida indiferença. – Aproveitamos bem, mas não teve a importância que está dando.

Celia se empertigou. Jamais havia conhecido alguém tão repulsivo e mesquinho como aquele canalha!

–Não aproveitamos nada – disse fitando-o por debaixo da aba do chapéu.

–Não? –Sorriu. Aparentemente, lhe agradava provocá-la. –Como foi, então?

Ela ruborizou, e teve que respirar fundo para acalmar-se. Vieram à sua mente alguns insultos desagradáveis. Queria contar a ele a repulsão que lhe causava, o asco que sentia ao recordar a noite anterior. Mas ao ver seu gesto zombeteiro não teve forças para falar. Os olhos dele eram de um azul puro e penetrante; mais profundo que o céu ou o mar. Recordou seu brilho na escuridão, o som de sua voz ao ouvido, o roçar de sua barba contra seus seios. Recordou aquele corpo musculoso em cima do seu, e o modo como seu duro pênis a havia penetrado. Seus mamilos se eriçaram debaixo do áspero camisão e sentiu uma pontada de pânico. Que mudança havia ocorrido nela? Como poderia deter aquela loucura se na verdade ansiava pelo que ele havia

despertado nela?

Ao apreciar sua angústia, Griffin forçou-se a deixar as mãos nas costas, apesar de morrer de vontade de tocá-la, atraí-la pelo quadril, beijá-la com ardor. Foi então que compreendeu quão perigosa era aquela mulher. Teria que manter-se alerta enquanto estivesse em Nova Orleans. Haviam colocado preço por sua cabeça, e se alguém descobrisse que estava ali, isso significaria morte certa. Pensar nisso o ajudou a clarear sua mente. Só tinha que conter-se um pouco mais, até chegar à propriedade dos Vallerands; depois poderia afastar-se do assunto.

—É uma jovem atraente — observou ele levantando a aba do chapéu com um dedo. —Vestida de mulher, sem dúvida deve parecer muito agradável de se ver... Perfumada e maquiada, com sedas e fitas. Me agradaria vê-la.

Havia uma nota de brincadeira em sua voz que ela captou. Desconcertada, continuou fitando-o nos olhos, secando o suor das palmas das mãos nas mangas na camisa.

—Acabo de me dar conta de algo, capitão Griffin — disse, e concentrou-se em seu rosto barbado. —Não só tem os olhos da mesma cor que os de Philippe, assim como suas sobrancelhas têm o mesmo traçado. Uma se arqueia um pouco mais para cima que a outra.

Ele observou-a com receio.

Celia sacudiu a cabeça... as suspeitas começaram a ferver em seu cérebro. Não podia ignorar que havia similaridades, apesar de serem superficiais, entre Griffin e Philippe. Tratava-se de uma simples coincidência? Havia a possibilidade de que...? Se o que estava pensando fosse verdade, então era a mulher mais estúpida do mundo e ele a escória mais insensível que já teria pisado na face da Terra.

—Admitiu que conhece os Vallerands. Talvez se trate de algo mais que isso, talvez compartilhe... parentesco.

Griffin não afastou os olhos dela e Celia sentiu que lhe enfraqueciam os joelhos. Se não tivesse se sentido tão confusa e assustada durante os dois últimos dias, teria adivinhado antes.

—De... de algum modo está aparentado com Philippe — sussurrou com espanto. Ele estendeu um braço para que se apoiasse, e ela aceitou-o sem pensar. —Ajuda-me porque sou a viúva de Philippe, e você... é um Vallerand.

Capítulo 5

Setembro de 1817

–*Regardez*, engordei.

Celia se voltou para observar seu reflexo. Fazia muito tempo que não se olhava detidamente, só havia dado uma olhada no espelho para pentear-se ou ajeitar a roupa. Em algum momento dos últimos quatro meses de convivência com os Vallerands, havia deixado de sentir os braços frágeis e os hematomas da cara e do pescoço haviam desaparecido. Até seus seios, pequenos e planos até então, haviam adquirido uma bela redondez.

Lysette sorriu observando como uma costureira ajustava e prendia com alfinetes a bainha de um novo vestido negro para Celia.

–Estava tão magra quando chegou aqui – disse. –Alegra-me comprovar que a comida de Berté surtiu bom efeito.

Celia voltou-se novamente, elevando as sobrancelhas ao ver como o caimento da saia de seda se ajustava a seus quadris e nádegas. O vestido estava cortado à última moda, com a cintura alta e sem gola, o decote e os ombros seguros por alguns broches de azeviche. A saia caía suavemente de seus quadris ao chão, deixando fora de alcance dos olhos os tornozelos e os pés. Respirou fundo para provar, e observou que o corpete e o vestido apertavam-lhe os seios.

–Quieta, madame –exigiu a costureira.

Celia fez uma careta.

–Muito em breve não vou poder pôr nenhum destes vestidos.

–Isso será dentro de muito tempo – disse Lysette suavemente, e se aproximou do espelho de pé para avaliar sua própria imagem em tom crítico.

–Eu, de minha parte, deveria recuperar a forma que perdi quando tive Rafael.

–Sorriu ao gordinho menino ruivo que brincava no chão com retalhos de tecido.

–Esses quilos assentam-lhe maravilhosamente, querida. Não dê ouvidos a Madame. – A costureira, uma bela jovem irlandesa chamada Briony, deteve-se e falou apesar dos alfinetes que segurava com os lábios.

–*Monsieur* Vallerand não mudaria na senhora nem um só cabelo,

madame.

Lysette começou a rir e sacudiu a cabeça.

–Max não é um juiz imparcial de minha forma. Ama-me.

Celia sorriu levemente, pensando que não sobrava nem um grama a Lysette. Era uma pequena Vênus, voluptuosa e perfeitamente proporcionada. Com seu cabelo ruivo e sua natureza vivaz, era como uma chama sempre ardente. Não era difícil entender por que um homem poderoso e reservado como Maximilien Vallerand a venerava.

–Max não gosta que vista negro – disse Lysette com um suspiro, regressando ao sofá e pegando um par de minúsculos calçados que havia mandado remendar para uma de suas duas filhas pequenas. –Todo ano passado estivemos de luto pela morte de sua mãe, Irenée. E agora... – Sua expressão adquiriu um toque de melancolia e Celia soube que estava pensando em Philippe.

O luto duraria outros oito meses, nos quais os membros adultos da família Vallerand se vestiriam exclusivamente de negro. E durante muito tempo depois não seria permitido a Celia usar outras cores além de tons escuros de lavanda e cinza. Esses eram os costumes crioulos aos quais teria que prender-se de forma estrita, ou teria que suportar a censura de Nova Orleans. Quando escrevesse cartas, a margem do papel teria que ser negra. Não usaria jóias com exceção de um broche de azeviche e, quando se aventurasse a ser vista em público, seu cabelo e seu rosto ficariam escondidos sob um escuro véu de crepe. Até os botões de sua roupa teriam que ser pequenos e foscos. Os eventos sociais aos quais lhe seria permitido comparecer eram limitados, e neles não teria contato com homens.

O isolamento não pareceu difícil para Celia. Recebeu com braços abertos a privacidade que a propriedade proporcionava. Dava-lhe a serenidade de que tanto necessitava. Um tempo depois, Lysette, uma criatura social com muitos amigos, tanto crioulos como americanos, tentou convencê-la a que abandonasse seu estado de solidão. Mas Celia não precisava de ninguém com quem cochichar ou a quem abrir seu coração, e não desejava participar das reuniões familiares. Só queria trabalhar, algo que a mantivesse ocupada, e tempo para reconciliar-se com a morte de Philippe.

Havia muitas coisas em que Celia podia dar uma mão na propriedade, que era em si como um mundo em miniatura. As mulheres faziam vinho, manteiga, pão, conservas e molhos, semeavam verduras e atualizavam diariamente os livros em que se anotavam os suprimentos de que

necessitavam. Fazer sabão e velas requeria um dia completo de trabalho a cada mês. Sempre havia vidros e objetos de prata ou porcelana para limpar e polir, para não falar dos tapetes e da lavagem de roupa. Uma das tarefas que parecia não ter fim era a costura: dar pontos, cerzir, remendar, forrar e bordar.

Celia travou relações com todas as escravas enquanto compartilhava com elas os trabalhos da casa, mas era muito tímida para tratá-las com a franqueza com que Lysette costumava comportar-se com elas. Não entendia as complexas relações entre escravos e seus senhores, o sentido de formar parte da mesma família, apesar de manter estritos limites que jamais seriam transgredidos. Muitas damas das fazendas tratavam seus criados como se fossem objetos de sua propriedade, enquanto outras pareciam sentir um autêntico afeto por eles. Em uma ocasião, a senhora de uma propriedade vizinha avistou Lysette e rompeu em pranto ao contar-lhe que havia morrido uma das velhas criadas da família. "Sempre foi como uma mãe para mim, até mais que a minha própria", disse a mulher entre choramingos, enxugando as lágrimas com um lenço de renda. Sua atitude confundiu Celia. Se a criada havia sido sua amiga a tal ponto, como era possível que a mulher continuasse mantendo-a como escrava? Talvez com o passar do tempo, pensava Celia, chegaria a entender aquela estranha sociedade.

Os sulistas eram misteriosos, e os crioulos ainda mais. Mas o que em maior grau desconcertava Celia era os próprios Vallerands. Formavam uma enorme família com inumeráveis primos, e seu passado estava cheio de escândalos e obscuros segredos aos quais se referiam, mas de que nunca falavam abertamente. Celia lamentava não poder dizer a Philippe que não a havia preparado para algo assim.

Era impossível não ouvir rumores relativos aos Vallerands, inclusive sobre Lysette. Durante uma noite de reunião familiar, Henriette, a cunhada de Lysette, sentou-se junto a Celia e contou-lhe um montão de segredos da família em voz baixa. Henriette, uma mulher muito atraente com uma insuperável fraqueza pelas fofocas, era a esposa de Alexandre, o irmão mais novo de Maximilien.

—*Bien sûr*, o muito que Maximilien mudou desde que casou faz dez anos— sussurrou-lhe Henriette com deleite. —Antes era o homem mais impiedoso e frio do mundo. Comenta-se que deu fim à primeira mulher!

—*Pas vraiment* — Celia murmurou descrente. Maximilien era um homem que intimidava, mas, dado que ela não havia observado nele mais que ternura para com Lysette e seus filhos, supunha que fosse incapaz de algo assim.

–Oh, *sans doute*! É claro, mais tarde se descobriu que as suspeitas eram infundadas. Mas até então todo mundo pensava o pior sobre ele, e com razão.

–Por que diz isso? –Perguntou Celia.

–Era cruel com todo mundo. Inclusive com Lysette.

Celia sacudiu a cabeça.

–*Non*, Henriette, não pode ser.

–É verdade, tudo é verdade. Apesar da devoção que mostra agora por Lysette, só se casou com ela porque a havia arruinado.

–Arruinado? –Repetiu Celia, crendo não ter ouvido corretamente.

–Oh, *oui*! Lysette estava comprometida com outro homem, mas Maximilien seduziu-a e se bateu em duelo com seu noivo. Era um demônio sem coração até então. E terminou que seu filho saiu igual a ele... Não seu marido, Philippe, é claro, que Deus o tenha em sua Glória. Falo do outro, do gêmeo que foi embora. Justin. –Aproximou-se um pouco mais e murmurou: – Converteu-se em pirata. Alexandre, meu marido, contou-me.

–Que vergonha – murmurou Celia enquanto empalidecia.

–Não é? –Disse Henriette com algo muito parecido a regozijo. –Philippe não lhe explicou? Não me surpreende, os Vallerands se comportam de um modo muito estranho a respeito de Justin. Nunca falam dele. Suponho que gostariam que nunca tivesse nascido. Suas atividades poderiam trazer terríveis consequências para a família. Alexandre disse que Justin sempre foi um menino egoísta e descortês. –Deixou escapar um pesaroso suspiro. –E Philippe era um anjo, tão amável e carinhoso com todo mundo. Oh, não a estou incomodando, não é?

–Em absoluto – respondeu Celia com calma, apesar de que interiormente sentisse uma tremenda angústia. Ninguém além de Maximilien, Lysette e ela mesma sabia a verdade acerca de como havia chegado a Nova Orleans. Maximilien havia inventado uma história para justificar sua repentina aparição, afirmando que alguns poucos e intrépidos marinheiros haviam sobrevivido ao ataque pirata e haviam trazido Celia sã e salva.

–Se conhecessem nossa relação familiar com Justin, –havia dito Maximilian a Lysette e Celia –seria muito mais fácil para as autoridades preparar-lhe uma armadilha. Cada vez que se menciona seu nome, cresce o interesse em se conhecer seu paradeiro. O aumento da pirataria é mau para os negócios locais e para certas carreiras políticas. Sei de muitos homens muito bem situados que adorariam encaminhar Justin a um castigo exemplar.

–Espero que possam fazê-lo com Dominic Legare – disse Celia

cruamente. –Como já sabe, não sinto muito afeto por seu filho, *monsieur* Vallerand. Mas ele não é tão cruel nem malvado como Legare.

–É claro que não. –Intercedeu Lysette com um tom extremamente amável. –Em seu coração ainda aninha bondade, ou não se teria posto em perigo trazendo-a aqui, *n'est-ce pas*?

Celia manteve silêncio com o olhar cravado no colo. Lysette não sabia nada do acontecido entre ela e Justin, e Celia tinha a intenção de que nunca soubesse. Era evidente que Lysette queria bem a seu enteado, e certamente aos Vallerands não agradaria saber a parte de responsabilidade que Celia teve naquele assunto.

A bondade, pensou Celia depreciativamente, não é uma das qualidades predominantes do caráter de Justin. E tampouco da sua. Não havia sido capaz de confessar seus horríveis pecados ao sacerdote local, e, portanto, não havia sido absolvida deles. Mas como poderia confessar a outro ser vivo que havia se deitado com o irmão de seu falecido esposo e, ainda pior, que havia tido prazer do dito ato infame?

Se não fosse satisfatória a laboriosa vida que levava na propriedade Vallerand, Celia teria considerado a possibilidade de encerrar-se em um convento das Ursulinas. A ideia de obter paz e solidão lhe parecia atraente, e não pensava absolutamente em voltar a casar-se. Philippe havia sido seu primeiro amor e não desejava aceitar um sucessor. Os Vallerands, por outro lado, haviam lhe oferecido a mesma privacidade que poderia ter alcançado no convento, mas sem suas restrições. E também havia os filhos ruivos de Lysette, Evelina, Angeline e Rafe, aos quais Celia havia passado a querer carinhosamente. Era um costume crioulo que as viúvas e as solteironas cuidassem dos filhos de seus familiares. As duas meninas, de oito e seis anos de idade, geralmente iam visitar Celia na *garçonnière*, uma pequena, mas encantadora residência erguida junto à casa principal.

Em geral, as *garçonnières* eram ocupadas pelos homens solteiros e os garotos adolescentes da família, mas o filho de Lysette e Maximilien não era mais que um menino, e não havia outros homens Vallerand vivendo na propriedade. A pedido de Lysette, Celia havia redecorado e mudado os móveis da masculina *garçonnière* para seu próprio uso. Maximilien animou-a a que remexesse entre os móveis e objetos de arte armazenados na casa principal.

–Leve o que quiser – disse. –A maioria destas coisas não é tocada por ninguém já faz anos.

Para sua satisfação, Celia desenterrou tesouros que transferiu de imediato à *garçonnière*: tapeçarias verde pálido e rosa, caixotes com adoráveis jarros chineses, um relógio barroco italiano adornado com diminutos sátiros, uma espreguiçadeira Luís XV e cadeiras de mesa, douradas e forradas em tecido damasco cor de limão. Celia escolheu papel com listras largas para as paredes e pintura branca para as portas e as molduras. A *garçonnière* não demorou em converter-se em uma agradável casinha com cômodos luminosos e arejados. Celia adorava especialmente o salão com suas portas francesas de vidro e a prateleira de mármore em cima da lareira, assim como uma curiosa estante de forma octogonal com ornamentação em estilo crioulo.

–Converteu a casa em um lugar lindo – exclamou Lysette ao ver o resultado dos esforços de Celia. –Tem uma boa mão com as cores e a decoração, e... *qu'est-ce que c'est?* –Abriu a porta do menor cômodo da casa, carente de móveis com exceção de uma mesa retangular, um tamborete e um cavalete. Não havia cortinas penduradas nas janelas, nem tapetes no chão. Havia telas em branco penduradas na parede. Blocos para desenhos, pincéis e manchas de pintura sobre a mesa. Lysette olhou surpreendida para Celia. –Max me disse que lhe pediu que trouxesse algumas coisas do povoado, mas não sabia que era uma artista.

Celia ruborizou.

–Oh, não sou artista, imagine só. Simplesmente... bom, gosto... Oh, por favor, não os olhe. Não quero mostrá-los a ninguém.

Lysette afastou sua mão de um bloco de desenho.

Temendo tê-la ofendido, Celia tentou explicar-se; tinha a cara vermelha de vergonha.

–Ninguém nunca viu meus garranchos... Não é nada além de um passatempo. Quando menina gostava de pintar e desenhar, mas quando minha mãe morreu já não dispus de tempo para mim... – Pigarreou, desconfortável. –Espero que não se importe que tenha transformado este cômodo. O que faço não tem nenhum valor, não é bastante bom para que ninguém o veja, mas me parece relaxante e... não poderia fazê-lo se pensasse que alguém fosse vê-lo. Se Philippe estivesse vivo, jamais teria voltado a desenhar. Teria insistido em dar uma olhada em meus desenhos e eu não teria suportado isso.

–Por que, Celia? –A voz de Lysette destilava amabilidade. –Não há razão para se angustiar. Pode utilizar o cômodo para o que lhe apeteça. Alegra-me que algo a interesse. Nunca me meterei em sua privacidade.

–Obrigada – murmurou Celia.

Lysette estudou sua cabeça abaixo.

–É uma pessoa muito tranquila e de fácil convivência, *chérie*, inclusive exageradamente. Às vezes me preocupa.

–Tenho tudo o que necessito e careço de preocupações. –Celia se dispôs a sair do cômodo para não continuar falando. Para Lysette era natural ser carinhosa com os que a rodeavam, mas ela havia mantido uma relação próxima com muito poucas pessoas em sua vida: seu pai, seus irmãos e Philippe. Só com eles havia sido capaz de compartilhar seus pensamentos e sentimentos mais íntimos.

Havia escrito a seu pai contando-lhe da morte de Philippe e de sua nova vida ali. Sua série de cartas sobre fatos do cotidiano havia obtido respostas igualmente prosaicas por parte de sua família. Talvez os de fora tivessem achado sua atitude um tanto curiosa. Os Verité eram pessoas pouco emotivas, mais para frias e práticas, e evitavam mostrar abertamente seus sentimentos. Seu pai acreditava que enquanto se gozasse de boa saúde, as demais preocupações eram de pouca importância. E de todos os filhos de Roben Verité, Celia era de longe a mais reservada. Ninguém, nem sequer Philippe, havia conseguido penetrar nos cantos mais distantes de seu coração, aquela parte que sempre ficaria oculta aos olhos dos demais.

Sentia falta de certas coisas, desejos impossíveis de verbalizar. Havia acreditado que estaria a salvo com Philippe, que ele teria chegado a entender as emoções de temor que se ocultavam em seu interior. Sobressaltava-se ao se perguntar sobre o grau de verdadeira intimidade que teriam chegado a compartilhar, não só física, como também entre suas almas. Agora já não poderia saber nunca mais.

Celia nunca se permitia pensar em Philippe ao ir dormir. Se o fizesse, sabia que teria violentos pesadelos em que ele se afogava, estendendo as mãos para ela, suplicando-lhe que o salvasse. Despertaria empapada em suor e chorando, trêmula ao sentir que Philippe estava vivo, apesar de saber que não era assim.

–Não, Vesta – Celia afastou a gata com o cotovelo quando esta tentou subir-lhe ao colo.

Vesta havia-se cansado de observar a água esguinchando da fonte e colocou uma de suas úmidas patas em seu joelho. Desde que Celia havia se instalado na *garçonnière*, a gata havia se mudado com ela. Celia aceitou

aquela hóspede inesperada e deu-lhe o nome de uma deusa da Roma Antiga, a deusa da terra. As duas estavam sentadas no canto favorito de Celia no jardim dos Vallerands, um lugar reservado, bordeado por uma fileira dupla de limoeiros. Quatro caminhos formavam um retângulo que tinha em um dos lados um muro de pedra. Na parede havia um nicho e uma fonte com bacias em vários níveis.

Era um dia ensolarado e soprava uma leve brisa, o tipo de dia comum na França e bem mais raro naquelas latitudes. Celia tirou o chapéu de aba negra e larga e sentou-se sobre um de seus pés. A pose era inadequada segundo o decoro, mas não havia ninguém por ali que pudesse vê-la. Fez alguns esboços do que a rodeava, deixando que sua mente vagasse de um sonho a outro.

Incomodada pela negativa de Celia em colocá-la em seu colo, Vesta saltou do banco até seus pés e deitou-se a seu lado para limpar uma pata branca e alaranjada. Celia sorriu e tirou uma de suas sapatilhas para assim poder acariciar a barriga da gata com os dedos dos pés. Vesta começou a ronronar. A gata levantou a vista e olhou para Celia com os olhos entreabertos.

O tranquilo retinir da água, a tranquilizadora brisa e a amável luz do sol fizeram com que Celia se sentisse sonolenta. Encostou as costas contra a parede. Lysette havia dito que Philippe costumava ir a esse recanto para ler livros de filosofia ou poesia. Celia tentou imaginá-lo sentado ali, com a luz do sol iluminando seus cabelos castanho escuro, com o corpo relaxado no banco e as longas pernas cruzadas.

Seguindo um impulso se dispôs a esboçar seu retrato, o fino queixo e as bochechas altas, a determinação na linha de seu nariz, as arqueadas e cheias sobrancelhas. Sua cabeça se assentava sobre um pescoço forte, tinha o cabelo penteado para trás, exceto pelo redemoinho que fazia com que um par de cachos lhe caíssem sobre a testa. O carvão se deslocava como se uma força alheia à vontade de Celia o guiasse. Em transe, observou como se formavam outros detalhes, a ampla e firme boca, as leves rugas formadas pelo riso ao redor de seus olhos, sombras e marcas que haviam outorgado àquele rosto seu aspecto singular de confiança e força.

Celia enrugou o cenho enquanto observava o desenho. Algo não estava certo... Os olhos... Eram retos, a forma não era a correta. Escureceu a íris até encher as pupilas quase por completo, e acrescentou um traço mais grosso às sobrancelhas. Mordendo o lábio inferior, trabalhou com atenção. Elevou finalmente o desenho e olhou-o atravessado sacudindo a cabeça. Vesta miou

interrogativamente.

–Não está bom – disse Celia. –Não o suficiente. Por que não posso recordar-me de como Philippe era...?

De repente, o papel tremeu em suas mãos. Os olhos transmitiam mais vida agora... mas não eram os de Philippe. Sentiu um suor frio na testa e acima dos lábios.

Aqueles olhos tinham agora um lampejo zombeteiro, e pareciam fitá-la com reconhecimento. "Olhe-me, Celia..."

Engoliu a saliva e obrigou-se a soltar o desenho, que caiu ao chão. Vesta saltou sobre ele imediatamente, destroçando o rangente papel com as garras. Celia levou uma mão ao peito. O coração batia descompassadamente. "Não seja estúpida –repreendeu-se. –Ele não está aqui, e não voltará a vê-lo nunca mais. Por que está nervosa?". Mas a sensação continuou ali. Fechou os olhos.

Às vezes a recordação era tão viva como se tudo tivesse ocorrido no dia anterior, os meses transcorridos acabavam sendo nada. Ainda podia sentir as mãos de Justin fechando-se sobre seus seios, suas coxas separando as dela, seu hálito morno arrepiando seus pêlos. O corpo de Justin havia enchido o seu, fitando-a nos olhos, saboreando um intenso prazer. Não havia feito concessão alguma à fraqueza ou à debilidade; de fato, havia se aproveitado vilmente disso. "Não poderia tê-lo detido ainda que tivesse querido", pensou, enrubescendo furiosa. A questão era, entretanto, que não havia querido, e isso era algo que sempre pesaria.

Recolheu os restos de papel com que Vesta estava brincando e fez uma bola com eles.

Inquieta, guardou os materiais de desenho na *garçonnière* e foi à cozinha da casa principal, que fervia de atividade. O ar da manhã estava saturado do odor de fermento. As mesas estavam cobertas de placas de pedra untadas com banha de porco e cheias de massa de pão. As mulheres amassavam e davam forma à massa antes de colocá-la em formas de ferro. Noeline, governanta dos Vallerands fazia muitos anos, saudou Celia com um murmúrio enquanto enchia uma bandeja com farinha que havia estado ao sol.

Lysette estava junto a uma das mesas, em um canto, fazendo pãezinhos com pedaços de massa que seriam comidos no almoço. Sua filha Evelina estava diante das bisnagas cruas, e passava por cima delas um pincel besuntado de manteiga antes de colocá-las no forno. Angeline estava sentada na mesa roendo uma crocante ponta de pão. Celia sorriu ao comprovar o quanto as filhas se pareciam com a mãe, todas com o cabelo vermelho canela

preso na altura da nuca.

–Celia! –Gritou Angeline, saltando da mesa e passando o braço por sua cintura. –Estamos ajudando *mamam* com o pão.

–Percebi. –Celia respondeu, acariciando o cabelo da menina.

–Você não está ajudando – disse Evelina a sua irmã mais nova. –Você só come.

Angelina fez uma careta.

–*Mamam* disse que eu podia.

–Bem, –intercedeu Celia –é necessário que alguém prove se está gostoso, *non*? –Pegou uma fatia de pão da pequena mão de Angeline e deu-lhe uma mordida. –Mmm... O que é que os americanos dizem? Está maravilhoso?

As meninas riram e entre exclamações corrigiram sua pronúncia. Lysette lhes dirigiu um olhar sério – Sejam respeitosas, meninas.

–*Non*, pedi-lhes que me ajudem – disse Celia entre risadas. –Elas falam inglês muito melhor que eu.

–Eu levei muito tempo para aprender a falá-lo – confessou Lysette. –Mas em Nova Orleans é necessário. Aqui há muitos americanos, mais e mais a cada ano. Alguns crioulos, entretanto, jamais se rebaixaram a falar uma palavra do inglês. E tampouco permitiram que se fale inglês em sua presença. Max insistiu que os meninos tinham que falar ambos os idiomas. Dizia que seria uma desvantagem para eles ver-se isolados de alguma das duas culturas.

–Philippe tinha um ouvido muito bom para os idiomas – disse Celia com ar melancólico.

–E Justin também, mas... – Lysette deteve-se na metade da frase ao ver que Celia estremecia. –*Pardon*.

–Não importa – murmurou Celia.

–Não sei por que o mencionei. Durante os dois últimos dias pensei muito em Justin. Inclusive apareceu em um de meus sonhos. –Lysette deu de ombros e sorriu. –Noeline disse que é o sinal de um loa.

–Um o quê?

–Terá que perguntar a Noeline – respondeu Lysette, e tapou as orelhas de Evelina antes de formar a palavra "vodu" com os lábios.

Proveniente de uma família católica, Lysette não acreditava nos deuses africanos e haitianos que alguns escravos veneravam – oriundos de Santo. Domingo –e também alguns brancos de Nova Orleans. Não queria que suas filhas fossem supersticiosas. O culto ao vodu era arraigado na cidade. A cada ano, centenas de crentes se reuniam no lago Ponchartrain ou no pântano St.

John para celebrar um ritual em que adoravam os seus deuses.

Celia não suspeitava que Noeline acreditasse em vodu. Levada pela curiosidade, saiu aos arredores, onde a digna governanta transportava outra bandeja de farinha.

–Noeline?

A velha mulher negra levantou a cabeça.

–*Oui*, madame?

–Poderia explicar-me o que é loa, *s’il te plaît*?

–Loa – repetiu Noeline, deixando a bandeja sobre um enorme tronco e endireitando-se depois. Seus brilhantes olhos negros cintilaram com um sorriso. –Há diferentes tipos, madame. Loa é um espírito vodu. Cada loa tem duas partes, uma boa e uma má. Legba, por exemplo, controla todas as encruzilhadas dos caminhos... Legba é o deus dos pecados, faz o sangue correr quente... *Comprenez*?

Celia assentiu ruborizando-se levemente.

–Mas Legba também se apieda dos homens. Com a ajuda de Legba, os homens podem evitar seu destino. Erzulie e Damballa...

–Já entendo – Celia interrompeu-a antes que Noeline lhe descrevesse todos os loa que conhecia. –Diga-me... por que disse a Lysette que a presença de Justin em seu sonho podia ser sinal de um loa?

–Os loa trabalham nos sonhos. –Noeline estreitou os olhos. –Também sonhou com ele?

–Com Justin não – respondeu ela. –Com meu marido. Sonho que está vivo.

–Ah. –Noeline inclinou a cabeça fitando-a com simpatia. –Isso não é loa, madame. Quando um homem morre fica um vazio no coração... e na cama, *c’est vrai*? Mas algum dia encontrará outro homem para encher esse vazio, e então já não sonhará.

–Não sei. Não creio que volte a casar-me nunca mais.

Noeline sorriu.

–Sou uma mulher velha, madame, e sei que o que diz que não ocorrerá sempre acaba ocorrendo.

Nessa tarde, os Vallerands receberam em casa alguns familiares. Alguns primos mais velhos chegaram de visita, e também o irmão de Maximilien, Alexandre, e sua esposa Henriette. Reuniram-se no salão e conversaram sem rodeios. Enquanto a conversa avançava, tomaram café e baba, uma torta de massa esponjosa banhada em run.

Celia permaneceu em silêncio, preferia ficar sentada em um canto e escutar a conversar com a família. Geralmente seu olhar se concentrava em Lysette e Maximilien, que estavam sentados no sofá. Em geral, a essas horas seus filhos já haviam se deitado, mas nessa noite Rafe estava aconchegado contra o peito de seu pai, dormindo placidamente. De vez em quando, Maximilien acariciava a suave cabeleira ruiva. Celia comovia-se com aquela mostra de ternura para com o menino.

Os convidados ficaram até depois da meia-noite, quando desapareceu a última migalha da torta e acabou o último gole de café. Após passar o menino a Lysette, Maximilien acompanhou Alexandre e Henriette à porta. Depois voltou para comprovar se restava mais algum convidado.

–Todos se foram – disse Lysette.

–Graças a Deus. –Max desabotoou a gravata negra e deixou-a pendurada em seu pescoço. Sorriu para sua esposa, que acalentava suavemente seu filho. Lysette fitou os olhos dourados de Max e sua expressão mudou. O casal dedicou-se um olhar que fez subir vários graus a temperatura do salão.

Com uma pontada de incômodo, Celia percebeu que estava interrompendo um momento íntimo. Limpou a garganta.

–Eh... *bonne nuit*, eu também me vou – disse, sufocando um bocejo fingido e caminhando para a porta. –Foi uma reunião adorável.

–Espere – respondeu Max deixando de centrar a atenção em sua esposa. – Farei com que Ellias ou Arnaud a acompanhem até a *garçonnière*. É muito tarde para que vá só.

–*Merci*, mas não é necessário. Está muito próxima da casa. Fiz esse trajeto muitas vezes à noite.

–Se você o diz...

–Oh, sim, sim – confirmou Celia apressadamente. –Não preciso de um acompanhante.

–Boa noite – disse Lysette, voltando-se para subir a escadaria com o menino nos braços.

Celia saiu da casa com a mesma sensação de desassossego que a havia perseguido todo o dia. Não havia dúvida sobre o que iria ocorrer entre Maximilien e Lysette quando chegassem à sua cama. Que maravilhoso teria sido gozar da segurança que um marido proporcionava, uma família. Sentindo-se culpada, tentou apagar da mente um acesso de inveja, mas não pôde.

Começou a andar pelo caminho que levava à *garçonnière*. Perguntou-se

como seria se Philippe a estivesse esperando.

Seus olhos começaram a arder. Nunca em sua vida havia se sentido tão só. Nem sequer durante os anos em que Philippe e ela estiveram separados, porque sabia que ele iria buscá-la um dia. Agora não tinha esse consolo. Olhou para o chão enquanto caminhava, imaginando que continuava vivo, esperando-a na pequena casinha. "Estava desejando que chegasse. Desejo-a", poderia ter dito, rodeando-a com seus braços fortes, roçando-lhe os cabelos com os lábios. "Quero fazer amor com você... abraçá-la... Amo você."

A imagem evaporou-se de forma abrupta, e não lhe restou nada além da escuridão. Grilos soavam e a brisa sussurrava entre as árvores. A noite era densa e escura ao seu redor. O coração batia com força, e soube com uma pontada de pânico que o medo ia apoderar-se dela outra vez, o mesmo medo de estar só na escuridão que não havia voltado a sentir desde que escapara da ilha dos Corvos. Pelo visto, era algo que nunca ia superar.

Nervosa, acelerou o passo e concentrou a vista na tênue silhueta da *garçonnière*.

Algo ou alguém a observava. Uma onda de pânico inundou-a. Abriu a boca para gritar, mas uma mão a cobriu, amortizando o som. Ela se remexeu, os olhos arregalados e o corpo lutando para livrar-se das mãos férreas que a retinham.

Uma voz levemente familiar falou-lhe ao ouvido: –Acalme-se, querida, acalme-se. Não está em perigo comigo. Sou seu velho amigo, Jack Risk. Recorda-se de mim?

Ela tremia violentamente e as palavras de Risk não penetravam no muro de terror que a dominava.

Risk prosseguiu com voz suave: –Tem que me ajudar, querida. Por isso estava esperando-a. Deixe de tremer, vamos. Preciso que faça algo por mim...

Risk ficou gelado ao ouvir engatilhar-se um revólver e notar a pressão do metal frio contra sua têmpora. Uma voz glacial rompeu o silêncio: –Solte-a, bastardo. Agora.

–Bendito seja Cristo – resmungou Risk, e tirou as mãos de Celia. Baixou os braços.

Celia retrocedeu soluçando com angústia e alívio. Maximilien estava apontando uma arma à cabeça de Risk.

O jovem pirata tinha o mesmo aspecto que quatro meses atrás, uma cicatriz cruzava-lhe a cara e um tapa-olho cobria-lhe o olho ferido. Vestia

calças, botas e uma camisa suja. Celia abriu muito os olhos ao ver que tinha um lado ensanguentado. *Bon Dieu*, o haviam ferido?

–É o velho Vallerand? –Perguntou Risk, a dor na voz.

Max ignorou sua pergunta e olhou para Celia.

–Machucou-a, *petite bru*?

Ela negou com a cabeça, incapaz de falar. Sua garganta parecia fechada para sempre.

–Certo – disse Max com calma. –Vamos para a casa principal. –Ao ver que Celia hesitava, falou com mais firmeza. –Vamos.

Passo a passo, se encaminharam à casa.

–Antes que faça algo, –disse-lhe Risk –creio que quererá ouvir o que tenho a dizer-lhe.

–Se não o matei por ter entrado em minhas terras, é muito provável que o faça por haver atacado a minha nora.

–Não a ataquei, eu...

–Quem diabos é?

–Um idiota, isso é o que sou – resmungou Risk e fez uma careta de dor quando o revólver foi apertado com mais força contra sua têmpora. –Meu nome é Jack Risk.

–Por que está aqui?

–Vim pelo capitão Griffin – respondeu rudemente.

Celia apoiou-se contra o muro exterior da casa. O medo diminuiu em sua garganta. Já respirava com mais facilidade. Nesse momento Maximilien deixou que Risk se voltasse para ele.

–Quisera que o tivesse jogado no fétido pântano e tivesse ido embora – disse com ar taciturno, relaxando a postura até se curvar. –Dispararam-lhe, parece uma peneira. Não queria continuar, mas eu pensei que...

–Onde está? –Perguntou Max com rudeza.

Risk fez um gesto para a água.

–Ali abaixo, no barco.

–Há alguém mais?

–Não, ninguém. Juro pelo tûmulo de minha mãe.

Os dois homens olharam para a ribanceira onde estava o barco, e Celia os olhou com olhos bem abertos. Justin estava ferido, inclusive talvez moribundo. Havia brigado com Legare? Esfregou as palmas das mãos suadas contra o vestido e seguiu Max e Risk, empurrada pela curiosidade e por algum tipo de emoção a que não se atreveu a por nome. Um raminho se

quebrou sob seu sapato e Max deu uma olhada por cima do ombro. Seus olhares se encontraram e ela se deteve hesitando. Para seu alívio, não lhe disse que voltasse para casa, apenas voltou-se e continuou caminhando para a margem. Os homens alcançaram o barco e olharam em seu interior. Max tensionou os ombros visivelmente.

Celia aproximou-se de seu sogro e conteve a respiração. Ali estava Justin, coberto com roupa ensagüentada e ataduras. Estava inconsciente, enrodilhado no meio da pequena embarcação. Tinha a cara de lado, mas Celia pôde ver sua espessa barba. Uma de suas mãos, com a palma para cima, estava sobre as tábuas úmidas, com os dedos levemente flexionados. Parecia estranho vê-lo assim, um homem de semelhante vitalidade e poder, reduzido a uma total fragilidade. Celia olhou para Max, que ainda não havia dito uma palavra. Sua face parecia esculpida em mármore.

–Não podia arrastá-lo – comentou Risk. –Foi um inferno carregá-lo até o barco.

Max entregou a arma a Celia, fechando-lhe os dedos ao redor do punho com cuidado.

–O gatilho é delicado – disse com brusquidão.

Ela assentiu, empalidecendo ao recordar a última vez que havia sustentado uma pistola.

Max olhou para Risk de soslaio.

–Virá à casa conosco, senhor Risk. Quero falar com você em particular.

Risk protestou.

–Nem pensar, já fiz o que tinha que fazer. O navio e a tripulação esperam por meu regresso. Leve seu filho e faça o que puder por ele. Eu já não posso cuidar dele, nem sequer sei se poderia manter minha cabeça fora da água! Aqui estou em perigo, e a qualquer momento...

–Não tem alternativa.

Risk fitou o revólver, preocupado pela forma trêmula como Celia o sustentava.

–Querida, não há necessidade de que me aponte isso...

–*Taisez-vous* – disse Max secamente, fazendo-o calar-se.

Celia perguntou-se se Justin continuava vivo. Estava imóvel. Max entrou na água até que lhe cobriu os tornozelos. Inclinou-se sobre o barco e levantou o corpo inerte para carregá-lo no ombro, resfolegando pelo esforço. Caminhou com dificuldade para a casa, com Celia e Risk atrás dele.

Celia continuou apontando para Risk enquanto caminhavam. Ver Risk,

para não falar de Justin, havia trazido de volta todas as recordações sombrias da ilha dos Corvos. Não havia razão alguma para confiar em Risk mais do que antes. Sua mente era um ferredouro de perguntas.

–Foi Legare? –Perguntou em voz baixa.

–Sim, Legare tem seguido nossos passos sem descanso. Tem homens em todas as partes. Não há lugar onde possamos descansar. Legare atacou o *Vagabond* no Golfo, faz coisa de duas semanas. A explosão de um canhão atingiu Griffin, e agora... está muito mal. Aug e eu e um par a mais de sujeitos o escondemos em um lugar para descansar e se recuperar, um terreno próximo ao pântano onde... – Limpou a garganta. –Pois bem, o maldito Legare quase acaba conosco. Chegou por terra e lançou um ataque surpresa. –Sacudiu a cabeça, e acrescentou com orgulho: – Nossos homens lutaram como chacais e Legare teve que retirar-se. –Seu entusiasmo infantil se esfumou ao prosseguir. –É claro, quando pudemos tirar Griffin dali, não restava muito dele.

–Colocou-se em perigo trazendo-o aqui – disse Celia em voz baixa. –Por que não o abandonaram e procuraram se pôr à salvo?

–Abandoná-lo? –Respondeu Risk, sentindo-se insultado. –E diz isso depois do que fez por você! Eu iria ao inferno por Griffin... Perdi um olho por ele, sim, e ele faria o mesmo por mim ou por qualquer um dos membros de sua tripulação.

–O que fez por mim – repetiu Celia com amargura. Justin Vallerand... Capitão Griffin... Fosse quem fosse, era um homem cruel e vil. Se não estivesse tão ferido, estaria tentada a machucá-lo ainda mais!

Entraram na casa pelas portas francesas de um dos cômodos de trás e Lysette saiu a seu encontro. Noeline pisava-lhe nos calcanhares. Sem compreender o que acontecia, Lysette observou aquele estranho desfile, com os olhos cravados na carga que seu marido levava nas costas.

–Max...

–Vamos para cima – disse seu marido quase sem fôlego.

Levou seu filho até o dormitório que Justin havia ocupado quando menino, detendo-se enquanto Lysette corria para acender a luminária. O cômodo estava decorado de forma espartana, com móveis simples de mogno, incluindo uma cama com postes altos coberta com o tecido escarlata. Com toda pressa, Lysette retirou o cobertor e Max deitou seu filho ferido sobre os lençóis de linho branco.

Durante um momento ninguém disse nada, enquanto Lysette e Noeline

corriam de um lado para o outro do cômodo. A governanta trouxe toalhas e material de primeiros socorros. Lysette pegou uma tesoura e começou a cortar as roupas esfarrapadas e as imundas ataduras. Celia entregou o revólver a Max sem dizer uma palavra. Colocou-se a um lado do cômodo com as mãos entrelaçadas, observando a natureza das feridas de Justin.

Uma bala lhe havia perfurado o ombro direito, e outra a coxa. Tinha feridas de espada no tronco, tantas que hematoma púrpuras assinalavam os pontos em que as costelas haviam se quebrado. Restos de sangue ressecado saíam de suas fossas nasais e do ouvido. A pele mostrava múltiplas queimaduras de pólvora e lacerações. Havia uma peculiar ferida pontuda na lateral direita que parecia causada por uma faca. Havia sido costurada com pouco planejamento e não parecia muito limpa.

–Aug e eu extraímos as balas – murmurou Risk. –Não acredite que há muitas possibilidades de salvá-lo a estas alturas.

Celia não abriu a boca, mas estava de acordo com Risk.

Lysette lançou uma exclamação ao tirar a atadura que lhe cobria os olhos.

–Cego pela explosão – disse Risk.

Instintivamente, Celia deu um passo adiante. Lysette a deteve com um gesto firme.

–Noeline e eu cuidaremos dele. Talvez os demais devessem sair.

– Não seria melhor chamar um médico? –Perguntou Celia, surpreendida pela tranquilidade que sua voz transmitia.

Max sacudiu a cabeça tirando o olhar do seu filho.

–Se soubessem que meu filho está aqui, as autoridades federais cairiam em cima dele, para não falar dos caçadores de recompensa. Tenho que mantê-lo a salvo de todos eles sem importar as condições em que se encontre.

–Isso mesmo – concordou Risk. –Para homens como Griffin e eu não há porto seguro.

Max voltou a olhar para Justin.

–Temos que fazer todo o possível por ele e esperar que... – Fraquejou e relaxou a mandíbula. Quando voltou a controlar suas emoções, caminhou até Risk e indicou-lhe a porta do quarto. –Tenho que lhe fazer algumas perguntas.

Celia ficou observando como as duas mulheres tiravam o que restava das roupas de Justin. Vê-lo nu a comoveu; não havia dúvida de que a recordação daquele poderoso corpo continuava muito viva em seu interior. Como havia ajudado seu pai em algumas ocasiões quando atendia seus pacientes, havia

visto corpos masculinos, mas nenhum tão robusto e viril. Apesar das feridas, uma aura de coragem, ainda o rodeava como se fosse um leão adormecido que muito bem poderia despertar a qualquer momento.

Pela porta apareceu uma criada com uma bacia de água fumegante, e Celia a tirou de suas mãos, assentindo como agradecimento. Deixou-a junto à cama e recolheu as tiras de tecido que Lysette havia atirado ao chão. Noeline arrancou-as de suas mãos enrugando o nariz devido ao fedor.

–Trarei panos limpos – murmurou a governanta. –E queimarei estes.

–*Bonne idée* – disse Celia, e meteu um pano na água quente e escorreu-o com cuidado. Sentiu uma estranha e desagradável sensação ao ver as pálpebras ensanguentadas de Justin. Perguntou-se como podia sentir compaixão por aquele odioso canalha.

–Jamais vi feridas como estas – disse Lysette quase sem abrir a boca, dando uma olhada debaixo das bandagens que Justin tinha em um braço.

Celia observou que as mãos de Lysette tremiam. Assumiu a tarefa e retirou a atadura, vendo que a ferida aberta estava infeccionada, como as demais.

–Eu sim – disse com calma, deixando a atadura de lado. –Quando os austríacos e os prussianos marcharam sobre Paris. O imperador Napoleão havia convertido a França em uma nação de soldados. Um rapaz que havia sido ferido na resistência... –Deteve-se procurando as palavras adequadas em inglês. –*Depuis trois ans...* Desde três anos...

–Três anos atrás – corrigiu-a Lysette.

–Sim. Levaram o garoto a sua casa de Paris. Chamaram meu pai e eu o acompanhei. O rapaz tinha feridas parecidas a estas. –Celia pressionou o pano quente contra as costelas de Justin e seu corpo estremeceu. Teriam que voltar a abrir e limpar os flancos. –Meu pai me disse que eram feridas próprias de guerra.

–O jovem morreu?–Perguntou Lysette.

Celia assentiu, recolhendo a longa cabeleira de Justin para afastá-la de sua cara suja e seus ombros. –O perigo é a infecção. Se conseguirmos conter a infecção e a febre...

–Temos que fazê-lo – disse Lysette com determinação. –Por Max.

Celia estava atordoada pela complexa relação que pai e filho mantinham. Sem dúvida, estavam distanciados por um passado problemático que ensombrecia o que um sentia pelo outro. Mas era inegável a preocupação de Maximilien por Justin. Celia sabia que o detroçaria ter que enfrentar a perda

de outro filho só alguns meses depois da morte de Philippe. E, ao fitar o ferido, viu-se alterada por outro sentimento... Se devido a um milagre Justin sobrevivesse, provavelmente ficaria cego. A imagem de seus penetrantes olhos azuis lhe apareceu de repente. Conhecia-o o suficiente para saber que Justin escolheria a morte antes de ter que enfrentar uma vida em que dependesse de outras pessoas.

Deixando de lado estas considerações, Celia começou a cortar os pontos de sutura do flanco.

–A propriedade está cheia de ervas e destilados com que extrair veneno – afirmou Lysette indo para a porta. –Estou segura de que Noeline está preparando alguns cataplasmas. Volto em um minuto, *d'accord*?

–Claro.

Celia ficou a sós com ele. Voltou a mergulhar o pano na água quente, o escorreu e colocou-o sobre a ferida. Devia sentir dor apesar da inconsciência, porque grunhiu e começou a mexer-se inquieto.

–Facilmente poderia vingar-me agora, *mon ami* – disse em voz baixa. –*Bien sûr*, nunca sonhou que algum dia estaria em minhas mãos, não é? – Franziu a testa ao concentrar-se em tirar o pus da ferida. Enquanto o fazia, viu como seu peito subia e descia com um ofego abafado. –Mas por mais que tente, não me parece prazeroso vê-lo assim. –Pressionou o tecido contra a ferida para deter o sangue fresco. –Será melhor que permaneça inconsciente. Temos muitas horas de trabalho à frente.

Murmurando de forma incoerente, Justin conseguiu jogar a mão para um lado. Celia a afastou e prosseguiu falando com o mesmo tom controlado.

–*Non, mon ami*, não se mova. Está fazendo-me as coisas mais difíceis. E não vou permiti-lo.

Usando uma ponta do pano úmido, molhou o contorno do inchaço dos olhos, limpando as crostas de sangue. Apoiou a palma da mão em sua bochecha ao ver que tentava mover o rosto. Seu roçar pareceu acalmá-lo e ficou quieto.

–Ficará bem – disse Celia passando o tecido pela pele, e sentiu uma mescla de amargura e determinação. –Não vai morrer... Tem que recuperar-se para vingar a morte de Philippe. Disse que Legare pagaria por ele com sua vida, e quero que cumpra sua promessa.

Capítulo 6

–Como se encontra? –Celia estava na porta do dormitório, recém chegada da *garçonnière*. Havia dormido pouco, pois não havia deixado de pensar em Justin e em como havia pago por seus pecados. Sabia que os Vallerands e Noeline cuidavam dele o melhor possível. O bem estar de Justin era problema deles, não dela. Em todo caso, essa manhã sentiu o impulso irresistível de ir vê-lo, e isso foi o que fez, inclusive antes de lavar o rosto ou comer o desjejum.

Um lençol cobria Justin até a cintura. O linho, de um branco níveo, destacava-se contra sua pele. Pelo que viu na noite anterior, todo seu corpo estava bronzeado por igual. Recordou-o banhando-se nu naquele lago, livre e pagão em sua nudez. Tinha os olhos vendados, assim como o resto das feridas. Voltou a cabeça sobre a almofada e resmungou algo em francês.

Lysette estava sentada ao lado da cama, com o cabelo solto e a cara exausta.

–A febre segue seu curso – disse.

–Está cansada – Celia observou, sem afastar o olhar de Justin.

–Max insistiu em velar por ele toda a noite... e eu não pude dormir se Max não estava na cama comigo. –Lysette mudou o tecido que cobria a testa de Justin. – Agora está com as crianças, explicando-lhes que temos um convidado que está doente.

–Não tentaram vê-lo?

–Não, não creio. E se o vissem, duvido que o reconheceriam. Faz cinco anos desde sua última visita, e só estive aqui por alguns minutos.

–Philippe... –Justin se moveu até deslocar o travesseiro debaixo de sua cabeça. Suas palavras mal pareciam compreensíveis. –Minha culpa... Não o castigue... Philippe não...

Lysette ajeitou o travesseiro e examinou a venda que lhe cobria os olhos. Celia obrigou-se a ficar na porta, apesar de seu corpo lhe exigir que se aproximasse. "Estou perdendo o juízo", pensou, mas a sensação persistiu. Justin continuou resmungando, sem deixar de mover as mãos sobre o colchão como se procurasse algo.

–Dá a impressão de recordar-se de coisas que aconteceram quando

Philippe e ele eram crianças – Lysette disse reclinando-se na cadeira. – Às vezes os dois eram castigados por badernas que só Justin cometia. Philippe nunca se queixava, mas estou certa de que Justin sentia-se culpado.

Celia não podia imaginar Justin sentindo-se culpado por razão alguma.

–*Alors*, disputavam entre eles? – Perguntou.

–Oh, sim. – Lysette fitou com tristeza a cara barbuda de Justin. –Tenho a impressão de que durante a infância seu pai os ignorou bastante. Max afastou-se de tudo após a morte de sua esposa. Além de disciplinar seus filhos, não fazia grande coisa com eles. Todo mundo em Nova Orleans achava que Philippe era o irmão bom e Justin o mau. Foi um suplício para os dois.

–Suponho que Justin sentia ciúmes de Philippe.

–Oh, sentiam ciúmes mútuos. Mas teriam defendido um ao outro até a morte. –Lysette se pôs em pé e se espreguiçou, sem dúvida entorpecida pelas muitas horas passadas junto à cama.

–Eu o vigiarei – ofereceu-se Celia.

–*Non*, não posso pedir-lhe algo assim. Enviarei Noeline.

–Não é nenhum problema para mim – disse Celia com determinação. – Recorde que meu pai era médico. Os convalescentes não me são desconhecidos.

Lysette deu uma olhada ao corpo meio desnudo de Justin.

–Mas o que tem que fazer com ele...

–Eu sou... fui uma mulher casada – Celia respondeu sem alterar a voz. – Não vai me surpreender. Noeline é de maior ajuda na propriedade, e hoje não tenho nada que fazer. –Fez um gesto a Lysette para que se fosse, como se o assunto já estivesse decidido.

Lysette fitou-a com estranheza.

–Sei o que sente por Justin, Celia. Sei o quanto a desagrada encarregar-se dele.

–As mulheres francesas são práticas. Não permitirei que meus sentimentos interfiram no que tenho que fazer.

Lysette não afastou o olhar, até que deu de ombros.

–Muito bem. Noeline e eu nos encarregaremos dos trabalhos da casa. Se tiver algum problema, envie Carrie ou Lena nos procurar. Obrigada, Celia.

– Não há de quê. –Celia sentou-se em uma cadeira. –Lysette, por que fugiu daqui quando era jovem?

Lysette deteve-se na porta e refletiu sobre a pergunta.

–Em parte por questões familiares, e em parte devido à natureza de Justin. Rechaçava qualquer tipo de autoridade, especialmente a de seu pai. –Soltou um suspiro.

Celia não teria podido explicar por que estava tão disposta a estar com Justin nesse momento. Só sabia que tinha que ficar. Fitou-o, recordando como aquele poderoso corpo a havia tomado, sua força instintiva penetrando-a... O que teria que sentir por ele? A havia ferido e humilhado, mas também havia salvado sua vida.

–É uma das visões mais desagradáveis do mundo – disse-lhe. –Monstro terrível, Griffin... O nome combina com você. Poderia acreditar que fosse irmão de Philippe, mas não seu gêmeo. Tem os mesmos olhos, mas é a única semelhança. – Tocou a bandagem que lhe cobria o rosto. –E talvez já nem isso.

Passou os dedos pela bandagem. Ele deixou de mover a cabeça, como se tivesse sentido seu roçar. Um leve grunhido escapou de seus lábios.

–Posso entender que tivesse ciúmes de Philippe. –Celia duvidou antes de tocar sua cabeleira. Era algo bárbaro que um homem tivesse o cabelo tão comprido, mas era espesso e suave ao tato. –Philippe era tudo o que um homem deve ser –prosseguiu –e você é todo o contrário. Como é possível que fossem irmãos? Philippe era tão amável, tão educado, e você... Não há um pinga de decência em você. –Seu olhar ficou distante. –Sei tudo sobre a inveja. Tenho irmãs mais novas. São garotas muito bonitas que deslumbram os homens sem esforço, tanto que eu... – Deteve-se e sorriu pesarosa. –Você já conhece minha falta de encanto. –O sorriso se apagou de sua cara. – Desejou-me porque era a esposa de Philippe, *n'est-ce pas*? Pensou em mim como um objeto ao qual roubar, para depois desfazer-se dele. Mas Philippe desejava-me por mim mesma. Você nunca entenderia isso. Nunca entenderá um sentimento semelhante em relação a uma mulher, e devido a isso nunca saberá o que é sentir-se amado de verdade. Vale a pena senti-lo, mesmo durante um período breve de tempo...

Deteve-se abruptamente ao dar-se conta de que estava acariciando o cabelo de Justin. Afastou a mão. O que a levava a comportar-se de um modo tão estranho com ele?

Alterada, passou a ocupar-se dos unguentos e das garrafas que havia sobre a mesinha de cabeceira.

Os demônios o atacavam, arrancando-lhe a pele com suas longas e negras garras, arrancando-lhe os olhos. Amarrado e amordaçado, Justin não podia fazer outra coisa além de se retorcer atormentado, sufocando os gritos em sua garganta. O fogo e a fumaça o rodeavam, e ele deslizava para o centro do inferno. De repente sentiu algo fresco no rosto, e uma presença que espantou os demônios. Arfou aliviado. Os demônios esperavam a certa distância, dispostos a recomeçar a tortura. Podia ouvir suas risadas enquanto o observavam.

Ouviu um ruído amável, um sussurro de um anjo que era toda uma promessa de paz e segurança. Concentrou-se nessa força protetora, desejando que ficasse ao seu lado. Os demônios voltariam a aproximar-se, viriam em sua busca uma vez mais. Não podia enfrentá-los sozinho.

Celia pegou uma jarra com um unguento que Noeline havia preparado e começou a espalhá-lo sobre o rosto inflamado de Justin, nos lábios rachados e nas áreas livres da barba. Ele moveu os lábios formando palavras sem som.

–Mais tarde trocarei a bandagem dos olhos – disse ela. – Não sou médico, *mon ami*, mas creio que voltará a ver. É um homem de sorte. Talvez Noeline tenha razão acerca dos espíritos. Tem que ter um a seu lado.

Deixou a jarra com o unguento na mesinha e voltou-se para o paciente. Deteve-se com a sensação de que ele era consciente de sua presença. Ele sabia que ela estava ali.

Estudou os traços inexpressivos de sua cara.

–Justin?

De repente, ele se moveu. Após um grunhido, levantou a mão até a bandagem do ombro. Ela agarrou-lhe a mão, temerosa de que se machucasse. Dedos fortes apertaram o antebraço de Celia cortando-lhe a circulação. Tentou respirar fundo.

–Não, solte-me! –Gritou, tirando-lhe a mão.

De repente esqueceu-se de seu braço, esqueceu-se do machucado que estava lhe fazendo. Começou a tremer, sentindo que algo se abria entre eles, uma corrente de calidez que não se parecia com nada que tivesse experimentado anteriormente. Olhou seu rosto atordoado. Justin respirava com dificuldade. Durante um segundo, Celia sentiu as emoções dele como se fossem as suas próprias. Tinha medo, sentia-se só, preso na escuridão, atormentado por criaturas com garras que lhe feriam...

–Não! –Assustada, Celia deixou-se cair sobre a cadeira, com o coração descontrolado. Soltou seu braço e esfregou as marcas que já começavam a aparecer. Voltou-se para fitá-lo. Abria e fechava os dedos de sua mão direita.

A contragosto aproximou-se da cama. Justin já não se movia, mas sentiu sua reação interior. Oh, sim, ele sabia que ela estava ali. Passou uma mão trêmula pela cara e recolheu os cachos do cabelo que lhe caíam sobre a testa e os olhos. O que havia ocorrido? Sem dúvida, sua imaginação lhe havia pregado uma peça. Desejava sair daquele cômodo, afastar-se dele. Mas ao mesmo tempo tinha medo de deixá-lo só.

–Não tenho razão alguma para ficar com você – disse. – Não lhe devo nada, e eu não... – Sua voz se apagou. Incapaz de evitar, sentou-se na beira da cama e pegou uma mão dele para acariciá-la. Os dedos de Justin se fecharam sobre ela outra vez. –Justin? Pode me ouvir? –Celia observou-o com atenção, mas ele parecia preso a um sonho febril.

Fitou-lhe a mão. Tinha dedos longos e elegantes, mas eram mãos bronzeadas e fortes, acostumadas ao trabalho duro. O dorso de suas mãos tinha uma fina penugem escura.

Celia percorreu com o olhar, lentamente, todo seu corpo, percebendo que o lençol havia deslizado até seu quadril. Ruborizou ao contemplar a linha de pêlo que corria desde seu peito até sua virilha. Tinha um montão de feridas e os músculos fortes de um homem ativo. A pele de sua nuca era pálida onde sua longa cabeleira a havia protegido do sol.

Ele era o primeiro homem a que ela podia examinar com semelhante precisão. Estava fascinada e envergonhada ao mesmo tempo. Certamente, era forte e muito másculo, mas não bonito. Também podia se dizer que não era em absoluto vaidoso, ou que ela lhe tivesse visto fazer algum esforço para cuidar da barba ou do cabelo. Era grosseiro e primitivo. Talvez, pensou, não pudesse evitar ser como era. Um homem não pode mudar sua própria natureza.

–Pergunto-me se seria capaz de amar alguém – sussurrou enquanto brincava inconscientemente com os dedos frouxos. –Non, é claro que não; isso não seria adequado para um pirata, não é assim?

–É quinta pela manhã e nossos amigos não demorarão em chegar – disse Lysette ansiosa. –Deveria pedir-lhes que se fossem? Que vou dizer-lhes? Não poderemos manter a presença de Justin em segredo durante muito tempo.

Todo mundo na propriedade sabe que há um estranho na casa. Logo, toda cidade estará sabendo. Nos farão perguntas, e as autoridades se interessarão e...

–Estou consciente de tudo isso – Max interrompeu-a. Com brusquidão, puxou sua pequena esposa para sentar-se em seu colo. –A partir de agora teremos que pensar em algumas mentiras convincentes.

Lysette passou os braços pelo pescoço dele e suspirou frustrada.

–Minto muito mal, Max. Uma mentira sempre leva a outra, e eu não sei mantê-las.

Celia observou o casal do canto da biblioteca. Acabava de chegar do quarto de Justin, onde havia passado outra longa noite. Fazia quase uma semana que ocupava uma cadeira junto à cama hora após hora, insistindo com sua tranquila teimosia em afirmar que ela era a mais adequada para esse trabalho. Além do mais, os demais tinham suas próprias responsabilidades: Lysette e Noeline se encarregavam do funcionamento da propriedade, e Maximilien de sua empresa de navegação.

Justin ainda não havia recuperado a consciência, mas murmurava em seu sono, e às vezes mencionava o nome de sua mãe. Corinne havia morrido quando os gêmeos completaram cinco anos de idade. Celia recordava que Philippe lhe havia falado de sua mãe com tristeza e pesar, mas Justin parecia não sentir por ela nada além de hostilidade. Também pronunciava com certa frequência o nome de Philippe, mas os sentimentos de Justin a respeito de seu irmão eram muito mais difíceis de decifrar.

Quando se sentia exausta, Celia permitia que Noeline ou algum dos Vallerands ocupassem seu lugar durante algumas horas. Mas sempre regressava quando era possível. E uma vez estando ali, Justin descansava mais tranquilo, engolia o caldo que lhe levava aos lábios com uma colher, e aceitava docilmente sua assistência quando limpava as feridas e trocava as ataduras.

Após costurar as feridas, havia espalhado nelas alguns pós adstringentes que Noeline lhe entregou. Celia reconheceu com surpresa os mesmos pó verdes que Aug lhe havia aplicado nos pés. A pedido seu, Noeline lhe mostrou as ervas com que eram feitos, as raízes secas e maceradas de gerânio silvestre, tão abundante nos pântanos. Para lhe baixar a febre prepararam uma cocção amarga de sálvia indiana, vertendo água fervente sobre as flores brancas e as folhas e deixando repousar por algumas horas. Foi difícil lhe fazer beber aquela poção, mas Celia o obrigou. Só ela conseguia que

obedecesse.

Ninguém entendia a situação, e Celia ainda menos. Os Vallerands especulavam sobre seus motivos e sobre a reação submissa de Justin para com ela. Só Deus sabia o que pensavam a seu respeito.

–Celia, – disse-lhe Lysette perplexa –é possível que creia que cuidar de Justin é, de algum modo, honrar a memória de Philippe, mas...

–Não tem nada que ver com Philippe – respondeu com sinceridade.

–Mas não faz nada por Justin que Noeline e eu não pudéssemos fazer, ou inclusive...

– Ele parece melhorar quando eu estou aqui. –Celia fez uma careta ao aperceber-se do tom defensivo em sua voz, mas não se surpreendeu. –Sabe que isso é verdade. Disse-o mais de uma vez.

–Sim, é verdade – admitiu Lysette. –Mas isso não quer dizer que deva se exaurir cuidando dele.

Celia manteve o rosto impassível.

–Justin é seu enteado. Tem o direito de dizer o que fazer com ele. Se quer que me afaste, assim o farei.

–Não, não estou dizendo isso... – Lysette franziu a testa. Ambas eram conscientes de até onde podiam levar aquela discussão. – Não pretendo discutir com você, Celia. A única coisa que tento fazer é que entenda que não tem porque se esgotar com esta tarefa, porque há mais pessoas dispostas a assumi-la.

–Entendo.

–Certo.

–Bem.

Trocaram um olhar carrancudo e o assunto não voltou a ser tocado. Dia a dia, permanecer ao seu lado e observar suas evoluções estava se convertendo em algo muito importante. Ele parecia saber quando ela estava ali, parecia reconhecer sua voz.

Celia voltou a concentrar-se no presente e escutou a conversa de Lysette com Max.

–O que vamos dizer às pessoas, *bien-aimé*? – Ela perguntou. –Se acreditarem que temos algo que esconder, suspeitarão que se trata de Justin.

–Tenho um plano, – replicou seu marido – mas não é muito bom. Se tivermos que recorrer a ele, todos estaremos em perigo. E duvido que tenhamos a oportunidade de conseguir. Preciso de algum tempo para pensar em algo mais.

–Tempo é precisamente o que não temos, Max.

– *C'est vrai* – intercedeu Celia carrancuda. – Talvez pudesse nos contar esse seu plano. Talvez pudesse nos explicar... – Deteve-se de súbito, tomada por uma estranha sensação. Superando uma série de camadas de escuridão, uma imagem veio à superfície... Era Justin. Empalideceu e apertou a saia de seu vestido. Começou a andar para a porta. –Desculpe-me. Vou ver Justin – disse, e caminhou para a ampla escadaria, de onde não pôde evitar começar a correr.

Justin despertou pouco a pouco, perguntando-se onde estava. O que havia acontecido? Estava na cama, com lençóis e travesseiros, algo totalmente incomum para ele, e cercado pela escuridão. O ar cheirava a ervas amargas e a linho recém lavado. Gemendo levemente, tentou abrir os olhos, mas não pôde. Levantou a mão, surpreendido pela fraqueza de seus membros. Nunca havia se sentido tão fraco.

Começou a ofegar com força, levou as mãos à face e tocou as grossas bandagens que tinha sobre os olhos. Sentiu pânico. Recordava uma batalha... disparos... o rosto vitorioso de Legare, uma espada ferindo seu flanco... as ansiosas súplicas de Risk... Estivera consciente de que estava agonizando. Seu corpo doía e não podia mover uma perna, nem sequer poderia senti-la. Haviãam amputado-a? Futucou a atadura, queria tirá-la e ver o quanto estava mal. Sentiu uma pontada de dor entre os olhos e a cabeça começou a lhe dar voltas.

–Não, não. –Uma voz suave, mas tensa chegou até seus ouvidos. De repente havia uma mulher ao seu lado. Suas mãos frias seguraram as dele e as baixaram até o colchão. Ele tentou soltar-se. –Deixe que seus olhos continuem cobertos – disse tranquilizadora. – Têm que curar-se. Descanse. *Doucement*, está bem?

Recordou então o anjo de seus sonhos. Era sua voz, a mão suave sobre sua cabeça, sua presença.

–Minha perna – Justin conseguiu balbuciar.

–Está se curando – murmurou ela enxugando-lhe o suor que cobria sua testa. –Voltará a andar.

–Dói... – Tentou dizer-lhe que lhe doía a cabeça como se tivesse um atizador de lareira em fogo vivo em seu interior.

Ela pareceu entender. Um braço esbelto passou por sua nuca e levantou-lhe a cabeça. O peito dela roçou a lateral da sua cara e sentiu-se rodeado por

uma delicada fragrância floral. Notou a borda de um copo de vidro entre seus lábios. No início se engasgou devido ao sabor azedo do suco da casca de bordo misturado com água.

–Não...

–Só um pouco – disse ela. –Um gole ou dois.

Ele obrigou-se a beber. Não demorou a descer-lhe novamente a cabeça até o travesseiro e viu-se privado do conforto que lhe davam seus braços. Sentiu que o último resquício de suas forças desaparecia.

–Você é real? –conseguiu perguntar.

–*Bien sur*, é claro que sou real. – Passou os dedos por seu cabelo.

Depois de alguns segundos, ele sentiu que se afastava.

–Fique – pediu. Mas ela já havia ido, e ele não pôde pronunciar uma palavra mais.

Passou um dia inteiro, mas Celia não voltou ao quarto do paciente. A febre dele havia baixado e já não precisava dela. Suas feridas não estavam infeccionadas e logo começaria a recuperar as forças. Se aos Vallerands havia surpreendido o zelo mostrado por ela a respeito de Justin, ainda mais os surpreendeu o que parecia uma repentina falta de interesse. Em questão de horas, Celia havia passado da obsessão à indiferença, e eles não sabiam o que fazer.

–Estou cansada – havia dito a eles, incapaz de explicar que temia enfrentar Justin quando estivesse plenamente consciente.

Celia se angustiava ao pensar no que havia ocorrido quando ele despertou. Relembrava a cena uma e outra vez, a desagradável e dolorosa ternura que a havia invadido nesse momento. Recordava o peso da cabeça de Justin em seu braço, a obediência com que ele havia tomado o remédio que ela havia levado até seus lábios, sua voz rascante quando pediu-lhe para que ficasse. Ela havia querido ficar, para acariciá-lo e fazê-lo sentir-se bem. Mas era impossível que pudesse sentir algo assim por aquele pirata indecente que a havia forçado, e, portanto tinha que evitar estar com ele até que controlasse suas emoções.

Nessa mesma tarde, Celia escutou sem intenção a Lysette e Maximilien discutindo sobre sua abrupta mudança de atitude. Estavam sentados a sós no salão. Celia chegava de um passeio pelo jardim para ceiar com a família. Ao ouvir seu nome, deteve-se diante da porta de entrada do vestíbulo e aguçou o

ouvido.

–Não é que não goste dela, –estava dizendo Lysette –mas não a compreendo. Nunca tive claro quais são seus verdadeiros sentimentos.

Max riu.

–Não tem por que entendê-la, *petite*. E apostaria algo em que Celia tampouco sabe muito bem o que sente na realidade.

–Afirma que odeia Justin. Mas se fosse assim não teria cuidado dele quando tinha febre.

– Uma coisa é óbvia – disse Max pensativamente. –Há algo entre esses dois que parecem dispostos a manter em segredo.

Celia sentiu as bochechas enrubescerem. Maximilien era um homem perspicaz, e tinha uma leve ideia do que seu filho era capaz de fazer. Por acaso suspeitaria que haviam tido intimidade, com ou sem o consentimento de Celia? Mortificada, saiu pela porta principal com a intenção de rodear a casa e ir para a *garçonnière*.

Uma carruagem apareceu no caminho da propriedade, elegante, ainda que decorada de forma modesta. Celia se deteve para vê-la aproximar-se. O passageiro que estava no veículo desceu sem ajuda do criado e subiu as escadarias que levavam à porta principal com a disposição de um oficial militar. Era americano. Apesar de não usar uniforme, reconheceu o tenente Peter Benedict, ajudante do comandante Mathews, o oficial no comando do destacamento naval de Nova Orleans.

Benedict pareceu surpreendido pela presença de Celia na varanda da entrada.

–Madame Vallerand. –Pegou sua mão nua com uma mão enluvada e fez uma educada reverência. –É um prazer vê-la. Talvez não se recorde de mim.

–*Oui*, recordo-me, tenente Benedict – disse observando seu jovem rosto. Tinha o aspecto de um homem sensível, mas honesto, alguém que levava muito em conta o protocolo, assim como seus deveres. Ao lhe fitar nos olhos, recordou que tanto Benedict como o comandante Mathews haviam sido enviados pelo presidente para acabar com os piratas do Golfo. Encontrar um pirata, especialmente um com a reputação de Justin, implicaria em um êxito considerável na folha de serviços do tenente. Benedict teria ouvido algum dos rumores relativos a seu convidado? Teria ido ali para averiguar se se tratava de Justin?

–Vim ver *monsieur* Vallerand – disse Benedict respondendo a seu olhar inquisitivo.

Celia fingiu indiferença.

–Trata-se de uma visita social, tenente?

–Assim espero, madame –Deu um passo para a porta, mas deteve-se ao ver que ela não se movia.

No entanto, Noeline abriu a porta principal e olhou impassível para o visitante.

–Bem-vindo, *monsieur* – disse olhando primeiro para a cara séria de Benedict e depois para o rosto ansioso de Celia.

–Tenente Benedict – apresentou a si mesmo. –Estou aqui para ver *monsieur* Vallerand.

Noeline examinou-o; não pareceu muito impressionada.

–Entre, tenente, *s'il vous plaît*. Verei se *monsieur* Vallerand dispõe de tempo para atendê-lo.

–Diga-lhe que lhe interessará ver-me, – disse Benedict – venho em nome do comandante Mathews.

Entraram no vestíbulo. Os painéis e bancos de mogno brilhavam após o recente encerado. Celia decidiu deixar sozinho o tenente Benedict e tentar avisar do perigo aos Vallerands. Seguiu Noeline para um dos salões, puxando nervosa as mangas compridas de seu vestido negro.

Max saiu do salão, levantando as sobrancelhas ao perceber o gesto sombrio de seus rostos. De forma inconsciente, Celia agarrou-o pelo braço.

– *Monsieur* – sussurrou frenética apertando os dedos com força. –Seu filho está em perigo. O visitante... é um oficial da marinha. Deve ter ouvido algo. O que vamos dizer-lhe? O que vamos a...?

– Shhh. – Max deu umas palmadinhas em sua mão antes de soltar-se dela. Olhou por cima de sua cabeça e viu o jovem oficial, que se inclinava de forma indiscreta para tentar ouvi-los. –Eu me encarrego disso – disse a Celia. – Vá com Lysette, certo?

– Muito bem – sussurrou Celia enquanto Max se dirigia já para Benedict e o saudava do modo preferido pelos americanos nos assuntos sociais e de negócios: apertando as mãos.

Lysette estava no salão dando instruções a Noeline.

–Que Mary traga um pouco de café – disse. –Não tão forte como de costume... Os americanos gostam dele aguado. E traga algo para acompanhar, algumas tortas ou langues de chat. –Viu Celia e deu-lhe um sorriso tranquilizador. –Não franza a testa, *chérie*. Faz com que pareça que está preocupada.

–Estou.

–Mas por quê? Max não permitirá que algo ocorra com Justin.

–Quisera poder acreditar nisso.

– Celia, tem que confiar em nós. *Maintenant*, diga o que diga Max, não o contradiga. E tente não mostrar surpresa, *d'accord*?

–*D'accord*. –Celia fitou-a nos olhos. – Você está ciente de seus planos?

– Tenho minhas suspeitas... – começou Lysette, mas viu-se obrigada a calar-se ao ver os dois homens entrando no salão.

Lysette deu as boas-vindas ao tenente com um sorriso deslumbrante. Ele segurou-lhe a mão com uma reverência, desnortado e incapaz de falar durante alguns segundos.

Lysette era uma das rainhas da beleza de Nova Orleans e seu efeito sobre os homens, jovens ou velhos, era sempre o mesmo. Parecia adorável até vestindo luto, seu cabelo vermelho e sua pele branca brilhavam radiantes contra o severo negro de suas roupas.

–Tenete, que amável de sua parte vir nos visitar – disse Lysette.

–Lamento incomodá-los, madame.

–*Non, non*, faz muito tempo que não conversamos. Como se encontra o comandante Mathews? Está tudo bem na base naval? Bem, é bom sabê-lo. Com as habilidades e inteligência de homens como você e o comandante, estou convencida de que os piratas logo desaparecerão do Golfo.

–*Au contraire* – interrompeu Max de forma brusca. –O governador Villeré acredita que o problema com os piratas se agravou.

Benedict ficou tenso.

–Estamos dotados de homens e equipamento suficiente, *monsieur* Vallerand, nossas forças serão mais efetivas. Mas as pessoas de Nova Orleans fazem tudo o que está em suas mãos para facilitar o negócio dos piratas. De fato, aceitam que objetos de contrabando circulem livremente pela cidade.

–A base naval parece dispor dos meios necessários... – começou Max, mas Lysette interrompeu-o, sabendo o quanto seu marido gostava de discutir sobre política.

–*Mon mari*, talvez não devêssemos discutir sobre esse assunto neste momento. Sentemos. Mary trará algo em seguida. –Sentou-se com muita elegância no sofá e todos a imitaram. –Tenente, –disse Lysette como quem não dá importância ao que dizia –diga-nos o que o trouxe a nossa casa.

–Vim por interessar-me pelo bem-estar de sua família.

–Sério? Que amável de sua parte.

Benedict esperou alguns segundos para que se produzisse algum outro comentário, mas só ouviu silêncio. Três pares de olhos estavam centrados nele. Limpou a garganta e prosseguiu.

–O comandante Mathews expressou uma preocupação similar, daí minha visita. Nos últimos dias ouvimos rumores... – Sua voz se apagou e fitou-os com expectativa. Ninguém disse uma só palavra. O tenente viu-se obrigado a romper novamente o silêncio. –Esta manhã, senhor Vallerand, esbarrei com seu irmão Alexandre e sua encantadora esposa Henriette na cidade...

Henriette, pensou Celia com ansiedade, a mulher que adorava uma fofoca.

– ... e me transmitiu certa informação interessante.

–Não me surpreende – respondeu Maximilien com calma. –Henriette é conhecida precisamente por isso.

–Sim, bom, disseme que o rumor era verdadeiro.

Max começou a tamborilar com os dedos no braço de sua cadeira.

–E em quê consiste o dito rumor?

–Dizem que tem um hóspede doente. E não é um hóspede qualquer.

Celia cruzou as mãos sobre o colo. Sentiu que o sangue abandonava seu rosto.

Depois de todo o tempo que havia passado cuidando de Justin, agora iam levá-lo. As autoridades seriam cruéis com ele. Ainda estava fraco, e suas feridas poderiam voltar a abrir-se facilmente. A cena que havia acontecido nessa mesma manhã lhe apareceu diante dos olhos novamente, a cabeça ferida em seu braço, sua obediência confiante, sua voz rascante perguntando "Você é real?"

A voz de Max tirou-a de seus pensamentos.

–Sim, é correto, tenente.

Benedict fitou-o com suspeita.

–De quem se trata? É um familiar? Um amigo próximo?

–Um familiar. –Max fitou-o nos olhos sem piscar. –Meu filho, de fato.

Benedict ficou vermelho devido ao nervosismo.

–Sério? –Disse esforçando-se para manter a calma.

"Não!" Celia quis gritar, incapaz de acreditar que Max estivesse traindo Justin. Dizer a Benedict que Justin estava ali era pouco menos que assinar sua sentença de morte!

–Trouxeram-no aqui no meio da noite faz alguns dias, –prosseguiu Max – gravemente ferido durante sua fuga de uma ilha de piratas. –Olhou para as

duas mulheres. Lysette manteve o olhar tranquilamente, mas Celia havia ficado lívida. Max respirou fundo e prosseguiu com a farsa que havia esperado que não fosse necessário pôr em prática. –De fato pode-se dizer que foi um milagre –disse ao tenente –que meu filho Philippe tenha voltado para nós.

Durante alguns segundos se impôs um silêncio tenso. Celia nem sequer podia pensar.

–Philippe... – repetiu Benedict horrorizado.

Max assentiu com convicção.

–Assim é.

–Mas... mas Philippe morreu.

–Demos por certo que os piratas o haviam matado – explicou Max. –Mas conseguiu sobreviver ao ataque e aos meses seguintes de cativeiro. É o primeiro, a saber, as boas notícias, tenente. Philippe está vivo e em casa.

Benedict dirigiu sua incredulidade para Celia.

–Isso é verdade, madame? –Perguntou-lhe.

Celia assentiu com brusquidão, muito perplexa para poder falar, mas rápida o suficiente para virar o rosto e ocultar sua surpresa. Sua mente ameaçava a se descontrolar. Tudo era uma espécie de brincadeira cruel. Perguntou-se se Maximilien havia ficado louco. Acaso acreditava que poderia enganar alguém com essa mentira absurda? A única coisa que o tenente tinha que fazer era subir as escadas e dar uma olhada em Justin para saber que não era Philippe. Quanto tempo acreditava que poderia manter aquela farsa?

Sentiu como Lysette lhe passava o braço pelos ombros.

–Pode imaginar a comoção que isso implicou para a esposa de Philippe – Lysette disse ao tenente. –Philippe está muito doente para ver alguém.

–É necessário que me assegure de que...

–Mais adiante – interrompeu-o Max com um brilho no olhar. Seu aspecto era tão intimidador que o jovem deu um passo atrás de forma instintiva. – Talvez dentro de alguns dias. Quando esteja um pouco mais disposto.

–Tenho que vê-lo agora. Dispõe de informações sobre a ilha dos piratas e sobre os homens que o capturaram.

–Philippe não é capaz de falar ainda. Esteve entregue ao delírio durante dias. Também ficou cego. Ainda que não saibamos se se trata de algo permanente ou temporário. Necessita de descanso, muito descanso.

–Não lhe farei pergunta alguma. Mas insisto em vê-lo pessoalmente...

– Esta é minha casa, minha propriedade. Não está em condições de exigir nada, tenente. Meu filho passou por um grave momento e não tem por que exhibir-se para satisfazer sua curiosidade. Não permitirei que ninguém o veja em suas atuais condições.

– *Monsieur* Vallerand, – disse Benedict – sei o que a honra significa para os crioulos. Está disposto a me dar sua palavra de honra de que o homem que está no andar de cima é Philippe Vallerand?

Max fitou-o com frieza.

–Que ouse perguntar-me já é um insulto.

O tenente se empertigou, percebendo que estava desafiando o mais conhecido e letal duelista da Luisiana. Os duelos haviam sido proibidos, mas continuavam sendo uma prática habitual por essas terras. Para um crioulo de sangue quente, não havia mais remédio que resolver um insulto na base da espada ou pistolas.

–Não pretendia insultá-lo, *monsieur*, em absoluto. Perdoe-me.

Max assentiu brevemente.

– Se assim o deseja, dou-lhe minha palavra de honra de que o homem que está acima é meu filho Philippe.

Benedict expirou com alívio.

–É incrível – disse. – Por que não nos comunicou antes?

Lysette respondeu com o braço ainda nos ombros de Celia. Esta queria gritar de irritação, mas não se atreveu, consciente do olhar escrutinador do tenente.

–Só pudemos pensar em Philippe – disse Lysette. – Não queríamos ter que enfrentar uma legião de visitantes, apesar de suas boas intenções. Não queríamos uma multidão em casa esperando explicações e atenção.

–Foi visto por um médico?

–Está recebendo os melhores cuidados – respondeu Lysette.

Benedict afastou o olhar do agradável rosto de Lysette e o concentrou no implacável de Max, e finalmente olhou para a cabeça baixa de Celia.

–Transmitirei a notícia ao comandante Matthews – disse. – Não tenho dúvida de que quererá que se interrogue Philippe o mais breve possível.

–Não até que sua saúde o permita – replicou Max.

–Desculpem-me, agora tenho que ir.

–Acompanho-o até a porta.

Os dois homens saíram do salão. Celia levantou a cabeça e olhou para Lysette.

Lysette afastou seu braço e cruzou as mãos.

–Disse a você que Max pensaria em algo. –Tentou mostrar-se confiante, mas não pareceu convincente.

Celia não pôde evitar lançar uma gargalhada histérica. Cobriu a boca com a mão e ofegou sem deixar de sorrir.

–Ah, *mon Dieu* – conseguiu dizer limpando um par de lágrimas que caíam por suas bochechas. –Sabia que havia perdido o juízo, mas até agora pensava que eu era a única. Realmente *monsieur* Max disse...? Não, devia estar sonhando. Oh! É o sonho mais esquisito que algum dia tive!

Max regressou.

–Não estava sonhando – disse sarcástico.

Lysette fitou seu marido, que começou a andar pelo salão.

–Max, e agora?

–Nos vigiarão de perto. A partir deste momento estarão cientes de nossas idas e vindas. Farão tudo o que esteja em suas mãos para evitar que um possível pirata lhes escape. –Foi até a lareira e apoiou o braço no aparador com os olhos cravados no lugar vazio. –Justin não está bem o suficiente para viajar ou defender-se. Eu não poderia tirá-lo daqui, nos pegariam. E ainda que fosse possível fazê-lo, não há lugar em que esteja a salvo. É melhor que fique aqui, convalescendo. No momento se fará passar por Philippe, até que eu trace um plano mais permanente. –Max olhou por cima do ombro e viu Celia imóvel. –Não durará muito, Celia.

–Se fará passar por Philippe – repetiu a garota com uma voz tão grave e sarcástica que mal a reconheceu como sua. –Fazer-se passar por meu marido... que era um médico... e um cavalheiro? Será difícil a Justin convencer aos demais de que é um ser humano. E como vai mantê-lo oculto de todos os olhares? O erro mais óbvio deste plano absurdo é que, ainda que sejam gêmeos, Justin não se parece com Philippe!

Max começou a andar novamente.

–Neste momento não, não com a barba e esse cabelo tão comprido. Mas Justin e Philippe eram gêmeos idênticos.

–Idênticos! –Exclamou Celia desconcertada. Olhou para Lysette e a viu assentir rapidamente. – *Alors*, acredita que pode fazê-lo passar por Philippe fisicamente, mas o que fará com sua voz, seus gestos, seus hábitos...

–Evitaremos que o examinem muito de perto – respondeu Max.

– Todo mundo em Nova Orleans conhecia Philippe – disse Celia. – Ajudou a muita gente, tinha amigos em toda parte. Não é possível que

acredite que conseguiremos enganar a todos.

–Durante um breve período poderemos sim. –Max foi até o sofá e se deteve diante dela. Apesar de que seus olhos fossem dourados em vez de azuis, recordou-lhe de Philippe. Este olhava as pessoas desse modo, como se pudesse perceber todos os seus medos e desejos. –Celia, –disse Max com voz baixa –não funcionará sem sua cooperação. As pessoas não acreditarão que se trata de Philippe se você, como sua esposa, não estiver convencida.

–Por mais que eu coopere, tampouco funcionará. Não poderia comportar-me como se tratasse de meu marido. Não poderia olhar a... essa besta odiosa com algo parecido ao afeto de esposa, e ainda menos...

–Celia –Max tomou uma de suas mãos e a apertou com força. –Raras vezes peço algo a alguém. –Sua voz ficou profunda. –Não sou o tipo de pessoa que gosta de dever aos demais. Mas faria qualquer coisa para proteger minha família. Justin é meu filho tanto como foi Philippe. No passado cometi terríveis erros que ambos tiveram que sofrer. Quando era menino, Justin nunca teria aceitado ajuda de ninguém, ainda que a tivesse necessitado desesperadamente. Agora não vou falhar com ele. Se Philippe estivesse vivo, sei que lhe pediria que ajudasse seu irmão. Peço-lhe em nome de Philippe. Ajude Justin, não por mim, mas por ele.

Celia engoliu em seco, afastando o olhar.

–Não quero fazê-lo – murmurou.

–Mas o fará? –Insistiu Max Era conhecida de sobra sua capacidade de persuasão. Tinha um talento especial para fazer com que parecesse impossível refutar o que propunha.

–Sim – Celia cedeu a contragosto. –Porque tanto Lysette como você foram sumamente amáveis comigo. Devo-lhes, e também a Philippe. –Afastou-se dele e se pôs em pé, notando os joelhos fracos. Vou à *garçonnière* para pensar a sós – disse.

Lysette aproximou-se e deu-lhe um abraço.

–Obrigada, Celia.

Celia assentiu brevemente e saiu do cômodo.

Max foi até Lysette e rodeou-a com os braços, descansando o queixo sobre sua pequena cabeça. Ela se apertou contra seus braços e por sua vez apoiou a cabeça em seu peito.

–*Bien-aimé*, – sussurrou – crê que funcionará?

Ele suspirou contra seu cabelo ruivo.

–Querida, pergunte-me o que queira, menos isso.

Uma hora e meia depois, Celia voltou à casa. Chegaram a ela os murmúrios de uma conversa proveniente da sala de refeições, assim como o aroma de peixe e milho. Perguntou-se como era possível que os Vallerands se sentassem para comer depois do ocorrido. Ela havia perdido completamente o apetite. Taciturna, caminhou até a escada e deteve-se antes de começar a subir, apoiando a mão no corrimão. Sentiu como se a puxassem para o andar superior, como se uma força impulsionasse seus pés a mover-se, ainda antes de perceber que já estava subindo. Sentiu como se finos fios a puxassem desde o interior de seu corpo. A mão que apoiava no corrimão estava úmida por causa do suor. Intensos calafrios lhe percorriam as costas. Justin a esperava. Sabia que estava subindo as escadarias, estava convencida disso.

Percorreu muito devagar o corredor, coberto por lustrosos tapetes, e deteve-se diante da porta aberta do quarto, com os olhos muito arregalados para observar a figura que jazia na cama. Justin estava sentado e voltou a cara vendada para ela. Ela não havia revelado sua presença, pois havia evitado fazer qualquer ruído que pudesse delatá-la, mas ele soube que estava ali, sem vê-la.

–Celia – disse com voz rouca.

Ela estremeceu. Caminhou para ele pouco a pouco, e deteve-se junto à cama.

Justin estava imóvel, concentrado nela. Assim então, Celia era o anjo que havia cuidado dele. Suas mãos frescas, sua voz suave. O havia limpado e alimentado, o havia obrigado a tomar os medicamentos, havia segurado suas mãos, dando por certo que não se recordaria de nada. Mas ele se recordava, ao menos certa parte. E o havia feito apesar de odiá-lo. Por que diabos havia cuidado dele?

Justin sorriu surpreendido.

–Celia... – repetiu com uma risada própria de um pirata. –Minha pequena esposa.

Ela ficou tensa. Ali estava a desagradável e zombeteira surpresa que havia esperado: seu pai já o havia informado da situação.

–Não sou sua pequena esposa!

–Para o resto do mundo sim.

–Não será mais que... – buscou uma expressão adequada – *un faux-semblant*...

–Uma farsa.

–Isso mesmo! E não o teria ajudado se não fosse porque seu pai me suplicou que o fizesse.

– Meu pai suplicou? Meu Deus, gostaria de ter visto isso. Obviamente, gostaria de ver qualquer coisa. –Justin agarrou-lhe o braço. Apesar da irritação, Celia surpreendeu-se com sua precisão. Atraiu-a para si e colocou a mão sobre sua cintura. –Tem comido bem – observou. Ela afastou-se com um grunhido de indignação. –Gosto mais de você assim – disse Justin. –É muito desconfortável star na cama com uma mulher que é pouco mais que um saco de ossos.

– Você e eu nunca nos meteremos juntos em uma cama – respondeu com os dentes apertados. –Essa é uma das coisas que vim dizer-lhe. Estarei disposta a ajudá-lo a conservar sua vida miserável somente se aceitar minhas regras. – Tirou um papel do bolso. – Escrevias e vou...

–Estou de acordo – interrompeu-a.

–Mas ainda não as ouviu...

–Aceito suas regras. Sejam quais forem.

–Quero lê-las.

–Leia-as para mim mais tarde. Vou estar deitado na cama alguns dias mais à sua disposição.

Celia se manteve a uma distância prudente, caminhando ao redor da cama. Ele movia a cabeça como se pudesse vê-la. Ela percebeu que tinha uma boa cor no rosto. Parecia estar recuperando-se com uma rapidez assombrosa.

–O que está pensando? –Perguntou Justin. –Não posso ver sua cara.

–Com essa barba parece um bode.

Ele sorriu e levou a mão à mata de pêlo eriçado.

–Terei que barbear-me logo.

–Até então, ninguém o tomará por Philippe.

–Assim acredita? –Apoiou-se na cabeceira da cama e seu sorriso transformou-se em um gesto sarcástico. –Enganarei até a você, querida esposa.

–Não me chame assim!

Justin coçou o flanco e fez uma careta de dor ao chegar às costelas.

–Gostaria de tomar um banho. –Uma escura mancha de pêlo aparecia em sua axila.

–Mais tarde.

–Quero banhar-me agora.

–Lysette e Noeline o prepararão – murmurou ela.

–Sabia que você seria muito covarde para fazê-lo... estando eu acordado. Mas me banhou enquanto estava inconsciente, não é assim? Sim, estou certo de que chegou a conhecer cada centímetro de meu corpo indefeso. Provavelmente estive observando-me durante horas.

–Eu não... Porco vaidoso!

–Acaso não me banhou?

–Não gostei de banhá-lo na cama! Fiz porque tinha que ser feito. Mas não me parecia agradável, e não sou covarde pelo mero fato de que não tenho vontade de vê-lo nu. Não voltarei a banhá-lo!

–Se você o diz. –Apontou-lhe o dedo. –Uma boa esposa o faria por seu marido.

–Não é meu marido. E uma das regras é que não se aproveitará desta farsa para me exigir coisas ridículas como essa!

–Ridícula? Espero que algum dia descubra o ridículo que é ser incapaz de fazer algo por si mesmo e se ver obrigado a suplicar a alguém que o banhe. Ao menos dê-me algo para limpar-me as partes a que alcanço. –Ouvindo-a afastar-se da cama. –Se vai? –Perguntou zombeteiro.

Ela não respondeu. Ouvindo-se o som de água em uma bacia. Ele permaneceu na expectativa, escutando seus passos quando regressou. Tirou o lençol que cobria seu corpo com assustadora rapidez.

Celia agradeceu que estivesse com os olhos cobertos. Jamais poderia tê-lo feito com ele olhando para ela. Ver seu corpo nu já havia sido bastante embaraçoso estando ele adormecido, mas agora que estava desperto e sabia exatamente que ela estava olhando, o rubor a cobria da cabeça aos pés.

De maneira impessoal, colocou toalhas limpas sob seu corpo, meteu uma esponja na água e começou a lavar-lhe o pescoço e os ombros, tendo o cuidado de não molhar as ataduras. Justin suspirou e relaxou, sem incomodar-se em ocultar o prazer que lhe dava a água fresca sobre sua pele. Ela lhe afastou a barba para esfregar o peito.

–É boa nisso – murmurou ele. Ela não respondeu. Justin moveu os braços quando Celia os separou de seus flancos. –Diga-me algo. Faz muito tempo que não escuto a voz de uma mulher.

–O que quer que diga?

–Conte-me como foram para você os últimos meses.

–Sua família se comportou muito bem comigo – disse. –Minha vida aqui foi tranquila e pacífica. Até que chegou.

Ele sorriu.

–Os problemas parecem seguir-me como as abelhas ao mel.

–Espero que se vá logo e os leve com você.

–Deus, isso é o que quero. –Tocou a bandagem que lhe cobria o rosto. –
Quando poderei tirar isto?

–Não sei. Os olhos costumam ser os primeiros a curar.

Justin acariciou a bandagem com os dedos.

–As feridas eram muito ruins? –Sua voz adquiriu seriedade. –Quanto tempo terei que ficar com isto?

–Não sou médico.

–Sabe o suficiente para prever.

Ela não podia oferecer-lhe uma previsão, não quando havia a possibilidade de que não voltasse a ver nunca mais.

–Precisa de tempo e descanso – respondeu. – Isso é a única coisa que posso dizer-lhe.

Justin ficou imóvel, como se pudesse ler sua mente.

–Pedi um olho? Os dois, talvez?

–Não sei quanta visão terá. Teremos que esperar para...

–... que o descubra por minha conta, é isso? –Meteu os dedos por debaixo da bandagem e começou a retirá-la.

Celia o fitou horrorizada e segurou-lhe as mãos.

–Justin, pare! Justin...

Ele se livrou dela com impaciência.

–Não! É muito cedo. Irá lhe fazer mal! –Ela voltou à carga, falando em francês, tentando em vão detê-lo. Mesmo fraco e convalescente era capaz de mantê-la à distância. As bandagens caíram ao chão.

Justin tentou abrir os olhos e sua cabeça se encheu de uma explosão branca e quente. Gritou algo incompreensível e cobriu a face com os braços. Ouviu ligeiramente a voz de Celia sobre suas maldições.

Ela sentiu pânico e correu até ele.

–Oh, é um estúpido teimoso, é muito cedo para que veja algo! Detenha-se, vai se machucar!

Sentiu a mão de Celia na cabeça e a afastou, enlouquecido pela dor. Ela insistiu em afastar-lhe as mãos da cara e lhe cobriu os olhos com uma toalha. Noeline entrou no quarto ao ouvir do corredor o alvoroço. Seus olhos escuros perceberam a situação em um segundo. Celia fitou-a enérgica.

–Um sedativo – disse, conseguindo parecer calma. – Rápido.

Rapidamente, Noeline foi à penteadeira e verteu água fresca em um copo. Justin grunhiu como se lhe tivessem extraído os globos oculares.

–Quietos – sussurrou-lhe Celia ao ouvido, obrigando-o a apoiar a cabeça sobre seu suave ombro. Era o único modo de evitar que se machucasse. – Você merece... Disse-lhe que não tirasse a bandagem! Se deseja voltar a ver, terá que descansar e dar tempo a que seus olhos se curem!

–Afastes-se de mim... cadela sem sentimentos... – disse ele entre ofêgos, mas continuou rodeando-lhe a cintura com o braço como se ela fosse seu único refúgio.

Seu hálito queimava-a através do tecido do vestido. Agarrou uma ponta do lençol e com ela cobriu-lhe o corpo nu, sentindo-se sua protetora. Algo ridículo, pois Noeline o conhecia desde que havia nascido.

Noeline trouxe-lhe a mistura para dormir e Celia pegou o copo com a mão livre.

–Justin, beba isto.

–O que é? –Resmungou ele.

–Algo que o ajudará. –Colocou-lhe o copo nos lábios e parte do líquido caiu sobre o peito.

Ele se engasgou um pouco e amaldiçoou.

–Não, maldição...

–Beba isto agora–replicou ela com voz suave, mas autoritária.

Bebeu o conteúdo do copo em um par de goles, sem lhe importar que escorresse um pouco pelo queixo. Enquanto Justin engolia, Celia olhou para Noeline desesperada.

–Por favor, traga um pouco daquele bálsamo que prepara para os olhos. E mais faixas de linho.

Noeline franziu a testa ao observar o casal sobre o leito, como se pensasse que aquelas dramáticas cenas fossem muito para sua limitada paciência.

–*Oui*, madame.

Celia deixou o copo na mesinha e observou a cabeça escura que se segurava contra seu ombro. Justin estava imóvel e respirava com agitação. Ela só podia suportar todo seu sofrimento. Ele se deixou cair contra seu peito, depois se levantou para tentar lutar contra a perda da consciência. A raiva de Celia foi amenizada por uma onda de ternura.

Justin era como um animal grande e mal-humorado que se revoltava quando lhe ofereciam ajuda.

–Justin – disse ela com voz doce, embalando sua cabeça. –Fique

tranquilo. Agora descanse.

–Não quero ficar cego – resmungou. –Não quero... que tenham que me guiar...

–Não; ficará bem – ela cantarolou. – Calma. –Prosseguiu murmurando palavras tranquilizadoras até que notou sua respiração mais pesada. Dormiu apoiado contra ela, com o braço pendurado ao redor de sua cintura.

Mantiveram-no sedado todo o dia seguinte, pois pensaram que era o único modo de mantê-lo tranquilo e permitir que suas feridas se curassem mais.

–Não nos fará as coisas fáceis – disse Lysette com pesar. –É possível que tenha visto pacientes difíceis no passado, Celia, mas asseguro que Justin demonstrará ser o pior.

Justin estava muito atordoado para resistir, então Lysette e Celia lhe administraram outra pequena dose de láudano.

Infelizmente, quando recobrou a consciência, ficou claro que a previsão de Lysette havia sido plenamente correta. Estava com um humor de cão, cada palavra que dizia parecia uma cuspidinha. Inclusive se mostrou ofensivo com Lysette.

–Traga-me algo decente para comer – grunhiu. –Não quero esta comida de porcos.

–Ainda não pode comer normalmente.

–Então não me traga nada! –Para reforçar sua negativa, levantou a pequena tigela com caldo com a mão boa e lançou-a do outro lado do cômodo.

Lysette saiu dali furiosa, e pouco depois enviou uma criada assustada para limpar a bagunça.

Justin levou a mão às dolorosas costelas quando ouviu a servente limpando o cômodo. A perna lhe doía, também o ombro e uma lateral. Mas o pior era a penetrante dor de cabeça, uma dor que parecia aprofundar-se um pouco mais com cada batida de seu coração. Quando havia se queixado disso horas antes, Noeline havia se oferecido para sedá-lo um pouco mais, e ele a havia amaldiçoado e expulsado do quarto. Não queria dormir mais. Queria sair da cama e caminhar, queria que a cabeça deixasse de doer, e acima de tudo queria escapar daquela implacável escuridão.

–Você – advertiu à criada. –Acabe de uma vez e leve uma mensagem a madame Val... a Celia. Diga-lhe que não poderá esconder-se de mim para sempre. –Deteve-se, pensando que a mensagem podia não ser muito explícita

para trazê-la ao quarto. –E diga-lhe que a bandagem da lateral caiu.

Transcorreram uns dez minutos tortuosos até que ouviu os passos de Celia e aspirou sua doce fragrância.

–Você demorou – reclamou.

–Seus gritos e maldições desagradaram as pessoas da casa – respondeu ela friamente. –Noeline não deixou de murmurar algo relativo a feitiços, Lysette está vermelha como um tomate, e as crianças estão convencidas de que temos um monstro preso neste cômodo.

–Vão para o inferno!

–O que aconteceu com sua bandagem? –Inclinou-se sobre ele e deslizou o lençol o suficiente para lhe observar o flanco. –Não caiu. –Observou as profundas rugas formadas no rosto de Justin e suavizou a voz. –Dói-lhe a cabeça, não é? Depois de seu ataque de raiva não é de estranhar. Vou mudar seu travesseiro.

Ele grunhiu para concordar. Com cuidado, ela levantou-lhe a cabeça, tirou o travesseiro plano e o trocou por um novo. Rodeou a cama alisando os lençóis, depois abriu a janela para que entrasse um pouco de brisa fresca no cômodo.

–Tem sede?

–Sede? Não quero que me dê esse líquido asqueroso cada vez que...

–Quer que leia para você?

–Não. –Levou uma mão à testa, exasperado pela dor e o tédio.

Celia afastou a mão e deslizou os dedos por seu cabelo embaraçado, massageando-lhe as sobrancelhas e as laterais da cabeça. Ainda o surpreendia notar o quanto gostava do contato de suas mãos em sua testa, os dedos em seu cabelo. Era estranho, dada sua aversão a que o tocassem.

–Assim está melhor? –Perguntou em voz baixa. Se dissesse que sim, se deteria. Se dissesse que não, também se deteria.

–Talvez um pouco – murmurou. As leves carícias continuaram até que começou a sentir-se sonolento. Suspirou suavemente, ela afastou as mãos e se pôs em pé. – Não se vá – ordenou-lhe.

–Não há nada mais que possa fazer por você.

–Leia-me algo.

Ela foi em busca de um livro e regressou à cama. Ao sentar-se, a seda de damasco rangeu um pouco. Justin voltou a cabeça para ela ao escutar sua voz. Tratava-se de uma novela entediante, mas não lhe importava. Aliviava-o ouvi-la passar as páginas e também sua voz suave. Tentou imaginar seu rosto,

mas não o recordava com clareza. Só o emaranhado de seu pálido cabelo loiro, suas bochechas e os escuros olhos castanhos.

Durante os últimos quatro meses, Justin não havia deixado de pensar em Philippe, e também em Celia. Havia parecido impossível imaginá-los juntos. Havia tentado imaginar, mas não podia pensar nela como a esposa de seu irmão. Sabia que devia sentir-se culpado por ter se deitado com ela, mas sempre havia sido um defeito seu não sentir-se culpado nos momentos adequados. Não estava arrependido em absoluto pelo ocorrido entre eles. Com que frequência ela pensaria no ocorrido naquela noite? Ou havia optado por não voltar a pensar nele? Justo antes de dormir, imaginou que o travesseiro que tinha debaixo da cabeça era seu suave colo.

Capítulo 7

Alguém entrou no dormitório. Justin reconheceu o som das pesadas botas de Maximilien. Ao menos uma vez ao dia, seu pai ia visitá-lo para comprovar seus progressos e trazer-lhe notícias de Nova Orleans e do Golfo. Recentemente, os piratas haviam anunciado uma trégua em suas atividades, mas nem por isso o comandante da Marinha estava menos disposto a levá-los ante a justiça.

–O tenente Benedict esteve aqui – disse-lhe Max sem preâmbulos. – Mantive-o afastado durante uma semana, mas não poderei evitar por muito mais tempo que o veja. Quer fazer-lhe perguntas sobre a ilha dos piratas e sobre sua suposta fuga. Estou convencido de que tentará fazê-lo reconhecer que não é Philippe. Disse-lhe que as feridas lhe provocaram uma leve falta de memória. Suponho que isso o ajudará para desenrolar-se ante suas perguntas.

–Desde quando Benedict e Philippe se conheciam?

– Faz coisa de um ano. A esposa do tenente, Mary, sofreu um acidente com sua carruagem e Philippe salvou-lhe a vida. Benedict disse que estaria em dívida com você durante o resto de seus dias.

–Isso é bom – disse Justin. –Isso fará com que se sinta mais inclinado a oferecer-me o benefício da dúvida.

–Ou mais disposto a demonstrar que não é Philippe.

Justin fez uma careta sardônica.

–Seria mais simples se Philippe não tivesse se comportado como se fosse um fodido santo.

–Ao menos se parece com ele. –Max observou-o. –Terá que barbear-se e cortar o cabelo.

–Sim – admitiu Justin pesarosamente. –Noeline está há uma semana afiando as tesouras.

Seu pai sufocou uma gargalhada.

–Peça a Lysette que lhe faça a barba. Se interessou por esse tipo de atividade quando machuquei o braço no ano passado.

Justin inclinou a cabeça com curiosidade.

–O que aconteceu?

–Estava trabalhando na plantação. Não foi mais do que uma distensão,

mas não pude usar o braço direito durante dez dias. Precisei de ajuda com muitas coisas, e em particular com o barbear. Depois de praticar um pouco, Lysette se converteu em uma *expert*, mas os primeiros dias... Bom, imagine uma mulher nervosa com uma navalha apoiada em sua garganta.

Justin riu.

—É muito mais valente que eu, pai.

Falaram um tempo e depois Max se foi.

Justin acariciou a barba pensativo. Surpreendia-o ter mantido uma conversa relaxada e amistosa com seu pai, o tipo de conversa que Max costumava ter com Philippe. O tipo de conversa das quais ele e seu pai nunca haviam desfrutado até então. Perguntou-se o que a havia feito possível, e por que as rugas de sua relação pareciam ter suavizado.

Lysette observou Celia, ocupada na cozinha com a bandeja da ceia de Justin.

—Celia, não é necessário que você mesma lhe prepare as refeições — disse-lhe, medindo as palavras. —Noeline é absolutamente capaz de fazê-la.

—Não é problema para mim. —Dobrou e voltou a dobrar um guardanapo.

Sabia por que Lysette lhe dizia isso. Na semana passada, Celia havia permitido que Justin lhe desse ordens de manhã à noite. Quando queria algo, era ela a quem chamava. Seu temperamento rara vez se irritava estando com ela, algo que ocorria com os demais, e sua mera presença parecia tranquilizá-lo. Não gostava do modo como as demais trocavam as bandagens ou lhe ajeitavam os travesseiros. O processo da refeição, em especial, era algo que ninguém, exceto Celia, podia testemunhar. A cegueira deixava-o em uma posição de desvantagem em muitos sentidos, e estava enraivecido pela perda de sua independência. Celia lia para ele, aliviava-lhe as dores de cabeça, distraía-o com histórias sobre sua infância na França.

Por que lhe exigia essas coisas e por que ela cedia, era algo para o qual nem a própria Celia tinha resposta. Só tinha claro que as poucas vezes em que ignorava seus pedidos e deixava que outros satisfizessem as necessidades de Justin, sentia um terrível desejo de ir vê-lo.

—Celia, —disse Lysette, carrancuda —sou consciente das exigências de Justin para com você. Quero que fique claro que não é responsável por ele em nenhum sentido. Talvez a recorde de Philippe e por isso você...

Celia interrompeu-a com uma risadinha.

–*Bon Dieu*, não me recorda a Philippe de forma alguma!

Lysette não sorriu.

–Estou tentando entender por que sente-se obrigada a cuidar dele.

–Não tem que entender – Celia respondeu completamente séria. –Não tem nada a ver com sentimentos. Simplesmente é uma questão prática. Você tem que cuidar de seu marido, de seus filhos e da propriedade. Noeline tem muitas responsabilidades. Eu disponho de mais tempo que ninguém, é simples assim.

–Muito bem – Lysette não acreditou, mas preferiu encerrar o assunto.

Celia olhou a bandeja, debatendo-se contra o impulso de confiar nela. Quisera que Lysette fosse alguns poucos anos mais velha. Só poderia se confessar a uma mulher mais velha, mais maternal. Seguia sentindo saudades de Philippe, ainda chorava ao pensar nele. E desprezava a crueldade de Justin. A morte de seu irmão gêmeo parecia não ter causado impressão alguma nele. Acreditava que Justin não se preocupava por nada mais além de si mesmo e seu próprio bem-estar. Não seria muito inteligente se iludir sobre isso em particular.

Mas por que, então, sentia aquele assustador vínculo com ele? Por que as vezes tinha a impressão de saber com total exatidão o quê Justin sentia? Acaso por terem se conhecido intimamente? Celia não acreditava nisso. Talvez se devesse a que lhe havia salvo a vida. Talvez por isso sentisse aquele impulso irrefreável de cuidar dele.

–A comida está esfriando – desculpou-se ante Lysette.

Saiu da cozinha e entrou na casa levando a bandeja escadaria acima até o dormitório de Justin.

Ele estava em silêncio quando ela entrou. Distraída em seus próprios pensamentos, dedicou-lhe um olhar fugaz: estava sentado na cama e vestia um roupão azul. Então pareceu-lhe que algo havia mudado. Apertou os dedos com tanta força ao redor da bandeja que os nós de seus dedos empalideceram: havia voltado a tirar as bandagens dos olhos. Havia restos de cataplasma nas maçãs de seu rosto. Virou a cara para ela, com o par de olhos azuis abertos. Os pratos da bandeja começaram a tilintar e Celia a deixou no chão antes de provocar um estrago.

–Justin? –Perguntou. Aproximou-se da beira da cama e sentou-se. Ele continuou fitando-a com aqueles olhos injetados de sangue, sem piscar. Respirava com rapidez, agitado. –Justin, pode ver-me?

Muito devagar, ele levantou a mão e tocou-lhe na curva da bochecha,

observando como começava a enrubescer. Afastou os dedos, embora o que queria fazer era tocar seu radiante cabelo loiro e roçar-lhe a nuca. Seus escuros olhos eram tão aveludados, castanhos e inocentes como recordava. Queria pousar os lábios sobre a delicada curva que desenhava o rosto de Celia, acariciar sua pele lisa. Havia ganhado um pouco de peso, seus peitos haviam se arredondado e sua cintura estava mais definida.

–Vê tão bem como antes? –Perguntou-lhe ela.

–Sim – disse com voz rouca. –Creio que sim.

Celia engoliu lágrimas de alívio. Só nesse momento ficou consciente do temor que havia sentido de que ele ficasse definitivamente cego.

–Oh, alegre-me muito... Creio... Temia... – Sentia-se confusa, intensamente consciente de seu olhar azul.

Ele não afastava o olhar de seu rosto.

–É mais bela do que recordava.

O coração de Celia descontrolou-se. Teria que ter se levantado da cama e se afastado dele. Mas continuou sentada ali, presa na mais pura confusão. Inclinou a cabeça, fixando-se na mão que Justin tinha junto a seu quadril. Não a tocava, mas sentia seu olhar.

–Seu... seu pai me disse que o tenente Benedict o verá amanhã – gaguejou. –Deverá fazê-lo acreditar que é Philippe.

–Terá que ajudar-me.

–Eu... eu não creio que seja possível. Não creio que sejamos capazes de convencer a alguém... Não posso fingir que é meu marido. –sussurrou.

Justin queria tocá-la, sentir o contato daquela pele suave, seu pequeno corpo junto ao dele. Mas não tinha direito algum, e nesse lugar civilizado não podia recorrer a suas técnicas habituais baseadas na força e na conquista. Ali não podia pegar algo–ou alguém – só porque o desejava.

–Entendo– disse lentamente. Nunca havia sido bom em situações como aquela. Nunca havia se interessado em analisar os sentimentos, nem os seus nem os de ninguém. Julgava os demais por suas ações ou pelo que lhe dizia seu instinto. –É repulsivo, não é? – Proseguiu – Burlar-se desta forma da morte de Philippe. Se consigo, não poderá continuar de luto. Privei-a do luto a que tem direito. Terá que mentir a todos os seus conhecidos e convencê-los de que está feliz por ter seu marido de volta. E fingir que o homem a quem odeia é o homem que ocupa seu coração. Equivoca-se se pensa que vou gostar disto. Sou plenamente consciente do insulto que implica essa farsa para você. Se não fosse necessária para salvar meu pescoço, teria recusado o

plano. Deus sabe que não é fácil ser Philippe. Sou um mentiroso muito competente, mas como interpretar honestidade e decência...? *Bien sûr*, isto vai pôr à prova minha fértil imaginação.

–Você caçoa de Philippe por sua bondade – ela o acusou em voz baixa.

– Em absoluto. Quando era jovem o fazia. –Sorriu brevemente. – Zangava-me muito a sua capacidade para evitar os insultos ou os desafios. Jamais fui capaz de resistir a uma briga, mesmo que não fizesse sentido.

Ela levantou seu olhar iluminado para ele.

–Por que Philippe nunca falou de você?

Justin riu com ironia.

–Não sou a pessoa mais adequada para adivinhar, *ma petite*.

–Philippe teria que ter me dito. Ter um pirata por irmão não é algo que possa se manter em segredo por muito tempo.

–Oh, os crioulos podem manter os segredos durante gerações, não são como os franceses. Talvez seja por influência espanhola. Os espanhóis são muito bons com as intrigas. Philippe talvez tenha pensado, e com razão, que se passariam vários anos antes que soubesse de minha existência. – Recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos com uma careta de dor. Seu rosto ficou tenso.

–Deveria dormir – disse ela com suavidade. –Tem que estar descansado para amanhã.

– Já descansei demais – respondeu sem abrir os olhos. –É a única coisa que tenho feito desde que cheguei.

Celia ficou em pé.

–Direi a Maximilien e Lysette que recobrou a visão. Ficarão muito contentes.

–Melhor dizer que se sentirão aliviados.

– Sim, isso também. –Inclinou-se sobre ele para arrumar os travesseiros, tal como havia feito centenas de vezes. Mas nessa ocasião foi diferente... nesta ocasião Justin abriu os olhos para vê-la, e o momento se tingiu de uma súbita intimidade. Ela se retirou em seguida. Agora que ele podia ver tudo seria diferente. O paciente indefeso havia desaparecido. Suas feridas haviam sarado, e ele acabaria sendo o mesmo de antes. Sem dúvida iria embora assim que possível, e não voltaria nunca mais.

–Sempre cheira a flores – murmurou Justin. –São... parecem violetas... ou...

–Lavanda.

–Lavanda – repetiu ele. Virou a cabeça e não demorou a adormecer.

Por que Justin era tão diferente de Philippe? Celia havia procurado uma resposta, mas ninguém havia sabido explicar-lhe. Tinha que haver uma razão, algo tinha que explicar por que um irmão era o orgulho da família e o outro a desgraça da mesma. Perguntou-se se Justin e Philippe se odiavam. Acaso não teria falado de seu irmão gêmeo se tivesse sentido afeto por ele?

–Oh, Philippe, –sussurrou –teria gostado que o ajudasse? Ou estará se revirando em seu túmulo?

Lysette acariciou o cabelo ruivo de sua filha, observando a seriedade das pequenas caras. Angeline estava sentada em seu colo e Evelina no braço da poltrona.

– Então vejam, meus anjos, é como um jogo. Vamos fingir que se trata de Philippe; só durante um tempo. E não vamos falar a ninguém sobre nosso jogo.

–*Oui*, maman – disseram as meninas obedientes.

Celia pegou o gorducho Rafael nos braços e observou Lysette com apreensão. Quisera que não tivesse sido necessário explicar as crianças quem era Justin na realidade, mas Lysette havia se mostrado inflexível.

–São bastante grandes para se darem conta de que não é Philippe – lhe havia dito. –Saberiam que estamos mentindo para elas. Dizer-lhes a verdade aumenta o perigo que Justin corre, mas antes de tudo devo pensar em meus filhos. Nunca lhes demos motivo para duvidar do que lhes dizemos. São boas garotas, e me obedecerão se lhes digo que guardem o segredo.

Celia rogava que Lysette não se enganasse. Deu um sorriso para as meninas quando estas saíram do cômodo e levantou-se para entregar o menino a Lysette. Rafael, que não havia deixado de mover-se inquieto, acomodou-se com alegria entre os ombros de sua mãe.

–Não parece tê-las surpreendido com o que explicou – Celia comentou.

–Oh, as crianças recebem tudo com calma –disse Lysette com um suave sorriso. –São os adultos que têm problemas para aceitar os caprichos da vida.

Celia foi até a janela e voltou depois à cadeira.

–Acima parece tudo muito tranquilo.

– Sim – respondeu Lysette. –Pelo visto, Justin protesta menos com Noeline que comigo. Claro, ela é mais habilidosa com as tesouras do que eu com a navalha.

Apesar da tensão, Celia sorriu, recordando os gritos de protesto que se haviam ouvido escada acima quando Lysette barbeou Justin.

–Cortou-o muito? –Perguntou.

–Dois pequenos cortes de nada – suspirou Lysette. –Não ficou mal. Sem barba seu aspecto mudou muito. Poderia passar inclusive por um cavalheiro. A cara de Justin ficou bem inteira apesar das batalhas e os maus momentos que passou. –Sorriu. –Olhou-se no espelho e queixou-se de que agora ninguém o veria como um pirata.

–Sim – disse Celia, sorrindo.

–Vai sentir-se um pouco mais estranho quando Noeline acabar de cortar o seu cabelo.

Celia assentiu e respirou fundo.

–Queria que a manhã já tivesse passado – disse. –Queria que o tenente Benedict tivesse vindo e já tivesse ido embora.

Lysette deu-lhe um olhar perspicaz –Está preocupada por Justin, não é?

–Você não?

– *Oui, naturellement.* É meu enteado. Conheço-o desde que era um menino, antes que saísse de casa. Mas... aprendi faz um tempo que não gosta de estabelecer relações muito fortes nem com as pessoas e nem com os lugares. É melhor não esperar nada dele. Suponho que por isso escolheu a vida no mar. Um barco está sempre em movimento.

–Mas por que se tornou um pirata?

–Oh, suponho que foi o pior que lhe ocorreu. Desse modo poderia demonstrar, finalmente, que era tão mau como todos supunham. Ainda menino tinha um instinto especial para comportar-se mal, fugindo de casa, indo onde não devia ir, metendo-se em problemas. Mas as fofocas exageraram mais e mais sobre suas façanhas. E o fato de que seu irmão gêmeo fosse tão tranquilo e responsável só piorou o comportamento de Justin. Creio que grande parte de sua rebeldia teve a ver com Philippe, de quem Justin sabia que seu pai gostava e a quem aprovava. –Lysette deu de ombros. –Talvez tenha sido muito tarde. Inclusive depois que chegaram a se entender, não foi o suficiente para Justin. Max era só parte do problema. Justin continuava precisando de algo que ninguém podia lhe dar. E eu cheguei a acreditar que ninguém poderia lhe dar nunca.

De repente Noeline apareceu na porta. Levava o lenço da cabeça caído de lado, e um gesto de exasperação moldava suas expressões habitualmente dignas.

–Jamais voltarei a passar por algo assim – anunciou.

–Acabou? –Perguntou Lysette.

–*Oui*, madame.

–Obrigada, Noeline. Sei que *monsieur* Justin terá feito todo possível para fazê-la perder a paciência. Onde está agora?

–No salão.

–Aqui embaixo? Como pôde descer?

–Caminha ajudado por uma bengala que *monsieur* Victor costumava usar.

–Victor Vallerand era o pai de Maximilien.

–Sua perna, – Celia disse preocupada. –Talvez tenha começado a sangrar outra vez. Oh, sabia que faria algo assim, sabia... – Começou a correr para o segundo salão, que era ao lado do vestíbulo.

Viu uma figura alta com uma bengala junto à janela. Estava vestido com uma jaqueta azul e calças bege. Com o cabelo negro muito curto, ao voltar-se para ela pareceu-lhe extremamente bonito. Celia sentiu-se desfalecer. Aproximou-se com passos inseguros. Seus olhos azuis lhe sorriram, e sua boca curvou-se em um gesto encantador. Celia apreciou uma covinha em sua bochecha magra. Sua voz profunda transmitiu um tom de diversão.

–Não vai desmaiar, não é?

Poderia ter sido Philippe. A semelhança era tanta que ela deixou escapar um gemido angustiante. O que mais havia querido, o de que mais sentia falta estava ali, diante dela. Mas se tratava de uma ilusão, uma ilusão que ela não podia assimilar. Virou-se para sair, mas ele a segurou pelo pulso, com tanta força que até a machucou.

–Celia, espere. Olhe para mim!

–Não posso – disse com voz embargada pelas lágrimas. –Não posso suportar ver... a cara de Philippe...

–Maldição, também é a minha! –Justin atraiu-a para si e ela escondeu a cabeça em seu ombro, chorando fracamente. Ele falou-lhe ao ouvido, comovido. –A sério, também é minha cara.

Sentir o pranto de Celia em seu ombro fez com que seu coração começasse a palpitar.

Queria beijá-la, queria que deixasse de chorar. Remexeu os bolsos e encontrou um lenço que Noeline havia deixado em sua jaqueta. Jamais usado para secar as lágrimas de alguém, enxugou com ela as bochechas úmidas. Ofegante, Celia tomou-o de suas mãos e assoou o nariz.

Ele não percebeu a chegada de Lysette e Noeline. Esfregou as costas de

Celia e acariciou-lhe a nuca enquanto ela lutava para dominar suas emoções.

–Acompanhe-me ao sofá – disse Justin. –Estou a ponto de perder o equilíbrio.

Lysette afastou Noeline da porta e trocaram um olhar de preocupação antes de decidir tacitamente que aquele casal resolvesse as coisas a sua maneira.

Choramingando, Celia ajudou-o a sentar-se no sofá. Ele puxou-a para que se sentasse a seu lado e agarrou-lhe o braço.

–Solte-me – sussurrou ela.

–Não até que me olhe – respondeu ele rudemente. – Tem que ser capaz de ver as diferenças entre Philippe e eu. Olhe-me e diga se as vê. –Como ela não se moveu, acariciou-lhe o braço com o polegar. –Celia, não tenha medo.

Pouco a pouco, ela começou a examinar-lhe o rosto. Era verdade. Para um estranho teriam parecido idênticos, mas para quem os conhecia havia a possibilidade de os diferenciar. Os penetrantes olhos de Justin eram diferentes dos amáveis olhos de Philippe. Seu nariz era um pouco mais largo, sua boca um pouco maior, e seu lábio inferior um pouco mais curvado.

Seus corpos também eram diferentes. As roupas que Justin usava teriam assentado maravilhosamente em Philippe, mas Justin era mais magro, fortalecido pelos anos de perseguições e lutas. Havia perdido qualquer resto de gordura que todo homem são e ativo possui. Sem pretensão, Celia recordou como era antes das feridas, quando resgatou-a da ilha dos Corvos, o poder e a força que então aparentava.

Tinha os mesmos cílios longos de Philippe, o mesmo redemoinho no cabelo e a mesma beleza morena.

–Vejo as diferenças – disse com voz rouca. –E as semelhanças.

Justin não moveu um só músculo, mas podia reconhecer um tom de preocupação e raiva em seus olhos.

–Não sou Philippe.

–Eu sei – suspirou ela com tristeza.

–Vai pensar nele quando me olhar?

–Não... não sei. –Fez uma careta quando ele apertou seu braço. –Ai...

Justin a soltou.

–Esta situação é obscena – rosnou.

Não suportaria que ela se lembrasse de Philippe a todo momento, que o comparasse com Philippe, que o fitasse e sentisse a falta de Philippe. Mas era absurdo sentir ciúmes de um homem morto. De seu próprio irmão.

Ambos decidiram desabafar.

–*Ce n’était pas mon idee* –disse veemente, muito desgostosa para falar em inglês.

–Tampouco foi minha! Foi ideia de meu pai, e uma ideia bem estúpida. Vá procurá-lo... Diga-lhe que não vamos fazê-lo!

–Não temos outra possibilidade! – disse ela com veemência. – Agora já é muito tarde.

Fitaram-se e Justin levou uma mão ao queixo, lembrando muito tarde que já não tinha a barba.

–Maldição, quero minha barba!

–Era muito desagradável – respondeu ela sem afastar a vista e assoando o nariz uma vez mais. –Philippe nunca teria se permitido parecer com um bode.

–Sim, havia um montão de coisas que Philippe não se teria permitido. Mas eu não sou Philippe.

–Não é necessário que continue me recordando disso!

–Então deixe de fitar-me como se...

–Vejo que estão praticando uma briga conjugal – disse Max da porta.

Justin deu-lhe um olhar frio.

–Isto não vai funcionar.

–Sim, funcionará – disse Celia com determinação, passando o lenço pela cara. –Não gostaria de ver como o prendem e enforcam. Nego-me a passar por estas duas semanas horríveis por nada.

–Ninguém lhe pediu nada – replicou Justin.

–Então quem me pedia aos gritos que subisse as escadas ou que as descesse a cada vez que queria beber água ou...?

–*Assez* – disse Max, taxativamente. –Já chega. Talvez tenha esquecido que o tenente está a ponto de chegar. –Seus olhos dourados passaram da enrubescida Celia ao gesto inescrutável de seu filho. –Não parecem a imagem de um casal unido pelo amor. Deixe que o recorde, Justin, que sua vida depende de sua atuação. –Interromperam-no antes que pudesse acabar.

–*Monsieur*, –disse Noeline da porta –o tenente vem pelo caminho.

Celia quis ficar em pé, mas Justin a reteve.

–Fique aqui – disse tranquilamente, e esperou que seu pai se dirigisse ao vestíbulo.

O local ficou repentinamente em silêncio, com exceção do tic-tac do relógio de bronze que havia no aparador da lareira. –Onde está Lysette?

Celia estava muito nervosa para falar.

–Es... está com as crianças... lá encima.

Ele colocou uma mão sobre as de Celia.

–Relaxe – murmurou.

–Não poderei fingir que é Philippe – disse, e deu um pulo ao ouvir a porta da entrada abrir.

Justin pegou-a pelo queixo, obrigando-a a fitá-lo. De repente, todos os seus incômodos e ciúmes desapareceram ante a preocupação que sentiu por ela. Era inquietante. Algo incomum nele. Não queria machucá-la, nem sequer à custa de sua própria vida.

–Então não o faça – sussurrou. –Não o faça se a machuca. Não vale a pena.

Ela ficou atordoada ao fitá-lo e comprovar que suas palavras eram sinceras.

–Está louco – disse com um fio de voz. – É claro que sua vida vale a pena. Vou ajudá-lo.

Ouviu passos que se aproximavam do salão. Antes que Justin pudesse dizer algo, ela passou a mão pelo seu cabelo recém cortado, afastando-lhe a franja da testa. O gesto foi terno e possessivo ao mesmo tempo, o típico gesto de uma mulher para seu marido. Justin ficou ruborizado.

O tenente Benedict entrou no local e olhou para o casal com uma sobrelheira arqueada. Justin sorriu levemente e estendeu-lhe a mão.

–Peter. Que alegria vê-lo.

Benedict lhe apertou a mão com firmeza.

–Philippe...? –Parecia ter visto um fantasma.

–Perdoe-me por não ter podido atendê-lo antes. Como bem sabe, os Vallerands são muito protetores com os seus. –Justin atraiu Celia para si e beijou-a na têmpora. –Graças às habilidades de minha amada esposa espero me recuperar em breve.

Celia sorriu e fez um gesto ao tenente indicando-lhe que se sentasse em uma cadeira.

–Havia ouvido dizer que estava cego – disse Benedict após se sentar.

–Retiramos as bandagens dos olhos à noite – respondeu Celia por ele. Riu suavemente. –Mais certo seria dizer que Philippe as retirou antes do tempo. Para dizer a verdade... os médicos são os piores pacientes. –Olhou para Justin com devota preocupação. –Como pode observar pela vermelhidão, tenente, seus olhos ainda não estão totalmente bem. E sofre de fortes dores de cabeça.

Benedict meneou a cabeça.

–Meu Deus, Philippe – disse com outra voz. –As chances de sobreviver a um ataque pirata, ser capturado e depois escapar são mínimas... Sua peripécia é incrível.

–Sim, eu sei – respondeu Justin com pesar. –Absolutamente incrível. – Um toque de malícia cintilou em seu olhar. –Ouvi dizer que isso o levou a pôr minha identidade em dúvida.

Benedict pareceu se sentir desconfortável.

–Só cumpria com meu dever, Philippe. E seu irmão é um pirata conhecido e perigoso. Até vê-lo com meus próprios olhos não poderia estar certo de nada.

–Não sei o quanto meu irmão é perigoso ou deixa de ser – respondeu Justin com uma franqueza fingida e sorriu. –Mas não seria muito bom para minha reputação, Peter, que as pessoas suspeitassem que sou um pirata. Ensinaaram-me a manejar um bisturi, não a espada.

–Philippe, tenho que lhe fazer algumas perguntas. Espero que esteja disposto a proporcionar ao Departamento Naval alguma informação sobre esses canalhas. É correto que esteve preso por quatro meses na ilha dos Corvos?

–Assim é – Justin esfregou a testa.

–Havia outros prisioneiros com você?

–Não, eu era o único.

–Pode me dizer por que o deixaram com vida?

–Creio que por meus conhecimentos de medicina.

–Obviamente, trataram-no bem – indicou Benedict fitando-o. Celia tinha que admitir que Justin não tinha o aspecto de um homem que foi mantido cativo durante meses. Apesar do aspecto enfermado de seu rosto, sua pele continuava bronzeada. Se não fosse por suas feridas, seu corpo estaria em perfeitas condições. –Poderia descrever a ilha e suas defesas? E também como escapou, é claro.

–Tenho algumas lacunas em minha memória – respondeu Justin entrelaçando os dedos com os de Celia e levando sua mão até sua coxa. – Contarei tudo o que possa. Não sei em que poderá lhe ser útil.

Celia se admirou ao ver como Justin respondia as perguntas com detalhe, acrescentando informação suficiente para fazer sua história plausível. Falou do seu cativeiro, descreveu o forte e seu labirinto de túneis tanto para cima com para baixo da terra, explicou como havia subornado alguns piratas para

que o ajudassem e a luta que havia acontecido durante sua fuga. Benedict pediu-lhe que repetisse algumas partes do relato, procurando inconsistências ou contradições, mas Justin não se traiu. Depois de meia hora, Max interrompeu o interrogatório limpando a garganta.

–Tenente Benedict, –disse –é evidente que meu filho começa a ficar cansado. Certamente o senhor não tem intenção de acabar com as escassas forças que tem.

–Não, é claro – respondeu Benedict.

Celia inclinou-se sobre Justin, preocupada. Estava muito pálido e sua testa porejava suor. Seu cenho indicava que sentia dor. Enxugou-lhe a testa com um lenço.

– Sua cabeça dói? –Perguntou-lhe.

–Não, estou bem, posso continuar – disse. –Mas preciso...

–Precisa descansar. –Passou a mão por seu dorso, tocando a bandagem das costelas. –Não deveria ter descido as escadas – disse enquanto Benedict e Max falavam em voz baixa a suas costas.

–Tinha que sair desse maldito quarto – Justin murmurou.

–Não havia nenhuma necessidade de que se vestisse. Podia usar um roupão.

Ele sorriu-lhe de um modo muito malévolo para ser parecido com Philippe.

–Em certas situações, um homem sente-se em desvantagem sem suas roupas.

–Philippe – disse o tenente indo para o sofá. –Suponho que isto é tudo por enquanto. Mas há muitas coisas que gostaria de saber... quando recuperar um pouco mais de força.

–Claro – respondeu Justin e se pôs em pé com a ajuda da bengala sem levar os protestos de Celia em conta. Passou um braço por seus ombros estreitos para manter o equilíbrio. –Espero que sua mulher se encontre bem.

–Sim, claro – disse Benedict olhando-o especulativamente. –Quando posso lhe dizer que vai reabrir seu consultório?

Celia respondeu por Justin, passando o braço por sua cintura.

–Insisto em que Philippe tenha que se recuperar por completo antes de fazer qualquer coisa – sorriu ao tenente. –Recuperei meu marido... Nova Orleans terá que perdoar-me por desejar tê-lo para mim por uma temporada.

Após despedir-se, Benedict saiu com uma expressão de perplexidade. Justin deixou escapar um longo suspiro. O corpo lhe doía devido ao esforço

da manhã. Max olhou-o com preocupação.

– Saiu-se bem – disse. – Irei contar a Lysette.

Celia manteve o braço ao redor da cintura de Justin e caminharam para as escadas.

– Acredita que o convencemos? – Perguntou.

– Não totalmente – respondeu Justin carrancudo. – Mas poderia ter feito isso mais difícil. Xingou para si ao levantar a perna para subir o primeiro degrau. – Talvez o faça mais adiante.

– Comportou-se de um modo... muito diferente – disse ela apertando-o contra seu pequeno corpo. – Muito amistoso e amável.

– Como Philippe.

– Um pouco, sim. Philippe era aberto e confiante. Gostava das pessoas, queria ajudá-las. Podia notar-se em sua cara. Por isso...

– Sim, estou consciente de tudo isso – Justin replicou tenso.

– Por que é tão diferente de Philippe? – Perguntou sem poder evitar, e ele gargalhou.

– Essa, *petite*, é a pergunta que não deixaram de me fazer durante minha adolescência. Queria ter sido como ele. Durante um tempo tentei-o. Mas há sangue ruim na família Vallerand. Em todas as gerações há ao menos um *âme damnée*. Pelo visto, esse era meu destino.

Âme damnée... Um espírito maldito, uma alma perdida. Celia sentiu um leve calafrio e soube que ele também o havia sentido.

Chegaram finalmente ao cômodo e Justin sentou-se na cama com um gemido de alívio, suando profusamente. Com cuidado, Celia lhe tirou os sapatos e ajudou-o a retirar a jaqueta. Com a mão de um lado, ele se recostou nos travesseiros. Ela afrouxou a gravata e desabotoou o botão superior da camisa, mas ele afastou as mãos dela.

– Não – disse. Apesar da dor e do cansaço, desejava-a. Se o despisse, não poderia evitar jogá-la na cama e montá-la sem demora.

– Quero olhar o estado de seu ombro...

– Mais tarde. Está bom assim.

Celia puxou as cortina e depois regressou à cama. Seus olhares se cruzaram na escuridão.

– Obrigado pelo que fez por mim esta manhã – disse ele. – Sei que foi difícil.

– Fiz por Philippe – murmurou ela. – Não por você. Meu marido teria querido que ajudasse seu irmão.

Justin esboçou um sorriso debochado.

–Você acha? Eu não tenho certeza disso. Creio que se eu fosse Philippe, teria voltado dos mortos para afastá-la de... – Deteve-se abruptamente, e sua voz adquiriu um tom mais impessoal. –Philippe, que Deus o tenha em sua Glória, não seria tão tonto para me confiar sua mulher.

–Justin,– perguntou ela suavemente –teve alguma mulher a quem tenha cuidado?

Sorriu com malícia.

–Muitas.

–Não, não me refiro a isso. Quero dizer... – mordeu o lábio.

– Está me perguntando se alguma vez me apaixonei? – Bufou com ironia. –Por que as mulheres sentem essa fascinação pelos assuntos do coração? Suponho que é um modo de...

–Ha, não me respondeu – Bufou ela, aborrecida.

–A resposta é não. Desfrutei de minha porção de mulheres e... – fez um silêncio e ambos pensaram na noite passada na casinha junto ao lago –e gostei de algumas. Mas nunca me apaixonei. –Bocejou e se arrumou de uma forma mais confortável. –E nunca me apaixonarei. O amor é uma maldita perturbação. Graças a Deus, não sou suscetível a...

–Talvez algum dia...

– Nunca. Não vai acontecer comigo. –Fechou os olhos dando a entender que a conversa havia acabado.

Celia saiu do cômodo e fechou a porta. Não podia imaginar Justin apaixonado, nem tampouco o tipo de mulher que lhe inspiraria semelhante sentimento. Mas estava certa de que se alguma vez sucumbisse ao amor, seria uma única vez e para ele seria uma emoção perigosa e destrutiva.

Os salões estavam abarrotados de visitantes. Havia um dia da semana dedicado às visitas, e nesse dias as mulheres de Nova Orleans se visitavam, compartilhavam refrescos e trocavam notícias e fofocas. Essa semana parecia que todas as garotas, matronas e debutantes, de uma distância mais ou menos aceitável, tivessem decidido que a plantação Vallerand era o lugar mais interessante. As notícias relativas ao regresso de Philippe Vallerand haviam-se estendido por toda cidade.

O número de visitas era muito superior à média porque Lysette tinha muitas amigas tanto entre as crioulas como entre as americanas. Dava a

impressão de que só sob seu teto os dois grupos podiam relacionar-se de maneira harmoniosa. Havia muitos motivos de conflito entre crioulos e americanos. Na última década, estes haviam começado a estabelecer-se na cidade e tomar o controle da riqueza, dos negócios e do governo. Estavam construindo um novo bairro para competir com a Vieux Carré dos crioulos, que consideravam de muito mau gosto discutir sobre assuntos referentes à economia, algo que os americanos faziam com frequência. Pensavam que os americanos eram grosseiros, comerciantes sem princípios, sempre com pressa e mal-educados. Por sua vez, os americanos acreditavam que os crioulos eram preguiçosos e decadentes, que seus homens eram de mau caráter e suas mulheres demasiado paqueradoras.

Os Vallerands, entretanto, pareciam estranhamente compatíveis com ambas as culturas. Tanto Maximilien como Lysette provinham de famílias de renome entre os crioulos. Seu sangue era inegavelmente aristocrático, mas Maximilien era respeitado pelos americanos devido ao rentável negócio de navegação que possuía e dirigia. E mais, era amigo do governador americano. Por sua parte, Lysette, jovem e elegante, era uma respeitada dama que as mocinhas crioulas tinham como espelho de comportamento exemplar. Falava inglês perfeitamente e entre suas amigas se contava um bom número de americanas.

—Que faria se algum dia um americano cortejasse uma de suas filhas, Max? —Perguntou-lhe um de seus amigos crioulos. —Suponho que não permitirá algo assim. A interação com os americanos não pode trazer nada bom.

—Julgarei o homem pela questão de seus méritos — respondeu Max com surpreendente candura. —Ser crioulo não garantirá automaticamente a um homem merecer a mão de minha filha, da mesma forma que ser americano não faz supor o contrário. —Era um ponto de vista bastante liberal, mas Maximilien era conhecido por ser um homem de crenças heterodoxas.

A voz de Lysette chegou do alto da escadaria quando procurou acalmar a nervosa tagarelice de suas convidadas. Sua voz, habitualmente suave, tinha um tom agudo que se escutou por cima do barulho quando lhes indicou que era o momento dos refrescos. O aroma do café, forte e muito açucarado, chegou até os cômodos do andar superior onde Justin rondava.

Não se atrevia a descer por medo de ser açoitado por uma avalanche de mulheres ansiosas. Tal como Lysette havia explicado, Philippe havia sido o médico mais solicitado de toda Nova Orleans. A combinação de suas

habilidades médicas, sua postura e seu sereno encanto o haviam feito muito popular, e a notícia sobre seu "regresso da morte" havia sido recebida com entusiasmo.

–*Bien sûr*, Philippe –murmurou Justin ironicamente. –Agora entendo por que tinha esse afã em ser médico.

Percorreu o corredor ajudado por sua bengala, aguçando o ouvido ao notar abaixo a voz de Celia. Não deixavam de lhe fazer perguntas, mas ele não conseguia captar suas respostas. Ao passar pelo quarto de Philippe, fechado como sempre, escutou um ruído vindo de dentro. Os pêlos de seu braço se arrepiaram e sentiu uma pequena agitação. Quantas vezes havia entrado naquele cômodo sem bater à porta e havia feito com que Philippe deixasse de ler? As recordações amontoaram-se em sua mente. Quase pôde sentir-se um menino novamente, e se disse que se abrisse a porta adequada encontraria Philippe ali. Com uma mão não totalmente firme acionou a maçaneta.

A porta se abriu e Justin deu de cara com as pequenas filhas de Lysette. Suas meia-irmãs. Estavam sentadas no chão com uma caixa de madeira entre elas e alguns objetos pequenos espalhados pelo chão. Remexiam entre as coisas de Philippe. Para elas investigar era um impulso natural.

Evelina e Angelina o fitaram com aqueles olhos idênticos aos de sua mãe. Ambas eram primorosas réplicas de Lysette, sem qualquer traço dos Vallerands. Haviam evitado encontrar-se com Justin, cautelosas de forma instintiva a respeito daquele estranho que havia aparecido misteriosamente, causando um enorme alvoroço. As meninas sabiam de sobra que não era Philippe, o meio-irmão que adoravam.

Justin observou-as com curiosidade, dado que até então não havia se interessado por elas. Havia visto as meninas, pensado que eram bonitas, mas não havia sentido carinho algum por elas.

–O que encontraram? –Perguntou-lhes com tato, entrando no cômodo.

Evelina recolheu rapidamente um punhado de objetos espalhados pelo chão e os meteu novamente na caixa. Angeline havia ficado paralizada, com o olhar cravado em Justin. Ele lhe sorriu e sentou-se com dificuldade em uma cadeira.

–São pontas de flechas – disselhes. –Philippe e eu costumávamos encontrá-las nas margens do pântano. Inclusive em uma ocasião encontramos um machado. Os índios *choctaw* viveram por aqui por muito tempo. Sempre pensamos que se procurássemos com empenho suficiente encontraríamos um

ou dois. Ou talvez mesmo um pirata.

Evelina dirigiu-se a ele com grande dignidade.

–Você é um pirata, *n'est-ce pas*?

–Oh, mas não dos malvados.

–Todos os piratas são malvados.

Justin sorriu-lhe.

–Mas eu nunca machucaria meninas pequenas. –Estendeu a mão para que lhe entregassem a caixa e Evelina o fez, tendo cuidado para não lhe tocar a mão. Abriu a tampa e observou as numerosas pontas de flecha que Philippe havia guardado durante todos esses anos. Um sorriso se desenhcou em seus lábios ao recordar. Só Philippe teria sido capaz de guardar aqueles objetos inúteis por razões sentimentais. –Lembro que percorríamos o pântano em busca de aventuras – disse mais para si mesmo que para as meninas. – Tínhamos um pequeno barco com que íamos daqui para lá. Como vovó se zangava quando regressávamos enlameados da cabeça aos pés! –Riu e olhou para Evelina. –Alguma vez desceu ao pântano, criança?

–Papai nos disse que não devemos ir. *C'est dangereux*.

–Ah, – Assentiu. – Papai me disse o mesmo em uma ocasião. Obedecê-lo é uma decisão inteligente.

Angeline se arrastou pelo chão até que suas pequenas mãos se apoiaram nos braços da cadeira em que Justin estava sentado.

–Ele também é seu pai? – Perguntou com infantil surpresa.

–Angeline, *viens*, venha comigo – disse Evelina puxando sua irmã. – Mamãe nos disse que tínhamos que ficar no quarto das crianças.

A contragosto, Angeline seguiu-a, dando várias olhadinhas para Justin por cima do ombro.

Ele dedicou-lhe um sorriso e voltou a concentrar sua atenção nas pontas de flexa. Pegou uma e deixou a caixa de lado. Esfregou a superfície polida com o polegar e o indicador, enquanto recordava o dia em que havia visto Philippe pela última vez, quando tinham dezesseis anos...

–Justin, não se vá! – Philippe o deteve justamente antes de chegar ao barco. As escassas posses que Justin havia pensado em levar com ele, já as havia colocado na diminuta embarcação. Era meia-noite, mas a clara lua branca iluminava os rostos jovens. –Se for agora, sei que será para sempre – disse Philippe com desespero. –Tem que ficar. Preciso de você aqui, Justin.

–Não precisa de mim, sabe disso. Não faço mais do que trazer problemas a todo mundo. Eu não pertencço a este lugar. Eu... *Dieu*, já conhece minhas razões.

–Espere um pouco mais, espere e pense. Ao menos...

–Esperei e já pensei. –Justin sorriu desanimado. –A razão pela qual escolhi ir embora no meio da noite, *mon frère*, é que queria evitar este tipo de cena.

–Mas os problemas entre nosso pai e você acabaram.

– Sim. Mas a cada vez que me fita recorda-me o passado e... todas as coisas dolorosas. Relacionadas com ela. Vejo em sua cara.

–Justin, você não tem nada a ver com nossa mãe, você...

–Sou exatamente igual a ela – disse Justin friamente. –Não quero ser, mas não posso mudar. É melhor para todos que me vá.

–Em que trabalhará?

– Não se preocupe. Será melhor isso do que ficar aqui. Quero ir a um lugar em que ninguém saiba que sou um Vallerand. Nunca gostei de ninguém daqui, e nunca gostarei de ninguém, então tenho que começar a gostar de mim mesmo. Fique você e continue sendo o bom filho. O único filho. Levarei meu sangue ruim comigo. –Viu um lampejo nos olhos de seu irmão. –Chora como uma garota – caçoou Justin, mas Philippe continuou fitando-o. E de repente Justin percebeu que tinha os olhos úmidos. Xingou e deu meia volta e, entrou no barco...

Celia estava na porta, havia deixado as visitas no andar de baixo com a desculpa de ir dar uma olhada nas meninas. No caminho para o quarto de brincar, viu que a porta do quarto de Philippe estava encostada.

Justin estava dentro, sentado em uma cadeira com os joelhos separados e a cabeça inclinada. Apertava algo com o punho fechado. Sua expressão parecia indecifrável. Ao fitá-lo, ninguém teria sabido decifrar suas emoções, mas Celia sentiu sua dor, a lástima que se esforçava por superar. E, junto com a empatia, se deixou guiar pela surpresa.

–Então se preocupa por ele – disse.

Justin deu um pulo, surpreso. Levou alguns segundos para poder falar.

–Saia daqui, maldição – berrou.

Celia não se acovardou.

–Fala de Philippe de um modo distante... Acreditei que sua morte nada significava para você. Mas o que acontecia era que você não a aceitava como algo real. Até agora, não é assim? Não pode crer que tenha morrido.

Ele deixou de fitá-la.

Celia entrou no cômodo e estudou seu perfil.

–Amava-o, não é? –Sussurrou. Ele não respondeu, mas para ela foi resposta mais que suficiente. Lentamente, ajoelhou-se junto à cadeira para fitar-lhe a cara.

–Sempre estávamos juntos – disse ele olhando seu punho apertado. – Desde criança vivíamos como selvagens, rondando o pântano e fazendo o que nos dava vontade. Durante muito tempo somente nos revoltamos. Papai sempre se importava bem pouco que lhe causássemos problemas. –Sorriu com amargura. –Era um fodido bastardo. Toda Nova Orleans suspeitava que havia matado nossa mãe. Durante anos eu também acreditei nisso.

–Você... você...– gaguejou, perguntando-se se havia escutado corretamente.

–Minha mãe era uma cadela sem coração, só lhe interessava seu próprio prazer. Envergonhou meu pai mantendo relações com outros homens. Não tinha nenhum instinto maternal. Philippe e eu não éramos nada mais que um inconveniente para ela. Após sua morte, meu pai não podia nos olhar sem recordar-se dela. –Seus olhos se cravaram nos de Celia. –Para todos os demais, Philippe e eu éramos objetos que despertavam curiosidade, desconfianças e às vezes lástima. Outros garotos nos desafiavam a brigar por nossa honra. Eu sempre estava disposto, mas Philippe sempre interpretava o papel de pacificador. – Riu sem levantar a voz. –Embora às vezes fosse eu quem provocasse, Philippe sempre saía em minha defesa, mesmo se ainda tivéssemos que compartilhar o castigo por minhas badernas. E eu o protegia sempre que podia. Era um sonhador, um idiota sentimental. Eu não entendia sua maldita inocência. Era alguém... extraordinário. Era a única pessoa que eu tinha. Se o amava? Deus, sim, eu... – Engoliu em seco e apertou o punho.

–Justin... o que tem aí?

Ele não pareceu escutá-la.

Ela pegou o punho dele e começou a abri-lo dedo a dedo. A palma da mão tinha uma ponta de flecha marrom. Ele deixou a mão aberta e não resistiu quando ela pegou aquele pequeno objeto. Reconheceu o que era porque o havia visto na caixa de Philippe. Celia arregalou os olhos ao ver a mancha de sangue na mão de Justin. A ponta da flecha o havia furado.

–Justin – disse com um ofego, e sem pensar pousou os lábios sobre a gota de sangue.

Ele ficou sem fôlego ao sentir a suave boca sobre a palma de sua mão. Sua cabeça loira estava inclinada sobre sua mão, a ponta da língua roçava a ferida e recolhia as gotinhas, mas deteve-se ao ficar consciente do que estava fazendo. Afastou os lábios e observou a mão, sustentando-a entre as suas. Surpresa por sua própria reação, continuou ajoelhada a seus pés. Justin estava imóvel, e ela também, mas notou como a respiração dele havia se acelerado. Ela queria lhe olhar o rosto, mas estava assustada. O que havia ocorrido? Queria levar aquela mão forte e cálida até seu pescoço e depois fazê-la descer até seu peito. Queria colocar-se entre suas coxas e colar os seus lábios aos dele. De alguma forma, o espectro da morte de Philippe havia se evaporado entre eles, e agora temia Justin como nunca antes o fizera.

Elevou a cabeça e o fitou. O escuro e profundo azul de seus olhos destilava um desconcerto semelhante, se não maior, que o seu próprio. Celia foi incapaz de mover-se ou falar. Sentia que seu rosto ardia e que o coração palpitava. Sabia que sua imobilidade e seu silêncio eram um convite. Gradualmente, Justin girou a mão até segurar as dela. E assim ficaram durante o que pareceram minutos, horas, em um lugar sem tempo nem espaço onde a consciência de ambos crescia em ondas.

Separaram-se subitamente, Celia pondo-se em pé com uma desculpa incoerente.

–As meninas... Tenho que encontrá-las.

–Celia...

Mas ela havia ido antes que ele pudesse dizer-lhe algo mais. Justin olhou para a porta vazia, depois deixou cair a cabeça e xingou baixinho. Tinha que ir embora. Seus instintos lhe indicavam que a seu redor estava se tecendo uma teia de seda. Se não escapasse logo, veria-se preso para sempre entre seus suaves e fortes laços. Mas não podia ir, não dispunha nem de força e nem dos meios para evitar Dominic Legare. Essa frágil farsa era sua única proteção possível. Mas que ameaça parecia maior perigo? A representada por Dominic Legare... ou a representada por sua cunhada?

Inquieto, não pôde evitar ir em busca de Celia na *garçonnière* pela tarde, onde ela costumava desaparecer durante um par de horas todos os dias. Estava zangado pelas limitações que seus ferimentos impunham, sua habitual liberdade de movimentos reduzida a um doloroso coxear, e também lhe doíam o ombro e as costelas. A propriedade estava tranquila, pois todo

mundo estava ocupado em suas próprias tarefas, e ninguém reparou nele. Bateu na pequena porta com impaciência e chamou a governanta, que respondeu em seguida.

–Onde está madame Vallerand? –Perguntou. A garota observou-o nervosa antes de correr para avisar Celia que tinha visita.

Celia apareceu arrumada com um vestido azul simples e um grande avental branco. Usava o cabelo preso com uma fita que lhe caía pelas costas. Elevou as sobrancelhas.

–O que acontece? –Perguntou. – *Ça va?*

– Sim, estou bem. –Justin teve a mesma reação que experimentava a cada vez que estavam próximos, sentindo-se confortável e tranquilo. –Para que esse avental?

Celia hesitou antes de responder.

–Estou pintando.

Justin enrugou a testa.

–Não sabia que pintava. Deixe-me passar. Quero ver seu trabalho.

–Não – Respondeu ela com firmeza. –Ninguém o viu. Não é bom. Só pinto para mim mesma.

–Não vou criticá-la.

–Ainda que o fizesse, sua opinião não significa nada para mim.

–Então deixe-me entrar.

–Não, não permitirei que se meta em minha privacidade por mero capricho!

–Não vai me deixar entrar?

Ela tentou fitá-lo severamente nos olhos, mas um sorriso lhe escapou. Justin sentiu uma pressão no peito.

–De acordo – cedeu finalmente, de má vontade, e se voltou para percorrer o pequeno corredor que levava ao cômodo em que trabalhava.

Justin seguiu-a a pequena distância, o tapete macio abafando o som de sua bengala. Ao cruzar o umbral de seu estúdio, Celia sentiu uma pontada de nervosismo. Reprovou-se por tê-lo deixado entrar, dando-lhe assim a possibilidade de que a ridicularizasse. Adotando um ar de desinteresse profissional, aproximou-se do cavalete que havia junto à janela e observou a aquarela quase terminada com os braços cruzados. Justin a seguiu e se colocou a suas costas, apoiando todo seu peso na perna saudável. Observou detalhadamente o quadro.

Havia pintado o pântano em tons de verde-escuro, cinza e azul, captando

as sombras e o caminho do espesso musgo, as árvores velhas com galhos como braços abertos. Tinha um aspecto escuro e ameaçador, o medo que aquele lugar lhe provocava aparecia evidente em cada pincelada. Após contemplar o quadro, Justin disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

–Nem sempre é tão assustador.

–Para mim sim.

–Às vezes pode ser belo.

E em seguida se pôs a perambular por sua conta, dando uma olhada nos esboços espalhados por todo o cômodo e nas telas empilhadas com cuidado uma sobre outra. O trabalho de Celia era delicado e elegante. Mesmo seus esboços mais discretos refletiam seus sentimentos. Sorriu ao fixar-se em um que representava o cocheiro e um criado apoiados em uma carruagem enquanto esperavam fora da casa. E havia uma imagem de Maximilien montado a cavalo, supervisionando a propriedade. Justin inclusive reconheceu o orgulho na posição da cabeça de seu pai e na retidão de suas costas. Sorriu para Celia por cima do ombro e ela pareceu relaxar. Talvez o fato de que gostasse do que pintava não se baseasse unicamente em seus méritos. Talvez estivesse influenciado por seus sentimentos por ela. Mas pouco lhe importava por que gostasse, Justin só sabia que lhe agradavam.

Um esboço lhe chamou a atenção ao extremo. Era Lysette com o caçula nos braços, embalando-o, com os longos cachos caindo como uma cortina até seu peito. A cena parecia comovedora por sua intimidade e sua ternura, um olhar ao mundo privado feminino que os homens não podiam acessar.

–Por favor... não faça caso desse –disse Celia em voz baixa. Tinha as bochechas ruborizadas. – Lysette se incomodaria em saber que estive observado-a.

Ele deixou o esboço e aproximou-se dela.

–Fez algum de Philippe?

A pergunta lhe ruborizou o rosto. Elevou seus aveludados olhos castanhos para ele. Por uma vez, Justin não pôde ler seus pensamentos. Celia pareceu tomar uma decisão: virou-se e foi até uma mesa próxima, de lá pegou um bloco de esboços que lhe estendeu. Ele o recolheu antecipando a dor que lhe traria ver a cara de seu irmão. Mas abriu os olhos surpreso. O esboço não era o que esperava. O retrato mostrava um homem de sorriso irônico, olhar apertado e feições muito finas para ser Philippe.

–Sou eu – disse Justin, assustado.

–Sim – murmurou ela. –Acontece sempre que tento desenhar Philippe.

Nunca sai bom. Quanto mais trabalho, mais se parece com você.

Falavam em sussurros, como se corressem o perigo de que alguém pudesse ouvi-los.

–Por quê? –Perguntou.

–Não... não sei.

–Quando fez este?

–Faz alguns dias. Estava pensando nele.

–E em mim.

–Sim – sussurrou ela.

Ele ficou olhando-a com o coração acelerado.

–Creio que deveria ir embora – disse Celia com esforço, pegando o esboço de suas mãos. –Lysette não demorará em chegar. Uma garota irlandesa trouxe vestidos da costureira. Acreditamos que é mais conveniente fazer aqui os últimos ajustes.

Celia sentiu-se aliviada e ofendida em partes iguais quando Justin se foi. Manteve-se ocupada arrumando suas coisas e pouco a pouco a confusão gerada pela visita de Justin foi-se apagando.

Lysette entrou na *garçonnière* com um sorriso agradável, seguida da garota irlandesa, Briony, e dos criados que carregavam as caixas.

–Tem que dizer a madame Deneux que estamos muito agradecidas pelos vestidos. –disse Lysette quando Briony acabou os últimos retoques em um encantador vestido verde claro, de cintura alta e decote baixo. A cor parecia maravilhosa em contraste com sua pele clara e seu cabelo vermelho, e Lysette obteve um óbvio prazer tingido de culpa pelo vestido novo.

–É maravilhoso livrar-se do luto.

– É maravilhoso que o senhor Vallerand tenha voltado para casa – respondeu Briony com voz apagada.

Celia observou a costureira ajustar uma das mangas curtas e bufantes do vestido. Haviam pedido à costureira alguns conjuntos tanto para Celia como para Lysette, lindos vestidos em tons de rosa, azul, verde e lavanda. Celia pensou que nunca havia visto a garota irlandesa tão angustiada. Em geral, Briony era feliz e animada, seus cachos dançavam de um lado para outro e não parava quieta. Mas essa manhã estava pálida, e seus olhos verdes brilhavam. Briony e Lysette teriam discutido por algum motivo? Havia uma tensão palpável entre elas, apesar dos esforços para que tudo parecesse normal.

–Bom, já acabei com o último – disse Briony e desatou a parte traseira do

vestido de Lysette. –Vou levá-los novamente para a loja e o prepararemos para quinta-feira.

–Obrigada. –Lysette tirou o vestido e o entregou. –Acabarei de vestir-me aqui. Vá à casa principal e diga-lhes que preparem a carruagem.

Celia fitou a garota irlandesa, e depois Lysette.

–Parece preocupada com algo, *n'est-ce pas*?

Lysette deu de ombros com excessiva despreocupação.

– Ah, as garotas de sua idade mudam de humor com facilidade. Celia, pode dizer a Noeline que envie as criadas para que levem os vestidos à carruagem? Creio que está na cozinha com Berté.

–Claro.

Celia percorreu o caminho que levava à casa principal, aproveitando a brisa fresca que movia as folhas das árvores e espalhava o aroma dos limoeiros. O pó havia se assentado sobre a propriedade e os últimos fragmentos do sol tingiam o horizonte. Deteve-se ao ver Briony desaparecer no jardim. Perplexa, seguiu a garota, perguntando-se por que não ia diretamente à casa principal.

Justin estava sentado em um banco de pedra próximo da fonte. O som de passos leves sobre a grama chamou sua atenção e olhou. Tratava-se de uma garota que não conhecia, uma bonita irlandesa com sardas e cabelos castanhos cacheados. Seu corpo pequeno estava coberto em um modesto vestido azul de tecido sofrível e um longo avental branco. Fios de linha espalhados nas mangas e no corpete. Devia ter trazido os vestidos de Celia da casa da costureira.

Estreitou os olhos quando ela se aproximou. Ela o fitou com estranheza, os olhos muito abertos e a face pálida. De imediato começou a chorar. *Bon Dieu*, odiava ter que ver uma mulher que chorava! Por que diabos estaria chorando, e por quê o fitava como se...

–Philippe – sussurrou ela enquanto se sentava a seu lado. Tocou-lhe o rosto ternamente com suas pequenas mãos. –Oh, Philippe, meu amor, quando ouvi dizer que não havia morrido...

E antes que Justin pudesse pronunciar uma só palavra, ela lhe plantou um beijo terno e confiante.

Capítulo 8

Desnortado, Justin tentou compreender a situação. Obviamente, aquela garota havia sido amante de Philippe. Mas seu irmão não era o típico homem que tinha caso com criadas. Nem sequer havia tido uma amante mulata quando chegou à idade apropriada. Philippe sempre havia sido atraído por garotas elegantes, não por jovens robustas como aquela.

Enquanto uma parte de sua mente especulava sobre o grau de intimidade que teria tido com Philippe, outra parte se perguntava por que mal o excitava. Ele costumava aproveitar das preliminares com uma jovem atraente, e nesse caso inclusive lhe teria ensinado um par de coisas sobre como beijar. Mas, embora seus lábios fossem suaves e doces, aquele beijo não lhe produziu nenhuma excitação; sentiu-se como se estivesse faminto e lhe oferecessem uma taça de chá. Não era culpa da garota. Só havia uma mulher a quem desejava.

–Meu querido... – disse ela em voz baixa e apaixonada, tocando as bandagens através da camisa. –Quando me disseram que havia morrido, uma parte de mim também morreu. Sei que agora não há local para mim em seu coração, mas continuo apaixonada por você, Philippe, e o estarei pelo resto de minha vida. Só quero algumas migalhas para mim. Jamais me entregarei a outro homem. Sempre o esperarei, ainda que você não queira nada de mim. Se quiser algo, eu lhe darei de coração. É pecado amar o marido de outra mulher, mas não me importo. Não posso negar o que sinto. –Voltou a beijá-lo, mas desta vez percebeu que algo estava errado, e retirou a cabeça para fitá-lo. –Philippe? O que aconteceu?

Sua face chorosa ficou lívida, e com dedos trêmulos roçou-lhe os lábios, o queixo e as bochechas. Depois deixou a mão cair.

–Você não é Philippe... – Ofegou. Desequilíbrio-se e ele a segurou pelos ombros. Ela o fitou com olhos arregalados. –Você é o irmão dele, Justin.

Justin ficou imóvel, consciente de que não havia negociação ou mentira que pudesse fazê-la acreditar que ele fosse seu irmão. Ela engoliu em seco antes de tentar falar.

–Philippe falava de você com frequência – finalmente disse.

–Sério? –Respondeu Justin, surpreso. Acreditava que seu irmão não

havia falado a ninguém sobre ele, nem sequer a Celia.

Os ombros da garota tremeram sob suas mãos.

–Onde está Philippe? –Perguntou com voz quebrada. –Está... morto, não é?

Justin assentiu levemente. Ela sufocou um gemido e mordeu o lábio.

–Como se chama? –Perguntou ele, e ela deixou de choramingar.

–Briony. Briony Doyle.

–Senhorita Doyle, –disse ele –vai manter meu segredo a salvo?

–Por... por que ocupou seu lugar?

–Há homens malvados que querem me tirar a vida. Os mesmos que mataram Philippe. Não posso obrigá-la a guardar silêncio, mas confio que o fará por respeito a Philippe. Ele teria pedido que me ajudasse.

Briony assentiu devagar.

–Ajudarei.

–Obrigado – disse Justin, não muito certo de poder confiar nela.

–Philippe o amava – acrescentou ela suavemente. – Preocupava-se por você todos os dias de sua vida. Mantereí seu segredo, *monsieur* Vallerand... como se fosse meu.

–Certo. –Justin a soltou, mas ela continuou sentada ali, com os ombros caídos.

Ele sentiu pena dela, pois compreendeu que, apesar de ser só uma garota, sua dor era tão profunda como a de Celia. Talvez até mais profunda, porque Briony e Philippe haviam sido amantes e seu irmão havia sido o centro da existência daquela jovem.

–Perdi-o quando foi para a França para casar-se com Celia Verité – disse Briony com voz entristecida. –Ele me amava. Eu o fazia feliz, embora eu jamais tivesse chegado a merecer isso. Sonhava em casar-se com uma dama elegante de mãos suaves, alguém que entendesse os poemas de que gostava. Eu nunca lhe pedi nada... Sabia que ele teria que me deixar algum dia. Dei-lhe tudo e não tentei prendê-lo. Um Vallerand e uma garota irlandesa... – Sacudiu a cabeça com um sorriso amargo.

–Besteiras – disse Justin. –Eu acredito que teria sido boa para ele.

Teria gostado de ver seu irmão com aquela jovem impulsiva, alguém que teria colocado de pernas para o ar seus sonhos e a segurança de seu mundo interior. Alguém que o teria amado o bastante para deixar-se guiar por seu coração em lugar das convenções. Celia havia amado a Philippe, mas nunca teria sido um desafio para ele.

–Pobre madame Vallerand – murmurou Briony dando voz a seus pensamentos.

–Não se preocupe com ela. É uma mulher forte – Justin disse e lhe fez um gesto apontando a casa. Será melhor que se vá antes que nos vejamos. –Deteve-se. – Não vai dizer a ninguém quem sou, não é?

–Não – respondeu. – Nunca trairia o irmão de Philippe. –Tensionando as costas, se pôs em pé e afastou-se, esfregando os olhos com a manga.

Justin observou-a afastar-se e refletiu sobre o fato de que Philippe estivera apaixonado por duas mulheres, debatendo-se entre dúvidas e indecisões, tomando a inocência daquela garota porque a desejava muito para dar ouvidos às advertências de sua consciência. "Meu Deus, – pensou –talvez tenhamos mais em comum do que eu acreditava, *mon frère*."

Sentiu uma cócega na nuca e voltou-se para descobrir que Celia havia se aproximado. Olhou-a nos olhos. Mesmo na penumbra teria visto que havia se ruborizado.

–Escutando às escondidas? –Perguntou. –Quanto ouviu?

–Nada. Mas o vi beijá-la – disse ela com raiva incompreensível. –Vi como o acariciava e o modo como estava sentada ao seu lado, pervertido!

Ele fez um gesto mostrando a bengala.

–Não creio que pudesse sair dando saltos.

– Não dê nenhuma desculpa ridícula! Acaso supõe que alguém acreditaria que é Philippe, se se comporta desse modo? Philippe nunca teria se relacionando intimamente com uma criada... E não ria desse modo!

–Ora, ora. Esta noite está irreconhecível – respondeu Justin sem elevar a voz. –Acaso sente-se... ciumenta?

Dava a impressão de que haviam obrigado Celia a engolir uma minhoca. A luta que estava travando para manter o controle estava patente em seu rosto.

–Jamais imaginei que sua vaidade fosse tão grande – respondeu com aparente frieza.

Nada no mundo poderia ter provocado uma satisfação maior em Justin do que os ciúmes de Celia.

–Não gostou de me ver beijando-a. Admita.

– Admito que me surpreendeu que tivesse o descaramento de tentar seduzi-la enquanto nos esforçamos para convencer a todo mundo de que é Philippe.

–E Philippe jamais teria flertado ou paquerado com uma pobre costureira

irlandesa, não é?

–Não! Tinha mais honra e decência em seu dedo mindinho do que você tem em...

–Tinha honra e era decente – concordou Justin. –E também manteve uma relação com essa jovem.

Celia abriu a boca de espanto.

–O quê...?

Apesar da seriedade da situação, Justin sentiu um prazer íntimo.

–Uma relação. Não sei quando começou, mas durou até que foi para a França para casar-se com você. Eu não tentava seduzi-la. Lançou-se em cima de mim ao pensar que eu fosse Philippe.

–Não engolirei semelhante mentira! Oh, que baixo pode cair...

–Superestimei Philippe – resmungou Justin. –Ao que parece não era um santo, mas sim um homem com sangue nas veias e debilidades, como qualquer outro.

Celia sentiu o impulso de estrangulá-lo.

–Equivoca-se, absolument! Não acredita que se Philippe tivesse feito algo assim Lysette e Maximilien o saberiam?

–Sim, isso é precisamente o que penso – replicou Justin ficando mais sério. –E por isso você e eu vamos em busca de Lysette agora mesmo.

–Não irei a nenhuma parte com você!

–Pois não venha – disse ele com indiferença. –Se tem medo da verdade...

–Encolheu os ombros e estendeu a mão em busca de sua bengala para se pôr em pé. –Mas eu quero obter certas respostas.

Resmungando para si em francês, Celia o seguiu à casa principal, com as costas rígidas pela tensão. A preocupação tomou sua mente ao pensar que havia se sentido tão ofendida por ver Justin abraçando a Briony como por suspeitar que Philippe teria mantido uma relação com ela.

Celia tinha que ser sincera consigo mesma. Quando havia visto as duas cabeças juntas, delineadas contra um céu violeta, havia-se sentido traída. Mas isso era absurdo, porque ela não podia se sentir assim! Não podia exercer direito algum sobre Justin, e tampouco queria fazê-lo. Era um fora da lei, um pirata. No passado havia feito coisas horrorosas. Se se permitisse sentir algo por ele, não obteria mais do que dor.

Chegaram à casa e Celia percebeu que o leve coxear de Justin melhorava dia a dia. Estava se curando rapidamente. Não faltava muito tempo para que se encontrasse totalmente recuperado e pudesse ir embora. E então, o que

faria? Maximilien havia-se negado a comentar qualquer plano relativo à saída de Justin ou sobre as desculpas que pensava dar para justificar seu desaparecimento.

–Melhor que se concentre nas preocupações do dia a dia – havia dito a Celia quando lhe perguntou. –Deixe o futuro comigo. –Não havia modo de discutir com um homem de semelhante arrogância e confiança em si mesmo.

Justin pediu a Noeline que dissesse a Lysette que fosse ao salão. Sentou-se no sofá e Celia sentou-se o mais distante possível dele. Sentindo seu olhar, voltou-se para ele. Embora não sorrisse, as covinhas se desenharam em suas bochechas, e seus olhos lançavam lampejos maliciosos.

–Por que parece tão contente? –Alfinetou. –Espera que meu marido me tenha sido infiel. Quer ver-me humilhada por suas indiscrições, e você...

–*Attend!* –ordenou Justin elevando uma mão. –Se Philippe se deitou com essa garota, e apostaria minha perna direita que sim, foi antes que se casasse com ele. Não era seu marido, e, portanto não foi infiel a você.

–Era meu noivo! –Exclamou Celia em voz baixa. –Esperei três anos por seu regresso.

Ele dedicou-lhe um sorriso zombeteiro.

–E esperava que fosse celibatário todo esse tempo?

–*Naturellement!* Se me amava. Poderia ter esperado por mim!

–Sabe menos dos homens do que pensava. Philippe era um homem jovem, não um sacerdote. E pelo que sei, até os sacerdotes sentem necessidades físicas. Um homem, ou uma mulher, não podem negar certas necessidades básicas...

–É tão desagradável!

–Necessidades básicas –repetiu –que frequentemente têm pouco a ver com o amor. –Fitou-a. – Como você bem sabe.

Celia ficou cravada na cadeira e se ruborizou. Levou uma mão trêmula ao peito e tentou acalmar suas palpitações.

–Oh... – Celia ofegou. –Como se atreve?

–Quer que eu finja que naquela noite não aconteceu nada – disse ele com tranquilidade. –Mas, se há algo que nunca fui, é um hipócrita.

–Não, só um ladrão, um pirata desalmado, um homem que rapta mulheres...

–*Pardon.* –A voz de Lysette veio da porta. –Estava no quarto de brincar com Rafael. Dê-me um par de minutos para... – Franziu o cenho ao ver a raiva de Celia, assim como o inescrutável rosto de Justin. – *Qu'est-ce que c*

est?

–Queremos resolver um pequeno mistério – respondeu Justin, transferindo o olhar de Celia para sua madrastra.

–Oh. –Lysette adotou um ar distante e absolutamente inocente. –Talvez devêssemos esperar que Max chegue e então...

–Não, você pode resolvê-lo perfeitamente – disse Justin. –Conhece a resposta a nosso mistério, *o no belle-mère*? Pode começar explicando-nos por que Briony Doyle se jogou encima de mim há alguns minutos.

–Briony? Ela... Oh, querido! –A consternação transformou seus traços delicados. –Pedi-lhe que se mantivesse distante de você. Acreditei que isso seria suficiente para... Oh, *mon Dieu*... Então... já sabe?

–Sabe – confirmou Justin sem mais. –*Belle-mère*, diga uma coisa a mim e a minha encantadora esposa. Exatamente que tipo de relação Philippe e a senhorita Doyle mantiveram?

Lysette olhou para Celia com apreensão.

–Não creio que seja necessário divulgar algo que deve se manter no âmbito mais íntimo...

– Sim, é necessário – intercedeu Celia com firmeza. – Estou cansada dos segredos desta família! Quero saber o que aconteceu entre Philippe e essa garota. Amava-a? Ela era sua...? – Não pôde pronunciar aquela palavra.

Lysette observou sua cara séria e franziu o cenho.

–Philippe não teria gostado que soubesse, Celia. Nunca quis que o soubesse. Não tinha nada a ver com você. Mas não podia prever essas circunstâncias, nem o que se veria levada a fazer pela família. Antes de explicá-lo, tem que entender que nem sempre as pessoas podem evitar o que sentem. Às vezes se encontram em situações sobre as quais não exercem controle algum...

–Ela entende isso – Justin interrompeu-a. – Conte-lhe.

Lysette assentiu e respirou fundo.

–Philippe e Briony estiveram *amoureux* durante mais de um ano – disse. –Quase se casou com ela.

Celia fitou-a boquiaberta –Philippe? –Perguntou com um fio de voz.

– Ambos tentaram se ignorar mutuamente. Durante uma longa temporada, negaram seus sentimentos. Mas então... – Lysette limpou a garganta.

–Mas eu o estava esperando... – gemeu Celia. Não podia imaginar Philippe apaixonado por outra mulher. Havia-lhe repetido fartamente que a amava. Havia-lhe escrito longas cartas descrevendo-lhe seus sentimentos.

Sentiu uma pontada de dor. –Acreditei que eu era a única...

Lysette fitou-a com compaixão.

–Foi a única com quem se casou, *chérie*. Levou muito tempo para decidir-se entre as duas. Após uma conscienciosa reflexão interior, decidi que você era a quem realmente amava.

Aquelas palavras não reconfortaram Celia.

–Mas se estava apaixonado pela senhorita Doyle, por que não se casou com ela?

–Porque também estava apaixonado por você, querida, e se deu conta de que seria muito melhor que você fosse sua esposa. É uma mulher educada e pertence a uma maravilhosa família francesa, a filha de um médico...

–Era a escolha mais segura – Celia interrompeu-a. Sua confusão havia mudado para um tormentoso ataque de ira.

Justin interveio: –Por que está tão ofendida? Escolheu você, não? Teve o que queria. Isso é a única coisa que importa.

–Não! Se a senhorita Doyle estivesse na mesma posição, eu teria sido a segunda opção!

Justin franziu o cenho impaciente.

–Isso não podemos saber. –Olhou para Lysette e levantou interrogativamente a sobrancelha. –Quantas pessoas estavam cientes dessa... relação?

–Ninguém com exceção da família. Philippe falou com seu pai sobre o que fazer e Max lhe disse...

– Está dizendo que se casou comigo porque seu pai o aconselhou? – Perguntou Celia com o despeito de uma mulher manipulada. –Quanto tempo levou para se decidir? Quantas conversas e discussões teve antes que regressasse à França para casar-se comigo? Esperei-o por três anos! E o grande canalha não estava esperando que acabasse a guerra, estava demorando a decidir com que mulher iria se casar!

Lysette fez uma careta e olhou para Justin buscando ajuda.

Ele assentiu levemente. Olhou para a porta dando-lhe a entender que fosse embora.

–Obrigada por suas explicações, *belle-mère*.

–Acredita que Briony divulgará o que sabe? –Perguntou Lysette.

–Não creio.

–Rezo para que assim seja. –Lysette suspirou e saiu do salão.

Os dois ficaram sozinhos.

–A que vem tanta indignação? –Perguntou Justin.

Celia se pôs em pé em um pulo e aproximou-se da janela cruzando os braços.

–Por acaso não é óbvio? Sabe as razões, a única coisa que quer é se regozijar com...

–Não quero regozijar-me. Venha aqui e sente-se.

–Não.

–Venha – repetiu com firmeza. Durante alguns segundos acreditou que se negaria.

A contragosto, Celia sentou-se a um par de metros de Justin.

–O que quer dizer-me? –Perguntou com rispidez.

–Que Philippe se preocupava com você. O suficiente para casar-se com você. O fato de que tivesse que tomar uma decisão difícil não deveria ferir sua vaidade. Deveria parecer-lhe lisonjeiro que finalmente escolhesse você.

–Minha relação com Philippe não foi o que eu acreditava. Acreditava que me amava completamente, que não havia espaço para outra mulher. Não deveria ter sido uma escolha nem teria que ter pedido conselho. –Disse a última palavra como se de uma blasfêmia se tratasse. –Ele deveria ter sabido sem dúvida alguma que amava a mim. –De repente se deu conta de como aquela afirmação soava egoísta e exigente. Inclinou a cabeça e cruzou as mãos sobre o colo. –Depois da morte de minha mãe, não tive nada que fosse completamente meu – murmurou. – Meu pai estava entregue à sua profissão, e eu passava os dias ocupando-me com a casa e a família. Então minhas irmãs começaram a atrair os jovens homens que as cortejavam sem prestar a menor atenção em mim, e um dia me dei conta de que minha juventude havia passado...

Justin riu, incapaz de conter-se.

Celia se empertigou, ofendida.

–Como se atreve a rir? Não devia ter lhe contado nada...

Ele estendeu o braço e envolveu seus dedos nos cachos que cobriam a nuca de Celia, obrigando-a a fitá-lo.

–Sua juventude não passou – disse com um olhar divertido. Percorreu a face dela com o olhar e sua voz soou suave: – Em certo sentido, continua sendo uma menina.

Ela acreditou que zombava dela. Mas, ainda assim, sentiu-se paralisada por sua proximidade, pelo calor de sua mão.

–Não caçoe de mim – conseguiu dizer.

–Qualquer homem a quem mostrasse o menor interesse a teria cortejado. Mas queria algo especial. –Brincou com seu cabelo. –Philippe quase o entendeu, não é verdade? Mas não pôde chegar a ver a parte mais secreta de sua personalidade, essa parte que tem ocultado de todo o mundo. Sei perfeitamente o que queria de Philippe, *ma petite*, mas jamais teria sido seu completamente. Philippe estava entregue à sua profissão, assim como seu pai. Não era o tipo de pessoa que ignorasse as necessidades de seus pacientes só porque sua mulher queria que ficasse em casa. Teria que tê-lo compartilhado, e de forma generosa. Isso lhe teria parecido detestável. Jamais lhe teria demonstrado seus sentimentos, não é assim? Philippe se casou com você porque acreditou que seria a esposa perfeita para um homem com sua profissão... quando o certo é que cada segundo que passasse longe de você a faria sentir-se mal.

Celia baixou a cabeça envergonhada, sentindo-se exposta, como se levasse escrito na cara todos os seus pecados e falhas. Pensou em dizer-lhe que estava enganado, mas soube que não serviria de nada. Como era possível que conhecesse seus sentimentos mais íntimos? Seria tão transparente para todo mundo ou só para ele?

–É terrível que me acuse de algo assim – murmurou. –Não teria sido tão possessiva nem egoísta...

–Não é terrível. Alguns homens sonham em ser amados desse modo.

–Essa garota não amava Philippe de um modo egoísta – disse, e ele afastou a mão de seu cabelo.

–Não. Ela teria sido feliz aceitando o que meu irmão quisesse lhe dar.

–O que disse quando acreditou que era Philippe?

–Isso fica entre ela e Philippe – respondeu ele secamente.

As descobertas relacionadas com Philippe provocaram nessa noite o aparecimento de incontáveis perguntas na mente alterada de Celia. Foi para a cama e seu sono foi muito agitado, e o pesadelo que às vezes a angustiava se repetiu. Foi mais vívido e aterrorizante do que nunca. Estava inclinada sobre o parapeito do navio, observando os cadáveres na água tingida de sangue. Philippe continuava vivo e esticava os braços para ela. Mas não podia ajudá-lo, só podia observar com horror como lhe faltavam as forças e começava a afundar. Dominic Legare estava às suas costas, sua voz rugindo falava de morte, esticava a mão para sua garganta, detendo os gritos de Celia. Não

havia ninguém que pudesse ajudá-la, não havia possibilidade de fuga.

Celia despertou sobressaltada. Tinha os lençóis revolvidos ao redor de seu corpo. O dormitório estava em silêncio, salpicado pela claridade da lua. Nervosa, enxugou as lágrimas e respirou fundo várias vezes. Tentou argumentar consigo mesma. Philippe estava morto e ela estava a salvo de Dominic Legare. Era ridículo ter medo. Por que sua mente a torturava com semelhantes imagens? O coração começou a se acalmar, e ela deitou-se novamente, batendo os dentes. Não podia evitar pensar na primeira vez que havia tido esse pesadelo, e o modo como Justin a havia segurado por trás. Havia sido tão firme e tranquilizador. "Não, – se disse – não pense nisso." Mas a recordação voltou a apresentar-se com insistência.

Pensou em como a havia enfrentado, e como a havia tomado em um arrebatamento de fúria e paixão, possuindo seu corpo como se este tivesse sido criado com o único fim de lhe dar prazer. Enrubesceu de vergonha e excitação ao lembrar-se de como lhe havia separado as coxas e como havia inclinado a cabeça morena sobre seus seios.

–*Mon Dieu* – sussurrou, e afundou a cara no travesseiro procurando voltar a dormir.

O dia seguinte passou na *garçonnière*. Manteve-se ocupada com os esboços e as aquarelas, mas o trabalho artístico não lhe proporcionou a calma habitual. Na metade da fria e ventosa tarde, deu um passeio pelo jardim e topou com Justin, que estava exercitando sua perna.

–Perguntava-me quando sairia de seu esconderijo – comentou ele. Seus olhos azuis percorreram o ajustado vestido de musselina cinza e veludo rubi. Apesar do vestido ter a gola alta, marcava com clareza o contorno dos seios, e se prendia à sua cintura e seus quadris ao caminhar.

–Esconderijo? – Repetiu ela. –Não estava escondida.

–Então por que tomou o desjejum e o almoço na *garçonnière*?

–Porque queria estar só.

–Estava se escondendo de mim.

–Estava evitando-o. Não gosto de sua companhia, por mais que isso o surpreenda! Mas suponho que não acredite em mim.

Ele sorriu lentamente.

–Não totalmente.

– Suponho que acredita que quando se vá me lançarei em seus braços e lhe suplicarei que me leve com você.

– Em absoluto. Ficará aqui e será a tia dos filhos de Lysette até que tenha

o cabelo grisalho. Será um modelo de boas maneiras. Será impossível que acreditem que um dia foi jovem. Após algumas décadas, os infortúnios que passou comigo não serão mais do que uma recordação distante. Será uma mulher discreta e contida, respeitada por todos os seus conhecidos.

–Não me parece um destino desdenhável.

–Pois deveria sê-lo.

–Ah, sim? –Fitou-o com arrogância. –Que outro tipo de vida acredita que me conviria?

–Já a ofereci em uma ocasião.

Havia lhe oferecido convertê-la em sua concubina e levá-la por todo o mundo. Havia-lhe oferecido casas, jóias e as melhores roupas, como se tratasse com uma prostituta de gostos caros.

–O que me ofereceu foi um insulto!

–É a única mulher a quem ofereci um acordo semelhante.

–E agora volta a fazer-me a oferta? –Respondeu desdenhosa.

–Pelo que recordo, nunca a retirei.

–Está louco se acredita que a levaria em consideração.

–A terá em conta – disse ele. O sorriso desapareceu de seu olhar e seus olhos se escureceram. –Antes que me vá, me assegurarei disso.

Ela ficou muito quieta quando ele se aproximou coxeando.

–Não – sussurrou ela, mas ele colocou as mãos nos quadris dela.

–Pequena tola. Sabe que há algo entre nós que ninguém poderia entender. Algo que nunca teve com Philippe.

Ela o esbofeteou e afastou-se dele, respirando com dificuldade. A mão lhe doeu devido à força da bofetada. Viu como aparecia a marca na bochecha de Justin. Surpreendiam-na suas próprias ações, se horrorizava com a facilidade com que ele a fazia perder o controle. Fitaram-se por um momento e então o furor de Justin mudou para sua habitual insolência.

–Todo esse seu fogo... –disse suavemente. –A noite que passamos no lago quase me queimou vivo.

–Depois do que fiz por você, mereço algo melhor que seus desagradáveis comentários.

Ouviu-o rir quando ela se virou para sair.

Justin lhe agarrou a mão.

–Celia, espere...

–Deixe-me em paz!

–Tem razão, merece algo muito melhor. Perdoe-me. –Enfrentava seu

olhar, ele lhe apertou a mão entre as suas. –Não voltarei a falar daquela noite.

–Bom! Agora deixe-me em paz e leve sua oferta com você!

Justin parecia arrependido de suas ironias.

–Não deveria ter caçoado de você. Comportei-me mal.

–Você sempre se comporta mal. – E não disse mais nada, pois o que queria era afastar-se dele.

Ele lhe sorriu e seu olhar pousou em suas mãos entrelaçadas. Quando voltou a fitar-lhe o rosto, sua voz soou muito séria.

–Deixe-me dar um passeio com você.

–*Non*, tem que entrar e descansar...

–Por favor – insistiu ele.

De repente Celia se sentiu desarmada e nervosa. As mãos daquele patife eram quentes e fortes.

–Por favor – repetiu tranquilo, e ela já não pôde resistir.

Percorreram o extenso jardim. Justin se propôs a ser amável, mais do que havia sido até então. A entreteve contando-lhe histórias sobre as travessuras dele e de Philippe quando crianças, fazendo com que deixasse de se sentir incomodada e obtendo dela uma e outra risada. Olhava-a de vez em quando e, apesar de que tentasse, Celia não pôde evitar comparar o modo com que ele a fitava com o modo como Philippe o fazia. Este sempre havia confiado nela e havia se mostrado paciente. Mas no olhar de Justin havia algo que denotava uma busca, como se quisesse descobrir todos os detalhes de sua personalidade. A recente referência à noite que passaram juntos a havia realmente alterado... Entretanto, surpreendeu-a pensar que ele era o único homem em sua vida que a havia considerado uma mulher apaixonada. De alguma forma, não era algo tão desagradável.

–Quando ri fica linda – disse-lhe quando quase já haviam voltado à casa, e ela fitou-o com estranheza.

–Pergunto-me se é ruim rir, aproveitar as coisas, posto que estou de luto por Philippe. Às vezes me sinto culpada mesmo por sorrir, ao pensar que ele não está aqui para compartilhar...

–Não. Philippe queria que aceitasse sua morte e seguisse adiante. Tem muitos anos pela frente, tem que vivê-los e não afundar na dor e no remorso. Ele queria que fosse feliz.

Celia fitou-o com receio.

–Por que está sendo tão agradável? –Perguntou.

Ele lhe segurou o rosto entre as mãos.

–Não estou sendo agradável. Nunca sou agradável. –Fitou-a nos olhos e depois estudou seu pescoço, onde uma veia delatava a rapidez de sua pulsação. Ela lhe segurou os pulsos para libertar-se. –Calma – disse. –Não vou beijá-la. –Sorriu com malícia. –A menos que me peça.

Ela riu sem pesar, e depois negou, ainda com a cabeça entre suas mãos.

–Solte-me, bobo.

Ele soltou uma gargalhada e beijou-a na testa antes que ela pudesse se soltar.

–Vê? Não posso evitá-lo.

Na última hora da tarde, Justin se encaminhou até a margem do pântano. Desde que podia andar por conta própria, toda noite ia até ali para passar alguns minutos, suspeitando que não demoraria em receber notícias de Risk.

O pântano estava tranquilo e os ciprestes musgosos sussurravam na suave brisa. Garças de um branco puro e gansos selvagens se acomodavam em seus ninhos ao anoitecer. Pouco a pouco, a luz do sol filtrada ia se dissolvendo, fazendo com que a superfície da água parecesse de ônix. Os limoeiros da plantação liberavam sua fragrância cítrica. Ouviu a voz distante de uma mulher cantando em um tom baixo e lamentoso. A canção era uma cantiga crioula que recordava sua infância.

Outros dizem que se trata de sua felicidade, eu creio que se trata de sua dor.

Quando estamos enfeitiçados pelo amor, dizemos adeus a toda felicidade.

O som se apagou lentamente. Justin apoiou-se contra uma árvore e olhou para a água com olhos entreabertos.

O tempo passava. Estava se recuperando a um bom ritmo, e o perigo a que estava exposto aumentava a cada dia que ficasse ali. Não ia poder enganar as pessoas durante muito tempo mais, as fofocas e as suspeitas se espalhavam com rapidez pela cidade. Apesar de Max confiar em sua capacidade de proteger seu filho, Justin sabia que não estava a salvo, nem das autoridades nem de Legare. Tinha que desaparecer e esconder-se em algum lugar até recuperar-se completamente e ir em busca de Legare.

Nada o retinha ali, exceto Celia. Um sorriso zombeteiro desenhou-se em seus lábios.

Uma vez que desaparecesse de sua vida, ela se sentiria segura e contente. Isso era o que ela desejava, sentir-se rodeada pela família, respeitada pelos amigos, segura de que cada dia seguiria uma ordem tão rigorosa como o anterior. Jamais abandonaria seu ambiente conhecido.

O sorriso se apagou de seu rosto. Com ar ausente, alisou o cabelo. Tudo nele se rebelava contra aqueles sentimentos recém adquiridos, mas pelo visto não podia livrar-se deles. Saber disso o enfurecia. Sua mãe lhe havia ensinado, involuntariamente, que nunca pode confiar nas mulheres. Sempre as havia visto como uma distração inevitável, mas, uma vez que se obtinha prazer delas, tinha que afastar-se depressa e correndo.

A respeito de Celia, entretanto, sentia algo que não conseguia entender. Se tivesse se tratado unicamente de desejo sexual, poderia ter encontrado outra que a substituísse. Havia muitas mulheres mais experientes, mais atraentes, mulheres que transtornavam os sentidos como o melhor dos licores. Mas o que sentia por Celia era algo mais que isso. Não havia começado na ilha dos Corvos, nem sequer na casa do lago, mas durante sua convalescença. Sabia que não poderia ter sobrevivido à febre e às feridas sem ela. Pela primeira vez em sua vida, havia dependido de alguém, concretamente da obstinação e do temperamento de uma mulher. Ela havia lutado por ele, havia até entrado em seus sonhos para afastá-lo da morte. Um vínculo havia-se formado entre eles, e agora ela era parte dele, havia-se instalado em seus pensamentos, atormentava-o. Tentou imaginar como seriam as coisas se não voltasse a vê-la nunca mais, se vivesse toda sua vida na outra ponta do mundo. Em silêncio, amaldiçoou a ela e a si mesmo.

Um ruído na água chamou sua atenção. Ocultou-se atrás de uma árvore e escutou. Ouviu um suave assovio, como um gorjeio. Justin sorriu meio de lado. Observou o barco que, com dois passageiros, aproximava-se da margem. Falou em voz baixa da escuridão: –Muito atencioso de sua parte deixar um homem indefeso nas mãos dos Vallerands.

Risk saltou do barco na margem lodosa e começou a andar na direção da voz.

–É um fantasma o que ouço?

Justin alegrou-se de ver Risk e Aug, que estava amarrando o barco na margem.

–Olá, Jack. –Aproximou-se de Risk e o jovem o abraçou com força e lhe deu tapas nas costas.

–Meu Deus, tem muito bom aspecto! –Exclamou Risk dando-lhe uma

olhada. –Bem barbeadinho e cheirando adequadamente. Não faz muito estava na beira da tumba!

Justin sorriu.

–Poderia ter me deixado morrer, Jack. –Sua expressão ficou séria. – Uma vez mais, devo-lhe a vida.

–E não quero que o esqueça.

Aug se reuniu a eles, e Justin apertou-lhe a mão.

–Griffin, –disse Aug –uma vez mais enganou o diabo. –Mostrou os dentes com um sorriso. –Não pôde pegá-lo, eh?

Justin sorriu com pesar e sacudiu a cabeça, observando seus companheiros. Não lhe agradou o que viu. Mesmo em momentos piores, Risk jamais havia perdido seu ar de malícia, mas agora não o tinha, agora tinha a aparência de um mordaz predador. E havia algo diferente na tensão de Aug, apesar de tentar parecer divertido.

–Então voltamos a estar juntos – observou Risk. –Logo estará em forma novamente, garanto.

Justin apontou sua bengala.

–Minha perna não está boa. –Olhou para Aug com um sorriso. –Mas se não fosse pelo seu trabalho, agora me apoiaria em uma perna de pau. –Voltou a concentrar a atenção em Risk. –Conte-me o que tem acontecido.

–Não o alegrará – disse Risk pesaroso. –Com todos esses navios de guerra rondando os quatro ventos, Legare se viu obrigado a interromper suas atividades e declarou a ilha dos Corvos como sua. Tentamos esvaziar o último de nossos armazéns antes que ele colocasse as mãos. Espalhei coisas aqui e ali. Só Deus sabe onde foi parar a maior parte do botim.

–E a tripulação?

–Ninguém sabe se está vivo ou morto. Os homens se dispersaram; alguns estão fora de combate, mas outros... – fez uma pausa e prosseguiu com tom lúgubre –passaram para o bando de Legare, os grandes bastardos. Tem que tomar o poder, Griffin, e pronto. Nosso negócio rentável ficou disperso e bagunçado. Precisamos de um chefe que o retome.

Justin analisou a situação. As sombras das árvores brincavam sobre sua cara. Surpreendeu-o sua própria indecisão. Um mês atrás teria se lançado em defesa de seu pequeno reino de patifes e saqueadores. Era a única coisa que havia tido em sua vida, a única que queria. Antes nem sequer teria pensado. Mas agora...

–Talvez não devamos retomá-lo – disse Justin lentamente. –Só recolher

os restos.

–E depois o que faremos? –Perguntou Risk perplexo. –Começaríamos do zero?

Justin olhou-o e sorriu. Sentiu uma inesperada leveza e liberdade, como se lhe tivessem tirado do túmulo em que havia permanecido preso nos últimos anos.

–O *Vagabond* é seu, Jack. Cedo-o com todas as minhas bênçãos.

Risk abriu a boca abismado e ficou vesgo com seu único olho.

–Bom Jesus, sabe o que está dizendo?

Justin assentiu com firmeza.

–Vi os olhos do diabo em ocasiões demais. Não sou suficientemente idiota para acreditar que minha sorte durará para sempre. Aproveitei do melhor em nossas andanças, mas é o momento de que me aposente.

Risk fitou-o irado.

–Recupere o bom senso! Nasceu para percorrer o mundo e saquear, como o resto de nós. O que ocorre?

Justin deu de ombros.

–Ainda que quisesse continuar como antes, não me seria possível. Minha perna nunca voltará a ser a mesma.

–Não pode ficar aqui. É isso o que quer?

Justin soltou uma gargalhada.

–Não sou tão idiota. Sendo o objetivo de Legare, tenho que desaparecer. – Riu. –Deus, jamais acreditei que me viria a possibilidade de estabelecer-me em algum lugar, mas de repente parece estranhamente atraente para mim. Começo a gostar de coisas que antes desprezava. Sei que não entende. Bem, algum dia o entenderá... se viver o suficiente.

Risk fitou-o com incredulidade.

–O que aconteceu com você? Aug, maldito verme, diga-lhe algo!

–Acabou-se – disse Aug tranquilamente, com seus olhos de ébano fixos no rosto de seu capitão.

Justin assentiu, sabendo que Aug entendia a natureza da mudança operada em seu interior. Tinha a ver com querer continuar vivo. Agora que havia começado a preocupar-se por sua própria vida, ia deixar de testar a sorte, seus instintos relaxariam, sua agressividade seria atenuada pelo desejo de segurança e preservação. A tripulação não queria seguir um homem assim. Precisavam de um líder sem escrúpulos, alguém invulnerável.

–Só me resta uma coisa a fazer – disse Justin. – Vingá-lo de Dominic

Legare pela morte de meu irmão.

Aug respondeu sem alterar-se: –Eu o ajudarei.

Justin olhou para Risk inquisitivamente.

–E eu – exclamou este. –Então, somos três contra centenas de homens de Legare.

Justin sorriu.

–Há algum outro patife a que nos possamos unir?

–Com sorte poderíamos recrutar uma dezena. O negócio de Legare é asqueroso, mas funciona, e os lucros são abundantes. Os homens o seguem como ovelhas.

Justin assentiu.

–Então começaremos por...

Deteve-se, percebendo que alguém se aproximava sem fazer ruído. Espiou ao redor. Ouviu um farfalhar entre as árvores, às suas costas. Alguém pretendia juntar-se à reunião. Justin fez um gesto a Risk para que se posicionando-se atrás do visitante inesperado, enquanto Aug se ocultou entre as sombras. Os passos cautelosos foram se aproximando.

Um raio de lua caiu sobre o cabelo claro de Celia.

–Justin? –Chamou-o a meia voz, confusa. De repente ouviu passos entre as moitas que tinha por trás. –Justin? –Agora ouviu passos a seu redor, aproximando-se. Ofegou assustada. Correu alguns metros, mas deteve-se bruscamente ao ver o rosto ameaçador de Aug. Retrocedeu a toda velocidade. Jus...

–Estou aqui. –Ela se voltou para sua voz. Justin estava a alguns poucos metros de distância, com ar de aborrecido. –Aqui.

–Oh... – Chegou até onde estava, procurando a segurança de seus braços. Ele a abraçou, caloroso e reconfortante.

–Que diabos está fazendo aqui? –Perguntou-lhe.

–Vi... vi-o sair de casa antes – gaguejou, aconchegando-se contra seu peito. –Não sa... sabia que houvesse alguém aqui. Eu... – Respirava com tanta dificuldade que mal podia falar.

–Por que me seguiu? –Ainda que seu tom soasse rude, suas mãos lhe acariciavam as costas com ternura.

–Que... queria dizer-lhe algo...

– Se alguma vez a pegar percorrendo a propriedade a sós, fora da vista da casa principal, se arrependerá. Lhe darei uma surra em seu bonito traseiro, entendido? –Acariciou-lhe o cabelo e o pescoço. –É perigoso que se aventure

só por aqui, especialmente perto do pântano. Não tem nem ideia do tipo de gentilha que trasfega pelo rio durante a noite. Raptariam uma belezinha como você em um abrir e fechar de olhos. E o que aconteceria se topasse com homens de Legare? O que aconteceria se...?

–Lamento – disse Celia com voz abafada contra seu ombro.

–Pois deveria ter pensado nisso antes – Justin a repreendeu sem rudeza, e teria seguido fazendo-o se não tivesse recordado que Risk e Aug os fitavam. Nunca antes o haviam visto comportar-se assim com ninguém. Fitou-os por sobre a cabeça de Celia, e franziu o cenho em atitude desafiadora.

Risk piscou e bufou desgostoso.

–Jesus, não entendo nada – resmungou com ar de quem se sente traído. – tudo isto é por culpa de uma mulher. Simples assim.

–Não há nada de simples nisso – respondeu Justin, brincando com um cacho de Celia.

–Por isso vai abandonar tudo? –Risk o recriminou. –Não é mais do que uma mulher... Por quê? Há centenas como ela, milhares, em todas as partes! Diga-lhe que não pode fazer isso, Aug!

Aug olhou pensativamente para Justin enquanto este respondia a Risk.

–Há um ditado... Tem que amarrar seu lenço para manter a cabeça em seu lugar.

Risk cuspiu indignado.

–Que diabos significa isso?

Justin riu.

–Significa que as circunstâncias mudam. E a gente também. –Silenciou os resmungos de Risk com um olhar de advertência. –Já chega, Jack. Vá ao barco e espere-me ali. Madame Vallerand e eu precisamos de um pouco de privacidade.

–Não posso acreditar – reclamou Risk enquanto Aug o acompanhava até a margem do pântano. –Privacidade. Agora quer privacidade...

A sós, Celia fitou-o ansiosa, esfregando os braços como se tivesse frio. Um momento antes, demasiado assustada para pensar, havia corrido para refugiar-se entre os braços dele como se fosse a coisa mais natural do mundo. Havia saído à sua procura com a intenção de falar com ele sobre o que havia dito antes, para dizer-lhe que estava certo, que ela havia desejado que Philippe lhe desse coisas que nunca teria podido lhe dar.

E também que havia entre eles, Celia e Justin, algo que já não podia seguir negando.

–Bem – disse Justin. –O que queria dizer-me?

Celia meneou a cabeça.

–Nada. Nada importante. Lamento tê-lo incomodado. Não era minha intenção. – Ele a examinou.

–Para dizer a verdade, sua aparição pareceu muito oportuna. Quero que transmita uma mensagem a meu pai.

–Que mensagem?

–Diga-lhe que vou estar fora por alguns dias. Regressarei antes de sexta-feira.

Ela estremeceu.

–Fora?... Mas não pode, você...

–Não tenho opção. Em minha ausência, meu... negócio parece ter afundado. Há certas coisas que tenho que reorganizar.

–Não pode ir – disse frenética. –Ainda não está bem. Só passou quatro semanas desde que chegou. Não poderia se defender. Legare o está procurando. Encontrará você e...

–Não o fará.

–Fez isso antes e quase morreu! Sua cobiça é tão grande que está disposto a arriscar sua vida por dinheiro e posses?

–Não se trata disso. Se vou vingar a morte de Philippe, tenho que saber de quantos homens e material posso dispor. Quero comprovar isso por mim mesmo.

–E depois?

–Depois Aug, Risk e eu traçaremos um plano e o colocaremos em prática. Levará algum tempo. Regressarei dentro de dois dias, talvez três.

Celia retrocedeu ante a desagradável lembrança. Quando Justin estava convalescendo, ela havia cuidado dele com a única intenção de que se recuperasse o suficiente para poder matar Dominic Legare. Mas ainda que Justin tivesse êxito, provavelmente perderia a vida nessa tentativa. Era muito perigoso. Legare era excessivamente poderoso e estava muito bem protegido. E agora... agora queria que Justin continuasse vivo mais do que desejava que Legare morresse.

–Matar Legare não contribuirá em nada, nem para mim nem para ninguém –disse. –Antes me parecia algo necessário, mas agora...

–Continua sendo necessário.

–Tem que esperar. Deve ficar aqui e deixar passar algum tempo antes de...

–Não há tempo.

Celia se alterou e uma raiva irracional percorreu seu corpo. Pouco importava que não tivesse direito de pedir-lhe que ficasse. Pouco importava que ele não lhe tivesse prometido nada. Só tinha claro que ele se ia, e que provavelmente não voltaria. E estava ali, com aquela expressão de resolução e o sorriso zombeteiro nos lábios.

–Sabe que não está completamente bem! –Gritou com ardente veemência.
–Idiota! Nem sequer caminha bem e vai expor-se para que o prendam. Espero que o façam!

A expressão de Justin mudou.

–Celia...

–Se o que quer é morrer, espero que o prendam e.. E lhe deem o que merece! Tomara que não volte nunca mais. Ninguém se importa, egoísta ganancioso, eu o odeio! Odeio você!

Ele a fitou com gesto severo. Celia pensou que ia esbofeteá-la e cobriu o rosto. Ele agarrou-a pelos ombros, segurando-a como se fosse uma boneca de pano.

–Não – queixou-se ela quando ele se inclinou para beijá-la, e soluçou zangada enquanto ele lhe rodeava a cintura, atraindo-a para ele.

–Está me deixando louco – murmurou olhando seu pálido rosto. –Já estou louco! Depois da noite que passamos no lago, acreditei que havia me livrado de você, mas não deixo de pensar em você e me atormenta dia e noite. Planejei voltar para você. Acreditava que se a fizesse minha uma vez mais descobriria que não é diferente das demais. E então me libertaria. –Abraçou-a com força para que não pudesse soltar-se. –Então me feriram e você estava aqui. Cada toque seu é como o céu e o inferno. Pensei em estrangulá-la... em fazer qualquer coisa para impedir-me de desejá-la. Mas agora é muito tarde. É minha, e só pode culpar a si mesma. Você se entregou.

–Não! –Exclamou ela. – Não é verdade... Não quero escutá-lo...

Ele a calou com um ardoroso beijo. Inundou-o uma traiçoeira onda de desejo e se agitou violentamente. Era o que ela queria e necessitava, sentir a força daqueles braços ao redor de seu corpo, suas bocas fundidas em um beijo. Celia entreabriu a boca para permitir que sua língua entrasse, e se segurou em seus largos ombros.

De repente, o beijo de Justin se suavizou, seus lábios se moveram, sua língua saiu levemente e voltou a entrar. Celia não havia esquecido o sabor de sua boca. Gemeu e se apertou contra seu corpo firme enquanto sua mão

deslizava entre as coxas, explorando por debaixo do vestido. Celia notou a dura ereção contra seu ventre e estremeceu de prazer. Ele a segurou pelo queixo e beijou-lhe o pescoço. Ela inclinou a cabeça, com os olhos fechados, embriagada pelas palavras de amor que ele sussurrava. Justin estava tão emocionado como ela, e sentia uma ânsia infinita. Ambos se viram possuídos por uma espécie de apaixonada loucura. Ela havia acreditado que jamais voltaria a experimentar algo assim.

Louco de desejo, Justin abriu caminho entre seu vestido fino de musselina, abarcando um de seus seios com a mão, endurecendo o mamilo com o polegar.

–Nunca terei o suficiente de você. Nunca.

Voltou a beijá-la, bebendo de sua doçura, e ela correspondeu fervorosamente. Ela lhe apertou as nádegas, notando sua firmeza. Justin queria levantar-lhe o vestido e penetrá-la nesse mesmo instante.

Afastou a boca com uma maldição e afundou a cabeça entre seus trêmulos seios.

Colocou suas calorosas mãos nas bochechas de Celia e notou a forte batida de seu coração no ouvido. Celia agarrou-o pela camisa e gemeu debilmente.

Passou um bom tempo até que a onda de desejo frenético fosse se apagando, deixando atrás de si uma pungente dor na boca de seu estômago. Celia notou as mãos em ambos os lados de seu rosto, obrigando-a a fitá-lo. Os olhos de Justin tinham a mesma cor do céu noturno, e ela sentiu que se afogava em sua escuridão.

–Celia – disse com voz rouca, e seus lábios se roçaram com súbita ternura.

Ela o abraçou e apoiou a cabeça em seu peito. Ele lhe acariciou o cabelo enquanto seus lábios brincavam com um suave cacho na altura da têmpora. Uma brisa fresca lhe arrepiou a pele e ele a abraçou com mais força, antes de afastá-la de si sem dizer uma palavra.

Aturdida, ela viu como pegava a bengala e se encaminhava para o pântano. Nunca havia sentido um vazio semelhante. Seus lábios tremeram, mas não o chamou. Sentia-se possuída por um desconhecido temor. Nem sequer haviam tido tempo de conhecer-se e ele já formava parte de sua vida. Aterroriza-a a possibilidade de perdê-lo.

–Quanto tempo disse que estaria fora? –Perguntou Max, controlando seu nervosismo com apurmo.

–Dois ou três dias – respondeu Celia inquieta, sentando-se junto a Lysette.

Embora houvesse tido muito cuidado de não revelar os detalhes de seu encontro com Justin, teve a impressão de que Lysette sabia como se sentia. Lysette era uma mulher intuitiva, embora as pessoas costumassem ficar encantadas por sua beleza incomum sem prestar atenção à aguda inteligência que se escondia atrás daquele belo rosto. Nesse momento, Lysette estava fitando-a com uma estranha mistura de simpatia e suspeita. Apertou-lhe a mão para tranquilizá-la. Celia continuou olhando para Max, perguntando-se se teria um ataque de raiva.

–Está em um sério perigo, não é assim?

–De fato – disse Max sucintamente. –A propriedade é o único lugar onde estaria a salvo. Todo mundo no Golfo sabe que Legare ofereceu uma fortuna para aquele que lhe leve a cabeça de Justin em um saco. E o destino de meu filho não será diferente se as autoridades o capturarem. Estive pressionando o governador Villeré para que empregue parte de sua força política para obter-lhe o indulto... mas se trata de algo extremamente complicado, dado que não posso admitir que "Philippe" seja Justin! E não ajuda muito que tenha decidido ir embora como capitão Griffin justo neste momento!

–Vraiment, crê que o governador levará em conta a possibilidade de um indulto? –Perguntou Celia atônita.

–Não sei. É impossível saber. Se Clairbone ainda governasse...

–Ao menos Villeré é crioulo – observou Lysette. –Isso deveria ajudar a nossa causa, *n'est-ce pas*?

– Não necessariamente – respondeu Max. –Na verdade, parece ter-se entregado à causa de limitar a imigração de "pessoas indesejáveis" no Estado. E meu filho entra nessa categoria.

Lysette franziu o cenho.

–Mas se você o convencer, Max, e o governador perdoar Justin...

–Então estaria a salvo das autoridades. – Dedicou às mulheres um sorriso sem humor. – Até então, no entanto, terá que continuar fingindo que é Philippe. O que significa que será melhor que regresse antes do baile dos Duquesne, no sábado.

Lysette o fitou com perplexidade.

–Não podemos desculpar-nos por ele de alguma forma, *bien-aimé*?

Max riu com um ar sombrio.

–Fiquei sabendo esta tarde que os Duquesne, primos por parte de minha mãe, converteram o baile deste fim de semana em uma festa de boas vindas para Philippe. Será o convidado de honra. Tal como disseram, toda Nova Orleans estará ali. E esperam que ele esteja presente, claro.

Celia ouviu o suspiro horrorizado de Lysette. Olhou para Maximilien com a boca aberta.

–Mas... mas o que acontece se Justin não voltar a tempo?

–Então –disse Max sem rodeios –o jogo terá acabado.

Na última hora da tarde seguinte, Justin tinha conseguido reunir uma dezena de homens cuja lealdade Aug havia assegurado. Encontraram-se na casa do lago. Por várias razões, nenhum havia aceitado o convite de Legare para unir-se à sua tripulação.

Justin sentiu-se satisfeito ao passar em revista o grupo. Entre eles estava Duffy, um irlandês baixinho, mas corpulento; Tomas, um encorpado mulato; e Sans-Nez, um tipo bruto e brigão que havia perdido uma boa parte do nariz em uma luta com faca. Nenhum deles havia integrado a tripulação do *Vagabond*, mas eram os mais vingativos. Aceitaram tomar parte no plano não só pela oportunidade de saquear a ilha, como também porque tinham velhas contas pendentes com Legare e seus homens.

Sentado em um baú de madeira, com as longas pernas cruzadas na altura dos tornozelos, Justin traçava o plano com Aug enquanto o resto acrescentava comentários. Era um sistema mais democrático que o habitual, mas também se tratava da aventura mais arriscada que iriam enfrentar em suas vidas. Aqueles homens iam enfrentar a tal perigo que tinham o direito de expressar suas opiniões.

–Teremos que acabar com ele de dentro – disse Justin olhando para Aug. –Se pudesse aproximar-se dele e convencê-lo de que decidiu unir-se a seus homens, poderia trabalhar dentro do campo inimigo.

Aug assentiu.

–Ganharei a confiança de Legare.

–Não sei o que Legare pode exigir-lhe para demonstrar sua lealdade – disse Justin. –Se decidir não acreditar...

–Isso não acontecerá – interrompeu-o Aug. –Qual é o resto do plano?

–Com sua ajuda, introduziremos os homens na ilha e lançaremos um

ataque surpresa. A única dificuldade será permanecer ocultos o tempo necessário.

Sans-Nez falou, com um desagradável sorriso em sua cara deformada.

–Conheço bons túneis subterrâneos. Faz anos, quando navegava com Legare, prendeu-me ali semanas por tomar uma mulher que André queria.

Justin assentiu.

–Veremos se pode recordar o suficiente para fazer um mapa.

–E o que acontece com Legare? –Perguntou Risk. –Quem acabará com ele?

Justin arqueou as sobrancelhas e sorriu provocador.

–Jack, surpreende-me que tenha que perguntá-lo. Matar Dominic Legare será um absoluto prazer para mim.

Capítulo 9

Só haviam passado três dias desde a partida de Justin, mas pareciam três meses. Celia não podia fazer outra coisa além de pensar nele. Precisava dele tanto como ele havia afirmado que precisava dela. Havia dito que ela lhe pertencia... Bem, Celia não o havia admitido em voz alta, mas sabia que ele era seu do mesmo modo irracional. Desde o momento em que o haviam levado à propriedade havia sido seu, para cuidar e servir, seu para preocupar-se e para desejá-lo.

Apesar de ser uma união impossível, estar separados doía-lhe até mesmo fisicamente. Não era uma dor penetrante, mas sim um vazio sufocante em seu interior. Sentia falta de vê-lo e ouvi-lo, do interesse que mostrava por ela, de suas exigências arrogantes...

Sua saudade se via agravada pelo modo como Max e Lysette se apoiavam mutuamente nos momentos difíceis. Demonstravam todo seu afeto, entre eles e com as crianças, em qualquer ocasião, por isso podiam rir e se dar carinho inclusive em meio a tantas preocupações. Uma manhã, o casal não esteve presente durante o café da manhã, e a criadagem estava ciente de que haviam decidido passar a manhã em seu dormitório. Quando Lysette saiu dele mais tarde, tinha o rosto corado e um brilho especial em seus olhos castanhos. Celia se alegrava por sua felicidade, mas a fazia ser mais consciente de sua própria solidão.

Na sexta-feira, na hora da ceia, a conversa foi tranquila. Lysette estava ocupada com Rafe, que falava com ela mediante felizes balbucios. Estava começando a acostumar o menino a comer alimentos sólidos, mas ele estava mais interessado em brincar com a banana amassada que em comê-la. Celia obrigou-se a mastigar e engolir, mas cada porção de peixe com champignon fritos na manteiga ameaçava entalar na sua garganta. Apesar de Max parecer sereno e despreocupado, olhava seu relógio aproximadamente a cada quinze minutos, algo incomum nele.

–*Bien-aimé*, a que horas começa o baile amanhã? –Perguntou-lhe Lysette.

Justo nesse momento, Justin apareceu na porta da sala de jantar. Cheirou o aroma da comida com avidez.

–Mmm... morro de fome. Espero que tenham deixado algo para mim.

Max se levantou de um pulo.

–Se não me sentisse tão aliviado por vê-lo, –disse –creio que lhe daria uma surra, pedaço de asno.

Justin sorriu e colocou uma mão em seu ombro.

–Terá que esperar sua vez, pai.

Max fitou-o com receio.

–Dou por certo que resolveu seus negócios e que não voltará a desaparecer de surpresa.

–Assim é.

–Como está a situação?

Uma careta de desgosto se desenhava na cara de Justin.

–Nas últimas semanas, Legare declarou que a ilha dos Corvos lhe pertence e se apropriou de tudo. Barcos, tripulações, objetos de todo tipo... Ninguém se atreveu a enfrentá-lo.

–E você tampouco o fará – disse Max. – Seus dias de capitão Griffin são história. Essa escapadinha sua pode ter arruinado a mínima possibilidade de indulto que tinha por parte do governador.

–Indulto? –Justin deixou escapar uma risadinha. –Nem sequer sendo o melhor amigo do presidente Monroe o conseguiria. Além do mais, não preciso do indulto. Logo terei ido embora.

Max franziu a testa disposto a discutir, mas Lysette intercedeu para evitar uma disputa desgastante.

–Graças a Deus que chegou a tempo, Justin.

–A tempo de quê?

Max explicou-lhe sobre o baile dos Duquesne.

Celia deixou o garfo sobre a mesa, consciente do muito que lhe tremiam as mãos. Observou Justin com desejo. Estava sujo e a barba havia começado a crescer, e nas bochechas e no nariz se notavam os efeitos do sol. Sua presença exerceu em seus sentidos os efeitos de um tônico revigorante. Queria abraçá-lo, passar-lhe as mãos pelo cabelo, estreitá-lo contra seu corpo... Mas ele não a olhou nem uma só vez. Foi como se ela não estivesse ali.

–Tem que haver algum modo de evitá-lo – Justin disse a seu pai, que negou com a cabeça.

–Os rumores cresceriam ainda mais se não aparecesse.

Justin amaldiçoou e sacudiu a cabeça.

–Certo, estarei lá se não há remédio; e não me queixo. Irei ao baile e me

comportarei como um cavalheiro. E o farei tão bem que ninguém se atreverá a sugerir que não sou Philippe. –Voltou-se para Lysette. –*Belle-mère*, poderia pedir a Noeline que me leve algo para ceiar em meu quarto? –Tocou na camisa suada com um gesto de desagrado. –Creio que um banho e trocar de roupa são necessários.

–Sim, é claro. –Lysette fitou-o com preocupação. –Como está sua perna? Não voltou a ferir-se, não é?

–Que nada. –Sorriu levemente. –Estou bem, *belle-mère*.

Saiu sem sequer pestanejar o olho em direção a Celia.

Esta sentiu-se como se lhe houvessem roubado o fôlego. Por que Justin a havia ignorado? Talvez tudo o que lhe dissera antes de ir embora não houvesse sido mais que uma brincadeira. Talvez o divertisse havê-la deixado naquela situação. Confusa e triste, tentou fingir que não havia ocorrido nada. Brincou com a comida no prato e até conseguiu comer algum bocado mais. Após beber outra taça de vinho, uniu-se a Max e Lysette no salão após a ceia. Sentou-se próxima do fogo e esquentou os pés. Não ouviu sinal algum de Justin no piso acima. Deram por certo que estaria esgotado depois de três dias de ausência e que teria se metido na cama.

–Parece cansada, Celia – disse Lysette.

–*Oui* – murmurou Celia olhando pensativa para o fogo. Não estava cansada, mas ansiosa, e sentia-se ferida. Justin Vallerand era um monstro e o odiava. Não podia sentir outra coisa além de desprezo por um homem tão dado às mentiras e às promessas fáceis. Deu boa noite aos Vallerands e saiu da casa a caminho da *garçonnière*. Não queria cruzar com a criadagem, por isso foi diretamente ao seu dormitório. A escuridão a incomodou e procurou tateando a pequena vela que deixava sempre sobre a penteadeira.

Viu o contorno de um homem no canto do cômodo. Conteve o fôlego e ficou paralisada pelo terror. Ele deu um passo à frente e o brilho de seus olhos se fez evidente. Celia fitou-o hipnotizada.

–Justin?

Estava recém barbeado, e usava uma camisa branca larga e calças negras. Tinha o cabelo úmido e despenteado. Não se moveu, mas ela sentiu sua presença impactante.

–Não podia fitá-la – disse ele com voz rouca. –Sabia que, se a fitasse, teria que levá-la à cama mais próxima.

O cômodo na penumbra pareceu repentinamente irrereal, um lugar que só existia em sonhos. A expectativa foi sentida em seu estômago. Sabia que não

ia ter força de vontade para expulsá-lo dali, e a única coisa que conseguiu dizer foi: –Justin, por favor, saia.

–Não.

Segurou-a pelas mãos, que estavam frias, e as deslizou por debaixo de sua camisa para esquentá-las contra seu peito. O coração de Justin batia com força contra as palmas das mãos de Celia. Com cuidado, acariciou-lhe as costas e atraiu seu corpo trêmulo para si.

Celia apoiou a cabeça em seu ombro.

–Não podemos. Isso é errado, muito errado...

–*Tais-toi, mon coeur* – sussurrou ele, e desatou-lhe a fita que segurava o cabelo.

A sedosa cabeleira dourada se soltou, caindo suavemente por suas costas. Ele lhe passou uma mão pelo cabelo até chegar à cabeça, e fez com que a inclinasse para trás. Beijou-lhe a base da garganta e seguiu até a reentrância abaixo da mandíbula.

A sensação de seus lábios provocou-lhe calafrios de prazer por todo o corpo. Celia fez o fútil gesto de afastar Justin, mas ele continuou abraçando-a com firmeza. Beijou-a com hipnótica leveza e Celia levantou as mãos até lhe rodear o pescoço. Ele deu-lhe uma mordiscada no lábio inferior e depois a lambeu até que ela começou a respirar entrecortadamente.

Roçando-a com os lábios, Justin introduziu a língua em sua boca e emitiu um gemido abafado de satisfação. Moveu a cabeça para mudar o ângulo do beijo, fazendo com que se encaixassem melhor, e explorou as costas do vestido. Ao ver como parecia difícil desabotoar aqueles botões minúsculos, puxou o tecido, fazendo com que os botões saíssem voando por todo o cômodo.

Celia ofegou e tentou se separar, surpreendida pela repentina rudeza com que a desnudou até a cintura. Mas quando seu corpo ficou exposto, ele voltou a mover-se com delicadeza, beijando-a na testa e acariciando-lhe os peitos nus. Beliscou levemente o mamilo e brincou com ele até endurecê-lo. Ela arqueou as costas, pressionando contra sua mão, com a respiração entrecortada devido ao prazer que lhe produzia que lhe esfregasse também o outro seio. Entre suas coxas sentiu um quente fluído, o mesmo que havia sentindo na ocasião anterior, e ruborizou-se com uma mistura de vergonha e excitação. Ele murmurou abafadamente, como se soubesse o que ela estava experimentando, e voltaram a beijar-se. Celia abriu a boca e o recebeu totalmente, sem intenção alguma de detê-lo, enquanto ele lhe tirava a escassa

roupa que lhe restava. Quando ela ficou completamente nua diante dele, Justin tirou a camisa, deixando à vista aquele torso cortado por cicatrizes ao qual ela havia-se acostumado. Celia o rodeou com os braços, pressionando seus tenros seios contra os escuros pêlos do peito de Justin. Ele a beijou com ardor e tomou uma de suas mãos para levá-la até a protuberância que havia crescido em sua virilha. Com dedos trêmulos, ela desabotoou a braguilha que continha aquele membro viril enquanto notava seu hálito contra o cabelo e sua mão em sua nuca. Abriu bem as calças e a ereção ficou livre, dura e sedosa, surpreendentemente quente.

A curiosidade venceu a vergonha e Celia tocou-o timidamente. Seus finos dedos exploraram a sensível glândula e as veias da zona central. Justin balbuciou seu nome com voz rouca, guiando as mãos de Celia com as suas, muito devagar, seguindo um movimento rítmico. Sobressaltada por aquela intimidade, ela hesitou quando ele afastou suas mãos, mas em seguida continuou acariciando.

Justin lhe agarrou o cabelo e afundou a cara em suas douradas mechas. Seu corpo destilava completamente a paixão, e se sabia indefeso nas mãos de Celia, com todos os nervos à flor da pele. Ela se afastou um pouco e ele acabou por tirar as calças. Depois colocou-a sobre a cama.

Celia ficou deitada sobre os lençóis e estendeu os braços para Justin, que se inclinou sobre ela e com o joelho lhe separou as coxas. Abarcou os peitos com ambas as mãos e colocou a boca no cheiroso vale que se estendia entre eles. Ela soltou um gritinho quando ele a beijou e chupou os mamilos, mordiscando suavemente, excitando-a além do suportável.

Celia rodeou-lhe o corpo com braços e pernas, esfregando-lhe as costas. Pouco a pouco, a realidade ia sendo removida por uma excitação que não havia voltado a sentir desde a noite no lago, e novamente se viu presa pelo feitiço do amante que havia desejado com medo e desejo em partes iguais.

Justin deslizou a mão do ventre até os suaves cachos de sua púbis. Ali estava sua passagem úmida e inchada. Gemendo de prazer, acariciou-a com suavidade.

—Por favor — sussurrou ela. —Por favor...

Justin se inclinou e lhe introduziu a língua no umbigo, antes de descer com a boca até a espessa mata de pêlos úmidos. Acelerou ainda mais o pulso de Celia que tentou sentar-se, balbuciando algum tipo de protesto.

Ele a segurou com força pelas coxas, abrindo-as, enquanto sua boca ia em busca daquele ponto essencial que lhe doía de um modo delicioso. Ela voltou

a deitar sobre os travesseiros e deixou de resistir. Justin movia os lábios com extrema lentidão, aproveitando o festim. Celia ondulou o quadril em resposta às incursões de sua língua e instintivamente levou as mãos ao púbis.

Consciente de que o clímax não demoraria a chegar, Justin lhe subiu as pernas até seu quadril e penetrou-a com uma investida hábil e profunda. Ela gemeu e empurrou contra ele para que entrasse mais em seu interior.

—É minha... — sussurrou Justin contra seus lábios trêmulos. — Jamais poderá escapar de mim... Jamais...

Aturdida, não pôde fazer outra coisa além de fitá-lo enquanto a invadiam ondas de prazer. Ele investiu com força e ela se arqueou contra seu corpo, tremendo de satisfação. Justin estreitou-a contra si, esvaziando-se em seu interior, e Celia alcançou o orgasmo em meio a soluços. Ele lhe percorreu o rosto úmido com os lábios sem deixar de acariciar-lhe as costas.

—Não chore — ofegou, e ainda que quisesse que fosse uma ordem, soou como uma súplica. — Não, meu amor, *mon coeur*.

Ela assoou o nariz e tentou afastar-se dele, mas Justin não o permitiu.

—Voltou a acontecer — disse, entristecida, olhando-o nos olhos. — Quisera que tivesse se mantido distante... Quisera poder odiá-lo!

—Você me ama. — Segurou sua cabeça entre as mãos, secando as lágrimas com os polegares.

—E o que tem isso de bom? — Ela se queixou amargamente. — Vai deixar-me e perderei tudo, e não poderei superá-lo. Não poderei!

—Virei atrás de você quando acabar com Legare. — Justin sabia que não devia fazer esse tipo de promessa, mas não pôde evitar.

—Não voltará. E ainda que o fizesse, não iria a nenhuma parte com você, patife egoísta e imoral...

Ele a beijou no pescoço, ombros e peitos.

—Não voltarei a exercer a pirataria. Entreguei o barco a Risk.

— Não pode mudar sua personalidade como se trocasse de chapéu! Essas coisas não mudam da noite para o dia.

—Irá me ajudar a mudar.

—*Alors...* quer levar-me com você. Durante quanto tempo? E o que ocorrerá quando se cansar de mim?

—Sempre a desejarei. Não poderia me cansar de você nem se quisesse. — Pegou sua pequena mão e apertou-a contra seu coração até que ela sentiu sua batida. Fitou-a com intensidade. —Não poderia viver sem você, ficarei ao seu lado até que me enforcuem.

–Não seja bobo – respondeu ela, inquieta.

–Não sou. Não escolhi sentir-me desse modo... mas não posso evitá-lo. – Apertou mais sua mão contra o peito. –Voltarei para você. Quero viver com você. Quero fazê-la feliz, dar-lhe coisas que ninguém poderia oferecer-lhe.

–Então, não vou ser a concubina de um pirata? –Perguntou Celia com grosseria.

–Sim, mas também uma companheira, minha companheira, minha esposa...

–Esposa? –Repetiu surpresa. –Est... está me pedindo que case com você?

Justin a deitou de costas e colocou os braços em ambos os lados de sua cabeça. Depois beijou-a intensamente.

–Não. Não estou lhe pedindo.

Celia refletiu sobre o significado do comentário e ao final, compreendendo, esboçou um amplo sorriso. Estava ordenando, não pedindo.

–Assim sendo, não tenho opção? –Disse.

–Não posso permitir a possibilidade de que me rechace.

–Em uma ocasião me disse que não era suscetível ao amor.

–E não era. Até que a conheci.

–Quer-me porque é o mais cômodo. Assim não tem que procurar outra mulher que satisfaça seus desejos.

Beijou-a em toda cara.

–Eu serei o mais cômodo para você. Ensinarei você a sentir desejo por mim, *ma belle*, até que me perturbe com suas constantes exigências amorosas.

–Para você não sou mais que um capricho. Pareço-lhe atraente porque por um tempo pertencia a Philippe...

Justin colocou as mãos em ambos os lados da cara, fitando-a com seus penetrantes olhos azuis.

–Amo você, maldição! Amo-a porque me pertence. Amo-a por ter cuidado de mim. Por fazer-me sentir que ainda resta algo bom em mim. Philippe era melhor pessoa do que eu chegarei a ser algum dia. Deus sabe que merecia algo melhor que eu. Mas ele está morto... e eu preciso de você.

O olhar de Celia ensombreceu.

–Para que necessita de mim?

De forma sincera, ele respondeu: –Para me amar. Ajude-me a merecê-la. Ajude-me a ter coragem de tentar. Você é a única que pode consegui-lo.

Celia fitou-lhe o rosto, tão bonito e ao mesmo tempo inóspito como uma

escultura de mármore. Mas sim, queria dar-lhe o que pedia. Levantou a mão e lhe afastou uma mecha que caía na testa.

–Serei sua e o seguirei para onde vá, a qualquer lugar, se me prometer uma coisa – disse.

–Que coisa?

–Esqueça isso de vingar-se de Dominic Legare.

Ele não moveu um músculo.

–Não posso – respondeu.

– Isso não nos devolverá Philippe. Não me deve isso, nem a mim e nem à família nem a ninguém. Não lhe parece suficiente haver matado o irmão de Legare? Estava muito unido a André. Não é suficiente satisfação pela perda de Philippe?

–André era a criatura mais indigna e corrupta do mundo. Se acredita que trocar meu irmão pelo irmão de Legare é equivalente...

–Mas o que aconteceria se matasse você? –Respondeu ela, desesperada. – Tenho que perdê-lo, assim como perdi Philippe?

Mesmo antes que a respondesse, ela notou sua recusa.

–Já coloquei tudo em marcha.

–Pode detê-lo, se desejar! –Celia afastou-se dele, esforçando-se para conter suas emoções. Estava zangada com ele, quase tanto quanto temia por sua vida. –Se não vai prometê-lo, vá embora. –Mas sentiu um calafrio quando ele beijou-a entre os ombros. –Não o quero em minha cama. Pode escolher entre me ter ou a vingança, mas ambas as coisas não.

–Não estaremos seguros em nenhuma parte até que Legare esteja morto – disse Justin. –Ele removerá céu e terra em minha busca. E o perigo será maior se você estiver comigo.

–Iremos a algum lugar onde não possa nos encontrar. –Levou as mãos dele até seus seios e lhe acariciou o dorso delas. –Você me manterá a salvo, Justin.

Ele não pôde evitar a resposta instantânea de seu pênis, que despertou com um pulo. Ela esfregou-se contra ele e Justin deixou de pensar.

–Celia, não compreende... Eu...

–Disse que quer mudar.

–Sim, mas antes...

–A única coisa que quero é que me ame.

–Amo-a...

–Então esqueça a vingança. Faça-o por mim.

–Maldição – disse, debatendo-se entre o raciocínio e o puro instinto do desejo. Voltou a desejar suas pernas rodeando-o uma vez mais. Separou-lhe as coxas e balbuciou seu nome antes de beijá-la apaixonadamente. Suas mãos deslizaram pelo ventre de Celia a caminho de sua virilha.

–Prometa-o para mim – sussurrou ela, implacável.

Não podia negá-lo, o amor de Celia era muito precioso.

–Maldição, de acordo – resmungou apertando sua ereção contra as nádegas de Celia, fazendo-a sentir a rígida pressão de seu membro. Beijou-lhe a nuca, os ombros e a excitação disparou nele ao sentir o corpo de Celia sob suas coxas. Para chegar a sua quente úmida entrada, empurrou por trás. Abraçou-a pelo ventre e apoiou o queixo em seu ombro.

Celia se acomodou em seu braço e recuou sobre seu peito. Os sentidos de Justin se amotinaram em resposta à flexibilidade daquele corpo.

–Mova-se comigo – pediu Justin com voz rouca. –Retroceda... *Oui, comme ça, ma petite*, assim...

Ela se pôs de costas e moveu-se como contraponto luxurioso a seu ritmo, perdendo qualquer referência externa que não fosse ele. Justin beijou-lhe o pescoço e lhe apertou um seio. Ela segurou-lhe a mão, apertando-a, e o tempo ficou suspenso quando o êxtase a alcançou. Ele investiu uma e outra vez, com penetrações longas e lentas que fizeram aflorar toda luxúria de Celia até deixá-la exausta. Sentiu os fluídos de Justin em seu interior, e ela abraçou-o até lhe tirar o fôlego.

Separaram-se caindo para um lado, ela ainda em posição fetal. Após um tempo recuperaram o fôlego. Celia piscou sem forças. Sabia que não demoraria em dormir. Tinha que recordar a Justin que esse não era seu dormitório. Não queria que o encontrassem em sua cama.

–Tem que ir – disse-lhe meio adormecida. Sua voz foi pouco mais que um arrulho em seu ouvido.

–Irei antes que o sol saia.

–Vá agora.

Ele atraiu-a para si e se moldou a seu corpo com obstinação.

–Não vou ter outra oportunidade como esta de estar com você.

Mas Celia já havia adormecido entre seus braços.

A noite começava a dar vez ao novo dia quando despertou ao notar que ele se levantava. Justin se inclinou para lhe dar um último beijo, mas os lábios quentes e desejosos de Celia lhe levaram a algo mais profundo: fez amor uma vez mais, separando-lhe as pernas e entrando em sua suave

umidade. Ela estremeceu e abraçou-o com os punhos fechados contra suas costas, apertando-se contra seu membro insaciável. Ele aproximou a cabeça ao peito dela, concentrado em suas investidas.

Tentaram que durasse para sempre, mas logo ela alcançou o clímax com um delicado estremecimento e a deliciosa tensão acabou em uma fogueira. Ele baixou a cabeça e beijou-a no peito, apoiando os lábios na altura do coração. Ela emaranhou-lhe os cabelos com os olhos encharcados de lágrimas. Então deixou de sentir o cálido peso de seu corpo e, sem mais, Justin desapareceu.

Celia não sabia como Justin reagiria quando se reuniu aos Vallerands no salão na tarde seguinte. Talvez lhe dedicasse um sorriso atrevido, um comentário brincalhão ou alguma outra coisa que confirmasse sua recém adquirida intimidade. Mas ele se limitou a fitá-la com extrema seriedade, com expressão inescrutável e olhar penetrante.

Lysette usava um vestido verde mar, com o cabelo preso no alto da cabeça com um pente de diamantes. Segurou as mãos enluvadas de Celia.

–Está adorável com este vestido de baile – disse-lhe, e se voltou para seu marido. –Não acha, Max?

–É claro – disse seu marido, que parecia preocupado por algo.

Celia sabia que Max tinha preocupações a respeito da noite que os esperava. Encontrariam muitos velhos amigos e conhecidos na propriedade Duquesne. Embora a atuação de Justin fosse impecável, as suspeitas não desapareciam completamente. Grande parte da responsabilidade de convencer a todos de que Justin era Philippe recaía sobre os ombros de Celia. Se parecesse sentir-se incomodada ou fora de lugar, toda a farsa viria abaixo.

Celia havia posto seu mais esplendoroso vestido, de seda prateada e azul, com a cintura alta e uma frente com rosas brancas e pérolas. O corpete ajustado tinha um decote tão baixo como permitia o bom gosto, as mangas curtas se uniam ao corpo com laços de pérolas e abaixo o vestido era arrematado com uma ampla faixa pregueada de seda branca. Tinha o cabelo cacheado com leves ondas e preso atrás da cabeça com três rosas brancas.

Justin e Max estavam vestidos da mesma maneira, com calças negras, jaquetas com bolsos no peito, camisa branca e gravatas brancas engomadas. Maximilien estava tão elegante como sempre, mas Justin não parecia confortável com a dura gravata e aquelas roupas que apertavam seu corpo. Havia passado os últimos cinco anos vestido como capitão Griffin. E odiava

não poder carregar uma arma. Entre a multidão que compareceria essa noite ia sentir-se como um gato sem unhas no meio de um grupo de cães de caça.

Celia aproximou-se dele e apoiou a mão em seu braço. Quando ele a fitou, parte de sua inquietude desapareceu.

Estava tão linda com aquele cabelo excessivamente loiro e a pele de alabastro... Ela lhe cravou o olhar, dando-lhe confiança e força.

–Onde está sua bengala? –Perguntou em voz baixa. –Não vai levá-la esta noite?

–Hei de me virar sem ela.

Celia esboçou um sorriso.

–*Oui*, supus que se viraria muito bem esta noite. Com essas roupas está idêntico a Philippe. Para todos exceto para mim, claro.

Justin teria respondido, mas sua atenção centrou-se no duro e inquisitivo olhar de seu pai. Seus olhos azuis se cruzaram com os dourados e penetrantes de Maximilien.

Parecia óbvio que Max ou bem sabia ou bem suspeitava do que havia entre eles. "Não cometa erros absurdos", parecia indicar seu olhar. Justin sorriu levemente, lançando sua própria advertência: "Não se meta."

A propriedade dos Duquesne resplandecia com as luzes e a festividade. Tratava-se de um típico baile crioulo, com mulheres de delicada beleza, homens de personalidade que destilavam periculosidade, música vigorosa e uma alegria carregada de energia volátil. Apesar de sua aparente fragilidade, as damas crioulas eram conhecidas por serem capazes de dançar durante horas sem cansar-se, às vezes a noite inteira. Por sua parte, em certas ocasiões, os mais jovens se desafiavam a duelar para provar, fora da festa, sua honra e sua virilidade.

Os convidados traziam seus próprios convidados, pois estavam na época do ano em que os familiares se visitavam durante semanas. Os forasteiros – descendentes de crioulos ou franceses – sempre eram bem vindos. Não havia coisa que agradasse mais aos crioulos que perguntar sobre o passado de um desconhecido, crivando-o com perguntas relativas a sua família e suas experiências de vida. Encantava-lhes descobrir os vínculos familiares entre seus ancestrais, sem importar o quanto esses fossem distantes. Os crioulos acreditavam que uma pessoa não era suficientemente aceitável se não estivesse relacionada com uma família ou com alguém que eles conhecessem.

As damas, vestidas com seda e usando elaboradas perucas, sentavam-se em pequenas cadeiras forradas de seda e se mantinham ocupadas pondo-se em dia com as últimas fofocas e compartilhando detalhes sobre o escândalo mais recente. Para elas, nada que acontecesse no mundo podia ser mais importante ou fascinante que o que ocorria em Nova Orleans.

Os homens casados formavam seus próprios grupinhos, discutiam sobre política, caça e outros assuntos apropriadamente masculinos, enquanto os solteiros se esforçavam por ganhar a atenção das jovens solteiras.

Um curioso murmúrio se estendeu entre os presentes quando os Vallerands entraram no grande salão pintado em tons de creme e branco. Os Duquesne se apressaram em saudá-los e, de repente, produziu-se uma exclamação geral de boas vindas. Celia cruzou os braços quando a multidão os rodeou.

–Doutor Vallerand, –exclamou uma mulher mais velha – poder voltar a vê-lo com meus próprios olhos... *c'est merveilleux!*

–Philippe! Não podia acreditar até este momento...

–Disseram que está ferido...

–É verdade sobre os piratas...

–É um milagre, *vraiment*...

Justin respondeu com seriedade a todas as perguntas e afirmações, recebendo ao mesmo tempo o ímpeto de muitos abraços e beijos emocionados. Os crioulos nunca se cansavam de demonstrar seus sentimentos. Evidentemente, ele se parecia o suficiente com Philippe para calar qualquer suspeita, e não percebeu sinal algum de dúvida ou censura nos que o rodeavam. Depois de um tempo, a multidão inicial foi diminuindo e seu tio Alexandre apareceu com Henriette ao braço.

Justin olhou para Maximilien, que havia permanecido todo o tempo ao seu lado.

–O tio Alex sabe quem sou? – Perguntou-lhe em um sussurro.

–Não me perguntou – respondeu seu pai.

A resposta, é claro, era não. Alexandre era o irmão mais novo de Max, e sua lealdade à família era inquestionável. Alex seria capaz de confirmar qualquer história que beneficiasse a família. Por desgracia, sua esposa Henriette, uma mulher adorável, mas superficial, era muito apaixonada pelas fofocas. Seria imprescindível manter a farsa ante ela.

–Philippe. –Alexandre segurou-o pelos ombros e abraçou-o brevemente. Como o resto dos homens Vallerands, era alto e tinha o cabelo escuro, e um

temperamento encantador, mas instável. Olhou para Justin nos olhos. Assentiu ao apreciar o que esperava descobrir. –Que alegria... Sabe, não tinha esperança de voltar a vê-lo.

Justin sorriu, sabendo que não haviam enganado ao tio Alexandre.

–Sempre foi meu tio preferido, Alex.

Henriette se colocou entre eles e levantou a cara com descaramento.

–Que vergonha, Philippe, não ter querido ver ninguém todas essas semanas! Não pude contar nada às minhas amigas em nossas reuniões das quintas para tomar café!

–Deve perdoar-me – respondeu Justin e deu-lhe dois beijos nas bochechas. Henriette parecia convencida de que era Philippe. – Ainda que, para dizer a verdade, não havia nada interessante que contar. Não fiz outra coisa que descansar e submeter-me aos hábeis cuidados de minha abnegada esposa. –Sorriu em direção a Celia. Teve vontade de passar o braço pela cintura dela, mas Philippe não teria feito algo assim em público.

–Philippe, manca quando caminha – observou Henriette sem tato algum.

–Será algo permanente?

Produziu-se um breve silêncio e Celia respondeu antes de Justin.

–É possível – disse, olhando com mordacidade para Henriette. –Mas lhe aporta um toque de distinção, não acha?

Henriette ruborizou.

–Oh sim, é claro.

Justin sorriu para Celia enquanto Alexandre levava sua esposa.

–Querida, não necessito de proteção – disse-lhe ao ouvido.

–Cabeça oca e fofqueira – resmungou Celia. –Não está à altura da família Vallerand.

–Eu tampouco – replicou Justin secamente, levando-a para um lado do salão, sob um dos muitos arcos com colunas.

Os Vallerands formaram um pequeno grupo e observavam os bailarinos, que moviam os pés com fluidez sobre o brilhante assoalho de bordo. Lysette sorriu e não deixou de conversar com aqueles que requeriam sua atenção, enquanto Maximilien conversava com o anfitrião, George Duquesne.

Numerosíssimas pessoas se aproximaram de Justin, homens que queriam escutar a história de sua fuga da ilha dos piratas, mulheres que paqueravam com ele sem vergonha alguma, velhas damas que lhe pediam conselho sobre como tratar suas moléstias. Celia lhe ajudou com estas últimas, explicando que seu marido ainda não estava recuperado para retomar sua atividade

profissional. De pouco em pouco, era ela que propunha algum tipo de remédio. Havia aprendido muitas coisas como filha de um médico, e estava agradecida que sua memória fosse excelente em um desafio como aquele. Ao comprovar que a festa estava transcorrendo com bastante tranquilidade, Celia começou a relaxar. Ninguém parecia suspeitar de Justin. Sua imitação de Philippe era perfeita, do modo como colocava os polegares em seu colete até como mordida o lábio inferior antes de sorrir. Devido a sua estatura, geralmente tinha que inclinar-se para falar com as pessoas. Philippe sempre havia se comportado assim, com amabilidade, atento, tentando mostrar-se acessível para todos. Nada parecido com Justin, que em geral não sentia nenhum interesse por intimidade com ninguém.

Celia descobriu-se estudando Justin com curiosidade, e compreendeu que o preferia tal como era na realidade. Sentia falta de suas abruptas risadinhas e seus sardônicos comentários, assim como de sua capacidade para dizer e fazer coisas inesperadas. Philippe teria se sentido como um peixe na água em uma festa como aquela, no entanto Celia sabia que Justin, se pudesse escolher, teria preferido estar a sós com ela. Sentiu-se culpada ante tais pensamentos e deu uma olhada ao redor. Fixou sua atenção em um homem que estava junto a uma janela, entre o salão de baile e a sala de jantar.

Ele voltou a cara para ela. Era magro como uma lâmina e estava tão bem vestido como qualquer um dos presentes, embora a ela parecesse, sem saber por que, um personagem sinistro. Então ele lhe deu um sorriso em que se viam todos seus dentes. Um terror frio se apoderou de seu coração.

O salão se moveu ao seu redor. Esquecendo-se de si mesma, tentou chamar Justin, mas não saiu palavra alguma de sua boca. De repente Justin estava diante dela, e reparou em seu semblante pálido.

–Celia? –Murmurou. –Celia, o que ocorre?

Teve que inclinar a cabeça para ouvir o sussurro que saiu de seus lábios trêmulos: –Legare.

Imediatamente, Justin virou a cabeça e percorreu o salão com o olhar, mas não viu nada. Celia também examinou o local. A odiosa aparição havia se esfumado. Ela tentou recuperar a compostura, mas sentiu-se enjoada.

Maximilien uniu-se a eles com um brilho de alerta em seu olhar.

–*Qu'est-ce que c'est?*

–Não sei – disse Justin, segurando as mãos de Celia.

–Tire-a daqui antes que atraia mais atenção. As portas francesas levam à galeria externa. Em seguida me reunirei com vocês.

Justin lhe passou um braço pelos ombros e a conduziu ao exterior. O ar da noite estava fresco e sereno. Na penumbra, ficaram atrás de uma larga coluna. Ele obrigou-a a fitar-lhe segurando-a pelo queixo, e viu seus aterrorizados olhos.

–Vi... vi Dominic Legare – babulciou. –Vi-o no salão, de pé, olhando-me. Sor... sorriu-me. Tem que acreditar em mim, ele... ele está aqui.

–Ultimamente tem pensado muito nele – retorquiu Justin com calma, acariciando-lhe a nuca. –Há a possibilidade de que tenha visto alguém que se parece com ele.

–Não, era ele! Tem que estar por aqui agora mesmo. Sei que era ele! Justin, por favor, acredite, tem que...

–Certo – disse atraindo-a para si. Abraçou-a protetoramente. –Respire fundo, *petite*, e tente acalmar-se.

–Não, devemos...

–Shhh. Calma.

Ela apoiou a cara em seu peito e sentiu que o pânico diminuía graças ao calor de Justin.

–Estou aqui – murmurou ele. – Não vai machucá-la. Ninguém o fará. – Sua respiração alterada foi se normalizando, e Justin afrouxou o braço.

Maximilien interrompeu-os.

–Explique-me o que acontece, Justin.

–Ao que parece, Dominic Legare está aqui – respondeu com ar lúgubre. – Celia o viu no salão. –Se não estivesse tão preocupado teria começado a rir ao ver a repentina expressão de perplexidade que se desenhava no rosto de seu pai, uma emoção que Max rara vez fazia evidente.

–Descreva-o – pediu Max.

–Magro, peso médio, cabelo ruivo recolhido em um rabo.

Celia se afastou e acrescentou: –E... e sorriso de tubarão.

Justin riu ao recordar os dentes pontiagudos de Legare.

–Uma descrição adequada.

Max franziu o cenho.

–Parece que estavam falando de Antoine Bayone. É um amigo de George Duquesne, um plantador francês. Também tem proximidade com alguns dos comerciantes mais ricos da cidade. Em uma ocasião falei com ele pessoalmente. É um homem inteligente com uma aguda esperteza.

–Não reconheço esse nome – disse Justin.

– Bayonne apareceu pela primeira vez em Nova Orleans faz quatro

anos... não, cinco anos. Aproximou-se de Duquesne e outras famílias crioulas.

Justin fitou-o carrancudo.

–Viu-o aqui esta noite?

–Ainda não, mas posso perguntar por ele a Duquesne... – Max deteve-se e refletiu um instante. –O que quer me dizer é que o homem que matou meu filho pode estar aí dentro? –Murmurou.

Antes que Justin respondesse, uma jovem chamou de uma das portas francesas.

–Doutor Vallerand? Doutor Vallerand, está aí fora?

Justin olhou para seu pai e para Celia, e saiu de trás da coluna.

–O que deseja? –Perguntou encarando a jovem. Tratava-se de Amalie Duquesne, a filha mais velha do anfitrião.

–Doutor Vallerand, –disse compungida –*ma mère* enviou-me para buscá-lo. Tratasse de Paul, meu irmão mais novo... Passou mal todo o dia, mas de repente piorou. Mandamos buscar o doutor Dassin, mas até que chegue teria que fazer algo. Está lá encima. *Maintenant*, tem que vê-lo.

Justin a olhou e ia desculpar-se, mas fechou a boca a tempo. Alisou o cabelo.

–Será melhor esperar a Dassin – disse secamente.

A garota sacudiu a cabeça.

–*Non, non*. Paul está muito mal! Tosse até ficar sem fôlego. Doutor Vallerand, tem que subir e fazer algo por ele!

Celia surgiu da escuridão e se colocou ao lado de Justin. Estava pálida, mas mantinha o autocontrole.

–Já tentou com vapor? –Perguntou. – Que inale o vapor até...

–Tentamos com os vapores durante horas, –respondeu Amalie – mas não serviu de nada.

Celia e Justin se fitaram. Tinham que fazer algo até que o doutor Dassin chegasse. Não tinham opção.

–Certo, subamos para ver o enfermo, Amalie – disse Celia, relegando a um canto de sua mente os pensamentos sobre Legare.

Chegaram ao cômodo do garoto. Celia reconheceu imediatamente o que havia de errado. Tinha uma tosse rebelde, o pulso fraco e uma palidez azulada. Celia havia visto esses mesmos sintomas anos antes, quando a doença havia se estendido entre as crianças de uma comunidade próxima de sua casa. Havia visitado muitos deles com seu pai. Formava-se uma

membrana na parte de trás da garganta, e nos casos extremos a criança não podia respirar.

Paul, um menino de uns quatro ou cinco anos, não parecia consciente de sua presença. Tossiu debilmente e começou a sufocar. Celia compreendeu com horror que não poderiam esperar ao doutor Dassin. Ela sabia o que tinha que fazer. Havia visto seu pai fazer, uma técnica que este havia aprendido com um renomado cirurgião de Paris. Mas ela não tinha formação médica, assim então havia a possibilidade de que produzisse mais dano do que alívio.

A respiração de Paul ressoava. Madame Duquesne falou entre lágrimas.

–Oh, doutor Vallerand, ajude meu filho, suplico-lhe...

–Madame –disse Celia juntando toda sua coragem. Tinha que fazer algo ou o menino morreria ante seus olhos. – Meu marido necessitará de uma faca afiada e um pedaço de vara oca, de uns quatro ou cinco centímetros.

A anfitriã a fitou com os olhos arregalados e depois olhou para Justin. Ele assentiu brevemente e então a mulher se precipitou em busca do que haviam pedido. Quando saiu do cômodo, Justin se aproximou da cama e afastou o cabelo do menino para trás para contemplar seu pequeno rosto enfermo enquanto lutava para respirar.

Com cuidado, Celia derramou água fervendo na bacia.

–Deveriam ter chamado ao médico muito antes – disse em inglês. – Talvez chegue antes que façamos algo.

–Conheço Dassin – disse Justin, arrancando o fedorento cataplasma que o menino tinha no peito. Usou um lenço para limpar a área. –É um homem irascível. Trouxe ao mundo a mim e a Philippe. Embora duvide que isso conte como um dos seus maiores sucessos.

Celia fitou-o com desespero.

–Justin... não sei se poderei fazer isto.

–Então diga-me o que tenho que fazer.

Ela hesitou e negou com a cabeça.

–Não. Vi como se faz. Se posso recordar como meu pai... – Concentrou-se e franziu o cenho.

– Quase não respira – alarmou-se Justin, e sacudiu o menino pelos ombros. O garoto estava inconsciente.

O cérebro de Celia começou a funcionar de uma forma metódica e veloz. Madame Duquesne entrou no cômodo e Celia a deteve, pegando a faca e a vara de suas mãos.

–O doutor necessita de privacidade – disse com firmeza. –Por favor,

madame, nos dê alguns minutos.

–*Oui*, se isso é o que deseja, mas preferiria ficar e...

– Alguns minutos – repetiu Celia, e a fez sair do cômodo antes de fechar a porta. Depois lavou as mãos, lavou a faca e o bambu e sentou-se na cama.

Justin inclinou a cabeça do menino até que a garganta ficou exposta. As mãos de Celia tatearam sobre o pescoço com a faca, tremendo ligeiramente. Rezava para não cortar no lugar errado, pois abriria uma veia e o menino poderia sangrar até morrer.

–Vamos lá – disse Justin com calma.

Ela sussurrou uma oração e depois realizou uma incisão na base da garganta. Minou um pequeno jato de sangue e ela introduziu a vareta no orifício. Mordeu o lábio até que lhe doeu. De repente, notou o ar sair através do tubo. Paralisada, Celia observou e escutou, assegurando-se de que a respiração não se detinha.

–Graças a Deus – suspirou, e estremeceu de alívio.

Justin soltou o ar e limpou as gotas de sangue.

–E agora o que se faz? –Perguntou.

–A vara permitirá que respire até que a garganta limpe. Em um par de dias poderão retirá-la. Cicatrizará rápido... desde que o corpo vença a doença.

Nesse momento bateram à porta e se ouviu a voz de madame Duquesne.

–Doutor Vallerand? O doutor Dassin chegou.

Dassin entrou no cômodo com sua maleta. Era um homem baixo, mas de aspecto distinto, com uma presença intimidadora. Sua roupa estava fora de moda: calças até o joelho, uma jaqueta comprida com motivos florais e um sobretudo com ombros muito estreitos. Usava também uma peruca cinza que não se ajustava bem à sua cabeça. Seus perspicazes olhos cinza passaram de Celia para Justin. Este o fitou sem pestanejar, consciente de que Philippe e Dassin haviam sido grandes amigos.

Nos olhos do doutor pode perceber um brilho de esperança e ilusão, mas logo suspirou com amargura. Aproximou-se da cama e examinou o trabalho de Celia, e sorriu quando o menino voltou a recuperar a consciência.

–Ah... *c'est bien*... não tente falar, *mon fils*. –Olhou para Celia e para madame Duquesne. –Ele está bem... No momento tudo está certo. O doutor Vallerand controlou a situação. Será melhor que as mulheres saiam para que possamos discutir o diagnóstico.

Celia olhou para o velho médico com receio enquanto lavava as mãos. A

contragosto, obedeceu e seguiu madame Duquesne para fora do cômodo. Dassin abriu sua maleta e remexeu em seu interior.

–Fui bastante tonto para acreditar que encontraria aqui a Philippe Vallerand –disse com voz rouca. –Mas eu não sou como esse bando de idiotas daí de baixo que não descobriram sua argúcia. Eu trouxe os dois ao mundo. Jamais tive dificuldade para diferenciá-los.

–Parabéns – disse Justin com ironia.

–Seu irmão curava as pessoas. Era sua vocação e sua paixão. Você, no entanto... – Interrompeu-se e soltou uma amarga risadinha. –Eu deveria supor que sobreviveria. Sangue ruim. Em seu caso serviu para algo, eh?

–Evidentemente.

– Após a morte de sua mãe, pareceu-me interessante observar como os anos de negligência fizeram com que Philippe se dedicasse a algo bom enquanto você se convertia em um valentão sem escrúpulos. Philippe tentou convencer-me muitas vezes de que possuía virtudes latentes, mas eu sempre mostrei-me descrente.

–Vai manter minha identidade em segredo? –Perguntou Justin com impaciência.

–*Oui*. Mas só o farei por Philippe. Creio que ele teria preferido assim.

Justin foi até a porta.

–É uma sorte para mim que Philippe fosse tão querido por aqui.

E saiu para topar de frente com Celia, que o estava esperando.

–Sabe? –Perguntou ansiosa.

–Começo a perguntar-me quem não sabe.

–Dassin manterá o segredo?

–Disseme que sim. Por Philippe. –Franziu o cenho e alisou o cabelo.

–Qual é o problema? O que lhe disse?

Justin fitou-a com os olhos apertados.

–Não tem importância.

Ela examinou-o e, apesar de seu rosto inexpressivo, ela sentiu sua tristeza, seu sentimento de culpa e seu desespero.

–Falou-lhe do passado, não é? –Perguntou com tato. –Mas o passado já não importa. –Segurou-lhe o braço e o levou até um canto afastado. Se pôs nas pontas dos pés, rodeou-lhe o pescoço com os braços e deu-lhe um suave beijo na bochecha. Philippe e ele haviam perdido a mãe ainda meninos e seu pai, amargurado, havia-se descuidado deles. Como um menino não iria rebelar-se em semelhantes circunstâncias? Sendo Justin o irmão de maior

personalidade, havia precisado de mais disciplina e atenção, e havia sofrido mais ao não tê-las. –Agora tudo é diferente. Nada do que faça conseguirá que eu deixe de amá-lo ou de acreditar em você, nada...

Ele envolveu sua cara com as mãos e beijou-a com urgência. Ela se apertou contra ele e correspondeu ao beijo.

–Amo você – disse depois, apoiando a testa na de Celia. –Deus, odeio saber que tenho muito a perder. Se pudesse tê-la pelo resto de minha vida, não pediria nada mais.

–Justin – disse ela em voz baixa, e ele soltou-a antes que seu desejo se descontrolasse. Fitaram-se com frustração, ânsia e amor.

Ele suspirou.

–Temos que descer. A estas alturas, meu pai seguramente tem Bayonne com as costas contra a parede. Meu Deus, não me surpreenderia com nada que aconteça nesta noite.

Celia assentiu e segurou-lhe o braço, permitindo que ele a conduzisse escadaria abaixo.

Quando chegaram à zona central da casa com seus tetos de sete metros de altura e suas enormes luminárias de lustres, Celia sentiu uma chispa de alarme. Sentiu a proximidade de Legare ainda antes de vê-lo diante do relógio de bronze que havia na mesa de madeira laqueada. Passava um par de minutos da meia-noite. O braço de Justin ficou tenso sob os dedos de Celia. Fitou a face de traços afilados de Legare.

Este foi o primeiro a falar.

–Doutor Vallerand. –Disse com frio regozijo e mostrou os dentes em um largo sorriso, – estava procurando-os.

Capítulo 10

Justin olhou impassível para Legare.

–Antoine Bayonne, certo?

Celia mal podia perceber as pessoas que cruzavam o vestíbulo, ou a música, a dança e as risadas dos convidados. Nenhum deles, entretanto, estava consciente de que os dois piratas mais procurados do Golfo estavam mantendo uma conversa educada e insignificante. Ela também olhou para Legare enquanto as recordações lhe golpeavam a mente: o convés do barco coberto de cadáveres... as costas ensanguentadas de Philippe... a cara inchada de André...

–Vá, Celia – disse Justin com calma, segurando a mão que ela tinha em seu braço. –Está tudo bem. Vá até Maximilien.

Ela se agarrou a ele como um náufrago à madeira e olhou para Legare com os olhos bem abertos. Não teria podido mover-se ainda que tivesse querido. Justin desistiu de tentar convencê-la e voltou a se concentrar naquele canalha.

–Está correndo um grande risco – disse. –Poderia fazer com que o prendam em questão de minutos.

–Você também o seria. E nos enforcariam juntos.

–Não seria tão mal se você fosse o primeiro.

–Antes de tomar qualquer decisão, escute-me. Quero contar uma história, doutor, Vallerand. Começa na ponte de comando de um barco capturado por alguns piratas. A heroína da história é uma adorável mulherzinha loira. – Sorriu em direção a Celia. –Ela tentou negociar para salvar sua vida e a de seu marido. Nos advertiu de que havia um Vallerand a bordo. Esse sobrenome, é claro, é muito conhecido por suas conotações de privilégio e poder. Que seu marido fosse médico nos interessou, e ao não encontrá-lo entre os reféns decidimos pescar entre os corpos que havíamos jogado ao mar. E dessa maneira demos com o esquivo Vallerand. Estava muito maltratado, o pobre, mas continuava vivo. –Deteve-se para observar o efeito que suas palavras causavam. Celia fitou-o como um coelho assustado. Justin, em silêncio, pensou em várias possibilidades de como esquartejar aquele

bastardo. Não acreditou em uma só palavra.

–Mente – disse sem mais.

Legare prosseguiu como se ele não tivesse falado.

–Após decidir que poderia me ser útil, mandei que o levassem à ilha dos Corvos e o prendessem. Sendo um puro sangue duro de briga, sobreviveu a suas feridas. Chegando a esse ponto, devo reconhecer que minhas múltiplas preocupações, entre elas encontrar ao assassino de meu irmão, fizeram com que esquecesse de meu Vallerand durante alguns meses. Até que um comentário incrível chegou a meus ouvidos. Acompanhei um de meus fiéis carcereiros ao labirinto de túneis que corre por debaixo da fortaleza e, para minha surpresa, encontrei-me com a viva imagem de meu barbudo inimigo, o capitão Griffin! Após submetê-lo a diversos métodos de persuasão, o prisioneiro admitiu que tinha um irmão gêmeo. Chegaram a mim então rumores provenientes de Nova Orleans a respeito de que Philippe Vallerand havia voltado para sua família após ter escapado das garras da morte. Assim, então, dado que o doutor Vallerand continuava gozando de minha hospitalidade, decidi fazer-lhes uma visita. Uma história divertida, não acha?

Justin fitou-o. Sua face empalideceu sob a camada de sua pele morena, enquanto os olhos cintilavam com ferocidade.

Duas lágrimas corriam pelas bochechas de Celia.

–Philippe está... vivo? –Perguntou sem poder evitar. Legare sorriu-lhe meio de lado.

–Por que está tão angustiada, madame? Parece que as coisas com ambos os irmãos vão indo bem.

Justin segurou a cara de Celia com ambas as mãos obrigando-a a fitá-lo.

–Mente – disse. –Philippe está morto.

Legare sorriu.

–Está seguro disso?

–O que quer? –Desafiou Justin.

–A maioria de seus homens já se uniu a mim, Griffin. Não resta nada de sua insolente tripulação. Comporte-se como um homem inteligente, sabe que será inútil fugir de mim. Pode esperar que acertemos as coisas entre nós no momento que eu escolha, ou pode escolher ganhar algo. Gostaria de levar a cabo uma troca. Você por seu irmão.

Justin não reparou que Celia lhe fincava as unhas.

– Ainda que aceitasse que o retém, o que o faz crer que arriscaria minha vida pela dele?

– Na ilha aceitou lutar por sua esposa... – observou Legare, sem necessidade de acrescentar que havendo-se arriscado por sua esposa, sem dúvida se arriscaria por seu irmão.

Justin continuou com ar impassível.

–Quero uma prova do que diz – exigiu. –Depois fecharemos um acordo.

–Se o que pretende é ganhar tempo...

–Não é isso. –Justin fez um gesto para o salão e estalou a língua. – Acreditei que parecia óbvio que tempo é algo que mal posso me permitir. E você não quer gastá-lo se o que deseja é ter-me à sua mercê em vez de que as autoridades o prendam.

–Deseja uma prova? Envie um de seus homens, Risk ou qualquer outro, à ilha. Permitiremos que veja seu irmão e o deixaremos sair são e salvo. – Olhou para Justin e depois para Celia. –Agora tenho que ir. Meus mais cordiais parabéns, madame. *Bon soir*.

Justin viu Legare sair pela porta principal como se nada tivesse acontecido. Seus olhos azuis não se desprenderam dele até que aquele canalha esteve fora de sua vista. Olhou para Celia, cujas silenciosas lágrimas haviam cessado de um modo tão abrupto como haviam começado.

–Tenta enganar-nos – sussurrou ela. –Não deixe que ele...

–Shhh... – Justin fez com que levantasse a cabeça e o fitasse. Teria dado sua vida nesse mesmo instante se com isso pudesse apagar o horror que os olhos dela refletiam. Sentiu o imenso amor que lhe professava, fluindo entre ambos, eliminando qualquer rastro de frieza ou temor.

Ela fechou os olhos e apertou-lhe as mãos. Aquele apertão pareceu comovedor. Ele não soube quanto tempo permaneceram ali, e tampouco lhe importava quem pudesse tê-los visto, simplesmente deixou-se levar pela calidez de Celia, até que a voz de seu pai o tirou daquele estado.

–Encontrou Legare, não é verdade? O que disse? Onde está?

–Pai. –Justin soltou Celia e colocou-se diante de Max. –Saiu – disse em voz baixa. Não tinha vontade de dar voltas nem havia tempo para subterfúgios. –Afirma que Philippe continua vivo. Que o tem como prisioneiro na ilha.

–O quê...? –Max abriu os olhos arregalando-os.

–Não faremos nada nesse momento. Se as autoridades navais e civis se meterem, Philippe pagará com sua vida. Tenho que encontrar Risk. Celia lhe explicará. Cuide dela.

Max amaldiçoou baixinho e tentou deter seu filho, mas Justin se foi sem

acrescentar uma palavra.

Cavalgou até a casa do lago, onde Risk estava. Durante o trajeto, uma fina névoa impregnou seu cabelo e suas roupas, mas ele não notou nem a umidade nem o frio. A casa estava às escuras. Empurrou a porta e entrou sem se anunciar. Ouviu o clic de uma pistola.

–Sou eu – disse.

Risk acendeu um pequeno lampião e olhou-o através do brilho amarelado, com seu único olho cintilando como o de um gato. Baixou a arma.

–O que aconteceu?

–Tem notícias de Aug? – Perguntou Justin.

–Não.

–Legare aceitou-o entre os seus?

–Assim parece. –Risk enrugou o cenho, esperando que seu capitão lhe explicasse o que fazia ali.

–Vi Legare esta noite – disse Justin, e sorriu quando Risk ficou boquiaberto. Contou-lhe do encontro com todos os detalhes. Quando chegou à parte da troca, Risk explodiu.

–Maldito filho da puta! Quer tê-lo à sua mercê sem oferecer-lhe o direito de morrer com a espada na mão. E uma vez que o tenha à sua mercê, o torturará, tirará suas tripas e fará mil e uma canalhices até que suplique que o mate.

–Se Philippe continua vivo, não tenho escolha.

Risk balançou a cabeça.

–Está louco, Griffin. Se tem Philippe, restará bem pouco do pobre homem. Apostaria o que fosse que seu irmão está no fundo do mar e não na fortaleza de Legare. E o que acontece com a franguinha que o espera na propriedade? Desde que o conheço, jamais havia visto que desejasse algo com tanta intensidade.

Justin o olhou furioso.

–Está sugerindo que deixe que meu irmão apodreça na ilha para assim ficar com sua mulher?

Risk deu de ombros.

O primeiro impulso de Justin foi impingir-lhe um sermão, mas se conteve ao compreender que o foco de Risk era o mesmo que teria a maioria dos homens com que havia trabalhado nos últimos anos. Tomar o que deseja sem importar o dano que causasse aos demais. Ele mesmo havia acreditado nessa filosofia durante muito tempo. Mas já não podia continuar vivendo desse

modo. E não poderia olhar-se no espelho se desse as costas a seu irmão, seu gêmeo, ainda que isso significasse perder Celia em favor de Philippe.

–Tenho que saber se meu irmão está vivo – disse Justin. – Irá à ilha?

–Sim. Irei à maldita ilha. E verei se a afirmação de Legare é correta. Pode contar comigo, Griffin.

–Bem.

–Mas só se me prometer que depois voltará a ocupar seu lugar à frente do *Vagabond*...

–Esqueça isso. Já disse a você. Abandonei. Dei-lhe o barco...

–Não quero o maldito barco! –Explodiu Risk. –Não entende que os homens não querem me seguir? Não fui feito para liderá-los, e tampouco quero fazê-lo! Não tenho o dom do comando. Ou sigo a algum outro ou também deixo de piratear!

Justin fitou-o com os olhos entrecerrados.

–Já não posso continuar – disse. –Acreditava que continuaríamos assim até o final dos tempos?

–Pois claro! –Esbravejou Risk zangado.

Justin sacudiu a cabeça.

–Não me venha com o teatrinho de se sentir traído. Tirou bom proveito de nossas andanças. Por que não relaxa e desfruta de seus ganhos? Poderia ter uma vida.

–Eu não quero outra vida. Quero a mesma. A mesma que sempre levei.

–Já não é possível –insistiu –Ambos mudamos.

–Não, eu continuo sendo o mesmo. O único que mudou foi você.

Uma vez que o terror se dissipou, Celia dormiu exausta e voltou a sonhar com Philipe. Estava se afogando e ela estendia os braços, mas Legare aparecia a suas costas e lhe falava ao ouvido. Despertou sobressaltada.

O que aconteceria se Philippe estivesse vivo? Não queria nem imaginar o que teria padecido. Pobre Philippe...

E se lhe haviam torturado e privado de alimento? Precisaria de alguém que cuidasse dele e o ajudasse a recuperar-se.

Estava assustada, não só por Philippe, mas também por si mesma e por Justin. Legare lhe havia parecido tão confiante e arrogante essa noite, tão seguro de conseguir exatamente o que desejava... Pensar em Justin à mercê de Legare parecia demasiado assustador. Faria tudo que estivesse em suas mãos para que isso não chegasse a acontecer.

Uma torrente de preocupações sacudiu sua mente. Se de algum modo milagroso Philippe regressasse para casa, ela continuaria sendo sua esposa. Deveria a ele lealdade e apoio durante o resto de seus dias. E perderia Justin. Celia afastou de si tal possibilidade. Havia amado Philippe com todo seu coração, mas entre eles não houve nem a magia, nem o sexo, nem a ternura, nem a sensualidade que compartilhava com Justin. Bom Deus, como poderia suportar amá-lo e não o ter, estar longe dele para sempre?

Remexeu-se entre os lençóis, retorcendo o suave linho entre seus punhos. Não faltava muito para a alvorada. Quando Justin voltaria? E se Risk confirmasse o que foi dito por Legare, o que Justin faria?

De repente ouviu passos e sentou-se rapidamente na cama. Os passos foram se aproximando e subiram as escadas até sua porta. O coração lhe batia descontrolado. Justin voltava para ela. Desceu da cama e foi até a porta justo no momento em que ele a abria. Levantou-a nos braços e ela passou as mãos pelo cabelo dele enquanto lhe beijava freneticamente o pescoço. Absorvidos em uma paixão desesperada, entregaram-se a um desejo que não deixou lugar para as palavras.

Ela se jogou para trás procurando um equilíbrio que lhe resistia e o beijou no queixo, na mandíbula, na boca. Justin respondeu com ânsia, abrindo-lhe os lábios, introduzindo sua língua e sugando. Apesar das calças, ela sentiu a poderosa ereção contra seu pulsante púbis.

Seus quadris se esfregaram seguindo um lento ritmo que coincidia com os movimentos de sua língua. Ela deixou escapar um gemido, sentindo crescer o prazer em ondas ardentes. Consciente do que ia ocorrer, tentou liberar sua boca, mas já era demasiado tarde; a suave convulsão já a havia invadido. Ofegando, abraçou-se a Justin e continuou o frenético compasso de seus quadris. Quando o último espasmo abandonou seu corpo, ele a depositou no chão e lhe tirou a camisola pela cabeça.

Ela o ajudou a desnudar-se e lhe acariciou o corpo enquanto se dirigiam à cama. Sua escura silhueta se moveu sobre ela após deitá-la no colchão. Ela sofreu a deliciosa agonia a que Justin a submeteu com seus beijos, lambidas e mordiscadas nos mamilos antes de meter-lhe uma mão entre as coxas. Ela as separou ansiosa, dando as boas vindas a seus dedos invasores. Inclinando-se sobre ela, beijou-a para sufocar seus gemidos.

Ela esfregou-lhe os ombros, passando a ponta dos dedos pelas cicatrizes e os músculos das costas. Com um suave ronronar, Celia baixou a mão até os quadris e nádegas de Justin, deixando a marca de suas unhas. Ele grunhiu

levemente, colocou-se em cima dela e a montou, imobilizando-a entre suas poderosas coxas. Trêmula, ela estendeu os braços para ele e moveu os quadris para recebê-lo.

–Justin... – ofegou. –Oh, Justin, tome-me agora... agora...

Ele lhe agarrou os pulsos e os subiu por cima da cabeça. Ao fitá-lo, ela pensou que Justin continuava conservando o sombrio toque indômito que tinha quando o havia conhecido na ilha dos Corvos. Inclinou a cabeça e beijou e lambeu seus peitos até que ela emitiu um gritinho. Só então penetrou-a com uma suave investida, abrindo caminho até o úmido centro de seu ser.

Respirando asperamente, retirou-se alguns centímetros e depois voltou a penetrá-la até o fim, com o rosto contorcido e os dedos emaranhados em sua cabeleira dourada. Ela colaborou em cada investida, levantando as costas e cravando os calcanhares no colchão. Tinha-o rodeado com seus braços, mas em pouco também o rodeou com as pernas, apertando-se completamente contra ele. Justin, possuído pela luxúria, não pôde conter durante muito tempo a explosão de sua semente. A ardente excitação se dissolveu em uma corrente de satisfação. Justin apertou-a com força, quase sem fôlego.

Quando conseguiu voltar a mover-se, deitou-se de costas e ela se colocou em cima. Justin lhe afastou o cabelo da cara e a fitou nos olhos. Queria dizer-lhe cem coisas diferentes, mas foi incapaz de abrir a boca. Ela esboçou um sorriso e beijou-o levemente. Ele deslizou as mãos de seus ombros até seus brancos seios, acariciando-a com deliciosa provocação. Celia estava montada sobre ele e inclinou-se para trás em lasciva provocação. Justin voltou a se excitar, então agarrou-a pelos quadris e a colocou sobre seu membro rígido. Ela guiou sua entrada com as mãos e ambos deixaram de respirar quando ela o recebeu por completo em sua vagina.

Justin sussurrou seu nome. Ela semicerrou os olhos e começou a subir e descer seguindo um ritmo irresistível. Embriagado de sensualidade, Justin se adaptou ao movimento, saboreando o corpo miúdo de Celia. Acariciou-a de cima abaixo. Proporcionando-lhe um leque de sensações que não demoraram em levá-la ao clímax com um estremecimento relaxante. Ele conseguiu um orgasmo sem a profundidade do que havia alcançado minutos antes, embora mais extenso e mais lento, e teve a impressão de que o prazer se estendia por todo seu corpo.

Celia relaxou e apoiou a cabeça em seu peito.

–Justin, –sussurrou –o que vai ser de nós?

–Shhh, coração... Não vamos falar disso até que saibamos com certeza se Philippe está vivo.

–Mas o que acontecerá se estiver? O que fará...?

Ele pôs um dedo sobre os lábios dela para fazê-la calar. Ela queria fazer-lhe mais perguntas, mas ele voltou a sibilar e começou a acariciar-lhe o pescoço e as costas. Ela começou a soluçar, as lágrimas caindo sobre o peito de Justin. Parecia-lhe algo absolutamente natural estar entre seus braços, mas sabia que não era certo. Nas vezes anteriores acreditava ser viúva, mas agora, ao entregar-se a Justin sabendo que havia a possibilidade de que seu marido estivesse vivo, havia traído de verdade a Philippe.

–Não deveria amá-lo – disse, beijando-lhe o pescoço e os ombros, com os olhos inundados em lágrimas. –Em nenhum momento quis apaixonar-me por você.

–Eu sei. –Abraçou-a com força. –Eu sei.

–O que sentia por Philippe não se parecia com isto, ainda que eu...

–Não compare. Não seria justo para ninguém.

–Mas quero que entenda – insistiu ela. –Eu... eu nunca poderia tê-lo amado assim, nunca...

–Entendo – disse ele, e beijou-a até que deixou de falar.

De repente, Celia sentiu-se exausta e fechou os olhos.

–Não me deixe só – resmungou.

–*Non, petite coeur...* – Beijou-lhe a testa e abraçou-a até que dormiu.

O som de um sino rompeu a quietude do amanhecer. A plantação começava a despertar, realizavam-se as tarefas, preparava-se o desjejum e ouviam-se abafadas vozes ao longe ainda sonolentas. Justin e Max haviam saído da casa principal e caminhavam pelo longo caminho da plantação, sem prestar atenção ao que ocorria ao redor enquanto falavam. Suas longas passadas coincidiam perfeitamente, e suas cabeças estavam inclinadas exatamente formando o mesmo ângulo. Atravessaram a área gramada enquanto o vento espalhava as folhas das árvores a seus pés.

Justin olhou para a *garçonnière*. Celia ainda dormia. Havia querido despertá-la antes de ir embora, mas havia percebido as linhas de cansaço em seu rosto. Precisava descansar para poder enfrentar as duras jornadas que os esperavam.

Max seguiu o olhar de seu filho.

–Preocupa-se por ela, não é?

–E para você parece errado, não?

– Não, não me parece errado. Eu teria intervindo se tivesse acreditado que estava se aproveitando, mas não parece o caso. Desde o primeiro momento se produziu uma espécie de... de ajuste entre vocês, e não me pareceu inadequado. –Max deteve-se e acrescentou com ironia. –Surpreendeu-me que Celia o atraísse.

–É uma mulher linda – apontou Justin.

–Sim, mas sua beleza é sutil. E suas qualidades pessoais... sua inteligência, bondade, dignidade... Não é o tipo de mulher que poderia interessá-lo.

–Trata-se de algo mais que interesse – murmurou Justin.

–Então sente algo por ela. Mas o que acontecerá se Philippe estiver vivo? Justin meteu as mãos nos bolsos e olhou para o chão com frustração.

–Não a afastarei de seu lado. E creio que ela tem muito em conta as questões de honra para abandoná-lo.

–Há a possibilidade de que o afirmado por Legare não seja mais que uma armadilha...

–É possível, mas creio que Philippe esteja vivo. – A voz de Justin evidenciava determinação. –Jack Risk foi à ilha para comprová-lo. Regressará amanhã pela noite com as notícias. Se têm Philippe, juro que o trarei de volta são e salvo. Colocarei minha vida nisso.

–Não quero que dê sua vida por nada – disse Max sem pensar. Fitaram-se nos olhos. –Encontraremos algum modo de fazê-lo, *mon fils*. – Os olhos dourados refletiram ansiedade e amor paterno. – Sua vida é tão preciosa para mim como a de seu irmão.

Por alguns segundos, Justin sentiu-se desconcertado. Seu pai sempre havia se mostrado distante e comedido. Vê-lo mostrar suas emoções incomodou-o, despertando um desejo que não sentia desde que era criança.

–Não há outro modo... – começou, mas Max o interrompeu, mais alterado do que Justin jamais o havia visto.

–Crê que não o entendo? Parece-se comigo, Justin, muito mais que Philippe. Durante anos se deixou levar pela ira e a culpa, assim como eu. Cometeu os mesmos erros. Não foi culpa sua que eu não lhe dei a orientação que precisava. Estava muito absorto em minha própria dor e minha própria amargura, e isso me levou a dar as costas a meus filhos. Me reprovarei por isso durante o resto de minha vida.

–Não foi sua culpa que eu me tornasse um ser imoral – resmungou Justin.
–Não sou como você, sou mais parecido com... ela.

–Como sua mãe? –Seus pensamentos se reportaram ao distante tempo em que havia estado casado com Corinne. –Era egoísta e manipuladora, Justin. Mas não era o demônio. Acreditava nisso, que seu destino indicava que ia ser um sem-vergonha porque era seu filho? Não tem nem uma gota a mais de seu sangue do que Philippe pode ter.

–Sim, mas ele... – Justin apoiou seu peso na perna sã e afastou o olhar. – Ele era o bom.

–Isso não faz sentido.

– Ah, não? O que sei é que Philippe era tudo o que eu queria, mas não podia ser. –Uma onda de calor subiu-lhe pelo pescoço enquanto se esforçava para expressar em palavras algo que jamais havia comentado com ninguém. Que estranho que o impulso de fazer seu pai entender fosse quase tão forte como o de dizer a Celia que a amava.

Sempre havia mantido seus sentimentos ocultos, temeroso de que pudessem usá-los contra ele. Agora parecia disposto a confessar-lhe tudo, como se não pudesse evitá-lo. –Durante muito tempo não entendi por que se havia ido, – disse – nem por que você ficou tão frio e amargurado. Acreditei que tudo era culpa minha, que se tivesse me comportado bem, se tivesse sido como Philippe, ela não lhe teria sido infiel. Que ela teria cuidado de sua família. Que ainda continuaria com vida e você...

–Não – replicou seu pai, taxativo. – Não tinha nada a ver com você. Olhe para mim! –Ordenou. – Não importa o que fez nem como se comportou, não poderia ter mudado nada. Não foi culpa sua. Conseguirei que acredite nisso ainda que tenha que reperti-lo mil vezes.

A brisa invernal soprava suavemente, enchendo o ar com o sussurro das frondosas árvores e o aroma dos ciprestes. Justin olhou para seu pai sem pestanejar. Oh, Deus. Tanto se havia corroído sua capacidade de autodomínio? Livrou-se como pôde daqueles sentimentos e esboçou um sorriso.

–Não é necessário – disse. –Eu acredito.

–Então entenderá que não tem porque redimir-se entregando sua vida em troca da de Philippe.

–Meus motivos não são tão nobres. Trata-se de algo prático. Sou o único que pode tirar Philippe do atoleiro. Você tem contato com as autoridades civis e a Marinha, mas não poderia encontrar um homem que soubesse nem a

décima parte do que eu sei sobre Dominic Legare e a ilha.

–E se recupero Philippe e perco você? –Perguntou Max.

Justin sorriu.

–Se importaria?

Max franziu o cenho e agarrou a seu filho pela nuca, como um lobo faria com um filhote travesso. Se esse gesto tivesse sido feito por um homem de estatura menor que Max talvez tivesse parecido ridículo.

–Claro que me importaria! É o que estava procurando lhe fazer entender.

Justin continuou sorrindo.

–Você também me importa, pai.

–Não quero perdê-lo – disse Max com expressão austera.

–E não me perderá se não interferir.

Max o soltou a contragosto, recordando que Justin não gostava que o tocassem.

Puseram-se a andar novamente e Max disse de forma abrupta: –Há algo que não queria comentar até que o assunto estivesse resolvido. Agora creio que deve estar ciente.

–Do que se trata?

–O comandante Matthews e o tenente Benedict estão preparando uma força para atacar a ilha. Estão planejando já faz tempo.

Justin se deteve em seco.

–O quê? Desde quando o sabe?

–Faz algumas semanas.

–Por que diabos não me havia dito? – Justin perguntou com irritação.

–Não acreditei que tivesse que sabê-lo.

–Maldito seja. E quando levarão a cabo essa suposta expedição?

–Depois de amanhã.

–Depois de am... – Justin explodiu. – Idiotas! Perderão muitas vidas. No porto da ilha há uma frota de barcos muito bem armada. Perderão a metade de seus efetivos antes que Matthews se aproxime o bastante para disparar sobre a ilha!

–É possível. Mas Legare se converteu em uma ameaça muito grande. Não podem permitir que continue suas atividades sem enfrentá-lo. Creem que a ajuda do Exército lhes dará a força necessária.

–Falou de Philippe a Matthews? Disse-lhe que talvez esteja aprisionado na ilha?

–É claro que não. Se o tivesse feito, as autoridades teriam vindo prendê-lo

de imediato.

–Tem que ir ver Matthews e o tenente Benedict e explicar-lhes tudo, pai. Sobre mim e Philippe e toda a completa farsa.

–Nem pensar. Se espera obter seu perdão, *mon fils*, não demorará em descobrir que não é o que têm pensado para você. Ao chegar a manhã, estaria pendurado na forca.

–Posso lhes ser útil. Tem que descobrir qual é o plano de ataque, saber o que vão fazer com total precisão, a cada minuto. Convencê-los de que esperem até que faça a troca por Philippe. Desse modo meu irmão estará a salvo.

Seu pai o fitou impassível.

–E que ajuda então poderá oferecer à força naval?

–Terei alguns de meus homens na ilha. Aug os mantém ocultos ali. Então liderarei um ataque no interior da fortaleza. Diga a Matthews que faremos Santa Bárbara explodir e que utilizaremos os canhões da fortaleza para impedir as defesas do porto. Enfraqueceremos sua posição desde dentro. Então a esquadra naval poderá tomar a ilha sem muita resistência. Matthews terá que aceitar.

Max sacudiu a cabeça.

–Há muitas possibilidades de que algo dê errado.

–Sempre é assim. –Justin fitou-o, surpreendido por um sentimento de companheirismo que jamais havia experimentado com seu pai. –Temos que fazê-lo desse modo. Por Philippe. Tem que fazer Matthews entender que posso ajudá-lo.

Max franziu o cenho, mas não contestou.

Justin sentiu-se aliviado ao ver que seu pai o faria.

–Pai... suponho que entenda que depois de tudo isso terei que desaparecer.

–Ainda estou tentando conseguir o indulto para você.

–Nem sequer você tem dinheiro suficiente ou influência para isso. Se não me prenderem, irei embora e espero que me dêem por morto.

–E nunca mais voltaremos a vê-lo – disse Max sem alterar-se.

Justin hesitou.

–Não.

–E o que acontece com Celia?

Ao ver que não respondia de imediato, Max olhou para seu filho. A expressão de Justin era tudo menos feliz.

– Ficaré melhor com Philippe – conseguiu dizer. –A única vida que eu poderia lhe oferecer... não é a que quero para ela.

Após voltar para a casa, Justin manteve-se ocupado durante o resto do dia em pequenas tarefas, reparando algumas tábuas soltas na torre do sino e participando da retirada de uma árvore caída que havia bloqueado parcialmente a estrada da propriedade. Enquanto trabalhava lado a lado com os escravos, refletiu sobre a ironia de que, tanto na ilha dos Corvos como na maioria das tripulações piratas, os negros gozavam da mesma liberdade, estima e autoridade que qualquer homem branco, enquanto que no mundo civilizado se viam reduzidos à escravidão. O valor de um homem como Aug, inteligente e perspicaz, capaz de organizar homens e de levar a cabo planos que requeriam habilidade e criatividade, jamais seria reconhecido na plantação. Ali Aug não poderia sentar-se à mesa e compartilhar a refeição com ele. Sua amizade ficaria submetida às injustas restrições daquela sociedade hipócrita. Justin compreendeu que sua amizade com Aug e os anos de luta e convivência passados junto à sua tripulação haviam mudado sua maneira de pensar.

Apesar de haver muitos libertos em Nova Orleans, e de ser prática comum entre os brancos ter uma mulata por amante, se se descobrisse que um homem com uma só gota de sangue negro nas veias se deitava com uma branca, o enforcariam. Pouco depois de regressar a sua casa, Justin atreveu-se a perguntar a seu pai se acreditava que havia algo errado naquele sistema. Para sua surpresa, Max admitiu que dada a crescente prosperidade de seu negócio de navegação, havia considerado recentemente a possibilidade de libertar seus escravos. Justin esperava que o fizesse, mesmo sabendo que isso lhe causaria problemas, inclusive mais de um rechaço, entre as mais destacadas famílias crioulas e inclusive entre os próprios Vallerands.

Enquanto Justin trabalhava na plantação, Celia passou o dia com Noeline em um dos barracões dos escravos, cuidando de uma mãe e de seus dois filhos que haviam ficado doentes. Justin alegrou-se por manter-se distante de Celia. Não queria voltar a vê-la no momento, sabendo que ia perdê-la. Na noite anterior não havia podido sair de seu lado. Mas, quanto mais a amava, mais importante se fazia a segurança dela para ele, mais importante até que sua própria vida ou suas próprias necessidades. Estaria a salvo com Philippe, e chegaria a ser feliz ao seu lado. Isso era a única coisa que importava.

Risk avançava vindo da praia para a fortaleza iluminado pelo raio de luz avermelhado do entardecer. Em menos de um minuto foi rodeado por três homens, que ele manteve à distância com sua curta espada.

–Maldição, afastem suas garras! –Exclamou. –Estou aqui convidado por Nicky Legare, bastardos estúpidos.

Bramando insultos e advertências, os três homens o obrigaram a largar a espada, a pistola e a faca. Depois o acompanharam até a fortaleza. Risk não deixou de sorrir torto, lançando alegres exclamações quando via algum dos homens que haviam navegado com o capitão Griffin.

–Um traidor babão à vista!

Conduziram-no até os aposentos de Legare. Podia-se supor que um homem tão rico como Legare estaria rodeado de tesouros e refinamentos, mas, pelo contrário, seus aposentos tinham um ar espartano. Não havia obras de arte nem objetos luxuosos. Risk viu celas de confinamento que ofereciam comodidades maiores. Isso confirmou a opinião que Risk sempre teve sobre aquele homem: não devia ser totalmente humano. Legare estava sentado em um banco baixo e duro, com os braços apoiados na mesa retangular.

–Senhor Risk – disse Legare. A luz do lampião dava um toque carmesim a suas escuras pupilas. – Esperava-o.

Risk deu-lhe uma debochada reverência.

–Sim, Griffin me comunicou sobre seu convite, capitão Legare. Agora, se não se importa, me agradaria ver essa outra vítima de sua hospitalidade, aquele a que chama doutor Vallerand.

–Iremos visitá-lo, certamente. – Legare se pôs de pé e caminhou até ele. – E, no caminho, senhor Risk, talvez possamos discutir sobre alguns assuntos...

–Claro, os detalhes da troca.

–Talvez em primeiro lugar devêssemos falar de seu futuro.

–Fale tudo o que quiser – contestou Risk desafiadoramente. –Sou uma pessoa difícil.

Legare abriu a porta com a vista cravada na cara de Risk.

–Talvez não tanto como crê. Segundo meu ponto de vista, Griffin não o recompensou como era devido, senhor Risk. Fez algo por ele e nada lhe deu.

–Isso se conhece como lealdade – resmungou Risk.

–Uma lealdade muito cara. Cara para você.

–Está gastando mal sua saliva – disse Risk cortante.

–Ainda não acabei – murmurou Legare descendo até as masmorras da

fortaleza.

Risk o seguiu a um par de metros de distância.

Na tarde seguinte, Justin desceu até o pântano para esperar por Risk. Fazia vinte e quatro horas que não via Celia. Ela havia passado todo o dia e toda a noite com a mãe febril e os meninos no barracão dos escravos. Enquanto isso, Justin se asseguraria de que Risk lhe confirmasse o que já sabia. Seria um alívio confirmar que seu irmão estava vivo. Amava Philippe, e assim teria sido ainda que seu gêmeo não fosse a pessoa mais amável e honrada que já havia conhecido. Philippe nunca se viu exposto à real violência. Só Deus sabia o efeito que teriam causado nele aqueles cinco meses de cativeiro. Oh, ia gostar da beleza de matar Legare!

Os pensamentos de Justin foram interrompidos pela presença de Celia. Soube que era ela que se aproximava antes de ouvir seus passos ou sua suave voz.

–Justin... esteve me evitando.

–O que quer? –contestou ele, tentando que sua voz parecesse enérgica.

–Esperar com você.

Justin fitou-a. Ainda que a noite fosse fria, Celia não usava nenhuma capa nem xale. Seu vestido de manga comprida estava manchado de suor em parte do corpete e sob os braços. Sem dúvida estava cansada depois de dedicar tantas horas a cuidar dos enfermos. Cheirava a medicamentos em vez da lavanda, como era habitual nela. Usava o cabelo preso em uma trança irregular, com algumas mechas soltas que lhe caíam sobre a testa e as bochechas. Justin desejou cuidar dela, fazer com que tomasse um bom banho quente e lhe esfregar as costas.

–Vai se resfriar – disse.

–Não. No barracão fazia um calor asfixiante. Precisava de ar fresco. –Mas já começava a tremer devido á brisa que lhe esfriava o suor. Protestou quando ele tirou a jaqueta e a pôs nos ombros. – Justin, não o faça, *vraiment*, não tenho frio e... oh... – A lã grossa estava quente e ainda mantinha o cheiro de Justin. Aconchegou-se dentro do abrigo e ele sorriu. –Justin, –Perguntou em voz baixa –se Risk nos disser que Philippe está vivo, o que faremos?

Ele ficou sério.

–Falaremos disso quando estivermos seguros.

–Isso parece errado.

Ele estudou-a com seus olhos azuis escuros.

–Seja qual for o resultado, não será fácil para nós. Entende isso, não é?

Ela sorriu vacilante.

–Eu serei feliz se estivermos juntos. –Mas ele não respondeu e ela ficou séria. –Justin, –sussurrou –abrace-me, por favor.

Não poderia negar-se, ainda que sua vida dependesse disso. Rodeou-a com os braços antes de sequer pensar.

Seu pequeno corpo parecia mais volumoso com aquela jaqueta. Quando ela apoiou a cabeça em seu ombro, o calor de seu hálito se espalhou pela gola da camisa e roçou sua pele. Recostou-se em Justin enquanto ele observava o pântano.

–Sonhei várias vezes com Philippe – disse com ar distante. –Em todos os meus sonhos estava se afogando e eu esticava os braços para ele. Mas nunca podia salvá-lo.

–Logo o terá de volta.

–O que quer dizer...?

–Shhh. –Afastou-a de si com cuidado ao ver aproximar-se um barco.

Era Risk, remando lentamente, com o cabelo coberto por um lenço. Olhou por cima do ombro para eles e sorriu. Justin caminhou até a margem para segurar o barco enquanto Risk saltava à terra. Olhou primeiro para Celia.

–Está vivo? –Ela perguntou sem rodeios.

–Sim – disse Risk sorrindo. –Vivo, são e ansiando vê-la.

Justin franziu o cenho. Celia era muito inocente para saber que, entre os marinheiros, a palavra "ânsia" tinha uma conotação puramente sexual.

–Trataram-no mal? –Perguntou Celia.

–Mantiveram-no preso em uma cela nas masmorras – disse Risk olhando para Justin. – Já sabe quais. Usavam-nas quando os barracões dos escravos caíram e necessitavam de mais espaço. Por todos os santos, é idêntico a você, Griffin!

–Viu Aug na ilha? –Perguntou Justin.

–Não, não pude...

Celia interrompeu-o surpreendida.

–Aug está na ilha?

Fez-se um silêncio. Justin segurou-a pelos ombros e fitou-lhe os olhos.

–Volte para casa – disse-lhe.

–Não é necessário, ficarei calada e não direi nem uma palavra...

– Volte para casa – repetiu com suavidade mas carrancudo. Ela baixou o

olhar e se foi, amaldiçoando para si por não ter mantido a boca fechada.

Lysette estava embalando Rafe para fazê-lo dormir enquanto Evelina brincava com suas bonecas. Angeline, a mais nova das irmãs, estava inquieta e entediada, e Celia decidiu levá-la ao salão e brincar de inventar histórias. Um pequeno fogo ardia na lareira, vertendo um cálido brilho no local. Angeline se aninhou em seu colo enquanto olhavam os desenhos de seu bloco de desenho. Era uma brincadeira que haviam começado a praticar depois que Celia mostrou suas pinturas a Justin. Celia desenhava pessoas, lugares ou cenas imaginárias e animava Angeline para que a ajudasse a inventar uma história sobre tudo isso. As histórias a obrigavam a concentrar-se em algo que não era Philippe, e Celia começou a relaxar. Era uma agradável maneira de deixar o tempo passar, e lhe agradava o empenho da menina.

Que afortunada era Lysette Vallerand por ter três lindos filhos e um marido que a amava, assim como uma enorme casa e uma multidão de amigos e de questões com que se mantinha ocupada. Celia poderia ter gostado desse tipo de vida com Philippe. Talvez ainda houvesse a possibilidade de que assim fosse. Mas já não seria o que ela desejava. Nem sequer imaginava que vida Justin poderia lhe oferecer, mas não lhe importava. Sabia que seria amada como poucas mulheres haviam sido, e que Justin cuidaria dela. Sem dúvida, seu pai e sua família dariam por certo que havia ficado louca. Sempre havia sido uma garota calada, sensata e previsível em todos os aspectos. Pensar nisso a fez sorrir, mas em seguida voltou a se concentrar em Angeline.

Justin foi à biblioteca e encontrou seu pai sentado diante do fogo. O brilho amarelado convertia o rosto de Max em uma máscara de ouro e bronze.

–Philippe está vivo – disse Justin. – Jack me confirmou isso.

Max respirou fundo.

–Está bem?

Justin fez uma careta.

–Levando em conta de que tem sido prisioneiro de Legare todo este tempo, provavelmente não.

–Irei agora mesmo ver o comandante Matthews. Deus queira que aceite seu plano.

–Seja persuasivo, pai.

–Claro – disse Max com convicção e saiu da biblioteca.

Justin foi até o salão onde Celia estava sentada com Angeline. Deteve-se a um lado da porta e observou sem se fazer notar como a menina apontava com seus dedos gordinhos para um dos desenhos de Celia.

– ... a princesa entrou aí –estava dizendo para Celia, que levantou as sobrancelhas interrogativamente.

–Dentro da caverna do dragão?

–*Oui*, para encontrar o tesouro roubado!

Celia desenhou algo na margem da página.

–Sim, mas então o dragão regressou e encontrou-a em sua caverna! O que a princesa fez?

–Ela... – Angeline franziu o cenho pensativa. –Então o dragão se converteu em sua mascote!

–Oh, mas era um dragão muito mau.

–*Non*, o que acontece é que estava muito triste.

Celia sorriu e deu-lhe um beijo na testa.

–Pobre dragão – murmurou.

–Sim, pobre dragão triste...

Justin sentiu um doloroso pesar quando prosseguiram com a história. Nunca viu Celia em atitude tão terna e maternal. De repente ficou muito claro o que ia perder e sentiu-se sobressaltado. Queria dar-lhe filhos e formar uma família com ela, o tipo de vida com que jamais havia se atrevido a sequer sonhar.

A história do dragão triste foi concluída e Celia levantou a vista para encontrar-se com os olhos de Justin. Desceu Angeline de seu colo.

–Querida, –disse à menina, passando-lhe o desenho –por que não vê se mamam pôs Rafe para dormir?

–Quero outro conto.

–Depois de cear, prometo.

Angeline olhou com reprovação para Justin, como se soubesse muito bem por que a história havia acabado tão abruptamente, e saiu do cômodo resmungando.

Celia observou o rosto impenetrável de Justin. Desejava que ele se sentasse a seu lado, mas permaneceu onde estava, mantendo distância entre eles.

–Sei que você e Maximilien estão planejando algo – disso. –Os vi caminhando juntos ontem pela manhã. O que vai fazer?

–Não tem porque saber.

–Mas eu quero saber... – Celia se deteve para apreciar seu olhar gélido. – Justin, por que me olha assim? O que vai acontecer?

–Philippe voltará. Você é sua esposa. Quando ele estiver a salvo, eu me irei. Isso é tudo.

Ela elevou a sobrancelha com ansiedade.

–Sim, mas eu irei com você.

–Não.

–Não? Justin, está dizendo que pensa em deixar-me aqui...?

–Isso é exatamente o que estou dizendo. Quando regressar necessitará que se comporte como sua esposa e cuide dele.

–Sim, quero ajudá-lo. Mas não posso ser sua esposa. Vou devolver-lhe a liberdade. Ele e Briony se amam, e eu pertencço a você.

–Está casada com ele, Celia.

Ela tentou ir até ele, mas os joelhos lhe falharam.

–Depois de tudo o que me disse e as promessas que me fez, não pode me fazer acreditar que você não...

–Um homem diz muitas coisas quando quer deitar-se com uma mulher.

Celia sentiu como se lhe tivesse dado um soco no estômago.

–Sei que me ama – sussurrou.

–Acredita que sim – replicou ele. –Mas tinha razão quando me disse que temia ser somente um... divertimento para mim. –Pronunciou aquelas palavras tão tranquilamente que qualquer um teria acreditado nelas. Mas nada podia ocultar o ranger de sua mandíbula nem o rubor de sua face.

Celia estava confusa e assustada, até que a compreensão a alcançou pouco a pouco. Justin estava tentando com todas suas forças mostrar-se insensível e frio, mas não fazia nem um dia que a havia tido em seus braços e lhe havia feito amor com toda ternura que um homem pode dedicar a uma mulher. Entendeu o que pretendia, e também suas razões. De repente recuperou o ar e disse-lhe com absoluta segurança: –Está mentindo.

–Equivoca-se. Peguei o que queria de você.

Celia se pôs em pé e foi até ele. Justin se retesou ao vê-la aproximar-se, e era certo que parecia um feroz pastor alemão assustado por uma pequena gatinha.

–Não acredito em você – disse ela.

–Então é uma tonta. Está casada e seu marido está a ponto de regressar, eu mesmo vou entregá-lo alegremente. Estou cansado de você e de nosso

joguinho.

–Está fazendo tudo isto por mim. Acredita que estarei a salvo se me deixar aqui. Pois bem, ficarei aqui... Estarei protegida e a salvo e me sentirei miserável. Isso é o melhor? É isso que quer para mim? –Fez o movimento de lhe rodear o pescoço com os braços, mas ele se jogou para trás. –Pensa como serão as coisas para você, perguntando-se a cada noite, durante o resto de sua vida, se estarei sozinha ou se estarei dormindo nos braços de outro...

O ciúme brilhou em seu olhar.

–Estarei encantado em desfazer-me de você – jogou.

Ela apoiou as mãos em seu peito.

–Ontem à noite suplicou que fosse embora com você. Disse que não podia viver sem mim.

–Isso foi antes de saber que Philippe estava vivo. –Justin se esforçou em ignorar seu aroma, o suave roçar de seus peitos contra o corpo dele. Mas sua anatomia o traiu, pois o coração se acelerou e em sua virilha começou a crescer uma urgência incontrolável.

Ela o beijou e ele inalou profundamente. Com a ponta da língua Celia tateou seus lábios fechados e lhe rodeou o pescoço com seus braços magros. Justin sentiu um calafrio. Teve que concentrar-se profundamente para não estreitá-la entre seus braços. Maldita fosse, as coisas não estavam indo como ele havia previsto!

–Não a amo – disse. –Eu não...

Ela se aproveitou de que sua boca estava entreaberta para beijá-lo e lhe introduzir a língua. Ele fraquejou e de repente, com um estremecimento, abraçou-a; toda sua força de vontade havia dado em nada. Arrastado pelo desejo, colou o corpo de Celia à sua rígida ereção, ao seu peito e à sua boca ávida. E ela disse sem palavras que lhe daria tudo que desejasse. Frustrado e angustiado, logo a afastou amaldiçoando para si. Mas Celia fitou-o com um brilho zombeteiro e uma absoluta consciência de triunfo.

–Suponho que agora me dirá que o que sente por mim é luxúria e não amor – zombou dele.

Justin ficou em silêncio, respirando com dificuldade. Fitou-a como se tivesse pensando em estrangulá-la.

–Não sou uma menina que não pode tomar decisões por sua conta – prosseguiu. –Sou uma mulher e decidi estar ao seu lado. Se me deixar, dedicarei o resto de meus dias a buscá-lo. –Inclinou um pouco a cabeça para observar seu gesto de estupefação. –*Alors*, será melhor que me diga o que

tem planejado ou o descobrirei por mim mesma...

Ele agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a com firmeza antes de fitar-lhe o rosto. Várias mechas escaparam de seus pentes e caíram sobre os ombros de Celia. Justin a segurava brutalmente pelos ombros. Ela o fitou, deliberadamente. – Não irá a nenhuma parte. Mantereí você afastada disto.

Celia empalideceu.

–Está me machucando!

Ele não afrouxou seu doloroso apertão.

–Não é somente sua vida o que quero proteger, é também a de Philippe. E a minha. Quer ser a responsável pela minha morte?

–Não – sussurrou ela e engoliu em seco com olhos chorosos.

Justin grunhiu.

–Maldição, não comece!

–Tenho medo.

Soltou-a, embora lhe doesse fazê-lo.

–Vai trocar sua vida pela de Philippe, não é? –Assou o nariz. –Tal como Legare quer. Quando o fará? Logo? Amanhã pela noite?

–Sim.

–Onde acontecerá a troca? –Ao ver que ele não respondia, sorriu com amargura. –Pouco importa que me diga ou não. Não sou tão idiota para pensar que poderei detê-lo. Só quero saber. Tenho o direito de saber.

–No Passo do Diabo – murmurou.

A essa altura Celia estava bastante familiarizada com as terras que rodeavam Nova Orleans para conhecer o nome. Era uma estreita faixa lamacenta entre o rio e o lago onde eles haviam passado a noite fazia meses. De vez em quando, aquele pequeno canal era utilizado pelos viajantes e tinham que limpar o limo e escombros dele.

–Ali é onde Legare quer fazer a troca? –Perguntou.

–Sim, ali. –Ela enxugou as lágrimas. –Tudo como ele havia planejado, verdade?

–Sairei disto, Celia –E como o sabe? Ainda que sobreviva não voltará, ou sim?

Justin não respondeu.

Ela mordeu o lábio para sufocar um gemido de angústia.

–Por que não me diz agora em vez de amanhã? –Sussurrou. –Por que não passamos juntos uma noite a mais?

–Por que... – Justin deteve-se e pensou na possibilidade de lhe mentir,

mas soube que já não podia voltar a fazê-lo. –Porque então não poderia deixá-la – admitiu com voz grave.

–Não me deixe, Justin, não tem que fazê-lo.

–Terá a Philippe – replicou.

Celia sentiu-se tomada pelo desespero. Justin ia abandoná-la, e, além disso, acreditava que isso era o correto.

–Não e não – disse. –Será que não entende nada? –Sentia-se envergonhada por seu pranto incontrolável, mas não conseguia deixar de chorar. Começou a correr pelo corredor e saiu em busca da privacidade da *garçonnière*.

Max esperou pacientemente no salão da residência Matthews até que o comandante se dispusesse a vê-lo. A maioria dos homens teria aparecido com roupa de uso de casa, como um roupão, devido a hora daquele encontro informal, mas Mathews apresentou-se com seu uniforme militar. Era um homem baixo, mas encorpado e tinha boa aparência. A única coisa que não usava era sua peruca. Apresentou o escasso cabelo grisalho que conservava usando-o para trás e aproximou-se de Max com o cenho franzido.

–*Monsieur Vallerand* – disse. –Confio em que tenha um bom motivo para se apresentar a uma hora tão inoportuna.

–Assim é – respondeu Max dando-lhe a mão. –Perdoe-me por incomodá-lo em suas horas de descanso, mas não tinha outra opção.

Mathews indicou-lhe que se sentasse e Max assim fez. Se fosse um crioulo, o comandante lhe teria oferecido uma bebida ou charuto, mas esse não era o estilo americano. Dada sua familiaridade com os americanos, Max sabia com sobra que não podia esperar esse tipo de hospitalidade próprio de sua cultura.

O comandante provinha de uma rica família da Pensilvânia, que havia conseguido um excepcional reconhecimento na guerra de Trípoli e que servia ao Departamento da Marinha em Washington. Desde a recente guerra com os ingleses, Matthews havia sido designado para Nova Orleans. Não havia topado mais que com obstáculos e frustrações em sua tarefa de acabar com as atividades dos piratas no Golfo. Por infelicidade, parecia convencido de que a lassidão dos crioulos para com o contrabando era a principal causa de seu fracasso.

–*Monsieur Vallerand*, –disse Matthews – não tenho dúvida de que o que

vou dizer-lhe soar um tanto rude. Mas minha experiência me diz que os crioulos jamais vão direto ao ponto em uma conversa, ainda que confie em que não seja seu caso. Estou cansado, *monsieur*, e vou estar muito ocupado nos próximos dias. Sendo assim, espero que me comunique o motivo de sua visita do modo mais conciso possível.

—É claro — respondeu Max amavelmente. — Vim para falar sobre o ataque à ilha dos Corvos.

Matthews empalideceu e depois ficou vermelho como um tomate.

—O ataque, o... o... Se supunha que ninguém tinha que saber nada disso! Quem...? Como...?

—Disponho de minhas próprias fontes — replicou Max com modéstia.

O comandante arregalou os olhos desmesuradamente.

—Os crioulos sempre jogam com duas mãos, tem espiões e são intrigantes. Exijo que me diga quem ou quantos lhe tenham dado essa informação que ameaça a segurança do governo, da Marinha e do Estado...

—Comandante Matthews, vivi toda minha vida em Nova Orleans. Ao longo destes anos soube me arranjar para estar ciente do que acontece aqui. E era óbvio que tinha que fazer algo contra a ameaça pirata cedo ou tarde.

Produziu-se um silêncio tenso. Max sustentou o olhar desafiador do comandante com gesto imutável.

—Para que veio? — Perguntou Matthews sem ardeio.

—Para pedir-lhe que considere a possibilidade de atrasar o ataque.

—Atrasá-lo? Por que, em nome de todos os santos, teria que considerar essa possibilidade? Bom Deus, ter que ouvir algo semelhante de você, depois que seu filho foi vítima desses malditos bastardos...

—Ainda o é — disse Max com calma.

—O quer dizer?

— Ainda o tem como prisioneiro. Meu filho Philippe continua na ilha.

— O que está dizendo? Se seu filho continua ali, então quem vive em sua casa durante as últimas...? — De repente, Matthews deixou o queixo cair.

—Meu outro filho, Justin. Também conhecido como capitão Griffin.

O comandante olhou-o nos olhos com fúria causticante.

—Santo Deus, o enforcarão por isto! E é possível que a você também!

—Antes que tome qualquer decisão, —prossegiu Max sem alterar-se —lhe interessará o que tenho que dizer-lhe. Trata-se de uma oferta que...

—Não aceitarei suborno algum!

—Meu filho se ofereceu para ajudar no ataque contra Legare. Afirmo que

antes que suas forças cheguem à ilha, ele pode desativar a maioria das defesas do lugar.

–Não acredito. Ainda que fosse capaz de conseguir isso, por que quereria fazê-lo? Por que eu deveria confiar nele? Ou em você, diga-me?

–Porque ele e eu queremos o mesmo – afirmou Max com gravidade.

–E do que se trata? Debochar da Marinha?

–Salvar Philippe. Como deve saber, para os crioulos são fundamentais os laços de sangue e a lealdade. Trocaria minha vida pela de qualquer membro de minha família. Nesse sentido, Justin não é diferente de mim ou de qualquer outro crioulo.

Matthews enrugou a testa.

–Escutarei, Vallerand. Não prometo nada, mas o escutarei.

–É tudo o que peço – respondeu Max, aliviado.

Capítulo 11

Dominando suas emoções, Justin caminhou para um lado do salão e afastou os olhos quando Max se despediu de Lysette. Haviam passado três dias desde o baile dos Duquesne. Essa noite se levaria a cabo a troca por Philippe. Se tudo saísse segundo o previsto, a essas alturas Aug teria conseguido meter uma dezena de homens no santuário pirata. Em questão de horas, Justin conseguiria que Philippe estivesse a salvo e estaria já na ilha onde pensava enviar Dominic Legare ao inferno.

–Será melhor que regrese inteiro, *bien-aimé* – advertiu Lysette a seu marido, levantando as lapelas do casaco dele. Tinha uma fé cega na força e nos recursos de seu marido, mas isso não significava que não se preocupasse por sua segurança. –É um desafio tê-lo como marido, mas começo a acostumar-me. E gostaria que durasse ao menos alguns anos mais!

–Mantenha a cama quente para mim, pequena.

–Ao menos leve Alex para que possa vigiar – resmungou afastando-se. Aproximou-se de Justin e abraçou-o suavemente. –Tenha muito cuidado, Justin. Meu único consolo é pensar que, pelo visto, tem tantas vidas como um gato.

–É por Philippe que terá que preocupar-se – disse ele com gesto austero. –Só Deus sabe pelo que teve que teve que passar.

–Cuidaremos dele, Celia e eu... – Lysette deu uma olhada ao redor e deu-se conta de que Celia não estava presente. –Onde está?

–Na *garçonnière* – Justin respondeu. Nem ele e nem Celia desejavam uma cena em sua despedida.

Lysette olhou-o nos olhos compassivamente.

–Justin, não sei o que houve entre vocês dois, mas...

–Nada – ele a cortou.

A chegada de Alexander fez com que Lysette não insistisse. Aproximou-se de seu marido enquanto este colocava sua pesada capa de cor negra.

–Max, quando estará de volta?

–Alex trará Philippe para casa – disse, e deu-lhe um carinhoso beijo. –Eu virei depois.

–Quanto depois? –Perguntou Lysette com desconfiança, e entrecerrou

seus olhos cor de avelã. –Não pensa em unir-se à expedição do comandante Matthews para atacar a ilha, não é? Não o tolerarei! Não há nenhuma necessidade de que faça algo assim, seu lugar é aqui...

Max fez um gesto para Alex e Justin dando-lhes a entender que era hora de saírem antes que Lysette os deixasse loucos. Depois disse: –Estarei a salvo a bordo do navio de guerra, *petite*.

–Não será tão necessário nesse ataque como é aqui. Tem três filhos pequenos, para não falar de sua esposa...

–E um filho em perigo – recordou-lhe ele, saindo pela entrada principal.

Lysette foi atrás dele ansiosa.

–Maximilien Vallerand, *écoute-moi bien*... Se ferir-se de algum modo, nunca o perderei! –Ela pôde ouvir a suave risada de seu marido, o que a fez dar uma sapateada contra o chão.

Celia se ajoelhou junto à cama e tentou rezar, mas lhe parecia impossível concentrar-se devido ao torvelinho de pensamentos que a assolavam. Repassava uma e outra vez as recordações dos dias anteriores, rememorando tudo o que Justin lhe havia dito. "Seu marido está a ponto de regressar... Philippe estará de volta... Terminei com você... Uma vez que esteja a salvo em casa, eu me irei..."

Pensou em Risk e como lhe havia parecido otimista apesar de saber que, em breve, Justin estaria à mercê de Legare. Mas então se disse que Risk não valorizava a vida humana como as pessoas normais. Justin... Philippe...

–Deus Todo Poderoso, – sussurrou mal separando os lábios – por favor não permita que nada lhe ocorra... proteja-o em todos os momentos... suplico-lhe...

Ocultou a cara entre os braços. Recordou a expressão de Justin momentos antes que a deixasse, a ânsia em seu olhar, o áspero gesto de sua boca. Não importava o que lhe tivesse dito, ela sabia que ele a amava. Queria passar a vida com ela, queria ser livre para poder amar. Mas ela não voltaria a vê-lo nunca mais.

Um suave som penetrou entre aqueles dolorosos pensamentos. Levantou a cabeça e olhou ao redor. Tratava-se da brisa contra a janela. Justin estava ali fora, cavalgando na noite. Minuto a minuto, ia perdendo-o.

–Volte para mim, Justin... – Não percebeu se o dizia em voz alta ou só era o eco de seus pensamentos. – Volte, volte... – Pensou em seus olhos

azuis e sentiu uma pontada no peito. Sentiu como se estivesse afundando em água gelada, que lhe congelava as veias e extraía de seus pulmões o último suspiro. E então... então... Novamente encontrou-se absorvida em seu recorrente pesadelo: o barco e água, e Philippe afogando-se sob seu olhar impotente. Mas desta vez não se tratava de Philippe, mas sim de Justin. Legare a retinha entre seus braços, rindo triunfante enquanto ela esticava os braços para seu amado. Justin morria, afastando-se dela, afundando na água...

–Não! –Celia se levantou com um sobressalto, ofegando. As lágrimas lhe corriam pelas bochechas.

Algo terrível ia acontecer com Justin.

Sentiu que o perigo o rodeava. Ia cair numa armadilha. Algo não ia sair bem no plano que havia traçado. Era muito difícil que o encontrasse, mas tinha que tentar. Saiu correndo do cômodo e dirigiu-se aos estábulos.

O ponto de encontro, o Passo do Diabo, era uma parte do pântano entre o rio e o lago Borgne, a uns quinze quilômetros da propriedade Vallerand. Se surgissem problemas durante a troca, seria mais simples desaparecer entre os esconderijos do pântano, com seus inumeráveis canais e cavernas. Dali em diante havia um caminho aberto até o arquipélago, a zona de água tormentosa das ilhas, entre elas a dos Corvos. O santuário pirata estava a um dia de caminho.

Durante o caminho, com o vento uivando em seus ouvidos e o barulho dos cascos dos cavalos, Justin voltou a sentir parte de sua antiga temeridade. Experimentou a particular liberdade de um homem condenado. Nada do que pudesse dizer ou fazer importava a essas alturas: estava nas mãos do destino. As semanas passadas lhe pareciam pouco mais que um sonho, sonhos enevoados. Estava de volta quase ao mesmo ponto de onde havia começado. Mas agora era uma pessoa diferente. Sua sorte, aquela invisível aura de proteção que sempre o havia acompanhado, já não estava ali. E ele era dolorosamente consciente de sua ausência.

Entretanto, não tinha medo, estava possuído por uma tensão difusa que se parecia muito à raiva. Estava dirigida a todo mundo, Celia incluída. Não se sentia agradecido pelo breve tempo em que havia saboreado a doçura da felicidade que ela lhe havia oferecido. Considerando o que estava a ponto de acontecer, teria sido melhor que nunca a tivesse conhecido.

A margem irregular estava coberta de conchas, limo e carvalhos. Risk se uniu a eles sob o amparo das árvores.

–Eis aqui a quadrilha do Vallerand – disse divertido, seus olhos verdes cintilando irreverência e gozação. Justin sabia que para Risk aquela situação extremamente perigosa era um grande divertimento.

–Legare e os seus vieram? – Perguntou.

–Sim, mas querem se manter ocultos. Temos que ficar atentos. Os patifes de Legare estão ao redor da área.

–O que diz de Philippe?

–Seu irmão está com eles. Parece que está bem, está andando.

Ao ver que Risk olhava interrogativamente para Alexandre, Justin disse: –Meu tio Alex.

Risk gargalhou.

–Que me crucifiquem se sabia que tinha um tio. –Respondeu ao frio olhar de Alex com um sorriso descontraído.

Alex olhou carrancudo para seu sobrinho.

–Então é essa classe de gente com que escolheu passar os últimos anos, eh, Justin?

–Risk é o meu melhor homem – disse Justin secamente.

Risk pegou um pedaço de corda e aproximou-se de Justin. Suas maneiras cuidadosas se evaporaram.

–Querem que amarre suas mãos. É uma das condições – murmurou. – Atarei você ao mesmo tempo em que eles amarram Philippe.

Todo mundo ficou calado, na expectativa. Justin colocou as mãos nas costas e Risk lhe amarrou os pulsos. Max observou o procedimento e depois fixou o olhar no rosto de Risk.

–Sabe, Risk, algo me diz que não confie em você – disse.

Justin levantou a cabeça e olhou para seu pai com receio.

–Sei que o considera seu amigo, Justin, mas... – disse Max.

– Questionaria antes sua lealdade que a dele – grunhiu Justin. Não esqueceria jamais que Risk havia perdido um olho por ele. – Que razão tem para duvidar dele? Seu instinto infalível?... Bem, suponho que essa é razão suficiente para desconfiar de um homem que me salvou a vida uma dezena de vezes, eh?

Max franziu o cenho e dirigiu o olhar para as tranquilas águas.

Celia desmontou de seu cavalo e levou-o até as árvores. Havia ido até ali a galope apressado. Quanto mais se aproximava ao Passo do Diabo, mais forte era sua sensação de perigo. Todo seu corpo parecia apertado pelo medo. Seguiu as profundas marcas dos cascos dos cavalos até ouvir um suave murmúrio de vozes. Com cautela, soltou as rédeas do animal e aproximou-se da água, consciente de que estava se metendo em um grande problema.

Inclinou-se sobre o grosso tronco de uma árvore e espiou através das moitas. O clarão da lua se filtrava através da cortina de névoa que repousava sobre a água. Tudo estava tranquilo, salvo as diminutas ondas que rompiam na margem e o som dos remos. De seu vantajoso posto de observação, Celia podia ver tudo: ambos os lados do canal, os homens de Legare em uma margem, os Vallerands na outra. Não viu Legare em nenhuma parte, mas viu Maximilien. Estava de pé, com as pernas ligeiramente separadas e as mãos cruzadas. A troca já havia começado. Os respectivos barcos já se afastavam das margens pouco profundas, com dois homens em cada um deles.

Celia observou, mordendo o lábio inferior. Justin ia sentado com as mãos atadas às costas enquanto Risk remava. Tinha a cabeça voltada para ver o barco que vinha até eles. Celia sabia que estava ansioso para saber o estado em que seu irmão se encontrava. Os barcos se cruzaram deixando uns dez metros de distância entre si. Que estranho e desgraçado parecia aquilo, os barcos sulcando o rio, um levando o homem que amava e o outro trazendo de volta seu marido, que havia dado como morto.

Fincou as unhas na casca da árvore. Aquela figura com barba, atada e amordaçada, seria realmente Philippe? Parecia com Justin de há cinco meses, ainda que nem sua cabeleira nem sua barba fossem tão longas. Vê-lo provocou-lhe um calafrio. Uma parte de seu passado que ela acreditava perdida para sempre regressava agora.

Recordou que considerava Philippe como um príncipe que a havia resgatado de um território hostil. Havia sido como um conto de fadas que se realizou. Era um homem amável e carinhoso. Não era culpa dele que ela tivesse descoberto anseios íntimos que só Justin podia satisfazer. Que injusto, que errado que nada disso tivesse ocorrido estando com Philippe! Com uma pontada de culpa, pensou que agora seriam dois estranhos um para o outro. Mas era seu marido. Aos olhos da Igreja ou de qualquer pessoa com senso moral, seu dever consistia em permanecer a seu lado se assim ele desejasse.

Justin afastou o olhar da margem para a qual se dirigiam e respirou fundo. Risk fitou-o sem deixar de remar automaticamente.

–O que acontece?– Perguntou em voz baixa.

Justin queria olhar para trás, mas não se atreveu. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se tão alarmado que lhe custou falar. Intuíu que Celia estava em algum lugar próximo, olhando-o impotente.

–Celia está aqui – disse.

–A garota? – Risk pareceu atordoado. –Viu-a? Onde?

–Não sei, ali atrás... – Justin sentiu que seu pulso acelerava. –Quando me entregar a Legare, volte e encontre-a. Certifique-se de que nada lhe ocorra.

–Ver para crer, bom Deus – disse Risk. –Nunca o vi tão assustado, Griffin. –E sacudiu a cabeça e cuspiu.

O barco que ia com Philippe aproximou-se da margem e Max se meteu na água até que lhe chegou aos joelhos. Ignorando a advertência do sujeito que usava o remo, Max inclinou-se sobre o barco e tirou seu filho voando. O barco se inclinou violentamente e as pernas de Philippe bateram contra a água gelada. Após levá-lo até a margem, Max tirou-lhe a mordança enquanto Alexandre cortava as cordas que prendiam suas mãos.

Ofegando, Philippe olhou para seu pai com olhos desconcertados.

Só aqueles olhos azuis pareceram reconhecíveis para Max. Qualquer outro traço que lhe recordasse seu elegante e impecável filho estava apagado pela longa cabeleira e pela barba, assim como pelas esfarrapadas e sujas roupas que Max não teria tolerado nem em um escravo. Seus pômulos destacavam-se e sua pele havia adquirido um tom acinzentado e branco. Max abraçou-o com força.

–Meu Deus, Philippe – disse com voz rouca, e permaneceram em silêncio durante alguns segundos.

Depois Philippe se afastou, voltando-se para ver como desceram Justin do barco na margem oposta. Olhou novamente para seu pai.

–Por quê? –Perguntou com desespero. –Por que permitiu que Justin o fizesse?

–Não tema – disse Max. –Temos um plano...

– Não, nunca derrotará Legare! Matará Justin. Ele... – Sua figura magra e esfarrapada cambaleou e seu pai teve que abraçá-lo para que não caísse ao chão.

–Eu cuidarei de seu irmão, *mon fils* – disse Max para tranquilizá-lo. – Tudo acabará bem. Agora Alex o levará para casa, *d'accord*? Vá com ele. Lysette está esperando você, e Celia também.

–Celia? –Repetiu Philippe, atordoado.

–Risk não lhe disse que estava em casa quando estive na ilha?

–Não acreditei nele...

–Pois é verdade – assegurou-lhe Max com voz baixa. –Está viva, Philippe.

Philippe desabou exausto e murmurou algo incoerente. Max olhou para Alex.

–Dê-lhe tudo o que peça. E envie alguém para buscar o doutor Dassin.

–E o que acontece com Risk? Não vai voltar?

Max olhou para a outra margem.

–Não sei o quê esse caolho desgraçado está fazendo – murmurou.

Justin caiu de joelhos quando o empurraram ao chão. Alguém o havia golpeado em um lado da cabeça, fazendo com que sua visão se embaralhasse e seu ouvido zumbisse.

Quando as estrelinhas desapareceram, viu Legare na frente dele, sorrindo amplamente.

–Deus do céu, não sabe o quanto tenho sonhado com isto – disse, e voltou a golpeá-lo.

Justin sentiu o sabor do sangue na boca. Manteve a cabeça baixa, decidido a não entreter Legare mais do que o imprescindível. Philippe estava a salvo. O que Justin tinha que fazer era manter-se com vida até que Aug se pusesse em contato com ele e desse início ao ataque.

Ouviu a voz de Risk a suas costas: –Deve saber algo.

–O quê? –Perguntou Legare.

–Disseme que a mulher certamente está escondida próximo daqui. Não será difícil encontrá-la.

O tempo parou. Justin levantou lentamente a cabeça para Risk e fitou-o através de uma névoa de ódio, compreendendo tudo subitamente. Risk o havia traído.

Como não poderia seguir navegando sob as ordens de Justin, escolheu Legare a ser independente. Ele havia tentado lhe dar a entender, mas Justin não havia escutado.

–Não – disse com um fio de voz. Teria posto Legare ciente da totalidade do plano? Aug... Que teria acontecido com Aug...?

Risk o olhou nos olhos sem sombra de remorso.

–Teria seguido você até o fim do mundo, Griffin. Teria lutado por você, teria morrido por você. Foi você que me empurrou a isto.

Legare sorriu com satisfação.

–Encontre então madame Vallerand e traga-a também – ordenou. –Ao que parece, sua companhia agrada ao capitão Griffin.

Antes que Justin pudesse dizer algo, recebeu um forte golpe na nuca. Caiu ao chão como um fardo. Aturdido, tentou rolar para um lado. Foi necessário um segundo golpe para deixá-lo fora de combate, e então tudo escureceu.

Celia não conseguia ver o que ocorria na outra margem. Manteve-se oculta e observou Alexandre colocar Philippe montado sobre um cavalo, subir atrás dele e afastar-se do Passo do Diabo. Max permaneceu junto à água, olhando para a margem oposta. Risk não regressava. Após vários minutos, Max se voltou soltando uma maldição e montou em seu cavalo.

Celia pensou em aproximar-se de Max. Sem dúvida havia decidido voltar à propriedade, e seria mais seguro para ela cavalgar junto a ele. Ficaria furioso ao descobrir sua presença, e com toda probabilidade lhe daria uma forte reprimenda, mas no fundo tinha muita afinidade com ela. Percorreu o trajeto lamacento que levava até o lugar onde havia deixado o cavalo, pegou as rédeas e se preparou para sair a campo aberto.

Max devia estar a uns cinquenta metros de distância. Ia chamá-lo, mas de repente uma mão lhe tapou a boca e lhe apertou o nariz. Tentou gritar e remexeu-se freneticamente, mas o ar não chegava a seus pulmões.

A voz de Jack Risk lhe queimou o ouvido.

–Tinha que ser sua perdição mil vezes.

Sentiu uma leve tontura e finalmente desmaiou, deslizando por um interminável túnel de escuridão.

Lysette recebeu Alexandre e Philippe com um grito de alegria. Parecia um pequeno torvelinho, abraçando Philippe com força, fazendo incontáveis perguntas sem esperar resposta, comprovando se estava ferido, dando

instruções às criadas para que esquentassem água para um banho. Philippe negou-se a subir ao andar de cima para descansar.

–Quero comer algo decente – disse demonstrando esgotamento. –E quero permanecer acordado o maior tempo possível para convencer-me de que estou realmente aqui.

Noeline correu à cozinha em busca de um fumegante prato de sopa e algumas grossas fatias de pão. Lysette levou-o até o sofá do salão e rondou ao seu redor preocupada. Philippe parecia desnortado, não totalmente consciente do que estava acontecendo. Mas sua madrastra sentiu alívio ao comprovar que não tinha feridas consideráveis. No entanto, preocupava-lhe sua excessiva magreza e o vazio que refletiam os olhos que sempre haviam sido calorosos e reconfortantes. Lysette segurou-lhe as mãos enquanto sussurrava uma oração para dar graças por não estar ferido. Seu maior temor havia sido que os piratas o tivessem ferido de tal modo que não pudesse voltar a praticar a medicina que tanto amava. Philippe apertou seus longos e finos dedos ao redor da mão de Lysette. Sempre havia existido um sentimento de afinidade entre eles. Em muitos aspectos se pareciam muito. Sempre se mostravam cordiais e de bom humor, eram os pacificadores de uma família plena de personalidades volúveis.

–Onde está Celia? –Perguntou. Era a pergunta que Lysette mais temia.

– Não está aqui – disse. Havia descoberto a ausência de Celia pouco antes que Philippe chegasse, e não soube o que fazer.

–O quê? –Alexandre apoiou as mãos no encosto do sofá e inclinou-se sobre ela. –Onde diabos está? –Perguntou.

–Eu não sei – disse Lysette fitando-o com preocupação. –Não está na *garçonnière* e falta um cavalo. Pelo visto, saiu sem dizer aonde ia.

–Não acredita que tentou... – começou Alex, mas deteve-se ao ver a advertência nos olhos de sua cunhada. Incomodar Philippe com especulações não era o mais adequado nesse momento.

–Estou certa de que regressará em breve – disse Lysette.

Alexandre franziu o cenho.

–Vou buscar o doutor Dassin – disse. Lysette assentiu e Alexandre saiu com passo decidido.

Philippe tinha a face abatida.

–Há algum problema com Celia? –Perguntou.

–É claro que não... Não tem que se preocupar com nada, *comprends*? Noeline lhe trouxe um prato de sopa, e quando terminar o doutor Dassin terá

chegado. Depois poderá descansar.

Philippe fitou-a com o fantasma de seu antigo sorriso.

–Quase me fez acreditar que tudo está bem, *belle-mère*.

–Tudo está bem – tentou tranquilizá-lo.

–Não. Justin está a mercê de Legare – replicou Philippe secamente. – Trocou sua vida pela minha.

– Justin tem muitos recursos. E viveu entre vermes da laia de Legare durante muitos anos. Sabe cuidar de si mesmo, e também como conseguir o que quer. *Mon Dieu*, conseguiu resgatar Celia da ilha dos piratas e trazê-la aqui sã e salva. –Entregou-lhe a colher. –Tome um pouco de sopa – ordenou-lhe, e ele o fez lentamente.

A colher tremia em sua mão e Lysette sentiu o impulso de pegar a colher e lhe dar de comer como se fosse um menino, mas se conteve.

–Alex me disse que Justin se fez passar por mim – disse após várias colheradas.

– Sim. Acreditávamos que havia morrido. Quando Justin chegou aqui muito ferido, pensamos que essa seria a melhor maneira de protegê-lo.

–Estava muito ferido?

–*Oui*. No início temíamos que morresse. Mas Celia... – Lisette hesitou, perguntando-se quanto Alex lhe teria contado. –Celia cuidou dele e devolveu-lhe a saúde.

Philippe baixou a colher.

–E enquanto ocupava meu lugar, ela se fez passar por sua esposa, certo? – Concluiu com calma.

Ela assentiu.

–Não tentou aproveitar-se dela? Celia é muito inocente. Não entenderia alguém como ele, seu lado sombrio...

–Não; mas creio que ela... o tenha entendido muito bem – disse sua madrastra desconfortável.

–Sério? –Esfregou a testa e fitou-a de um modo estranho. –Eu seria capaz de jurar que uma mulher como Celia odiaria um homem como ele, que se sentiria intimidada.

–Não foi o caso. Seu irmão... confiou nela.

–Confiou nela para quê? Justin sempre desprezou as pessoas doces e amáveis como ela.

– Justin mudou, Philippe. Fez as pazes com seu pai. Creio que agora valoriza muitas coisas que antes desprezava. Creio que sua antiga atitude

rebelde foi substituída por um temperamento mais carinhoso... e Celia foi...
– Deteve-se e fitou-o sem saber como continuar.

Philippe entendeu tudo subitamente e piscou.

– Meu Deus... Está tentando dizer-me que há algo entre Justin e minha esposa? Por isso ela foi embora, não é? –Fechou os olhos. –Não me responda. Não me diga mais nada. Agora não.

Parecia completamente abatido. Lysette desejou reconfortá-lo, mas sabia que algo assim estava além de suas possibilidades.

–Philippe, –disse hesitante, tocando-lhe a manga –quer que envie alguém para procurar Briony?

O nome pareceu abrir caminho entre seus pensamentos tormentosos.

–Briony... –repetiu pesaroso. –Não quererá vir. Além de você, ela é a única pessoa no mundo que jamais temi que me magoasse. Deveria ter venerado o chão que ela pisava. Mas em vez disso a magoei.

–Philippe, ela entendeu por que escolheu outra...

–Sim, Briony entendeu – disse com amargura. –Com toda minha vaidade e meu egoísmo, acreditei que não era suficientemente boa para mim. Não era uma mulher educada ou refinada, não havia nascido uma dama. – Concentrou-se em suas distantes recordações e esboçou um melancólico sorriso. –Jamais conseguirá pronunciar uma palavra em francês. Tentei ensinar-lhe em vão. Se tivesse me casado com ela, todo mundo de Nova Orleans teria rido de mim e não teriam deixado de fofocar.

–Talvez durante um tempo – admitiu Lysette. –Mas teria se importado?

–Creio que sim. – Balançou a cabeça. –O que fiz com ela foi imperdoável. Agora já é muito tarde.

–Você acredita?

–Não posso oferecer-lhe nenhuma compensação, nada além de minhas inúteis desculpas...

–Quer que mande buscá-la? –Insistiu Lysette.

Philippe lhe apertou a mão e fitou-a nos olhos. Respirou fundo e disse: – Sim.

Justin despertou ao notar a água fria que acabavam de lançar-lhe à cara. Grunhiu levemente e separou o queixo do peito. Tinha os braços presos por cima da cabeça. Teria sido inútil tentar soltar-se. Pouco a pouco foi recuperando a consciência. Haviam lhe surrado a caminho da ilha dos

Corvos. Estava certo de que haviam voltado a lhe quebrar uma de suas recém curadas costelas. Todo seu corpo doía.

–Abra os olhos, estimado capitão Griffin. –Dominic Legare estava diante dele e exibia um sorriso feroz. Estava fumando um charuto e soltava a fumaça pelo nariz.

Justin descobriu que tinha as mãos presas por aros de ferro que pendiam de um gancho no teto. As correntes haviam sido esticadas para que mal pudesse apoiar os calcanhares no chão. Sua camisa estava em tiras. Encontrava-se em algum ponto sob a fortaleza da ilha, em uma cela ampla que no passado se utilizava como masmorra para os escravos rebeldes. O local era um dos muitos que ladeavam um amplo corredor que dava acesso a outros corredores e celas em um labirinto subterrâneo de madeira, pedra e cavernas escavadas diretamente na rocha. Havia um bom punhado de homens de Legare no local, sentados sobre caixas de madeira, fumando e bebendo com expressão de regozijo. Risk estava entre eles, mas olhava para Justin inexpressivamente. Justin sentiu uma onda de ódio. Havia sido um estúpido ingênuo. Jamais haveria acreditado que Risk fosse capaz de limitar-se a observar como o torturavam. Perguntou-se em que exato momento Risk havia decidido traí-lo. Tinha que ter sido no dia anterior, quando foi à ilha para comprovar se Philippe estava vivo. Legare aproveitou a oportunidade para falar com ele e prometer-lhe segurança e ouro, todo o necessário para que Risk mudasse de lado.

Ao ver a direção de seu olhar, Legare pareceu ler-lhe os pensamentos.

–Foi muito simples convencê-lo para que se unisse a mim, Griffin. Decepcionou-me... Supus que era suficientemente inteligente para não confiar nesse parasita. O mundo está cheio de pequenos sanguessugas como ele. Certamente me trairá quando deixe de lhe ser útil. Mas, ao contrário de você, cortarei suas pernas antes que tenha a oportunidade de fazê-lo. –Sorriu para Risk como se estivesse já imaginando esse dia.

Risk devolveu-lhe o olhar e se remexeu desconfortável. Pela primeira vez, não lhe ocorreu nada que dizer.

Legare caminhou ao redor de Justin.

–Apesar dessa surpreendente nuance de ingenuidade, Griffin, devo admitir que o admiro. Desafiou-me, e muito poucos homens se atreveram a fazê-lo. Por outro lado, matou André, o único homem com quem me preocupava. Farei você sofrer o inimaginável por isso.

–Seu irmão era um ser repulsivo e malvado – replicou Justin. –Não o

admitiriam nem no inferno. E você...

Legare lhe deu um soco justamente sobre a ferida cicatrizada de seu flanco e depois esbofeteou-o na boca com as costas da mão.

–Nem uma palavra a mais sobre André – disse friamente. –Falemos de uma informação que Risk não conseguiu me proporcionar. Pelo visto, foi o bastante esperto para confiar-lhe tudo.

Justin sempre havia acreditado que Risk era mais eficiente quando lhe ordenavam coisas simples, tarefas diretas, mais que fazendo-o participar da elaboração de planos. Risk custava a se concentrar em coisas que não podia ver e nem apalpar. Agora Justin se alegrava por não haver lhe contado algo sobre a força naval que se dispunha a atacar a ilha. Mas sempre havia uma frota de barcos ancorados no porto dispostos a defender a ilha com unhas e dentes. E se conseguissem inutilizá-los antes que a expedição da Marinha chegasse...

–Sei de Aug e o punhado de sanguessugas que trouxe à ilha – prosseguiu Legare. –Diga-me quando e como conseguiu colocá-los aqui.

As implicações daquela pergunta clarearam a mente de Justin como um raio: Aug e seus homens continuavam escondidos em algum lugar. Fez uma careta zombeteira e respondeu: –Continua procurando-os? Desde quando? Um dia, dois? Não poderiam conseguir fazê-lo sozinhos. Alguém teve que ajudá-los. Talvez algum de seus homens.

De repente, a tagarelice e os murmúrios dos presentes se aquietaram.

Legare estudou Justin. Esticou o braço e apagou o charuto contra seu peito. Justin arqueou o corpo e expirou entre os dentes apertados enquanto a dor lhe perfurava o corpo, a face porejou de suor e o cheiro de sua própria pele e pêlos queimados foi percebido no ar.

–O próximo apagarei contra seu olho – disse Legare com calma.

–Vá para o inferno. –Ofegou Justin.

–É possível que lhe permita manter os olhos abertos por alguns momentos a mais. Quero que veja algo. –Fez um gesto para Risk. –Senhor Risk, por que não me trás a nossa adorável convidada?

Justin ficou gelado. Não podia referir-se a Celia. Celia estava a salvo em casa, cuidando de Philippe. Não era mais que um blefe. Viu Risk sair da cela. A partir desse momento, deixou de ser consciente dos demais, inclusive de Legare. Todo seu ser ficou em suspensão, em expectativa, como se fosse cair de uma grande altura e esperasse o momento de se espatifar contra o chão.

Um lascivo rumor se estendeu na cela quando Risk entrou com Celia. Ela

tentou soltar-se e gritou quando Risk lhe puxou o cabelo com força. Os piratas se inclinaram para adiante, uma multidão de mãos lhe roçou as pernas, as costas e o cabelo, mas Legare fez um gesto para que se afastassem. Obedeceram-no imediatamente, resmungando e assobiando. Os brilhantes olhos de Celia se cruzaram com os de Justin e ficou imóvel, apesar de seu corpo magro tremer visivelmente.

–Agora fale-me de Aug –disse Legare com suavidade.

Justin fitou-o carrancudo.

–Ela não tem nada a ver com isto. É a esposa de meu irmão...

–Ah, mas o senhor Risk afirma que você adquiriu um grande carinho por ela.

–Sim – disse Risk. –converteu-o em uma cabeça oca.

Justin fitou-o com uma fúria assassina.

– Matarei você por isso – rosnou sacudindo violentamente as mãos acorrentadas e fazendo as correntes ressoarem. Havia-se esquecido da dor nas costelas.

Cresceram as aclamações e as chacotas entre os presentes, pois Justin parecia um lobo raivoso.

Legare pegou Celia pelo queixo com uma mão e com a outra lhe acariciou as suaves bochechas. Ela o fitou com ódio.

Justin sacudiu as correntes freneticamente.

–Maldito seja! Matarei você! Juro!

–Não é nada mais do que uma mulher– Risk observou com frieza. –Não é diferente de muitas outras, Griffin.

–Fale-me de Aug – disse Legare sacando um longo punhal. –Deveria gravar seu nome em sua cara bonita.

–Não! –Justin suplicou. –Não a toque!

Legare sorriu, e com o liso punhal traçou um V invisível da sobrancelha de Celia até seu queixo. Não deixou marca, mas suas intenções ficaram claras.

–Como trouxe Aug e a esses homens? –Perguntou.

–Não lhe diga, Justin – Celia intercedeu, esquivando-se da lâmina do punhal nervosamente. –Não melhorará as coisas. Fará isso de qualquer jeito.

–Não necessariamente – informou-a Legare. –Se ele cooperar, talvez lhe permita continuar com vida. Tenho negócios com mercadores na África que a venderiam a um bom preço no mercado de escravos. Uma pele tão clara como a sua é bem paga por aquelas paragens. –Olhou para Justin. –E então,

Griffin?

Este não afastou o olhar do punhal, que ia de um lado a outro sobre a cara de Celia.

– Trouxe-os aqui ocultos em tonéis. Seus homens acreditaram que era um carregamento de vinho proveniente de um saque.

Legare levantou suas sobrancelhas ruivas, surpreendido.

– Onde estavam escondidos? No povoado? Não pode ser na fortaleza. Revistamos centímetro a centímetro.

–Eu não sei.

Legare colocou o punhal sob o queixo de Celia.

–Vamos, capitão Griffin, certamente que o sabe.

–Não o sei, maldição!

Legare deu as costas a Justin e acariciou a tensa garganta de Celia.

– Temos que convencê-lo de que seja mais falante, *n'est-ce pas*? Creio que permitirei que meus homens se entretenham com você. Não todos ao mesmo tempo, obviamente, somente de dois em dois. –Justin puxou as correntes com toda sua força. –Boles, Luc, levem-na à cela ao lado. Vocês começarão. E assegurem-se de que ouviremos bem seus lamentos.

Quase babando de luxúria, os dois homens agarraram Celia e a tiraram da cela. Ela soltava gritos agudos, cravava-lhes as unhas, mordia-os como uma possessa, tudo em vão.

Em um esforço sobre-humano, Justin jogou uma perna e bateu na cabeça de Legare. Apesar do medo que este inspirava a seus homens, todos começaram a rir ao ver que o haviam pego desprevenido, derrubando-o. Legare se pôs em pé sacudindo a cabeça e fitou-o com uma fúria selvagem. Logo, Justin deixou de ouvir os gritos de Celia. Temeu o pior, mas nesse momento Legare levantou o punhal para o descer sobre ele.

Enquanto os homens de Legare arrastavam Celia pelo corredor, uma obscura figura saiu do nada. O brilho de uma faca sulcou o ar e as brutais mãos que a seguravam se afrouxaram e caíram para um lado. Celia emudeceu subitamente. Estava paralisada. De repente, os traços aquilinos de Aug e seus brilhantes olhos negros ficaram diante dela, que o fitou desconcertada.

–Aug? –Conseguiu sussurrar recuperando a fala. –Aug, estão com Justin aí dentro... –Tentou detê-lo e fazer com que voltasse sobre seus passos, mas ele continuou puxando-a persistentemente.

–Rápido, rápido, não demorarão a aparecer –disse.

–Sim, mas Justin...

–Não se preocupe por ele.

Nesse momento se ouviu uma estrondosa explosão proveniente da cela, fazendo que quase perdessem o equilíbrio. As paredes e o chão tremeram.

O que foi isso?

Justo quando Legare ia cravar o punhal em Justin, a parede que se estendia a sua esquerda explodiu, fazendo saltar centenas de estilhaços e enchendo tudo de fumaça e cinzas. Apotência da explosão lançou para trás os homens que estavam mais próximos da parede. Aturdido, Justin ficou pendurado pelas correntes. O zumbido em seus ouvidos impedia-o de ouvir qualquer som. O tempo passou com uma deslocada lentidão.

Durante alguns segundos, ficou às escuras, mas aos poucos tornou-se consciente dos movimentos dos homens que saíam correndo e caíam ao chão.

–Celia – gaguejou, e levantou a cabeça aturdido.

Várias faces familiares apareceram diante dele. O tiraram do gancho e sustentaram-no enquanto tentava caminhar, arrastando as correntes pelo chão. O mundo se estabilizou, e numerosos integrantes de sua tripulação atravessaram o oco que havia sido aberto na parede arrebentada. Entre eles, Sans-Nez e Duffy.

–A mulher... – disse Justin.

–Está sã e salva, Aug a pegou.

Olhou ao redor. Legare havia desaparecido. Uma vez libertado, Justin caminhou mancando entre os corpos espalhados pelo chão, ignorando a dor que sentia na perna.

–Jack...

A explosão havia atingido Risk. Tinha o olho bom aberto, e o tapa-olho do ruim havia subido. Justin procurou o pulso e comprovou que estava morto.

Justin se surpreendeu ao notar que, apesar de ter cometido a pior das traições, ainda podia sentir pena dele. Queria gritar de fúria, indignação e dor. Com um gesto delicado, colocou o tapa-olho em seu lugar e fechou o outro olho. Depois se pôs em pé e observou os traços frouxos em uma espécie de transe. Entendia por que Risk havia se voltado contra ele. Apesar de tudo o que haviam vivido juntos, Risk acreditou que Justin o havia traído. Não havia tido outra opção além de se unir às fileiras de Legare.

Havia permanecido ali um longo tempo, mas era consciente de que seus homens o observavam, esperando. Voltou-se para eles e estendeu seus pulsos.

–Tirem-me isto – disse. – Legare organizará seus homens muito rápido... Não dispomos de muito tempo. –Puseram mãos à obra com os grilhões utilizando ferramentas, golpeando os pinos que os mantinham ao redor de seus pulsos. –Fizeram todo muro voar... –Justin sacudiu a cabeça para clarear a mente. –Maldição, como sabiam que não estaria pendurado contra essa parede?

Todos sorriram.

–Esperávamos que não estivesse – disse Sans–Nez.

Os grilhões caíram de suas machucadas mãos.

–Estão seguros que Aug está com a mulher? –Perguntou.

–Sim.

Todos o fitaram com expectativa. Justin assumiu o comando de imediato e começou a repartir ordens. Enquanto falava, sua mente avaliava a situação. Risk estava morto, Celia estava em perigo e Aug, sabe Deus onde estaria. Tinha que levar a cabo o planejado, mas com leves mudanças. Antes de mais nada, teria que encontrar Celia e assegurar-se de que estava a salvo.

–Aproxima-se uma flotilha da Marinha. Oito barcos ou mais – informou com rapidez. –tomem os canhões das duas baterias principais da fortificação e disparem contra os navios ancorados no porto que não tenham sabotado. Os homens de Legare tentarão ficar em posição. Não disparem contra nada que tenha a bandeira americana. Disparem na taberna e nos paióis. –Fez uma pausa antes de acrescentar com aspereza. –Eu irei em busca de Legare.

– Mantenha os olhos abertos, Griffin – advertiu-o Duffy. – Dispararemos onde nos indicou e apontaremos bem, mas se ficar na linha de tiro será atingido.

Justin deu uma olhada a seu maltratado corpo e à queimadura de charuto no peito.

– Não sei se o notaria – murmurou, e fez um gesto para que se pusessem em movimento.

Duffy estendeu-lhe uma faca e um sabre. Justin afundou a faca em sua bota e examinou a espada. Era uma arma simples e bem equilibrada, com punho curto e um guarda-mão passável.

Justin saiu ao corredor e os demais se dispuseram a cumprir as ordens do capitão. Era consciente de que Duffy ia atrás dele, observando-o. Justin se voltou e olhou para sua cara. Seu coxear, mal perceptível a maior parte do tempo, era muito pronunciado agora.

–O que ocorre? – Inqueriu.

–Acompanharei você em busca de Legare, capitão.

Justin o examinou com seus penetrantes olhos azuis. Meia cara estava iluminada pela luz das tochas, a outra metade na penumbra.

–Não; farei isso sozinho. Nem sequer o demônio poderia deter-me.

Duffy assentiu e se foi, satisfeito com o que havia observado no rosto de Justin.

Incapaz de manter o passo de Aug, Celia teve que correr atrás dele através de um corredor escuro e inclinado. Ele se deteve subitamente, por isso ela bateu contra suas costas. Com exagerada cautela ele apontou para um estranho objeto encaixado no meio do chão. Parecia parte de uma pistola. Alguns brilhantes arames percorriam uma das paredes do corredor vindo de uma caixa de madeira, bloqueando a passagem. Aug passou por cima dos arames e lhe indicou que fizesse o mesmo. Recolhendo a saia até os joelhos, ela o imitou.

A passagem penetrava mais e mais nas profundezas da terra e acabava numa espécie de câmara oval formada por cavernas. Quando Aug a introduziu em uma delas, custou-lhe um bom tempo acostumar-se com a visão na penumbra. A caverna estava cheia de caixas vazias e barris. No chão havia um buraco de quase um metro de diâmetro. Aug empurrou-a para lá.

–Por aqui poderá afastar-se da fortaleza – disse. –Chegue até o final, e se apresse.

Celia olhou-o sem conseguir focar a vista. Estava lhe pedindo que entrasse naquela gruta escura no chão?

–Não sei se poderei – disse.

–É seguro. Rápido, mova-se.

–Tem que haver outra maneira. Poderia esconder-me em algum lugar até...

Calou-se quando Aug lhe estendeu a mão.

–Agarre-as.

Ela obedeceu a contragosto, introduziu os pés na abertura e foi descendo. Seus pés tocaram em pedras lisas em um declive acentuado. Olhou para cima, para a silhueta de Aug.

–Cuide de Justin – suplicou.

–Dê por feito.

Então, Aug desapareceu. Rodeada pela escuridão, Celia sentou-se numa

rocha inclinada e respirou fundo várias vezes para acalmar-se. Levantou as mãos para a abertura, mas não fez mais do que deslizar mais para baixo, arrastando terra e pedregulhos à sua passagem. Tentou frear sua descida, mas finalmente chegou ao fundo. Pôs-se de pé e escutou ao redor. O som de sua respiração criava um eco vazio. Em algum ponto acima de sua cabeça penetravam alguns finos raios de lua. Encontrava-se em uma gruta fria e úmida que tinha altura suficiente para que pudesse ficar de pé. O chão estava coberto por um par de centímetros de água. Avançou com as mãos esticadas, tocou com um muro e apalpou sua superfície com os dedos.

Deteve-se para escutar o murmúrio abafado que chegava de cima. Talvez devesse ficar ali e esperar. O estrépito de outra explosão retumbou nas paredes, estremecendo-a. Não podia esperar sozinha na escuridão ou ficaria louca. Mordeu o lábio com gesto de determinação e caminhou colada ao muro de pedra, tateando com a mão. Estava aterrorizada, mas era maior o medo que sentia por Justin.

Ao recordá-lo pendurado pelas correntes, começou a chorar. O teriam machucado-o muito? E a explosão... teria sido atingido? Agarrou-se à esperança. Justin era forte e obstinado, havia sobrevivido a muitos perigos. Mas ela temia que, ainda que tivesse sido resgatado, o temor que sentisse por ela o distraísse e não se preocupasse o suficiente com sua própria segurança. Passo a passo, seguiu avançando pelo túnel.

Justin sabia que Legare não demoraria em reunir seus homens e traçar uma estratégia para se opor ao reduzido grupo que havia entrado na fortaleza. Mas Justin havia previsto que muitos homens de Legare aproveitariam a oportunidade para saquear os armazéns e levar as provisões, contribuindo assim com a sensação de caos. Com sorte, as forças do comandante Matthews atacariam logo, o que obrigaria Legare a enfrentar tanto a ameaça externa como a interna.

Justin ouviu explosões e tiros de canhões no porto, que produziam um tamborilar irregular. Também chegava dos corredores subterrâneos o som de gritos e disparos. O alarme se estendeu por toda ilha. De algum lugar começou a subir uma coluna de fumaça. Calculando os diferentes lugares a que Aug poderia ter levado Celia, Justin se dirigiu para as escadas de pedra que conduziam ao nível principal do forte. Antes de chegar ao primeiro degrau, alguém saltou sobre ele gritando e o derrubou. Justin agarrou seu

atacante pelo punho e rodaram pelo chão até ficarem em pé.

–Ned! –Gritou o outro pedindo ajuda, por isso Justin se encontrou de repente ante dois piratas, ambos mais baixos que ele, porém ansiosos pela luta.

Estavam armados com espadas curtas e pesadas, armas que costumavam usar aqueles que careciam de formação em esgrima. Costumavam suprir suas escassas habilidades com uma maior proximidade no corpo a corpo. Lançaram-se os dois sobre ele ao mesmo tempo.

Justin jogou-se de lado para se esquivar de um deles e lhe proporcionou um forte empurrão enquanto lhe afundava o sabre no corpo. O sujeito caiu ao chão com uma mancha de sangue no torso. O outro pirata investiu lançando contra ele estocadas de maneira insensata. Justin teve que manter o equilíbrio enquanto lutava devido à perna defeituosa. Deu um passo atrás, arremeteu e em seguida se jogou de lado para se esquivar da descida da espada curta.

Grunhindo pela dor nas costelas, Justin se obrigou a agachar-se uma vez mais e, antes que o outro pudesse se recompor, cravou-lhe a espada em seu volumoso ombro. O pirata soltou a espada, levou a mão ao ombro e se apoiou contra a parede para deslizar até o chão. Olhou para Justin com olhos entreabertos, como um animal aprisionado numa armadilha. Embora a ferida não fosse necessariamente mortal, supunha que Justin acabaria com sua vida. Não muito tempo antes, este o teria matado sem vacilar. Mas agora não pôde. Deus, o que lhe havia acontecido?

Ofegando, Justin se afastou do pirata. Secou o suor da testa com o que lhe restava da manga. Imediatamente captou uma sombra cruzando o chão e se voltou com o sabre pronto para investir. Mas era Aug, com uma faca em uma mão e uma espada espanhola na outra. Olhou para Justin e sacudiu a cabeça lentamente.

–Deveria ter acabado com ele. Perdeu o juízo, capitão.

Justin fitou de modo eloquente. Sim, no passado havia sido um homem sem escrúpulos a quem não importava matar ou morrer. Mas havia mudado após comprovar que a vida valia a pena.

–Onde está Celia? –Perguntou com rudeza.

–No túnel que passa por debaixo dos armazéns e chega muito além da fortaleza.

–Não aparecia no mapa de Sans-Nez.

–Foram mostrados a mim pelas prostitutas. Encontraram-no debaixo do bordel. Legare desconhece sua existência.

–Quer dizer que você e os outros estiveram...? –Justin foi interrompido por um rugido ensurdecedor que parecia surgido das profundezas da terra. As paredes tremeram e o teto de madeira rangeu. –Um paiol? –Perguntou e Aug assentiu. Ouviram muitos disparos. Os homens subiam as escadas com toda pressa, pisoteando uns aos outros em sua fuga. Podia-se respirar o medo no ar. Justin se colou à parede e indicou a Aug que fizesse o mesmo. Quando a desesperada debandada passou, ambos saíram do corredor.

–Desde a traição de Risk, você e os outros estiveram escondidos com as putas...? No bordel?

–Parte do tempo – admitiu Aug. –As putas odeiam Legare. Fica com a maior parte de seu dinheiro, mas não lhes proporciona segurança em relação a seus homens. Às vezes esses safados se negam a pagar-lhes e ainda por cima lhes batem.

–Não me surpreende. –Justin se voltou para regressar por onde havia vindo. –Tenho que encontrar Celia.

–Mas Legare...

–Sim, também irei atrás dele. Depois que encontrar Celia. –Ao ver o olhar reprovador de Aug, Justin elevou uma sobrancelha de forma brincalhona. –Se preferir, vá você mesmo atrás de Legare – acrescentou. Ambos sabiam que a destreza de Aug com a espada não estava à altura do desafio.

Aug amaldiçoou e fez um gesto para as escadas.

–Será mais rápido se for esperá-la no final do túnel.

Com cautela, chegaram a um salão vazio onde havia uma porta aberta para a noite. Estava a ponto de amanhecer. Havia fogo ao redor da fortaleza, e parte das chamas se elevavam para o céu vindo da taberna, a antiga prisão.

–Por aqui – disse Aug.

Justin seguiu-o, mas então ouviram aproximar-se um assobio de um tiro de canhão proveniente da baía. Deitaram-se na areia e cobriram as cabeças. Pedacos da muralha caíram sobre eles. Um pedaço maior caiu perigosamente próximo a eles. Viram-se cobertos por terra e restos de metal. Tossindo, Justin levantou a cabeça e olhou para Aug.

–Creio que a Marinha chegou – disse com um sorriso.

Capítulo 12

O avanço de Celia foi lento e incerto, pois não via nada no túnel e o chão não era totalmente firme. Pouco a pouco, as estrondosas explosões soavam mais forte, o que indicava que o túnel ia subindo para a superfície. Prosseguiu avançando, mas os minutos passavam e a frustração e o medo já lhe pareciam insuportáveis. Parecia que o túnel nunca teria fim e que ela ficaria trancada na escuridão até o fim dos tempos. Estava esgotada, mas não queria se deter para descansar. Seus dedos, ásperos pelo constante roçar com a pedra, de repente não tiveram onde pousar. A parede havia acabado. Confusa, apalpou o ar até dar com a borda de uma esquina bem definida. A forma do túnel mudava nesse ponto. Respirando com ansiedade, examinou ao redor e descobriu que o túnel dividia-se em dois. Aug não lhe havia advertido sobre isso... Que direção deveria tomar? Apertou os punhos com força, vacilante.

—Que direção é a correta? —Gritou, e sua voz reverberou na gruta.

Apoiou-se contra a parede e rompeu em soluços e xingamentos que havia ouvido de Justin em alguma ocasião. Assustou-se ao ouvir uma potente detonação que pareceu explodir justo acima de sua cabeça. Do teto caiu uma chuva de pó e pedrinhas. Celia optou pelo caminho da esquerda. O túnel virava bruscamente. Ela sentiu a diferença no ar, misturado com um pouco de fumaça. Ouviu um grito baixo que era muito agudo para ser de um homem. Aproximou-se de onde provinha o ruído e descobriu uma rampa que subia para uma abertura no teto, que brilhava com um lampejo vermelho alaranjado. Ouviu o crepitar do fogo e outro grito.

Subiu pela inclinação até a abertura, que dava em um cômodo em chamas. Pisou em algumas tábuas soltas que deviam ser as que haviam mantido oculta a entrada do túnel subterrâneo até que alguém as havia arrancado para poder fugir. Duas paredes haviam voado, e línguas de fogo subiam pelo teto parcialmente derrubado. Havia duas mulheres de cócoras a alguns metros de distância, tentando freneticamente levantar a viga que havia caído sobre a perna de uma garota mulata. Ao olhar ao redor, Celia compreendeu que estava no bordel da ilha.

As duas prostitutas gritavam, amaldiçoavam e tossiam. Poderiam ter escapado, mas haviam ficado para ajudar sua amiga ferida. Impulsivamente,

Celia se aproximou delas e agarrou a garota presa pelas axilas. As outras a fitaram surpresas.

–Levantem a viga! –Ordenou, lacrimejando devido à fumaça.

Ofegando asfixiadas, conseguiram mover a pesada viga de madeira os centímetros suficientes, e Celia puxou a garota arrastando-a. Ela olhou sua salvadora com olhos aterrorizados e esforçou-se para tirar a perna de debaixo da viga. Uma das paredes em chamas veio abaixo perigosamente perto delas. Por fim, Celia conseguiu libertar a garota.

Entre elas a levaram até a abertura do túnel. Celia desceu primeiro e estendeu os braços para cima para que baixassem a garota pouco a pouco. As quatro desceram pela rampa. Uma morena cheinha com a cara manchada pela fumaça agarrou Celia pelo braço.

–Obrigada –disse-lhe entre ofegos. –Muito obrigada.

–Sabem como sair daqui? –Perguntou Celia sem deixar de tossir. Mesmo aquela breve exposição à fumaça lhe havia feito sentir como se tivesse os pulmões cheios de brasas.

A prostituta deixou escapar uma risadinha.

–Se o que pretende é sair à superfície, princesa, tomou a direção errada. Mas sim, conheço a saída. Não está longe.

Acima de suas cabeças se produziu uma explosão ensurdecadora e parte do túnel caiu. Gritaram horrorizadas ao sentir que tudo tremia a seu redor. Em questão de segundos, Celia soube que iriam morrer. Sua mente ficou em branco e seus ouvidos colapsaram com os potentes rangidos, e logo se viu lançada em uma abrupta quietude. Tudo ao seu redor estava calmo, fresco e cinza.

Finalmente se moveu um pouco, como entre sonhos. Doíam-lhe os olhos, o nariz e os pulmões. O ar era quente e azedo. Conseguiu sentar-se e esfregou os olhos. A mulher morena tocava amargamente um galo na cabeça e praguejava, enquanto a garota mulata chorava desconsolada.

–O que aconteceu? –Perguntou Celia.

– O túnel desmoronou – disse a morena apontando para a entrada do mesmo, bloqueada pelos escombros. –Não poderemos sair por ali. –tossiu com força. –E como os malditos piratas dali de cima incendiaram a ilha, estamos presas aqui. Neste forno quente... não demoraremos muito em converter-nos em quatro espetos assados.

–Não – disse Celia, e engatinhou lentamente até o monte de escombros. Agarrou uma pedra do alto. –O calor e a fumaça irão para cima, não descerão

até aqui. Estaremos a salvo durante um tempo... mas ainda assim temos que... –deteve-se, sacudida por um espasmo de tosse –que escavar para sair daqui. –Mas nenhuma delas se moveu para ajudá-la.

A taberna queimando oferecia uma visão dantesca e produzia luz e calor suficientes para competir com o sol nascente. Depois de avançar entre os tiros de canhão dos navios da armada, Justin e Aug se refugiaram atrás de alguns largos parapeitos da fortaleza. Um homem ensanguentado saiu por uma porta. Justin reconheceu-o.

–Duffy!

Pôs-se em pé e sustentou-o antes que perdesse o equilíbrio. Colocou-o com cuidado no chão. Duffy levou as mãos à ferida de punhal que tinha no centro do peito; o sangue minava entre seus dedos. Levantou a vista e olhou para Justin com olhos vidrados.

–Legare... – ofegou. –Lutei com ele, mas não consegui... Ao menos tentei...

–Está bem, não fale – murmurou Justin, dirigido a Aug um sombrio olhar.

Duffy era um homem valente e ousado, mas não era rival para alguém tão hábil como Legare. Arrancou uma tira da camisa e pressionou a terrível ferida com ela. Era inútil, mas tinha que fazer algo. Duff estremeceu e expirou antes que sua cabeça caísse para um lado.

–Griffin!

Justin levantou o olhar para topar com o corpo magro de Legare. Empunhava uma espada manchada de sangue. Não havia rastro de seu habitual sorriso sarcástico, somente uma determinação mortal em seus olhos. Mais dois homens apareceram atrás do pirata. Justin se perguntou se os três teriam encurralado Duffy, e se os outros dois o teriam segurado para que Legare lhe apunhalasse o peito.

Aug se pôs em pé de um pulo e Justin imitou-o, ainda que mais devagar. Sentia o sangue lhe subindo à cabeça e uma euforia selvagem, a emoção mais pura que já havia sentido. Queria matar, ver o sangue de Legare e dançar em cima dele. O som do ódio era muito mais forte que o do fogo e dos tiros de canhão. Justin sentiu-se capaz de tudo, inclusive da pior crueldade... Sentia-se quase desumano.

Viu tudo isso refletido nos olhos de Legare. "Meu Deus, –pensou com uma repentina pontada de pânico –o que nos diferencia?" A névoa vermelha

foi desaparecendo. Recordou que Celia havia dito que acreditava nele, que o havia feito crer novamente em uma parte de si mesmo que considerava perdida para sempre. Ela era o que o diferenciava de Legare; jamais seria como ele. Pensar em Celia acalmou-o um pouco.

Quando a corrente de energia instintiva começou a abrandar, voltou a perceber as coisas que havia esquecido momentaneamente: a dor na perna, a pontada nas costelas e todos os pontos machucados de sua anatomia. Era bom recordá-lo. Tinha que lutar conhecendo suas limitações, não lançar-se como um desesperado. Sua capacidade estava seriamente minguando e não podia usá-la como em seus bons tempos.

–Aug – resmungou fazendo um gesto para o par de homens às costa de Legare. –Mantenha afastados esses bastardos. Que ninguém interfira. Se tentarem algo...

–De acordo.

Legare assentiu para os dois piratas, que se colocaram de lado. Justin supôs que tentariam acabar com Aug na primeira oportunidade, mas Aug não teria problemas em lidar com os dois.

Legare se dirigiu ao interior da fortaleza e esperou que Justin o seguisse. Era um recinto pequeno e fechado, iluminado por tochas e pela débil luz do sol que entrava pela porta. Fora se ouviam gritos e sons de espadas. Legare olhou para Justin.

–Ao que parece, meus homens decidiram comprovar as habilidades de Aug –disse.

Justin deu de ombros.

–Estarão ocupados durante um tempo. –E investiu contra Legare sem prévio aviso.

Legare se pôs de lado agilmente e devolveu o golpe em um veloz contra-ataque. Justin lutou com extrema concentração, consciente de que só podia reagir dando pequenos saltos com a perna ruim. Não tinha ritmo.

Legare riu com malícia.

–Estúpido e patético! Perdeu sua lendária habilidade. –Deu um passo atrás com um sorriso de desprezo, como se aquele combate não merecesse o esforço.

Justin continuou alerta, investindo e retrocedendo, tomando a iniciativa e com Legare na defensiva. Fez uma finta e lhe cravou a ponta do sabre no ombro. Legare se jogou para trás com um salto, mas já havia uma mancha de sangue em sua camisa. Furioso, lançou-se contra Justin com violentas

investidas. Este manteve a posição, sabendo que sua perna não podia suportar uma longa movimentação.

As lâminas entrechocaram-se e deslizaram uma contra a outra até quase as empunhaduras se tocarem. Ambos apertaram os dentes e se submeteram a uma feroz disputa de força. Justin o fez retroceder com um violento empurrão. Legare se refez em seguida e se enredaram em uma prolongada troca de golpes, investindo e retrocedendo. Tudo transcorria com muita rapidez para sequer pensar; só o instinto guiava o fulgor das espadas. Logo Justin superou a guarda de Legare e lhe infligiu uma espetada superficial nas costelas.

A expressão do pirata tornou-se demoníaca. Arremeteu com força, obrigando Justin a dar um salto para trás e apertar os dentes para defender-se daquele violento ataque. Sentiu um formigamento no estômago ao ver que no rosto de Legare se desenhava um gesto de vitória, e de imediato deixou de sentir o chão sob seus calcanhares. Estava na borda de uma escada. Tendo o cuidado de não perder o equilíbrio, desceu dois ou três degraus e levantou a espada justo no momento de frear uma selvagem estocada de Legare.

Produziu-se uma ensurdecadora explosão, uma bala de canhão que bateu contra o parapeito e fez a estrutura tremer por completo. Justin perdeu o equilíbrio e caiu escada abaixo, rodando sem parar até seu pé. O sabre resvalou vários degraus até parar na metade da escada, fora de seu alcance. Justin continuou caído na penumbra por alguns segundos, olhando tonto para o alto da escada. Legare estava descendo, cortando a distância entre eles.

Justin tentou ficar em pé, tropeçando naquele sombrio corredor. Voltou a cair no chão. A escassos centímetros de seu nariz viu um arame preso ao redor de um prego. Piscou e fixou o olhar naquele objeto. Ofegante, notando o sabor de cobre do sangue na boca, pôs-se em pé evitando tocar o arame. Em seguida entrou alguns metros no corredor, apoiou as costas contra a parede e esperou, arfando e com uma mão nas costelas em que sentia uma aguda pontada de dor.

Legare se deteve na entrada do corredor, examinando seus escuros confins. Ouviu o irregular ofegar de Justin.

–Grande farsante é você – zombou o pirata. –E eu que o considerava uma ameaça. Matá-lo está parecendo uma brincadeira de criança.

Legare levantou a espada e deu um passo. Então sua bota arrastou o arame, que acionou o gatilho de uma pistola. Imediatamente se produziu um disparo que ressoou no estreito corredor, fazendo com que os ouvidos de

Justin zumbissem.

Legare vacilou um instante, mas continuou avançando. Justin pensou angustiado que o disparo não o havia atingido, mas logo viu-o cair para a frente, apontando desajeitadamente com a espada para ele. Justin pulou para o lado e a estocada errou seu objetivo.

Legare soltou um estremecedor berro de fúria –Maldito seja, Griffin!

E tudo ficou abruptamente em silêncio. Quando seus olhos se adaptaram à penumbra e a luz do sol entrou timidamente naquele canto, pôde ver o rosto de Legare convertido em uma máscara imutável, o olhar ausente e os lábios formando uma careta de dor. O disparo lhe havia atingido no estômago. A armadilha da pistola havia feito seu trabalho.

Justin se apoiou contra a parede sem afastar os olhos daquela figura retorcida. Aturdido, perguntou-se por que as detonações e o estrondo haviam parado. O ataque naval havia sido concluído. A Marinha não demoraria em espalhar-se por toda ilha.

–Venha, Griffin! –OuvIU a voz de Aug no alto da escada.

Com grande esforço, Justin saiu do corredor e subiu devagar pelos degraus. Recolheu seu sabre e continuou subindo. Aug o olhava assustado. Justin franziu o cenho.

–Como sabia que não era Legare que havia ficado em pé?

–Conheço-o faz muito tempo – replicou Aug com simplicidade.

Junto à entrada jazia um corpo, um dos homens que haviam desafiado Aug. Justin olhou para seu companheiro.

–E o outro?

Aug deu de ombros.

–Fugiu correndo.

Justin sorriu e depois pensou em Celia.

–Leve-me à entrada do túnel.

Caminharam para ali. Aug agarrou uma tocha acesa que alguém havia cravado na areia. Chamas e fumaça subiam para o céu, vindas dos telhados do pequeno povoado, a taberna e o bordel. A ilha ardendo era como uma visão do inferno.

Espessas moitas fechavam a entrada do túnel. A abertura no chão estava quase coberta pelo mato, samambaias e musgo.

–Já deveria ter saído – disse Aug afastando as moitas.

–Celia! –Gritou Justin com voz rouca. Pegou a tocha das mãos de Aug. – Algo não saiu bem – disse, sabendo que buscá-la no exterior seria uma perda

de tempo. Agachou-se para entrar no túnel. Metro a metro o espaço ia se alargando, mas não o suficiente para se pôr de pé. Aug vinha atrás dele.

–Celia! –Chamou novamente.

A única resposta foi o zombeteiro eco de sua própria voz. Seguiram adiante uns trinta metros e então o túnel dividiu-se em dois. Justin se deteve.

–De onde ela vinha? –Perguntou.

Aug apontou.

–Dali.

Justin deu uma olhada ao estreito túnel a sua direita.

–Aonde leva?

–Ao bordel.

–Bem, pois tentemos por aqui.

–Não creio que ela...

–Pois eu creio que sim– respondeu Justin, entrando pelo túnel da direita.

–Conheço-a muito bem. Tem um talento especial, um dom, para estar no lugar errado no momento errado.

Percorreram o túnel serpenteante. Em certo momento, Justin cheirou a fumaça e deteve-se ao topar com uma montanha de escombros que fechavam o caminho. Próximo do ponto mais alto havia uma fresta através da qual algumas pequenas mãos abriam caminho. Ouviu alguns gritos abafados.

Soltou a tocha e o sabre e lançou-se freneticamente para a pequena abertura. Agarrou uma pesada rocha e tentou afastá-la. Xingou e se esforçou a fundo para fazê-la rodar o monte abaixo. Aug se colocou a seu lado e também pôs mãos à obra.

Justin introduziu a cabeça, o ombro e um braço através da abertura que haviam liberado. Esticou a mão as cegas, tocou um braço fino e começou a puxá-lo. Aug ajudou-o a tirar a uma mulher peituda de cabelo castanho através do buraco. A infeliz se deixou cair sobre um pedregulho e se pôs a tossir violentamente.

Desesperado, Justin voltou a estender o braço. Outras mãos femininas lhe agarraram os pulsos. Uma segunda mulher passou pelo buraco entre os escombros, e uma terceira, e Justin se desesperava ao ver que Celia não aparecia. Preso de pânico, colocou a cabeça na abertura.

–Celia! –Chamou. Seus olhos ardiam devido ao suor e as lágrimas. – Celia...!

Uma mão agarrou a sua e ele a apertou com força. Puxou o braço até segurar as costas do vestido. Então puxou para fora com todas suas forças e

Celia acabou tombada ao seu lado, trêmula e soluçante. Justin embalou-a em seu colo, ainda aterrorizado pela possibilidade de que tudo aquilo tivesse sido muito para ela, de que tivesse morrido. Esfregou ansiosamente a bochecha contra seu cabelo chamuscado.

–Meu Deus... Celia...

Ela passou os braços ao redor do pescoço dele.

–Estou bem... – balbuciou ela contra seu ouvido. –Estou bem.

Após alguns instantes, Celia abriu seus úmidos olhos. Percebeu os abafados ofegos de Justin contra seu cabelo, desconcertada, e compreendeu que estava chorando. Ajeitou-se lentamente para sentar-se em seu colo e lhe fitou o rosto.

–Justin... – Sua voz soou rouca. Secou-lhe as lágrimas com os dedos, deixando marcas negras em sua cara. Ao olhá-la e sentir suas tranquilizadoras carícias, uma parte do tormento que Justin sentia começou a se desvanecer. – Não foi tão terrível... Não me feriram. Agora... tire-me daqui. Vamos.

Quis levantar-se de seu colo, mas ele abraçou-a com força. Não queria afastar-se dela.

–Posso andar – Celia insistiu e olhou para Aug, que havia segurado em seus braços a garota mulata.

A prostituta morena pegou a tocha e começou a andar abrindo caminho. Justin ajudou Celia a manter o equilíbrio, colocando-se a suas costas enquanto avançavam para a saída do túnel. Ela não conseguia respirar bem, sentia os pulmões e a garganta como se tivessem sido esfregados com pedra pome, mas não tinha nenhuma queimadura considerável. Pelo buraco no chão do bordel havia passado muito pouca fumaça.

Finalmente, Celia saiu do túnel lançando um grito de alegria. As prostitutas se deitaram no chão sob uma árvore. Celia sentou-se, tão esgotada como aliviada de voltar a ver o céu sobre sua cabeça. Respirou fundo, tossiu, e se obrigou a respirar profundamente algumas vezes. Soprava uma fresca brisa que lhe refrescou a cara. Jamais na vida voltaria a se meter sob a terra, não haveria motivo suficientemente poderoso para obrigá-la a fazer isso.

Justin se inclinou sobre ela, com os olhos avermelhados e a face cansada e com olheiras. Sem trocar uma palavra, Celia lhe rodeou o pescoço com os braços e o beijou, pressionando seus lábios com sabor de fumaça contra os de Justin.

–*C'est bien?* –Disse acariciando-lhe a nuca.

Ele estremeceu e abraçou-a com os olhos fechados.

–Sim, agora sim estou bem. –Justin sorriu contra seu cabelo. –Não sabia onde estava e acreditei que havia morrido. Nunca voltarei a sentir-me tão mal. Como pôde me fazer isto? –Reprovou-a antes de beijá-la com possessividade e ardor. Depois levantou a cabeça e olhou-a nos olhos. –Disse-lhe que ficasse na propriedade, onde estaria a salvo. Deveria lhe dar uma surra por ter me desobedecido! –E sem lhe dar chance de responder voltou a beijá-la.

–Vallerand – Aug o interrompeu.

Justin deu-lhe um olhar assassino. Aug estava com a garota mulata apoiada nele. A garota tinha uma perna queimada, mas estava consciente e se agarrava a Aug como se sua vida dependesse dele. As outras duas prostitutas também estavam ao seu lado.

–Será melhor sairmos daqui, capitão – disse Aug. –Há um galeão ancorado no outro lado. Ainda temos tempo de chegar até ele.

–Vai levá-las com você? –Perguntou Justin, perplexo.

Aug assentiu.

–Querem ir. E nossos homens as receberão com os braços abertos.

–Não tenho nenhuma dúvida – disse Justin.

–Vamos, temos que nos apressar.

Justin vacilou.

Celia abraçou-o com força e apertou sua bochecha contra a dele, temendo que Justin pensasse em abandoná-la.

–Leve-me com você – suplicou. –Por favor, não me deixe, leve-me com você...

–Shhh, cale-se – disse passando-lhe a mão pelo cabelo. –Eu não vou a nenhuma parte. –Olhou para Aug e sorriu. –Adeus, *mon ami*. Desejo-lhe sorte.

–Será enforcado – replicou Aug sem se alterar.

–Ficaremos aqui – Justin resolveu a questão. Seus olhos azuis se cravaram nos olhos negros de Aug e sorriu meio de lado. –Chamou-me de Vallerand, não?

–Tem razão. – Aug levou a mão à testa em uma breve saudação militar, sorriu-lhe e foi embora com as mulheres.

Ao notar os tremores de Celia, Julian acariciou-a.

–Tudo está bem, *mon couer*, não vou deixá-la. Está a salvo em meus braços, e o pesadelo acabou.

–Legare está morto?

–Sim.

–E Risk?

–Também. –Justin beijou-a na testa. Cravou seus avermelhados olhos nos dela. –Celia... Risk ou algum de seus homens a... machucaram?

–Não, não.

Ele pareceu imensamente aliviado. Alisou o cabelo.

–Poderia ter escapado com Aug e seus homens – disse Celia. –Por que se negou a fazer isso? Teria ido com você. Sabe que o teria feito...

–Não. Ainda há uma recompensa por minha captura. Não poderia viver com o temor de que voltasse a estar em perigo. –Justin lhe pegou as mãos e observou-as. Inclinou a cabeça e beijou-lhe as palmas.

–Isso não teria importado...

–Oh, sim teria importado. Além do mais, estou cansado de ser um fugitivo. Prefiro enfrentar uma condenação à morte a continuar fugindo.

–Não! –Exclamou ela e o abraçou com todas as suas minguadas forças.

Justin fez uma careta de dor.

–Cuidado com minhas costelas – disse com os dentes apertados, e soltou um suspiro de alívio quando ela afrouxou o abraço.

–E agora o que acontecerá? –Perguntou assustada.

Justin dirigiu o olhar ao horizonte coberto de fumaça.

–É provável que um tal tenente Benedict tenha desembarcado na ilha e esteja me procurando. Sem dúvida, meu pai virá pisando-lhe os calcanhares.

–E... e você... você planeja que nos sentemos para esperar que venham e o prendam? Justin, devemos... De que ri?

Ele inclinou a cabeça para ela, os radiantes dentes brancos em seu rosto cheio de fuligem.

–Dispomos de certo tempo. Prefiro passar alguns minutos com você e morrer amanhã a passar uma vida sem você.

–Certo, isso está muito bom para você, –replicou ela – mas eu não vou conformar-me com alguns malditos minutos!

Ele soltou uma gargalhada.

–Bom, ainda nos resta uma esperança. Meu pai ainda não deu por concluídas as negociações com o governador Villeré. Costuma conseguir êxitos incríveis. –Aproximou os lábios dos dela. –Beije-me – murmurou, mas Celia estava apertando os lábios para não chorar. –Diga-me que me ama – pediu ele, e lhe deu uma mordidinha no lábio inferior. –É a única coisa que me importa. Diga-me.

–Amo – sussurrou ela e, muito devagar, entreabriu os lábios sob os dele. E se perguntou como era capaz de beijá-la daquele modo estando a ponto de perder tudo. Ele lhe acariciou o pescoço e ela ficou sem fôlego, com um breve acesso de tosse. –Desculpe – disse. – Desculpe...

Ele lhe sussurrou doces palavras e beijou-a no pescoço antes de voltar a sua boca.

Consternada, Celia se propôs a convencê-lo a ir com Aug. Escapariam para algum lugar... Esse era o único modo de poder ficarem juntos para sempre. Mas ele a abraçou, disposto a continuar beijando-a, e ela não pode mais pensar. Abandonou-se inteiramente àquele delicioso tormento, perdendo a noção do tempo. Ele havia feito com que se esquecesse de tudo, exceto de seus cálidos lábios e sensuais mãos, que lhe punha a sensibilidade à flor da pele.

Resmungou um protesto quando ele afastou-a e virou a cabeça bruscamente. Um grupo de seis marinheiros e soldados armados até os dentes se aproximava deles. Imediatamente se viram cercados por todo um mostruário de mosquetes com as baionetas caladas. Justin se pôs em pé muito devagar e depois ajudou Celia a levantar-se.

O tenente Benedict se colocou diante de seus homens. Parecia nervoso, mas decidido. Não parecia difícil perceber que seu orgulho havia sofrido um sério revés após ter engolido a farsa de Justin.

–Capitão Griffin, –disse com gesto austero –será melhor que não oponha resistência.

–Nem sequer o tentarei – respondeu Justin. Benedict olhou para Celia.

–Afasto-se do prisioneiro, madame Vallerand.

Ela não se moveu. Justin inclinou a cabeça e lhe roçou a orelha com os lábios.

–Eu a amo. Agora vá. – Sussurrou, e empurrou-a suavemente. Ela retrocedeu alguns passos soluçando. Quando os soldados rodearam Justin e o amarraram, um homem alto com um abrigo negro aproximou-se dela. Tinha o sol às costas, o que ofuscou a Celia. Reconheceu a voz grave e autoritária de Maximilien Vallerand.

–Celia, é uma cabeça oca...

Ela foi até ele aliviada. Max lhe jogou um casaco nos ombros e tranquilizou-a, passando-lhe seu paternal braço sobre os ombros. Perguntou-lhe se a haviam machucado, e ela balbuciou algumas palavras ininteligíveis, pois não afastava os olhos de Justin. Estremeceu ao ver as maneiras

grosseiras com que o seguravam.

–Tenente Benedict, –disse Max seriamente –pelo visto será necessário que o recorde que meu filho os ajudou a tomar a maldita ilha.

Isso fez com que Justin fosse tratado com um pouco de amabilidade quando se puseram em marcha. Seria levado a Nova Orleans e o prenderiam no Cabildo, um edifício governamental com celas mais seguras. Celia o observou com os olhos marejados de lágrimas e voltou-se para seu sogro.

–Max, tem que ajudá-lo...

–Não posso acreditar que esteja aqui –interrompeu-a seu sogro com tom de reprovação. Sua voz soou tranquila, mas intimidante. –Superou minhas piores previsões. Se pôs em grave perigo, Celia, causando problemas a Justin e, ainda por cima, abandonou Philippe quando mais a necessitava. Suponho que neste momento minha casa esteja revirada e minha mulher a ponto de sofrer um colapso. –De tudo que havia dito, este último era o que sem dúvida mais o preocupava. Para ele, não havia nada que merecesse que sua Lysette ficasse nervosa.

–Foi um erro sair da fazenda – admitiu Celia. –Segui-os, ainda que não o devesse fazer... Oh, acaso isso importa agora? Que me desculpe mil e uma vez não ajudará a ninguém, e a Justin ainda menos!

Max observou seu rosto, que demonstrava impaciência e cansaço, e suspirou.

–*Petite bru*, tirarei meu filho deste tremendo problema – disse. –Sobre esse assunto pode ficar tranquila.

Ela quis acreditar desesperadamente em suas palavras.

–O que vai...?

–Celia, agora deveria preocupar-se com outras coisas.

–Outras coisas? –Repetiu incrédula. Qualquer assunto perdia importância ao comparar-se com a dor de ver Justin afastando-se.

–Está na cara que esqueceu um detalhe – replicou ele com a paciência de um santo. –Philippe está esperando-a em casa, e terá que explicar-lhe muitas coisas. É sua esposa, não a de Justin. Deve perguntar-se se vale a pena sacrificar a vida que conheceu até agora pelo que sente por Justin. Por mais que ele cuide de você, jamais poderá dar-lhe uma vida normal.

–Mas eu o amo.

–É possível. Mas nem sempre é fácil distinguir o amor da... digamos, sensualidade. –Max afastou o olhar, pois seu comentário talvez houvesse sido demais. Mas Celia sabia que seu sogro não teria mencionado o assunto se não

tivesse acreditado ser absolutamente necessário. –Para uma mulher que levou uma vida tão agradável como a sua, –prosseguiu após limpar a garganta –um homem como Justin, uma ovelha negra, alguém ousado e excitante, pode parecer muito atraente. Mas esse tipo de atração não costuma durar muito.

Celia olhou-o fixamente com seus olhos castanhos.

–É claro que Justin é atraente, –disse –mas o amo por muitas outras razões. Tenho muito para lhe dar, coisas que ele necessita desesperadamente e Philippe não.

O gesto de Max se suavizou e um curioso sorriso desenhou-se em seus lábios.

–Sério? E o que Justin pode oferece a você?

– Tudo – respondeu ela sem vacilar. –Sempre me considerei uma mulher comum, mas quando estou com ele... – Celia se deteve com o olhar cravado em um ponto afastado do horizonte. Justin a fazia sentir-se bela e amada, e tão desinibida para compartilhar tudo com ele, seu coração, sua mente e seu corpo. E ele lhe havia entregado tudo de si mesmo, com a mesma naturalidade. Se para que as coisas continuassem assim, pouco lhe importava perder uma vida normal e comum.

–Certo, *petite bru* – disse Maximilien. Havia observado-a com grande atenção e parecia ter mudado de ideia. –Não posso tomar partido a favor de um filho contra o outro, e, portanto não posso ser seu aliado nisto. Mas aconteça o que acontecer, estarei ao seu lado. Entretanto, deixe-me adverti-la de que Philippe não se retirará mansamente desta disputa.

Celia não esperava estar tão nervosa ante a perspectiva de reencontrar-se com Philippe. Não sabia o que iria sentir quando o olhasse nos olhos ou o abraçasse. Ela havia mudado muito nos últimos meses, sua vida havia continuado adiante enquanto Philippe estava aprisionado. Para ele o tempo se havia detido.

Ele dormia em seu quarto quando Maximilien e ela chegaram na propriedade, detalhe que ela agradeceu enormemente.

Lysette a repreendeu e ao mesmo tempo consolou-a, emocionada por vê-la sã e salva. Insistiu em que encontrasse o doutor Dassin, mas Celia recusou.

–A única coisa de que necessito é um banho e algumas ataduras – disse. – Noeline pode cuidar de mim.

–Mas suas pobres mãos... – angustiou-se Lysette, observando as mãos

queimadas, os dedos arranhados e as unhas destruídas.

–Saráão.

–O doutor Dassin amanhã examinará Philippe. Insisto que deve permitir que lhe dê uma olhada.

– Está bem – Celia cedeu a contragosto, e passou a perguntar pelo estado físico e emocional de Philippe, mas Lysette, nervosa, não lhe deu muita informação.

–O pobre está muito magro e esgotado, –explicou Lysette –mas descansou sem interrupções e Berté lhe preparou seus pratos preferidos. Não creio que demore muito em se recuperar. Claro que está muito abatido, mas o doutor disse que é normal. Só o que podemos fazer é cuidar dele e esperar.

–Eu deveria ter estado aqui para dar-lhe as boas vindas – disse Celia com amargura. Lysette franziu o cenho, e pareceu sentir-se tão culpada como a própria Celia.

–Devo dizer-lhe algo, Celia. Quando Philippe chegou aqui mandei buscar... Briony Doyle. Não... não sabia que outra coisa fazer para reconfortá-lo. Ele precisava de alguém, e como você não estava aqui... Espero que não a incomode.

Celia arregalou os olhos e engoliu em seco.

–Não, não, eu... – Calou-se, surpreendida por uma súbita pontada de ciúmes. Lembrou da jovem no jardim, jogada em cima de Justin. Então Briony havia dado as boas vindas a Philippe... certamente com beijos e algo mais... "Mas me alegro de que fosse capaz de fazê-lo", pensou, recuperando-se do breve arroubo de ciúmes. Briony havia entregado a Philippe seu amor e sua inocência. No fundo, Celia não podia ter nada contra aquela jovem irlandesa. –Então, ela o ajudou a... recuperar-se? –Perguntou finalmente.

–Sim, creio que sim. Se vê que está muito disposta a reconfortá-lo.

Celia soube que Lysette não comentaria com ninguém mais sobre esse assunto e tranquilizou-se totalmente.

–Por que não descansa algumas hora antes de ver Philippe? –Sugeri Lysette.

Embora estivesse esgotada, Celia negou com a cabeça.

–Não. Tomarei um banho e me trocarei na *garçonnière*. Quero vê-lo o quanto antes.

Após tomar um banho relaxante, Celia chamou Noeline, que lançou um par de exclamações de consternação ao vê-la e lhe aplicou unguento de ervas na cara, nas mãos, e nos cortes e arranhões. Preparou uma infusão asquerosa,

mas calmante para a garganta e assegurou-se de que Celia bebesse até a última gota. Celia perguntou-se quem estaria cuidando de Justin. Sem dúvida, Maximilien devia ter-se assegurado de que levassem um médico ao Cabildo para que atendesse seu filho. Quando tentou levantar-se para perguntar a Noeline sobre o médico, esta a obrigou a sentar-se novamente.

–*Monsieur* Vallerand sempre se encarrega de tudo – disse Noeline. – Agora sente-se e fique quieta!

Reuniu as mechas chamuscadas do cabelo de Celia e os cortou traçando uma linha reta na metade das costas. Depois prendeu-lhe a cabeleira com uma fita azul na altura da nuca.

–Ainda tenho um aspecto horrível – queixou-se Celia, estudando sua cara avermelhada e inchada no espelho.

–Não acredito que *monsieur* Philippe se importe com isso – replicou a criada.

Com sua ajuda, Celia pôs um vestido creme e azul pálido, de manga longa e decote modestamente alto, com uma gola sobreposta. Convencida de que não havia mais o que fazer, dirigiu-se à casa e encontrou Lysette costurando no salão.

–Philippe se levantou? –Perguntou.

Lysette sacudiu a cabeça.

–Não demorará em fazê-lo. Por que não vai buscá-lo?

Celia foi até as acomodações de Philippe sem ter nenhuma pressa e sentou-se na cadeira que havia junto à cama para contemplá-lo dormir. Acreditava que já havia chorado tudo o que podia chorar, mas seus olhos se umedeceram. Seu marido usava um pijama branco e tinha uma longa cabeleira despenteada. Recordou a primeira vez em que ele lhe havia sorrido, durante o primeiro almoço a qual havia comparecido na casa de sua família. Também recordou o primeiro beijo. Tanto sua beleza quanto sua amabilidade lhe haviam parecido comovedoras.

Philippe havia sido seu primeiro amor... Mas agora entendia que sempre o havia querido como a um amigo muito estimado. Havia sido uma relação segura e isso não apagaria nem o tempo e nem o afeto. Sempre queria a Philippe, mas nunca o amaria como a Justin. A cara relaxada de Philippe enquanto dormia era uma versão mais suave e delicada que a de Justin. Impulsivamente, inclinou-se para ele e roçou-lhe a bochecha com os dedos.

–Philippe – sussurrou, e ele abriu os olhos. O tom profundo daquele azul era suave e cálido, carente da vibrante perspicácia de Justin.

Ele respirou fundo e piscou um par de vezes para focar a vista. Ao compreender que não se tratava de um sonho, ajeitou-se de um pulo.

–Celia?

Ela sorriu para ele pensando que talvez quisesse abraçá-la, mas ele continuou olhando-a imóvel.

Desconfortável, inclinou-se e abraçou-o, então ele também a rodeou com os braços.

– Durante todo este tempo acreditei que havia morrido – disse ele, e ela apoiou a cabeça em seu ombro e começou a chorar.

Capítulo 13

Quando as lágrimas secaram, Celia sentiu-se confortável com Philippe. Ainda que não por muito tempo. A explosão de emoções não havia se desvanecido por completo e a conversa foi comedida e cautelosa. Celia soube que seu marido sentia-se aliviado por vê-la, mas isso não mudava a gravidade das coisas.

Sentada na beira da cama de dossel, tentou lhe explicar por quê não havia estado presente para recebê-lo e lhe contou o que aconteceu.

–E Justin? – Perguntou ele.

–Matou Dominic Legare...

–Bom – murmurou Philippe com oculta satisfação malévola.

–E creio que ele está bem, aparte um par de feridas leves. Mas o encarceraram. Temo... temo o que pode ocorrer com ele. Todos querem castigá-lo. Talvez o executem...

–Papai não permitirá que isso ocorra.

Celia observou os olhos de Philippe e acreditou em suas palavras. Em uma ocasião, fazia muito tempo, ela lhe havia dito que tinha olhos de anjo. Como, depois de passar por tudo o que havia passado, conseguia conservar aquele olhar acolhedor?

Lysette o havia barbeado e cortado o cabelo, mostrando seus suaves traços, embora para ela lhe parecesse muito embaraçoso descobrir traços de Justin. A maioria das pessoas havia afirmado que Philippe era mais charmoso que seu irmão. Seu rosto era uma obra de arte, elegante, amável e expressiva. Não podia imaginar seus lábios desenhando um dos sardônicos sorrisos de Justin, nem seu olhar refletindo a malícia, a paixão e a imensa excitação próprias de seu irmão. Justin, por sua parte, teria sempre o ar de um homem solitário, e possuía algo de indomável e intrínseco ao seu caráter.

–Philippe, conte-me como sobreviveu a seu cativeiro – sentiu-se impelida a perguntar.

Talvez se ele mostrasse algum sinal de que a necessitava, se compatilhasse sua dor com ela e a deixasse ajudá-lo, poderiam renascer certos sentimentos.

Mas Philippe negou com a cabeça.

–Agora não – disse com voz grave. –Não quero falar disso. –E mudou de assunto perguntando-lhe como havia sido para ela estar em Nova Orleans desde sua forçada separação.

Celia começou a contar-lhe suas vivências durante os meses posteriores à sua suposta morte, mas reparou na expressão carrancuda de Philippe. Relatou-lhe somente os detalhes irrelevantes, histórias sobre os membros da família e os amigos. Até que ao final se produziu um tenso silêncio, quando ela ficou sem mais o que contar.

Olhou-o desconfortável e se perguntou do que falavam quando estavam na França e o que contavam nas milhares de cartas que se haviam enviado estando separados. Nunca antes lhe havia sido difícil conversar, ou sim? Reparou que novamente estava sentada na cadeira... Em que momento havia deixado de estar sentada na beira da cama?

Tomou as mãos de seu marido e apertou-as com carinho. Philippe sorriu ao notar o unguento com que Noeline lhe havia untado as palmas.

–Buah – disse, e riu brevemente, afastando as mãos. –Tem as mãos melecadas.

Celia ruborizou levemente.

–Lamento – disse. –Arranhei-me quando estava... Só é um remédio que Noeline pôs.

–Não toque os lençóis.

Justin não teria se preocupado pelo unguento nem pelos lençóis. Justin a teria feito rir, reagindo como se tivesse sido ferida gravemente e depois a teria coberto de beijos... Afastou aqueles traiçoeiros pensamentos.

Philippe recostou-se nas almofadas; seu sorriso havia desaparecido.

–Estou cansado – murmurou.

–Deixarei que descanse, então. Talvez amanhã se encontre com mais força para falar. – Ele olhou-a carrancudo.

–Sim. Há coisas que teremos que esclarecer.

–Amanhã. –Celia se pôs em pé e inclinou-se para beijá-lo na bochecha.

–*Bonne nuit*, Philippe.

Aflita, Celia desceu as escadarias e saiu da casa sem sequer dar boa noite aos Vallerands. Precisava ficar sozinha e pensar. Não acreditava que Philippe tivesse se comportado com deliberada frieza. Ele já não sabia falar com ela e ela não sabia falar com ele. Queria conseguir detectar algo que indicasse o que sentia realmente por ela. Tudo seria mais simples se soubesse o que Philippe queria e o que ela podia esperar!

Andou pelo caminho da *garçonnière* tranquilamente, concentrada em seus pensamentos. Ainda que não tivesse conhecido Justin, desejava a anulação do casamento. Não acreditava que Philippe quisesse continuar casado com ela, especialmente agora que Briony estava à sua disposição. Seria um erro manter esse casamento, pois seu marido sempre lhe recordaria seu irmão. Mas não queria que Philippe se sentisse abandonado. Talvez ele acreditasse que manter os laços matrimoniais acabaria por consertar as coisas.

Estava anoitecendo e Celia cortou caminho pelo jardim. O corpo lhe doía por causa do cansaço, mas estava muito inquieta para ir dormir. Sentou-se em um frio banco de pedra e observou as plantas que cresciam ao redor. Sentiu um calafrio ao notar a brisa fresca. Já não tinha medo da escuridão... Só o que ainda a assustava era perder Justin.

Ficou sentada um bom tempo, contemplando o céu cravejado de estrelas. Bocejou e se pôs em pé para se dirigir à *garçonnière*. De imediato ouviu um suave som próximo. Curiosa, espiou entre os arbustos e deu um pulo de estupefação ao ver que se tratava de Philippe. Mas como? O que estava fazendo ali? Franziu o cenho indignada. Philippe estava completamente vestido e... e abraçava alguém... Mas não lhe havia dito que estava muito cansado até para falar?

Encontrou um lugar perfeito para observar entre as moitas. Viu como baixava o capuz de Briony e a beijava... Foi um beijo longo, de bocas abertas, nada parecido ao modo como costumava beijá-la. Briony lhe disse algo, ele riu suavemente e a abraçou. Celia sentiu contrariedade pelo modo com que falava à garota, com franqueza e naturalidade, como se tivessem muitas coisas interessantes que se dizer. "E eu mal consegui lhe arrancar um par de palavras", pensou, franzindo o cenho. Cruzou os braços e os observou. Sentia-se como uma esposa traída. Teve o impulso de aparecer entre os arbustos e pegá-los com as mãos na massa. Mas Celia estava atordoada pela mudança operada em seu marido. Já não parecia um homem triste e distante. Seus olhos brilhavam ao olhar para aquela garota. Briony acariciou-lhe o rosto e ele lhe beijou a palma da mão. A ternura que compartilhavam comoveu Celia, para seu pesar, e de repente sorriu. Isso fazia tudo mais simples! Philippe se comportava assim com Briony porque estava apaixonado por ela. Sem sombra de dúvidas, não se oporia à anulação do casamento. Provavelmente era sobre isso que queria lhe falar no dia seguinte, e ela lhe asseguraria que se tratava da mais sábia decisão de ambos. Deixou escapar um suspiro de alívio e afastou-se antes que a descobrissem espionando.

Pela manhã, Maximilian foi à prisão e Celia passou um tempo com Lysette e os meninos no salão. Estava no limite de um colapso nervoso, entre outras coisas porque não deixava de perguntar-se se Justin estava sofrendo. Em uma ocasião a haviam levado para visitar o Cabildo, pelo motivo de terem encarcerado ali a um delinquente especialmente desprezível. Muita gente havia-se reunido no pátio da prisão para lhe gritar obscenidades e insultos. E a notícia da captura do célebre capitão Griffin certamente havia corrido como fogo em pólvora. Justin estaria recebendo o mesmo tratamento cruel que ela havia presenciado naquele dia?

Evelina e Angeline brincavam com suas bonecas a uma distância prudente da lareira enquanto Lysette permanecia sentada com uma cesta de roupa para remendar. Dado que Celia tinha suas atividades limitadas devido às feridas das mãos, estava sentada no sofá com Rafe em seu colo enquanto lia um jornal em inglês. De vez em quando lia em voz alta uma frase que não entendia totalmente, e Lysette a traduzia. Os ponteiros do relógio sobre o aparador da lareira se deslocavam com tortuosa lentidão. Finalmente, Maximilien chegou, trazendo consigo o aroma da fresca manhã.

–*Bien-aimé* – Lysette exclamou pondo-se em pé. Max tomou-a entre seus braços e beijou-a rapidamente.

Celia não queria mover-se para não despertar o menino, e seus olhos se cravaram em Max.

–Max, diga-nos de uma vez o que sabe – pediu Lysette enquanto lhe tirava o sobretudo e indicava-lhe que se sentasse em uma cadeira.

Maximilien esticou suas longas pernas.

–Devo reunir-me com o governador Villeré esta noite. Disseram-me que as notícias que Villeré recebeu sobre a ajuda que Justin prestou no assalto à ilha fizeram com que repense sobre a questão do indulto.

Celia deu um pulo, e apertou com tanta força o menino que este despertou e começou a berrar.

–*Mon Dieu*, já estava perdendo toda esperança – disse, quase sem fôlego.

Lysette cobriu seu marido de beijos e generosos elogios. Evelina e Angeline se arrastaram até ele, gritando e compartilhando o entusiasmo, apesar de não entenderem a que se devia. Max mal parecia visível sob o amontoado de cabeças de cabelos ruivos ao seu redor.

Rafe se negou a deixar de chorar até que Lysette o pegou nos braços. Irritado, o bebê apoiou a cabeça no ombro de sua mãe e começou a chupar o

pulso. Celia se obrigou a sentar-se novamente.

–Como Justin está? –Perguntou com ânsia.

–Goza de boa saúde. O médico examinou-o e não parece que tenha nenhuma costela quebrada. Devido a minha insistência, levaram-lhe água quente, sabão e roupas limpas. –Max sorriu irônico. –Para dizer a verdade, quase preferiria que não estivesse em tão boas condições.

–Por quê? –Celia perguntou confusa.

Ele sacudiu a cabeça.

–Surpreendeu-me a reação das pessoas.

–O que quer dizer? –Perguntou Lysette.

–Pelo visto, o povo de Nova Orleans considera Justin uma espécie de pirata garboso. Uma figura romântica. Nos cafés e nas praças se comentam as histórias sobre suas façanhas reais ou imaginárias. Soa ridículo, mas a cidade está muito entusiasmada com ele.

–O que significa "entusiasmada"? –Perguntou Celia desconfiada.

–Significa que há uma multidão de admiradores fora do Cabildo. Não se permitem visitas, exceto a minha, claro, mas muitas mulheres da cidade estão muito preocupadas por seu bem-estar. Levam-lhe comida e garrafas de vinho, a maioria das quais Justin entrega a seus carcereiros e companheiros prisioneiros.

–Mas isso é um absurdo! –Exclamou Celia.

–E a coisa está crescendo a cada hora que passa. Esta manhã me contaram a história de três mulheres que, aparentemente, Justin seduziu no baile dos Duquesne.

Evelina olhou-o com curiosidade.

–Papá, quê significa "seduziu"?

Lysette olhou carrancuda a seu marido.

–Cale-se, Evie, essas não são palavras para meninas.

–Absurdo – repetiu Celia, vermelha de consternação. Justin era seu, não um objeto de adoração para mulheres levianas que se acreditavam apaixonadas de um refinado pirata. De imediato imaginou o quanto Justin estaria gostando desse tratamento. Pois então... ele estava aproveitando imensamente enquanto ela estava ali suspirando por ele! –Perguntou por mim? – Deixou escapar.

O sorriso irônico de Max mudou para uma expressão séria.

–O correto é que não quis falar de outra coisa que não fosse você – respondeu.

A indignação de Celia desapareceu e baixou a vista, aliviada.

–O que disse? –Perguntou.

–Pelo visto espera que enquanto ele esteja encarcerado você resolva certas questões aqui.

–Sério? –Respondeu ela sem dirigir-se especificamente a Max. –Suponho que creia que será fácil. Suponho que espera que vá falar tranquilamente com Philippe e lhe diga... – Deteve-se com um ofego ao ver Philippe na porta. Estava usando um robe comprido, com o cabelo perfeitamente penteado e seus olhos azuis cravados nela.

–Dizer-me o quê? –Perguntou.

Celia ficou sem palavras. Enrubescou e ficou consciente de que em todo salão se fazia silêncio. Todos a olhavam.

–Philippe, –Lysette sugeriu com tato –por que não leva Celia à saleta do desjejum? Nenhum dos dois já comeu. Enviarei Noeline para cima com alguns brioches e café. Poderão falar sem que ninguém os interrompa.

Celia bebeu um gole do café da delicada xícara de porcelana, enquanto Philippe abria um brioche e o untava com manteiga. Ela observou-o cautelosa, esperando que ele dissesse algo, mas não foi assim e ela não pôde suportar mais o silêncio.

Deixou a xícara no pires fazendo-o tilintar.

–Philippe, temos que pensar em... nosso casamento e na situação em que nos encontramos.

Uma série de emoções cruzaram o expressivo rosto de Philippe, da surpresa à franqueza, de perturbação à determinação.

–Estive pensando nisso – disse. –Não é uma questão simples.

–Não, é claro – Celia reconheceu. –Não tem nada de simples.

–Embora em certo sentido o seja.

Celia franziu o cenho.

–Philippe, sei que não quer falar sobre o que ocorreu, e sei quanto é doloroso para você... mas há algo que tenho que lhe dizer.

–Sobre Justin? –Perguntou com amargura.

–Sobre mim. Philippe, por favor... – Esticou o braço para segurar-lhe a mão. –Durante estes meses acreditei que havia morrido. Eu não sofri fisicamente, mas senti uma dor tão perturbadora que desejei ter morrido.

Philippe a olhou compassivamente e apertou-lhe a mão com força.

–Celia...

–Soube que nunca mais voltaria a sentir alegria com nada – prosseguiu. – Que nunca voltaria a rir e ser feliz. Disse-me que sempre estaria sozinha e nunca voltaria a amar ninguém. E então... aceitei que havia morrido, Philippe.

A expressão dele esfriou.

–Mas não estava morto – disse. Inclinou-se sobre a mesa e agarrou-a pelos antebraços.

–Mas eu não sabia! E então trouxeram Justin para cá. Estava tão ferido que todos acreditamos que morreria naquela mesma noite. Era tão diferente de você... tão desiludido e rude, tão temperamental. No princípio o detestei. Mas ao ajudar em sua recuperação, se fez mais e mais importante para mim que continuasse vivo, e de repente... – deteve-se e fitou-o com desamparo. Philippe a tinha agarrada pelos braços e a fazia sentir-se incomodada. –De repente, quis estar ao seu lado todos os minutos do dia. Quando estávamos juntos me sentia mais viva do que já me havia sentido. Suponho que sabia que ele estava se apaixonando por mim, e que ele lutava contra esse sentimento assim como eu, mas... –Tomou fôlego, trêmula –mas nenhum dos dois pôde evitar que ocorresse.

Philippe soltou-a e se pôs em pé bruscamente dando um soco na mesa e derrubando as xícaras.

–Permitiu-lhe que...

Celia mordeu o lábio, perguntando-se se ele tinha o direito de saber, ou mesmo de perguntar. Legalmente, Philippe era seu marido, e ela lhe havia sido infiel. Mas ela não sabia que estava vivo...

Captando a resposta em seu desconcertante silêncio, Philippe esforçou-se para conter seus sentimentos de ira e traição.

Celia sentou-se rigidamente, sem fitá-lo.

–Teria que ter adivinhado – disse ele finalmente. – Quando Justin tinha dezesseis anos converteu-se em um sedutor profissional. Suponho que para ele uma mulher inocente como você foi presa fácil.

Ferida por sua condescendência, Celia se pôs em pé e provocou-o: –Fui completamente consciente. Queria estar com ele porque havia-me apaixonado.

–Não – retrucou ele. –É muito inexperiente para conhecer a diferença entre amor e paixão.

–E Briony Doyle também é?

Philippe olhou-a como se lhe houvesse socado.

–O que disse?

Ela lamentou seu comentário impetuoso e se obrigou a falar com mais comedimento.

–Estou ciente da relação que mantêm com Briony. Sei que começou muito antes de voltar à França para casar-se comigo, e que me escolheu porque me considerava mais adequada.

–Isso não é...

–Vi-o com ela noite passada no jardim. –Observou como enrusbecia. –Você ama, Philippe. Você pode encontrar a felicidade a seu lado, uma felicidade mais plena que aquela que eu jamais poderia lhe dar.

Philippe caminhou até a janela e olhou para fora, o céu coberto de nuvens. Apoiou-se no parapeito.

–Escolhi entre as duas em uma ocasião – disse. –Quis você, Celia, por muitas razões. Uma das mais importante era porque a amava. E ainda a amo.

–Mas também ama Briony.

–De um modo diferente.

Apesar da tensão existente, Celia sorriu com um trejeito irônico.

–Talvez pudesse explicar-me de que modo ama uma e outra. –Não pretendia que suas palavras soassem sarcásticas, mas assim as entendeu Philippe.

–Nunca havia me falado assim – replicou. –Suponho que deve ser a influência de Justin. –Voltou-se e se apoiou na moldura da janela, com os polegares metidos nos bolsos e descansando seu peso sobre uma só perna. –Venha aqui – disse com calma.

Ela obedeceu, embora se detivesse a um par de passos de distância. Ele não lhe estendeu os braços, simplesmente se limitou a olhá-la com intensidade.

–Uma das muitas diferenças entre meu irmão e eu –disse –é o modo como entendemos os deveres e as obrigações.

–Está dizendo que me considera um dever, uma obrig...?

–Deixe-me falar – interrompeu ele. –Estamos casados, Celia, e isso não mudou. Legalmente é minha esposa. Não pensou que temos a obrigação de honrar os votos que contraímos? Para o bem e para o mal. As circunstâncias alteraram nossas vidas, mas a razão original de nossa aliança matrimonial segue existindo. Nos parecemos em muitos sentidos. –Fez uma pausa e acrescentou sem emoção: – Portanto, estou disposto a perdoar sua... indiscrição. Quero que seja minha esposa.

Celia fitou-o perplexa. As coisas não estavam saindo como havia previsto.

–Mas não deseja algo mais que simples satisfação? –Perguntou. –Eu sim!!

–Você acredita que esse amor apaixonado durará para sempre. Mas se consome muito rápido, Celia. O que sente por meu irmão não durará... Parece mágico, maravilhoso, só durante um breve tempo, e depois dará em nada.

–Como o sabe?

O gesto de Philippe se fez mais austero, recordando momentaneamente a Justin.

–Meu pai se casou com minha mãe porque era uma mulher excitante por quem sentia uma paixão desmedida. Mas quando o fogo se apagou, não encontrou um pilar real sobre o que sustentar seu casamento... e a situação desembocou em adultério e tragédia. Justin e eu sofremos as consequências durante anos.

–Mas... isso não tem nada a ver conosco!

–Para mim é exatamente o mesmo. Amo meu irmão, mas sei como é, Celia. Não manteve uma só relação séria em sua vida.

Celia não pretendia discutir sobre esse ponto, pois Philippe estava convencido de ter razão. Mas ela acreditava em Justin e sabia que a amava com toda sua alma. Tentou afastar-se de Philippe, mas ele lhe segurou as mãos e reteve-a ali, frente a frente.

–Philippe, –disse ela –são irmãos. É normal que tenha o impulso natural de competir com ele...

–Não se trata disso. Trata-se de que me importo com você!

–E também me importo com você, Philippe. –Fitou-o com determinação. –Mas essa não é razão suficiente para me obrigar a ser sua esposa! Certamente está perdidamente apaixonado por Briony Doyle, mas é muito teimoso para admiti-lo.

–Tento fazer o melhor para os dois...

–Não! –Celia olhou-o implorante. –Philippe, sei como são importantes para você os deveres e as obrigações. Mas o que aconteceria se não tivesse nenhum dever ou obrigação a levar em conta? O que escolheria se pudesse fazer o que realmente deseja?

–Já lhe disse o que desejo.

–Escolha por você, Philippe. Uma vez na vida seja egoísta. Finja que não

há regras nem responsabilidades. Finja que não estamos casados. É livre para seguir o que diz seu coração. O que escolheria? A quem escolheria?

Philippe manteve silêncio com gesto inexpressivo.

–Por que se reuniu com Briony no jardim ontem à noite? –Continuou Celia. –Por que não pôde evitar. Sentia falta dela porque a ama... E em seu coração quer acreditar que durará para sempre.

Como ele não respondeu, ela suspirou. Teria que ser paciente.

–Não creio que esteja sendo honesto consigo mesmo – disse em voz baixa. –No fundo queremos o mesmo, Philippe. Aconteceram muitas coisas... e nenhum dos dois pode retroceder no tempo.

–Não – respondeu ele. –Mas podemos voltar a começar.

Diante de tanta obstinação, ela não pôde fazer mais do que sacudir a cabeça e propor que prosseguissem aquela conversa mais tarde. Necessitavam de tempo para pensar. Celia não viu Philippe durante o resto do dia, embora tenha ficado em casa para o caso de desejar falar com ela. Acreditava que sua insistência o obrigaria a ceder. Mas ele comeu em seu próprio quarto, de onde não saiu. Ou estava descansando ou refletia sobre o assunto... Ela rogou que se tratasse desta última opção.

Chegou a noite e não havia notícias de Max, que a essas horas já devia ter participado da reunião com o governador. Abatida, Celia se acomodou no assento junto à janela da biblioteca com Vesta. A gata alaranjada, deitada em seu colo, ronronava enquanto brincava com a suave seda do vestido. Celia gostava do ambiente elegantemente masculino da biblioteca, com seus móveis sólidos de mogno e as lindas tapeçarias em tons amarelos, vermelhos e azuis que estavam penduradas nas paredes.

A gata lambeu uma pata com delicadeza.

–Diga-me algo, *ma belle* – murmurou Celia acariciando-lhe o lombo. –Vi que vai de colo em colo, descartando sem piedade quem a mima quando se cansa dele. Não tem peso na consciência?

–De todos os animais, –disse Philippe da porta –os gatos são os que parecem possuir menor consciência.

Celia deu um pulo.

–Philippe – disse com um sorriso forçado. –Já não recordava desse seu costume de observar-me às escondidas.

Ele mordeu o lábio inferior com seu velho gesto de reflexão e depois

sorriu.

–Posso entrar? –Perguntou, e ela assentiu.

Estava muito bem penteado e usava uma jaqueta azul marinho, calças cor de canela e sapatos com fivela. A gravata branca de linho destacava-se contra sua mandíbula. Dava a impressão de portar uma pesada carga sobre os ombros.

–Por favor, sente-se – disse-lhe Celia apontando o espaço livre no assento junto à janela. Incomodada pela presença de um estranho, Vesta saltou de seu colo e caminhou pelo cômodo.

–Desculpe-me pelo modo como lhe falei pela manhã – disse Philippe. – Foi sincera comigo. Sei que não foi fácil para você.

–Não, não foi.

Ele a olhou sem mover um só músculo, com uma franqueza de que carecia horas atrás.

–Sinto... ainda me sinto... como se tivessem me roubado algo precioso. Não culpo nem a você e nem a Justin. Só o que sei é que, antes que os homens de Legare me capturassem, você era minha e o futuro se estendia diante de nós. E acreditei que seríamos muito felizes, Celia.

–Eu também acreditei nisso – disse sinceramente. –Mas...

–*Non*, –murmurou ele –me deixe terminar. Agora entendo que não é a única que mudou, porque eu também mudei. O futuro que íamos compartilhar já não é possível. –Tomou-lhe a mão e entrelaçaram seus dedos. Ela começou a soluçar e ele procurou um lenço em seu bolso e o passou com um sorriso. – Desde o dia em que nos separamos, vivi afundado em um pesadelo. Vivi sem esperança alguma durante meses, sem sentir nada... E agora já nada é totalmente real para mim. Mas quando estou com Briony, o pesadelo desaparece e começo a sentir com intensidade, e isso me assusta. Não tenho claro se quero sentir algo... A única coisa que quero é segurança e paz.

–Entendo, depois da terrível experiência que viveu. Mas estará a salvo com Briony. Percebi o quão feliz que se sente com ela.

Philippe olhou-lhe as mãos enfaixadas.

–Amo-a – admitiu finalmente.

–Eu sei. E ela ama você. Por que um marido e uma mulher teriam que ser de posição social similar para encontrar a felicidade? *Vraiment*, as diferenças fazem com que a vida seja mais interessante. –Apertou-lhe as mãos. –Vá para Briony.

Olhou-a e seus lábios desenharam um lento e encantador sorriso.

–Então agora me dá ordens?

–Sim.

–E o quê deveria dizer a ela, madame?

–Que a adora, e que vai se casar com ela quando obtiver a anulação do nosso casamento.

Ele enrugou a testa.

–Celia, é isso o que quer?

–Claro que sim.

–Mas, se necessitar de minha ajuda, se em qualquer ocasião necessitar que cuide de você, sempre estarei...

–*Non, mon cher.* –Riu suavemente. –Ainda se preocupa com meu bem-estar, não é? Não se preocupe por mim, Philippe... Não me abandonarão nem me tratarão mal. Seu irmão não se cansará de mim pelo menos durante os próximos cinquenta anos.

–Está segura?

–Tão segura como sei que é meu destino – sussurrou, presenteando-o com um luminoso sorriso a que ele correspondeu. Ela baixou as pálpebras. Seguindo um impulso, Philippe beijou-a. Foi um beijo afetuoso e de puro carinho.

Celia sentiu uma cálida coceira na nuca e soube que não se devia a Philippe, e sim à presença de outra pessoa no cômodo. Voltou-se e seu coração parou: Justin estava ali. Usava uma camisa branca folgada aberta no pescoço, calças apertadas negras e sapatos também negros. Parecia tão viril e dominante que ela ficou sem fôlego.

Nunca até então havia visto juntos os gêmeos no mesmo cômodo.

Era surpreendente. Pareceu-lhe difícil acreditar que alguém pudesse tê-los confundido em alguma ocasião. Apesar de suas feições serem idênticas, era fácil descobrir qual era o médico e qual era o pirata. Um era do tipo de homem que toda mãe quereria como genro, e o outro era o tipo que toda mãe reza para que não se aproxime de sua filha.

Philippe soltou a mão de Celia e se pôs em pé.

–Então, deram-lhe o indulto, *mon frère* – disse.

Justin afastou o olhar de Celia e olhou para seu irmão com um sorriso leve.

–Sim, mas creio que, após seus esforços, o poder político de nosso pai parece seriamente diminuído. Já não poderá nunca mais pedir nem um só favor.

–Justin, o que fez por mim... – começou Philippe, mas ficou sem palavras. Adiantou-se e abraçou seu irmão com todas suas forças. Ficaram assim por alguns segundos, até que Justin se libertou com uma risadinha.

–O pior foi fingir que era você – disse. –Não foi fácil mostrar tanta gentileza e amabilidade. E ter que ouvir educadamente a descrição de todas essas doenças das velhas damas de Nova Orleans.

Philippe gargalhou.

–A verdade é que não posso imaginá-lo escutando educadamente a ninguém.

Justin estudou seu irmão.

–Tem boa aparência, Philippe. Ninguém se alegra tanto como eu de que esteja de volta em casa são e salvo.

–Obrigado. E tudo isso devo a você. –Os olhos azuis de ambos se encontraram em um olhar de reconhecimento. Haviam estado separados muito tempo, mas nada podia romper o vínculo que os unia.

–Quando ouvi dizer que havia morrido, –murmurou Justin –senti que havia perdido a metade de mim mesmo.

–E eu tive vontade de estrangulá-lo quando descobri que estava se fazendo passar por mim.

–Não pensei duas vezes – replicou Justin. –Meu único desejo era que Legare pagasse com juros tudo o que lhe fez.

–Há certas coisas que temos que falar, Justin.

–Sei. Quando queira, *mon frère*.

Celia se pôs em pé e caminhou até eles.

–Justin, eu...

–Vejo que voltou a se reunir com sua esposa – disse ele a Philippe, ignorando-a. Sua voz soou fria e cortês, como se estivesse felicitando seu irmão após lhe ter ganhado uma partida de cartas. –Felicidades.

–De fato...

–Obviamente os interrompi – prosseguiu Justin. –Devo deixá-los a sós para que possam... celebrar. Nos falaremos depois, Philippe.

Antes que algum dos dois pudesse responder, voltou-se e saiu da biblioteca.

–Justin! –Celia o chamou, mas ele não respondeu. Voltou-se para Philippe. –Deve ter interpretado mal o beijo – disse, tomada pelo pânico. – Não entendeu...

–Se não me equivoco, – respondeu Philippe pensativo –Justin espera que

o siga. Então mova-se. Entretanto eu... – sorriu. De repente parecia um garoto audaz. –Irei fazer uma visita à senhorita Briony Doyle.

–Boa sorte – disse ela, quase sem fôlego.

–Boa sorte para você também.

Celia percorreu com toda pressa o corredor e alcançou Justin quando este chegava ao vestíbulo octogonal.

–Justin, espere. –Segurou-lhe o braço. Ele se voltou para ela. Em contraste com o frio controle demonstrado instantes antes, agora respirava depressa e seus olhos azuis pareciam tingidos de fúria. –Ouça, Philippe e eu estivemos conversando e...

–Legare tinha razão em uma coisa – respondeu ele tenso. –Parece manipular igualmente bem aos dois irmãos Vallerands.

– O que disse? –Olhou-o atônita. –Deixe que lhe explique...

–Não se incomode. Não me interessa.

–É a pessoa mais pouco razoável e mais teimosa...

–Não a culpo por querer ficar com Philippe. É um homem seguro e respeitável, um marido exemplar. E se descobrir que não a satisfaz na cama, sempre pode me fazer uma visita para um pouco de diversão...

Ela lhe propiciou uma bofetada que ressoou no vestíbulo.

–Depois de tudo o que passei, não permitirei que me insulte!

–Oh, não pretendia insultá-la...

–Está com ciúmes...

–Muito admiro sua capacidade para obter tudo o que quer.

–O que tento dizer-lhe é que Philippe e eu decidimos pedir a anulação do casamento!

A voz profunda de Maximilien ressoou atrás deles.

–O que é toda essa confusão? –Estava ao pé da escadaria com Lysette ao seu lado. –Realmente é necessário armar tanto escândalo? Peço-lhes que solucionem suas diferenças com maior comedimento.

Justin olhou para os dois, depois levou Celia ao salão mais próximo e fechou a porta. Max gargalhou. Lysette olhou para seu marido surpreendida.

Ele a forçou a subir dois degraus para ficar cara a cara na mesma altura.

–Estou pensando nesse sofá que forrou com damasco azul – disse, passando-lhe os braços ao redor do pescoço. –Pergunto-me se eles terão mais êxito do que nós tivemos.

Ela ruborizou e arregalou seus olhos castanhos.

–Max, não acredita que vão...

Ele olhou por cima do ombro para a porta fechada e voltou a olhar para sua espora.

–Não se ouve o menor ruído, não é?

Lysette franziu o cenho.

–Maximilien Vallerand, –disse –seus filhos estão se transformando em pessoas tão impossíveis como você!

Max sorriu com arrogância.

–*Petite*, sabe de sobra como sou.

Quando a porta se fechou, Justin virou Celia para si e a beijou. Ela tentou livrar-se, ainda indignada pela rapidez com que ele havia tirado conclusões errôneas. Ele a abraçou com mais força, devorando-a com os lábios até que ela estremeceu e cedeu. Arqueou-se para ele puxando a camisa até liberar as pontas da calça.

–Não quero que volte a beijar outro homem nunca mais – murmurou Justin contra seu pescoço. –Nem sequer a um avozinho moribundo. Não posso suportar isso.

–Ciumento... irracional... um grosseiro – acusou-o sem deixar de beijá-lo.

–Sim. –Ele atraiu-a mais para que notasse a dureza de sua ereção. – Quero-a –disse com voz aspérea. Afundou a cara em seu pescoço e puxou os botões de seu vestido. Tirou-lhe o pente-presilha dos cabelos e deixou que caíssem por suas costas como uma cascata de seda pálida. –É linda, tão bela...

Ruborizada e muito feliz, ela lhe beijou a orelha e sussurrou: –Aqui não. Alguém poderia nos interromper...

–Não me importa. Preciso de você. –Voltou a procurar sua boca e explorou o sedoso interior de seus lábios com a língua. Um leve gemido cresceu na garganta dela e ele aprofundou o ardoroso beijo.

Indefesa, Celia se agarrou a sua camisa até que ele a deixou afastar-se o suficiente para tirá-la. Enroscou os dedos no cacheado pêlo de seu peito.

–Não devia pensar muito em mim, –ofegou –com todas essas mulheres levando-lhe garrafas de vinho...

–Não deixei de azucrinar a todo mundo no Cabildo sobre sua beleza.

Ela sufocou uma alegre gargalhada contra seu ombro.

–Agora está completamente livre? Sem acusações nem recompensas...?

–Sou todo seu. –Beijou-lhe as sobrancelhas loiras e as delicadas pálpebras. –Sem condições. A maioria das pessoas lhe dirá que sou um jogador perigoso.

–E o que devo responder-lhes?

Abraçou-a novamente com força.

–Que não posso viver sem você.

Fez com que Celia se sentasse no sofá e lhe tirou os sapatos, depois ele tirou os seus. O coração de Justin começou a palpitar, agarrou-lhe as sedosas pernas e apertou os tornozelos, as panturrilhas e os joelhos. Celia lhe passou os braços ao redor do pescoço e deslizou sua boca pelos ombros e o pescoço saboreando sua pele. Justin deitou-a de costas e lhe desabotoou o corpete até a cintura para que seus braços ficassem presos pelas mangas. Depois se inclinou e baixou o decote do camisão com os dentes. Meteu um mamilo na boca até endurecê-lo. Ela ofegou e se remexeu. Justin se deslocou por seus peitos e lhe sussurrou que não se movesse. Pouco a pouco, a impaciência de Celia foi se transformando em lânguido prazer.

Tirou-lhe o vestido com puxões e também suas calças compridas, e abriu a frente de seu camisão com cuidado. Ela desabotoou os botões das calças, liberando o pênis turgido. Então o acariciou com enlouquecedora suavidade. Ele sentiu uma onda de calor na virilha, no peito, no pescoço, até que se viu obrigado a lhe afastar a mão do palpitante membro.

–Pare – disse com um fio de voz. –Está muito rápido... espera...

Celia lhe percorreu as costas com os dedos com implacável ternura. Com um grunhido, Justin separou aquelas coxas lisas. Estava mais do que preparado para possuí-la e sabia que poderia penetrá-la com facilidade, tão lubrificada ela estava, mas queria prolongar aquele momento. Celia entreabriu os avermelhados lábios, e voltou a lhe passar os braços ao redor do pescoço, puxando para que baixasse a cabeça e a beijasse.

Seus lábios se fundiram, e de repente ele já não pôde mais aguentar. Empurrou e penetrou-a. A investida fez com que Celia subisse alguns centímetros sobre o sofá. Agarrando-a com mais firmeza, voltou a investir, e seus joelhos escorregaram e estiveram a ponto de cair ao chão. Justin estendeu a mão para segurar-se na tapeçaria, mas isso não deteve o deslizamento e amaldiçoou murmurando. Uma pequena almofada com franjas caiu sobre a cara de Celia, que começou a rir.

–Adoro que isto lhe pareça divertido – disse, pegando a almofada e lançando-a para o outro lado do salão.

–*Oui*, muito divertido. –Celia lhe passou os braços pela cintura. –Como deveria ver isto?

Para seu pesar, Justin sorriu.

–Abrace-me, *mon couer* – respondeu. –Encontraremos um modo.

Colocou o corpo de Celia debaixo do seu, apoiou um pé no chão e passou o braço por cima da cabeça dela para segurar-se ao sofá. A posição lhe permitia encaixar-se bem, e começou a mover-se ritmicamente, de um modo lento e profundo. Com os olhos entrecerrados, ela abraçou-o com mais força.

Ele beijou-lhe os seios, o pescoço e os ombros. Celia ofegou enquanto ele se movia entre suas coxas, sentindo como se encaixavam, e o prazer fluíu entre seus corpos deixando-a sem fôlego. Tremendo entre seus braços, se deixou levar por completo ao alcançar o clímax. Ele a penetrou fundo e se manteve ali, com os olhos fechados, abafando um grito na garganta.

Depois, ainda entrelaçados, ficaram quietos. Justin colocou a longa cabeleira de Celia sobre seu peito e brincou com seus cachos dourados. Celia rodeou preguiçosamente os pelos com a ponta do dedo.

–A anulação do casamento levará um tempo – disse com voz sonolenta. – Terão que nos enviar os documentos da França, e teremos que lidar com a Igreja...

–Não importa, sempre e quando as coisas sejam bem feitas.

–A convivência será um pouco complicada enquanto isso, com todos aqui juntos.

Justin sacudiu a cabeça.

–Não, meu amor. Eu me hospedarei em um hotel da cidade.

–Oh, mas...

–Não posso viver sob o mesmo teto que Philippe – disse com firmeza. – Ou o resto dos Vallerands. Todos estariam nos observando. O constante escrutínio me deixaria louco.

–Mas então, quando poderei vê-lo?

Ele sorriu e lhe acariciou as costas.

–Não se preocupe. Venho vê-la. Virei todos os dias. Prepararemos discretos encontros íntimos. Talvez até lhe pareça romântico...

–Não, parecerá cansativo, escondendo-nos, indo daqui para lá para nos vermos de forma clandestina... – Apoiou a cabeça em seu peito. – Quero estar com você todo o tempo.

–Tenha paciência. –Sua suave risada ressoou contra o ouvido de Celia.

–*Petite coeur*, nada evitará que seja assim.

Epílogo

Marselha

Celia caminhava sozinha pela areia, desfrutando da suave brisa e do agradável dia ensolarado. A alguns metros se estendiam as águas turquesa do mediterrâneo. Às suas costas estava a vila, dotada de um pequeno jardim com palmeiras, que Justin havia alugado dois meses atrás. Por não haver possibilidade de que os observassem naquela praia particular, Celia recolheu a saia de seu fino vestido de algodão e se meteu na água para que as ondas lhe acariciassem as panturrilhas. As gaviotas disputavam um pequeno peixe, grasnando barulhentemente.

Marselha era o lugar mais encantador da França, pensou, muito melhor que Paris e até mesmo que o luxuoso château campestre em Touraine. O próspero e movimentado porto de Marselha recebia tudo que uma grande cidade podia necessitar, mas também conservava o encanto dos pequenos povoados prósperos que a cercavam.

Deitou-se na areia aquecida, apoiou-se sobre os cotovelos e contemplou o movimento da água. Estava convencida de que jamais se cansaria de Marselha. Esperava que Justin não quisesse ir embora durante alguns meses. Embora tampouco lhe importasse muito, pois seria pecaminosamente feliz onde lhes fosse possível estabelecer-se.

Haviam-se casado quando a anulação do casamento foi concluída e, devido à insistência de Justin, foram embora com a mesma rapidez. Em Nova Orleans havia-se mostrado inquieto e desconfortável e deixado bem claro seu impaciente desejo de afastar-se dali. Apesar de que houvesse se reconciliado com sua família, a própria propriedade lhe recordaria sempre os antigos erros e os momentos desagradáveis do passado.

Desejava começar do zero. Philippe casou-se com Briony Doyle poucos dias depois de sua partida, e Celia lamentou não poder assistir, embora de certa forma estivesse de acordo com Justin que teria sido um tanto estranho estar presente na boda de Philippe. Para Briony seria melhor não ter que enfrentar nenhum vestígio do fracassado casamento entre Philippe e Celia precisamente no dia de seu enlace.

Despedir-se dos Vallerands não foi fácil. Aconteceu na propriedade. Celia e Lysette choraram todo o tempo, tanto que Max se opôs fervorosamente a que fossem embora. Pareceu muito embaraçoso ver que Philippe e Justin não se despediam da maneira crioula, abraçando-se, mas sim que se deram as mãos no estilo impessoal dos americanos. O fato de que Celia agora pertencia a Justin seria sempre uma fonte de tensão entre eles, mas ela esperava que com o tempo tudo se suavizasse.

Philippe havia abraçado Celia, e quando se afastou para fitá-la com um sorriso agriço, ela lhe correspondeu com um sorriso que refletia sua convicção. Os dois estavam contentes pelo caminho escolhido, mas nunca esqueceriam os momentos íntimos compartilhados no passado, ou que haviam significado algo um para o outro. Celia notou com prazer que, apesar dos esforços que havia feito para não se mostrar ciumento durante o momento, Justin não pôde evitar passar-lhe o braço pelos ombros quando acabaram as despedidas.

Nos meses transcorridos desde sua boda, Justin havia mudado de um modo sutil.

Havia deixado para trás grande parte do cinismo e da cautela que sempre o haviam caracterizado. Ria e caçoava sem consideração. No início, havia ficado muito em cima dela com ciumenta avidez, como se se tratasse de um tesouro que pudessem roubar-lhe a qualquer momento. Mas já estava mais relaxado e sentia-se seguro de seu amor, por isso confiava nela de um modo totalmente novo.

Tiveram que enfrentar sua primeira prova como casal bem cedo, em sua viagem para a França. Na primeira noite de cruzeiro, Justin desceu ao camarote depois de percorrer o convés com o capitão do barco e encontrou Celia com a cara pálida e acorada em seu catre. Alarmado, abraçou-a e ela se encolheu contra seu peito como um animalzinho aterrorizado que buscasse abrigar-se de um predador invisível.

–*Chérie*, o que aconteceu? – Havia perguntado ele. – Está passando mal? Aconteceu algo?

Após alguns minutos, ela conseguiu explicar-lhe que os ruídos provenientes do convés lhe haviam feito recordar o horror vivido durante a abordagem de Legare. Sabia que algo assim não voltaria a ocorrer, mas não havia podido evitar experimentar a sensação de que algo terrível iria acontecer.

Embalando-a com carinho, Justin tentou convencê-la de que seus medos

eram infundados.

–*Ma petite*, esta fragata não parece nada apetecível para nenhum pirata. Sei o que falo. Não leva um valioso carregamento como o *Golden Star*. É um navio mais leve e mais rápido, portanto resulta mais trabalhoso de alcançar. E o casco, a parte que está debaixo da água, não é estreito, então não pode ser abordado com facilidade. E além do mais está armada com canhões de vinte e oito libras e...

Ele continuou falando, mas Celia deixou de escutá-lo e concentrou-se no tranquilizador som de sua voz. Importavam-lhe bem pouco as razões lógicas que negavam o perigo. Simplesmente não podia evitar recordar a ocasião em que havia cruzado o mar junto do seu primeiro marido! Philippe lhe havia assegurado com igual convicção que estavam a salvo. No final, sua ansiedade diminuiu, mas não desapareceu completamente. O rangido do barco ou qualquer ruído inesperado a faziam pular de medo.

Não gostava nada de navegar, mas tentou não deixar isso evidente para Justin, porque ele adorava sulcar o mar. Adorava as ondas e o vento, e até as tempestades. O esforço de manter oculto seu medo fez com que se mostrasse irritável e descortês.

Com muita paciência, Justin a convenceu de que subisse ao convés e ficasse com ele junto à borda, abraçando-a até que deixou de sobressaltar-se com cada golpe das ondas. Mostrou-lhe o barco e explicou-lhe como tudo funcionava, da bomba até o eixo que ajudava a levantar a âncora. Depois de todas essas explicações, não é que Celia gostasse da viagem, mas ao menos lhe pareceu tolerável.

Quando chegaram a Le Havre e viajaram dali a Paris, tudo foi maravilhoso. Era verão e a França estava linda, com seus céus sem nuvens e luminosos. Celia estava sonhando ante a perspectiva de voltar a ver seu pai e suas irmãs. Havia-lhes enviado cartas preparando-os para o fato de que, apesar de Philippe estar vivo, agora estava casada com seu irmão. Havia recebido uma enxurrada de respostas emocionadas, incrédulas e desaprovadoras.

Quando apresentou Justin aos Verité, a surpreenderam suas reações. Sua barulhenta família, pelo visto, achou-o intimidante. Celia tinha que admitir que até vestido com as roupas mais elegantes e conservadoras, Justin continuava emitindo um vago ar de... bom, de pirata. Os Verité eram uma família pragmática a quem não agradavam os mistérios e nem as meias verdades. Geralmente, podiam dissecar o caráter de um recém-chegado em

menos de quinze minutos. Mas os olhos de Justin, mais azuis que o mar e o céu, pareciam caçoar de todas as suas intrometidas suspeitas.

Quando se foram de Paris, as irmãs de Celia olhavam para Justin com olhos de cordeiro degolado e seus irmãos repetiam a narrativa de suas aventuras para os amigos. A seu pai não foi tão simples convencer sobre as benevolências de seu novo marido, mas depois de uma longa conversa em particular com Justin, tratou-o com frieza, mais que com aberta desaprovação. Com pesar, Celia compreendeu que para seu pai nunca haveria nada melhor que ter um médico como genro, especialmente um que ele mesmo havia apresentado à sua filha.

Quando Justin expressou sua intenção de visitar os estaleiros e o porto de Marselha, se puseram a caminho imediatamente. Levavam já oito semanas na cidade portuária, cada uma mais maravilhosa que a anterior. Nos últimos dias, Justin havia passado as manhãs na cidade, e respondia às perguntas de Celia com evasivas. Sabia que andava planejando algo, e em seus momentos livres especulava a respeito.

Uma sombra tapou o sol sobre suas pálpebras fechadas e ela os abriu com um sorriso. Ali estava Justin, com calças, mas descalço e a camisa meio aberta. Ajoelhou-se a seu lado e o que observou pareceu agradar-lhe.

–Parece um pequeno brioche, –murmurou –quente e dourado, e muito saboroso. Creio que vou comê-la um pouquinho.

Inclinou-se sobre ela e lhe deu uma mordiscada na garganta, quente pelo sol, fazendo-a deitar-se de costas, rindo tontamente. Sem levar em conta as mínimas normas do recato, Celia havia se atrevido a sair algumas vezes sem mangas compridas, luvas, chapéu ou guarda-sol, e sua pele leitosa havia adquirido um tom queimado. Seu cabelo, já muito claro, brilhava ainda mais à luz do sol. As normas sociais estabeleciam que uma dama devia proteger-se do sol, mas para Celia isso pouco importava. Era a Justin que tinha que agradar.

O efeito do cintilante cabelo e da pele dourada parecia muito atraente. Quando Justin a levava ao terraço dos cafés da cidade, os homens saíam à rua para aproximar-se da mesa em que estivessem sentados, apesar dos severos olhares de Justin. Os franceses apreciavam as mulheres, tanto como apreciavam o vinho, e se consideravam experts em ambas as coisas.

Celia protestou sem fôlego quando ele deslizou a mão para o interior de seu corpete.

–Não, alguém poderia nos ver...

–A praia está deserta – respondeu ele beijando-lhe a garganta. –E se alguém passar por aqui será um francês e nos piscará o olho. Os franceses perdoam a todos os amantes.

–Não somos amantes, estamos casados e... – Suspirou de prazer quando seus dedos se curvaram sobre seu seio nu. –Justin... – suplicou com um fio de voz.

–Certo, levarei seu pudor em conta, *chérie*. Por agora. –Sentou-se e a colocou entre suas coxas para que os dois pudessem contemplar o mar.

Ela reclinou as costas contra seu peito com um movimento contido.

–As mãos quietas – advertiu-o.

–Tentarei. *Pauvre chérie*, uma esposa moderada com um marido luxurioso...

–Nos últimos tempos, uma esposa abandonada.

–Ah. Perguntava-me quantos dias teria que passar antes que se queixasse por minhas ausências. Quase uma semana. Foi muito tolerante.

–E então?

Justin sorriu e observou o ir e vir das ondas, a espuma da marola que chegava quase até seus pés. Mudou de assunto com uma pergunta.

–Gosta de Marselha, não é?

–*Naturellement*. É um lugar adorável e sua gente é encantadora.

–Estive considerando a possibilidade... – Deteve-se e olhou o cabelo de Celia. –Gosta o bastante para ficar uma temporada?

Aquela pergunta a pegou de surpresa. Sim, gostaria de ficar. Entretanto, havia ficado com a ideia de que seu marido não gostava de se estabelecer, fixar-se a um lugar, levando em conta a sua vontade de movimentar-se. Por isso havia desaparecido nessas últimas manhãs... Sim, talvez se sentisse inquieto, talvez quisesse ir embora. Mas agora se perguntava por que se obrigaria a ficar, se ela o desejasse.

–Bom, poderia ser... interessante e... estimulante ir a outro lugar – disse.

–Oh. –Justin pareceu contrariado. –Acreditei que estaria bem estabelecer-se aqui durante um tempo.

–Estabelecer-se? –Celia se virou e ajoelhou-se diante dele para olhar-lhe a cara. –*Mon amour*, nunca quis fazer algo assim. Sei por que me propõe: acredita que é o que desejo. Mas meu lar estará ali onde você esteja, e não preciso...

A surpresa de Justin se transformou em um sorriso.

–Nunca quis me estabelecer em nenhuma parte porque nunca tive

ninguém com quem me estabelecer. Se este lugar não a agrada o suficiente, encontraremos outro.

–Mas... não o fará infeliz ficar quieto em um lugar?

–De fato, estou interessado nas atividades dos estaleiros. Aí é onde passei estas últimas manhãs. Decidi que seria bom construir uma escuna. Tenho um determinado desenho em mente, de linhas finas, com uma proa afilada que a faria voar sobre as ondas. –Seus olhos azuis brilharam de entusiasmo. – Poderia ser um autêntico disparate, é claro. Mas há homens disponíveis e dispostos a trabalhar aqui, em Marselha. E tenho vontade de me enredar em um projeto em que gaste parte de minha fortuna.

–Uma escuna - repetiu ela ligeiramente aturdida. –E o que acontece com todos esses lugares exóticos que queria visitar?

Justin lhe colocou as mãos no quadril e a olhou com seriedade.

–Estarão nos esperando quando queiramos ir vê-los. Mas por agora estou preparado para criar um lar, Celia. Quero pertencer a algum lugar e... – Deu-lhe uma olhada em seu corpo magro. –E quero formar uma família – acrescentou em voz baixa. –Nossa própria família.

–Eu também. –Celia lhe deu um sorriso trêmulo. De repente, o amor que sentia fez doer seu peito. –Mas assusta-me que a vida doméstica acabe asfixiando-o, *monsieur*.

–Sei o que quero. –Arqueou uma sobrancelha escura enquanto uma covinha se desenhava em sua bochecha. –Não confia em mim, *petite*?

–Oh, sim – disse com fervor e lhe passou os braços ao redor do pescoço.

Justin riu encantado e ambos rolaram pela areia.

–Então, está de acordo em que fiquemos?

–Estou de acordo com tudo.

Ele a beijou amorosamente.

–Que valente é... Me assegurarei de que ter me escolhido a faça feliz.

–Faz-me feliz – sussurrou ela, afastando-lhe uma mecha de cabelo da testa. –Já me faz muito feliz.

Resenha Bibliográfica

Lisa Kleypas

Lisa Kleypas estudou ciência política no Wellesley College. E logo depois de se graduar, decidiu dedicar-se a escrever.

Foi eleita Miss Massachusetts e, em 1985, competiu no concurso pelo título de Miss América.

Aos vinte e um anos, publicou sua primeira novela. Em 1998 sua novela "Um Estranho Em Meus Braços" ganhou o prêmio da Waldenbooks.

Comoveu as leitoras com seus livros, novelas românticas de ambientação histórica, como "Quando Você Chegou" ou sua continuação, "Sonhando Com Você", que já foi traduzida para quatorze línguas.

Atualmente reside em San Antonio, Texas, com seu esposo Greg e seus filhos Griffin e Lindsay.